UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

AMANDA FERNANDES ROSA BUENO

Por uma Cidade das Crianças:
filosofia, sociologia e infâncias

Araraquara
2025

AMANDA FERNANDES ROSA BUENO

Por uma Cidade das Crianças:

filosofia, sociologia e infâncias

Tese de Doutorado, apresentado ao Conselho do Programa de Pós de Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar.

Área de Concentração: Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura (Filosofia, Antropologia e Literatura).

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Paula Ramos de Oliveira

Araraquara

2025

B928u

Bueno, Amanda Fernandes Rosa
Por uma Cidade das Crianças: filosofia, sociologia e infâncias / Amanda Fernandes Rosa Bueno. -- Araraquara, 2025
211 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Paula Ramos de Oliveira

1. Cidade das Crianças. 2. Filosofia com Crianças. 3. Sociologia da Infância. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pela autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A pesquisa promove a escuta ativa das crianças, valorizando sua participação cidadã e contribuindo para cidades inclusivas (ODS 11), educação de qualidade (ODS 4) e igualdade de gênero (ODS 5), com impacto social, cultural e educacional local e internacional.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The research promotes active listening to children, valuing their civic participation and contributing to inclusive cities (SDG 11), quality education (SDG 4), and gender equality (SDG 5), with social, cultural, and educational impact at local and international levels.

AMANDA FERNANDES ROSA BUENO

Por uma Cidade das Crianças:

filosofia, sociologia e infâncias

Tese de Doutorado, apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Área de concentração: Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura (Filosofia, Antropologia e Literatura).

Data de defesa: 24 / 03 / 2025

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Paula Ramos de Oliveira
UNESP - Universidade Estadual Paulista - Araraquara

Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia
UNESP - Universidade Estadual Paulista - Araraquara

Prof. Dr. Leonardo Teixeira Gomes
Coordenação de Ensino Médio - Escola Miró - Ribeirão Preto

Prof. Dr. Lígia de Almeida Durante Correa dos Reis
Departamento de Supervisão de Ensino - São Carlos

Prof. Dr. Marcia Aparecida Gobbi
USP - Universidade de São Paulo - São Paulo

Ele compreendeu que os lugares ficam guardados dentro da gente,
compreendeu que, se lugar é gente… gente é lugar! (Jader Janer)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família: Sandra de Cássia Fernandes Rosa Bueno (mãe), Celso Siqueira Bueno (pai), Júlia Fernandes Rosa Bueno (irmã), Natalie Regina Monteiro do Santos (esposa). Vocês são pessoas que abriram mão de desejos, me incentivam e valorizam cada minuto da minha vida para hoje eu defender essa tese.

Este trabalho foi, sem dúvida, o mais desafiador que já escrevi. Erguido entre tempestades, nasceu no seio de uma pandemia e resistiu a dores profundas – a perda da minha avó materna, Vó Jandira; do meu amigo querido, Renatinho; e do meu avô materno, Vô Preto. Além disso, atravessou processos difíceis, como uma medida protetiva contra a homofobia. Mas, apesar das sombras, a luz do afeto nunca me abandonou.

É por isso que dedico esta tese ao meu avô (in memoriam), cuja admiração sempre me fortaleceu. Sei que, se o tempo permitisse, ele estaria aqui, olhando-me com orgulho, testemunhando cada palavra desta defesa.

Agradeço à Profa. Dra. Paula Ramos de Oliveira, minha orientadora e pra sempre mãe na Filosofia. Você me convidou e segue me levando por esses caminhos que me constituem como professora e pesquisadora.

Agradeço também às crianças. São elas que sempre me resgatam e me dão esperanças.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as percepções e compreensões das crianças participantes do Projeto Cidade das Crianças, idealizado por Francesco Tonucci, sobre o significado de "ser criança na cidade". A partir de uma abordagem qualitativa e fundamentada na metodologia da investigação-ação, o estudo se desenvolveu por meio da gravação e análise de rodas de filosofia com crianças, utilizando a análise de conteúdo como ferramenta interpretativa. Os resultados apontam para questões centrais relacionadas à infância e ao espaço urbano, com destaque para a seguinte indagação: a escola pode ser considerada a cidade das crianças? Além disso, emergem reflexões sobre a violência de gênero, especialmente contra as meninas, e os desafios de evitar que um projeto político voltado para a infância se torne excessivamente partidário. Neste contexto, a Filosofia com Crianças e a Sociologia da Infância demonstram ser abordagens fundamentais para promover a escuta e o reconhecimento das crianças como sujeitos de pesquisa e produtoras de conhecimento. Ao dar voz às crianças e considerar suas experiências e percepções, esta tese busca contribuir para a construção de cidades verdadeiramente pensadas para e com a infância.

Palavras chave: Filosofia com Crianças; Sociologia da Infância; Cidade das Crianças.

ABSTRACT

This research investigates the perceptions and understandings of children participating in the Children's City Project, created by Francesco Tonucci, regarding the meaning of "being a child in the city." Using a qualitative approach and grounded in action-research methodology, the study was developed through the recording and analysis of philosophy discussions with children, employing content analysis as an interpretative tool.

The results point to central issues related to childhood and urban space, with a focus on the following question: can the school be considered the city of children? Furthermore, reflections on gender-based violence, especially against girls, and the challenges of preventing a political project aimed at childhood from becoming overly partisan, emerge.

In this context, Philosophy with Children and the Sociology of Childhood prove to be essential approaches for promoting listening and recognizing children as research subjects and knowledge producers. By giving a voice to children and considering their experiences and perceptions, this thesis aims to contribute to the creation of cities that are truly designed for and with childhood.

Keywords: Philosophy with Children; Sociology of Childhood; Children's City.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho produzido por Isabela sobre cultura 99
Figura 2 - Desenho produzido por Beatriz sobre escola 182

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de participantes, nomes fictícios, idade e a rede escolar na qual cada criança estuda 38
Tabela 2 - Histórias contadas no primeiro encontro com as crianças 40
Tabela 3 - Histórias contadas no segundo encontro com as crianças 54
Tabela 4 - Histórias contadas no terceiro encontro com as crianças 57
Tabela 5 - Histórias contadas no quarto encontro com as crianças 74
Tabela 6 - Histórias contadas no quinto encontro com as crianças 84
Tabela 7 - Histórias contadas no sexto encontro com as crianças 95
Tabela 8 - Histórias sobre os procedimentos de pesquisa 133
Tabela 9 - Histórias sobre as concepções infantis 137
Tabela 10 - Histórias sobre a escola 147
Tabela 11 - Histórias sobre o mapa escolar (composição da minha escola) 151
Tabela 12 - Histórias sobre fofocas (relação entre os pares) 157
Tabela 13 - Histórias sobre ser menina na cidade 163
Tabela 14 - Histórias dos gigantes da verdade 164
Tabela 15 - Histórias de bate e rebate 168

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO OU SOBRE UM LUGAR COM COMEÇO, MAS SEM FIM**	**19**
2	**CAMINHOS QUE PARECEM SE CRUZAR: FILOSOFIA COM CRIANÇAS, SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E CIDADE DAS CRIANÇAS**	**23**
2.1	FILOSOFIA PARA/COM CRIANÇAS	23
2.2	SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA	25
2.3	CIDADE DAS CRIANÇAS	28
3	**INFÂNCIA E SUAS VOZES**	**33**
3.1	FAZER PESQUISA COM CRIANÇAS	33
3.1.1	Os encontros	39
3.2	OS CAMINHOS DA PESQUISA	132
3.3	CONCEPÇÕES INFANTIS	136
3.4	MINHA CIDADE: A ESCOLA	146
3.5	SER MENINA NA CIDADE	163
4	**POR UMA CIDADE DAS CRIANÇAS**	**181**
4.1	A CIDADE É A ESCOLA?	181
4.2	O CABO DE GUERRA ENTRE MENINAS E MENINOS	183
4.3	OS RISCOS DE UM PROJETO POLÍTICO ENGOLIDO PELO TUBARÃO PARTIDÁRIO	190
4.4	COMO SE FOSSE BRINCADEIRA DE RODA: CRIANÇAS, FILOSOFIA E SOCIOLOGIA	192
	REFERÊNCIAS	**195**

1 INTRODUÇÃO OU SOBRE UM LUGAR COM COMEÇO, MAS SEM FIM

Essa história tem que começar do começo, de onde todos os meus pensamentos começaram e que me fizeram chegar até aqui. E tem que ser em história, pois este trabalho traz histórias de crianças, e é justamente da criança que sonha e ainda vive em mim que preciso contar, para que tudo faça sentido. Mas, será mesmo que dá para tudo ter sentido? Às vezes, não, mas às vezes, sim. São esses "sins" que tento encontrar para fazer a minha história.

Desde muito pequena, sempre me senti muito comprometida com as pessoas e com a sociedade. Aquele desejo infinito de fazer "o bem". Esse "bem" veio fantasiado de religião e, depois, de querer transformar a sociedade. Transformar a sociedade? De algum jeito, queria um mundo onde as pessoas fossem mais respeitadas e amadas. Talvez um mundo cor-de-rosa era pintado? Talvez, mas foi a isso que, naquela época, tive acesso. Na adolescência, eu adorava chamar meus amigos para conversar sobre a sociedade, na janela do meu quarto. Essa janela ficava no alto da cidade e, de lá, podíamos ver vários movimentos acontecendo: os carros circulando, portões e portas das outras casas se abrindo e fechando. Lá, as ideias caminhavam junto com a cidade. De lá, decidi que minha ação seria na educação, mas na educação das crianças pequenas, lugar em que eu acreditava ter potência de transformação.

Na pedagogia, encontrei espaço de atuação, mas foi na filosofia (e mais especificamente na filosofia com crianças) que encontrei o meu lugar. Um lugar para chamar de casa. Casa, porque me sentia acolhida e desafiada. Quase desisti da pedagogia pelo jeito antagônico de concepção e prática sobre as relações com as crianças. Porém, a filosofia me captura e, através dela, quis entrar na educação. Entrei na educação pela pesquisa. Um percurso um tanto tortuoso e que trouxe outros olhares. O mestrado em psicologia me levou para o que poderia ser chamado de "Educação Alternativa". Achava que ali poderia matar a sede de transformação educacional. A afirmação virou questionamento: "Educação Alternativa?". Como podemos chamar de alternativo algo que, em sua estrutura, não se modifica em nada? As crianças eram organizadas por níveis de autonomia, chamavam os professores de educadores e os alunos de educandos. Diante das percepções da pesquisa, entendi que o problema é além da escola, é social. Por isso, cá estou, mais uma vez, voltando para a filosofia, meu lugar, minha casa, para encontrar outros vieses para pensar não mais a infância, mas sim, as infâncias. Estou na filosofia.

Pensar as infâncias com a filosofia é um exercício de escuta, de percepções e de olhares sobre como as crianças vivem. Até então, eu fazia isso na escola, mas depois que reconheci a

necessidade de olhar a criança para além desse espaço, um sentimento de espanto inundou meus pensamentos, quando dei foco ao que escutava sobre as crianças.

Não é de hoje que percebo como as crianças vivem à margem da nossa sociedade ocidental: olhares tortos para aquelas que expressam sua opinião ou contestam um adulto, castigos quando não cumprem aquilo que nem mesmo os próprios adultos são capazes de cumprir. E o quanto a infância ocupa o mesmo lugar da loucura, dos presidiários e hospitalizados. São falas como: “deixe de ser infantil!”, “nossa, vê se cresce!”, “quanta criancice!” que, num tom pejorativo, revelam-me esse lugar de minoria. Tal exclusão se reflete também nas cidades: a arquitetura não é pensada com base na ocupação por crianças. As famílias vivem o drama do “onde vamos com as crianças?”, ou “o que fazemos com as crianças?”. Nessa, acabam recorrendo ao que é mais acessível e a indústria cultural entra nas casas pelas vias midiáticas, de modo a disponibilizar para as crianças conteúdos que lhes subestimam a capacidade criativa. Essas são as observações da sociedade civil diante das crianças.

Quando parto para um olhar mais científico, autores da filosofia, da educação e da sociologia vêm, com seus trabalhos, também denunciar tal realidade.

Kohan nos fala:

> A infância é associada à imaturidade, à minoridade, e seria um estado do qual haveria que se emancipar para se tornar dono de si mesmo. Ela é uma metáfora de uma vida sem razão, obscura, sem conhecimento. A emancipação seria um abandono da infância, a sua superação. [...] A minoridade é uma figura da incapacidade, da falta de resolução e da preguiça no uso das próprias capacidades intelectuais (Kohan, 2005, p.237).

Tal é a condição que a infância ocupa na nossa sociedade que a observamos na prática, quando adultos colocam a condição de existência para as crianças somente na fase crescida: “O que você vai ser quando crescer?”. Quantas são as vezes que escutamos tal pergunta sendo feita para os pequenos?

Lígia Prando (2016), professora da Rede Municipal de Campinas, ao fazer uma leitura filosófica sobre a Educação Infantil, diz-me sobre mecanismos que não reconhecem e impedem a potencialidade criativa do corpo da criança.

> A lei rejeita o corpo. A lei rejeita especialmente o corpo-pensante-criador de novos mundos, que as crianças tantas vezes mostram e nos levam a tocar. A funcionalidade da lei não considera que somos todos, humanamente, potencialmente criadores. Comumente, a lei sanciona, inclusive nas instituições formais de Educação Infantil, a ausência de pensamento criador e renovador de ideias e fazeres [...] e não é só isso […] desde a Educação Infantil, se não cuidarmos para educar as crianças entre

> pensamentos-estrelas-sedentas-de-viagens, o cotidiano, a burocracia e a padronização de formas de ser no mundo engolirão nossos corpos-sentintes-pensantes e nossas singularidades (Prando, 2016, p.126).

Não há como falar de corpo sem trazer como referência Michel Foucault, principalmente quando, pela educação, o corpo das crianças passa por intensa docilização. Compreendo que ele é atravessado pela força "que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente" (Foucault, 2013, p. 132), o que chamamos de disciplina, uma anatomia política do detalhe. Sei que essa sujeição dos corpos não se restringe às crianças, mas é vivenciada intensamente por elas, principalmente por meio da escola.

> O treinamento dos escolares deve ser feito da mesma maneira: poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo silêncio total que só seria interrompido por sinais - sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre, ou ainda aquele pequeno aparelho de madeiras que os Irmãos das Escolas Cristãs usavam; eram chamado por excelência o "Sinal" e devia significar em sua brevidade maquinal ao mesmo tempo a técnica do comando e a moral da obediência (Foucault, 2013, p.160).

Quando recorro a uma vertente histórica, o clássico Philippe Ariès, em História Social da Criança e da Família (2006), diz-me que, no campo das artes, as crianças não eram retratadas até o século XII. Elas eram vistas como adultos em miniatura. Um pouco mais tarde, no século XV, como sendo sagradas e, logo em seguida, no século XVI, aparecem crianças nuas como elemento decorativo nas paredes. Pinturas que revelam a concepção de criança na sociedade daquela época, mas que, em alguma medida, permanecem até hoje.

Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira (2010, p. 42) trazem os princípios da Sociologia da Infância no Brasil, sobretudo a maneira pela qual, por muito tempo, a Sociologia da Educação ficou presa "à definição durkheimiana de imposição dos valores adultos sobre a criança, levando estas a permanecerem no silêncio, 'mudas', ou seja, em uma posição marginalizada e passiva diante do mundo adulto".

Mudas. Esta é uma palavra que vem ao encontro deste trabalho. As crianças não são mudas: elas falam, gritam, mas tais palavras são jogadas ao vento, não são ouvidas, poucas são acolhidas. Há um movimento crescente nas pesquisas que incluem as crianças como focos de análise, porém são aplicadas mais nas crianças do que se realizam pesquisas com crianças. Eu as entendo como sujeitos de pesquisa que constroem o conhecimento (Fernandes; Marchi, 2020).

Desse modo, esta pesquisa vem reconhecer as crianças como sujeitos de pesquisa, na qual suas vozes serão minuciosamente recolhidas e analisadas, para encontrarmos traços de

conceitos que elas elaboram, tal qual algumas pesquisas vêm se apresentando (Coutinho; Carneiro; Salgueiro, 2018; Araujo; Dias, 2019; Hartmann, 2018; Moreno-Roldán; Agudelo-Bedoya; Alzate-Pulgarín, 2018). Tal fato, de alguma maneira, já se dá pela filosofia com crianças, quando há o reconhecimento do lugar de fala do pensamento delas.

> Uma tal educação permite viver a infância como novidade, como experiência, como descontinuidade, como multiplicidade, como desequilíbrio, como busca de outros territórios, como história sempre nascente, como devir, como possibilidade de pensar o que não se pensa e de ser o que não se é, de estar em outro mundo daquele no qual se está. Se há algo a se preparar por meio da educação, é a não deixar a infância, a experiência. Prepararmo-nos para recuperá-las, se a perdemos. Se a educação é educação dos que não estão na infância, dos excluídos da experiência - sejam crianças ou adultos -, a tarefa de tal educação é inventar essa infância e não deixar que se volte a perder (Kohan, 2005, p.247).

Tal emancipação já passou do tempo de ser alcançada.

Na primeira sessão, trago as contribuições que a Sociologia da Infância e a Filosofia com Crianças trouxeram se para pensar a criança como sujeito de conhecimento e capaz de expressar suas próprias concepções sobre sua existência. Também trago informações sobre o Projeto Cidade das Crianças, que me permitiu encontrar um grupo de crianças fora da escola para participarem desta pesquisa.

Na segunda sessão, apresento as histórias das crianças: como as encontrei e como esta pesquisa se construiu empiricamente. Foram seis encontros marcados por mais de 100 histórias contadas pelas crianças. Falo, aqui, quem são essas crianças, bem como os detalhes de cada encontro. Busquei organizar as histórias contadas por elas e dar foco às temáticas que mais apareceram: aspectos da pesquisa, as concepções delas sobre as coisas do mundo, o que é e como se vive a escola e as violências de gênero.

Na terceira parte, exponho os elementos que constituem, de fato, a cidade das crianças, dentro da perspectiva delas e, em seguida, discuto como a Filosofia com Crianças e a Sociologia da Infância podem contribuir para uma nova (r)existência para elas.

2 CAMINHOS QUE PARECEM SE CRUZAR: FILOSOFIA COM CRIANÇAS, SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E CIDADE DAS CRIANÇAS

Nesta seção, apresento como cheguei nos campos da Filosofia com Crianças, Sociologia da Infância e ao projeto Cidade das Crianças, além de como trazem em si perspectivas convergentes de reconhecer a criança como sujeito.

2.1. FILOSOFIA PARA/COM CRIANÇAS

Eu tenho a Filosofia com Crianças como meu lugar preferido na Educação. Ela me foi apresentada pela Profa. Dra. Paula Ramos de Oliveira, minha orientadora. Paula, com seu jeito poético, convidou-me à Filosofia e nela me fiz professora. Iniciei meus estudos junto ao seu Grupo de Estudos e Pesquisas Filosofia para Crianças (GEPFC - Cnpq), logo no primeiro semestre da faculdade e finalizei minha graduação ainda encantada nesse grupo. Fizemos muitos projetos de extensão juntas, sempre tendo as rodas de Filosofia com Crianças como um caminho para se chegar às crianças. Por isso, a Filosofia neste trabalho vem como uma escolha pessoal e ética para se pesquisar com as crianças.

Para tanto, precisa-se entender como esse campo é formado. Na década de 1960, o filósofo norte-americano, Matthew Lipman (1923 - 2010), preocupado com a incapacidade de pensar com que os jovens chegavam à faculdade, criou o programa Filosofia para Crianças. Para tanto elaborou novelas filosóficas:

> Resolveu então escrever o que ficou conhecido como novelas filosóficas abrangendo, ao longo do tempo, todos os anos escolares, incluindo a Educação Infantil. No Brasil foram traduzidas as seguintes novelas: Issao e Guga (Filosofia da natureza); Pimpa (Filosofia da linguagem); A Descoberta de Ari dos Telles (Lógica); e Luísa (Ética). Além disso, temos traduzida uma novela chamada Rebeca, para a Educação Infantil, escrita por Ronald Reed (falecido em 1998). Todas elas são acompanhadas por um manual do Professor. Lipman escreveu também Mark (Filosofia política) e Suki (Estética), dirigidas ao Ensino Médio, e ainda Elfie que trata da comunidade de investigação - metodologia que Lipman elaborou para a prática filosófica que ocorre a partir das novelas (Oliveira *et al*., 2016, p. 5).

Os pressupostos teóricos de Lipman dialogam com o movimento das escolas progressistas que, atrelados aos pensamentos de John Dewey, “exigiam uma ruptura comportamental, política e educacional que abrisse novas alternativas a uma sociedade mais sadia” (Oliveira, 2004, p.12).

A disciplina Filosofia para Crianças chegou ao Brasil por meio Catherine Young Silva (1937-1993), em escolas privadas do estado de São Paulo, e

> também por professores da faculdade de Filosofia da PUC/SP, dentre estes, sem dúvida o mais importante foi o professor Marcos Antonio Lorieri, que mais tarde em parceria com outros professores criaram o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC) (WUENSCH, 2000). Lorieri, além de criar esse centro, desempenhou um papel importante no processo de divulgação do Programa de Lipman, principalmente, por na época trabalhar na Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (Silva, 2022, p. 68).

Conforme a proposta foi sendo difundida, outros filósofos também começaram a trabalhar e depois transformar o pensar entre a filosofia e as infâncias. Walter Omar Kohan, nascido na Argentina, mas de coração brasileiro, defendeu sua tese de doutorado sob orientação de Matthew Lipman e trouxe novos teóricos para pensar essa relação entre a filosofia e as crianças. Diferente da concepção que a infância é um tempo cronológico, Walter trouxe a dimensão aiônica da infância. Um tempo de intensidade, encontrando em conceitos de Deleuze novos olhares para pensar a conexão entre a filosofia e as crianças, dando lugar à Filosofia *com* Crianças, diferenciando-se da Filosofia para Crianças. Kohan compreendeu que a infância traz o novo e me convida a olhar as infâncias com a filosofia e num lugar de descobertas, de modo a filosofar *com* as crianças e não *para* elas. (Oliveira *et al*., 2016).

Durante os estudos do GEPFC, na Unesp de Araraquara, sempre nos propúnhamos a fazer os exercícios de pensamento com as crianças, desde aprender a jogar xadrez com rodas filosóficas até intervenções artísticas junto às crianças. Lembro-me que iniciei no projeto Filosofia e Xadrez sem saber jogar xadrez e, junto com as crianças, líamos o livro “História do Xadrez”, de Horacio Cardo, com a tradução de Pedro Bandeira e discutíamos questões de poder, autoridade e liberdade. Lembro-me da sensação de perder no jogo de xadrez para uma criança de oito anos de idade. Penso eu que, ali, reconheci a autoridade de uma criança diante do pensamento. Nós começamos de um mesmo ponto: o de não saber jogar xadrez no início do semestre. Após muitas discussões para compreender todos os movimentos de cada peça, fomos à prática: ali não tinha a professora e o aluno, eram duas pessoas, dois sujeitos se experimentando, juntos, no pensamento e no jogo.

Em outro momento, propusemo-nos a construir uma exposição de fotografias em preto e branco, tiradas pelas crianças em máquinas fotográficas analógicas, com o tema *Poder*. Antes de dar a câmera nas mãos das crianças, fizemos rodas para pensar a fotografia, o tempo, o olhar, a liberdade, a escola, entre outros temas que apareciam conforme iniciávamos esse exercício do

pensar. No final, tínhamos imagens das grades da escola, dos troféus que as crianças ganharam em torneios de futebol, o lixo e a porta da sala da diretora.

Os programas de extensão universitária do Grupo de Estudos e Pesquisas Filosofia para Crianças (GPFC), coordenados pela Profa. Paula Ramos de Oliveira, vinham da sua experiência em propor materiais e rodas filosóficas com pressupostos lipmanianos, visitados pela Teoria Crítica (corrente teórica que norteava muitos pensamentos da professora), ambos contextualizados para os estudantes brasileiros (Oliveira, 2004).

> A prática em sala de aula durante este período, assim como os contatos, cursos e colóquios realizados pelo Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças foram indispensáveis para que, conhecendo os pressupostos e a metodologia do programa Educação para o Pensar, eu buscasse um caminho alternativo de ensino de Filosofia para Crianças, ou seja: dediquei-me a investigar como se processava a introdução do ensino de Filosofia para Crianças no Ensino Fundamental a partir do contexto brasileiro. Desta experiência deparei-me com vários questionamentos e refleti sobre aspectos positivos e negativos da proposta norte-americana, o que me levou à ideia de criar material pedagógico adequado às escolas e estudantes brasileiros. Seria uma maneira de revisitar os pressupostos lipmanianos e atingir uma visão mais crítica, sem aceitação incondicional, mas também sem recusas radicais por encontrar este ou aquele ponto polêmico (Oliveira, 2004, p. 13).

Tudo isso, faz-me ter maior confiança em querer permanecer na Filosofia com Crianças, porque ela também reconhece as crianças como sujeitos, como parceiras de pensamento, como amigas do pensar. De mãos dadas com Kant, a Filosofia com Crianças "insiste na necessidade de o homem sair da menoridade. Sair da menoridade significa ganhar voz, ter sua voz escutada: resgatar o indivíduo como pessoa-sujeito" (Oliveira, 2004, p. 6). É assim que eu sei me relacionar com as crianças, é assim que eu faço pesquisa com elas.

Outras áreas caminham por esses caminhos, como a Sociologia da Infância, com quem também dialogo neste trabalho.

2.2. SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

A Sociologia da Infância compreende-se como campo científico na década de 90, no qual se reconhece como área no "Comité de Pesquisa da Associação Internacional da Sociologia (ISA) e um dos últimos grupos de trabalho a serem criados no interior da Associação Inter nacional de Sociólogos de Língua Francesa (AISLF)" (Sarmento, 2005, p. 362). Este campo se propões a reconhecer as crianças como objeto de investigação sociológica por direito, retirando-as das concepções psicologizantes que as enquadram e avaliam; e as reconhecem como sujeitos que constroem seu olhar e atuação sobre a sociedade (Sarmento, 2005).

Durante toda a minha vida acadêmica, a Filosofia com Crianças era o lugar onde eu via maior reconhecimento de quem é a criança, das suas potencialidades e novidades. Foi mais tarde, somente no final do mestrado, que conheci o campo então chamado “Sociologia da Infância”. Essa área me foi apresentada pelas leituras independentes que fiz de Anete Abramowicz, lugar onde percebi possíveis encontros com a Filosofia com Crianças, o que me fez querer aprofundar ainda mais. Somente na qualificação desta tese tomei contato com o então Dossiê “Sociologia da infância: pesquisa com crianças”, organizado pela Revista de Ciências da Educação CEDES, em 2005.

Anete nos faz notar que os estudos da Sociologia da Infância no Brasil se iniciaram com Florestan Fernandes (1920 - 1995), mediante suas pesquisas sobre o folclore dos grupos infantis vividos na cidade de São Paulo (Abramowicz, 2015). No prefácio de sua monografia, Bastide (2004) já anunciava dois apontamentos que revelavam muita importância desse trabalho realizado por Florestan: o primeiro diz respeito ao tornar-se criança para estudar a criança.

> Para estudar a criança, é preciso tornar-se criança. Quero dizer com isso, que não basta observar a criança, de fora, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar, além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo (Bastide, 2004, p.195).

Trazer essa concepção de como fazer pesquisa com crianças torna a escolha de como se chegar a elas muito mais afetiva e menos estruturada, o que corrobora com o pensar nessa parceria entre filosofia e sociologia. O segundo aspecto destacado por Bastide são os cumprimentos que ele dá a Florestan, pelo trabalho de envolvimento e riqueza que favorecem os estudos sobre os grupos infantis. Enquanto isso, Florestan se desculpava por realizar tal trabalho:

> Na nota explicativa, que abre este trabalho do folclore infantil, podemos ler estas significativas linhas: “O presente estudo tem uma particularidade: é ao mesmo tempo uma contribuição à sociologia e ao folclore.” Florestan Fernandes se desculpa, pelo que eu lhe rendo, ao contrário, meus cumprimentos (Bastide, 2004, p.196).

Assim, a partir dos estudos das infâncias, reconheço a monografia de Florestan Fernandes (1920 - 1995), em 1944, como o princípio do campo da Sociologia da Infância no Brasil, quiçá no mundo, visto que naquela época Florestan Fernandes não traduzia com tanta facilidade seus escritos para outras línguas. Florestan compreende o grupo infantil como sendo um grupo capaz de produzir sua própria cultura.

> [...] o grupo infantil é um grupo de iniciação pela via da cultura infantil. Não se trata de uma imitação da cultura adulta, mas um sistema parcial de um sistema sociocultural mais geral, em que as crianças adquirem os padrões de conduta, os valores da comunidade e constituem-se como crianças e brasileiras (Abramowicz, 2015, p. 21).

No capítulo específico das "Trocinhas do Bom Retiro", Florestan detalha as relações entre as crianças que compõem as trocinhas. Trocinhas são grupos de "imaturos", formados pela vizinhança, com o intuito não só de recreação, mas também um lugar onde se vivem hierarquias, pertencimentos, diferenças de gênero, que sofrem a interferência de adultos - pois, caso haja mudança de endereço, por exemplo - a criança precisa acompanhar seus responsáveis, o que modifica a estrutura da trocinha da qual participava (Fernandes, 2004).

As crianças tiveram suas infâncias renegadas em diversos períodos da história, como bem nos lembra Ariès (2006). Contudo, desde os estudos de Florestan, além de outro texto menor e inacabado do sociólogo francês Marcel Mauss (1872 - 1950), o debate sobre as crianças propõe um movimento de atenção para esses sujeitos. No Brasil, com a ascensão da Sociologia da Infância, muitos nomes apareceram para compor, tais como Maria Machado Malta Campos, Fúlvia Rosemberg, Sonia Kramer, Tizuko Morchida Kishimoto, Ana Lúcia Goulart de Faria, Ethel Volfzon Kosminsky, Anete Abramowicz, Andrea Braga Moruzzi (Abramowicz, 2015).

Além disso, Priscilla Alderson (2005) traz em seu artigo "As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa" um levantamento de pesquisas que revelam o quanto as crianças são capazes de traçar questões, hipóteses e até mesmo caminhos de pesquisa mais reveladores que os próprios pesquisadores adultos. Inclusive ela apresenta uma referência do Matthew Lipman para reconhecer a capacidade de questionar e sustentar compreensões filosóficas, das próprias crianças.

Nessa área, compreendo também que a infância é um fenômeno social que está associado a um contexto histórico, geográfico, de língua e cultura, localizado num tempo e num espaço. Não é possível falar de infância como um termo generalista, mas sim como um fenômeno social e contextualizado: a criança que mora num apartamento vive a infância de uma maneira diferente da que vive numa região rural; a menina tem uma vivência escolar diferente da do menino; uma criança brasileira paulista vive de uma maneira diferente da criança australiana. É necessário registrar todos esses aspectos para compreender de qual criança e qual infância estamos falando.

Fazendo uma análise do percurso das crianças na nossa sociedade, passo da ausência de percepção da infância do século XII para um registro detalhado, no qual cada criança pode

construir sua infância. É interessante notar essas transformações no aspecto teórico e a lentidão de sua vivência nos contextos rotineiros da vida de uma criança. Onde está, então, o impasse?

Nesta pesquisa, fiz amizades pela leitura, autoras que dialogam com as questões que emergem das crianças e contribuem para o reconhecimento das crianças enquanto sujeitos de conhecimento na pesquisa. Anete Abramowicz nas pesquisas com crianças; Sonia Kramer para pensar a autoria e autorização nas pesquisas com crianças; Andrea Moruzzi para pensar a pedagogização dos corpos infantis; Marcia Aparecida Gobbi com a temática da cidade para as crianças. Paralelo a esse movimento, conheci o Projeto Cidade das Crianças, que parece traçar a próxima linha de encontro entre as áreas já mencionadas.

2.3. CIDADE DAS CRIANÇAS

O pedagogo e cartunista italiano Francesco Tonucci inaugurou, em 1991, na cidade de Fano - Itália, um projeto político chamado Cidade das Crianças. Tonucci compreendeu que a construção das cidades privilegiava apenas homens, brancos, trabalhadores e motoristas para se viver nelas. Qualquer cidadão que não possua esse perfil, por sua vez, habita a cidade de modo marginal, de modo que as crianças, então, estão na marginalidade.

> Desde 1991, o projeto internacional "A Cidade das Crianças", promovido pelo Instituto de Ciências e Tecnologias da Cognição (ISTC) da CNR, propõe às Administrações Municipais mudar o parâmetro exclusivamente do adulto, do sexo masculino, do trabalhador e do motorista para o infantil, para baixar o ponto de vista para a altura da criança de forma a não deixar de ver ninguém. A suposição básica é simples, mas também revolucionária: uma cidade que procura ser adequada para crianças é uma cidade onde todos viverão melhor (Tonucci, 2020, p. 247).

Tonucci (1996) traz a referência dos bosques nas histórias infantis, concebidos como sendo um lugar perigoso, de onde saiam lobos ou bruxas, nas quais a casa e a área urbana eram concebidas como lugares seguros. Ao longo do tempo, essa concepção foi se convertendo cada vez mais, quando as pessoas foram buscando lugares cercados, que apresentam menos riscos que as próprias ruas perigosas, violentas e inapropriadas para qualquer criança. Dessa forma, ensinam para as crianças o quanto a rua é hostil (não que ela não seja de fato, mas realçam essa concepção) e deve ser evitada, enquanto os bosques e a natureza são os lugares que devem ser resgatados, principalmente com a chegada dos ambientalistas. Mas, por que ocorre tal mudança de paradigma? Justamente porque as cidades se tornaram lugares para o trabalho de homens brancos, adultos e trabalhadores (Tonucci, 1996).

Assim sendo, como transformar essa concepção? Como tornar a cidade um lugar melhor habitado por todos, onde se possa andar tranquilamente pela rua, frequentar lugares que promovam a saúde e atendam às suas necessidades e que garanta direito à cultura e educação? Segundo o fundador do projeto, mudando a perspectiva de construção da cidade, tendo agora como parâmetro as crianças.

> El niño como parámetro. Así, la propuesta consiste en sustituir al ciudadano medio, adulto, varón y trabajador por el niño. No se trata de llevar a cabo iniciativas, de no dejar pasar oportunidades, de diseñar estructuras nuevas para los niños, de defender los derechos de una componente social débil. No se trata entonces de modificar, actualizar, mejorar los servicios para la infancia lo que, de todos modos, sigue siendo naturalmente un deber de la administración pública. Se trata en cambio de bajar la óptica de la administración a la altura del niño, para no perder a nadie. Se trata de aceptar la diversidad que el niño trae consigo como garantía de todas las diversidades. Y si alguien objetara que no sólo existen los niños, puede responderse que se trata de asumir una óptica nueva, una filosofía nueva en la evaluación, programación, proyecto y modificación de la ciudad. El que se muestre capaz de tener en cuenta las necesidades y los deseos de los niños no tendrá dificultades para tener en cuenta las necesidades del anciano, del discapacitado, del extracomunitario. Porque el problema fundamental es aprender a aceptar la diversidad, y el niño es un diverso y, aun, probablemente, un niño es más diverso respecto de su padre que todo lo diverso que un adulto blanco es respecto de un adulto negro. Se supone que, cuando la ciudad esté más adaptada a los niños, será también más apropiada para todos (Tonucci, 1996, p. 12).

Tonucci comunica as diversas maneiras de como tal projeto pode ser colocado em prática: os governantes das cidades incitando todas as secretarias de seus municípios e os cidadãos cultivando movimentos sociais. Porém, no projeto apresentado, privilegia-se apenas a primeira proposta, a de reconhecer os governantes como membros com muita capacidade de influência, apesar das disputas e contradições que isso pode causar em seus governos.

> Para la realización de este proyecto, de esta nueva filosofía de gobierno de la ciudad, se pueden seguir caminos distintos. Puede ser el intendente el que impregna de este espíritu directamente a su programa, pueden ser los ciudadanos que lo proponen desde abajo y lo sostienen, a través de movimientos y de asociaciones. Aquí se describe y de algún modo se privilegia el primer camino, seguido en Fano desde 1991 y que hoy se propone de nuevo en las distintas ciudades que se están adhiriendo al proyecto: el camino que ve al intendente como referente privilegiado y que prevé la apertura de un Laboratorio dedicado a la elaboración y al desarrollo del proyecto: "La ciudad de los niños". La comuna que abre dicho servicio y que le dedica personal y recursos, de hecho abre en su interior una contradicción fuerte pero apasionante. El Laboratorio deberá asumir una función prioritaria de "incitador", de conciencia del intendente y de la junta municipal, respondiéndoles toda vez que la promesa dada sea traicionada; y como esto sucederá de continuo, la presencia del Laboratorio se volverá muy incómoda. Abrir el Laboratorio, entonces, significa aceptar un conflicto permanente, porque el contraste entre el niño y el adulto no terminará nunca, y se moverá siempre un poco más hacia adelante. Pero se trata de un conflicto apasionante, estímulo de gran riqueza y de debate político de alto nivel, en cuanto real, concreto, alejado de la politiquería televisiva. Significa considerar la ciudad como un laboratorio, un lugar de búsqueda, donde se está dispuesto a modificar profundamente la óptica, las

> perspectivas, los objetivos. El Laboratorio tendrá una función "educativa" en relación a los administradores y a los ciudadanos: deberá meter o volver a meterles al niño en la cabeza. Deberá entonces ayudar a los adultos a que reconozcan a los niños, con sus necesidades y sus derechos, a escucharlos y comprenderlos. Empresa para nada simple, que requiere preparación y gran libertad intelectual. El Laboratorio representará para la administración comunal también un costo, pero un costo relativo. Deberá tener un presupuesto ágil que le permita operar, si es posible sin recurrir a sponsors, y con una cierta autonomía e independencia, con personal propio y en locales municipales, y también para garantizar sus actividades con los niños, para dar a conocer sus iniciativas, para poder tener alguna consultoría, si fuera necesaria. Además, en lo referente a las intervenciones de cambio de la ciudad, no tendrá que poseer recursos propios, sino que habrá de comunicar a las distintas asesorías para que se gasten los fondos del presupuesto ordinario de modo distinto, no para cosas nuevas, sino para realizar las ya previstas, con un punto de vista nuevo. Es decir, no gastar más, sino gastar mejor. Objetivo del Laboratorio es desarrollar dentro de la administración y con la administración una nueva filosofía de gobierno de la ciudad, y no la creación de una estructura que opere de modo autónomo (Tonucci, 1996, p. 21).

O fato de se colocar as crianças como parâmetro e reconhecer a necessidade de se repensar as cidades a partir de outros lugares, sem ser os de caráter econômico e imobiliário, já era pensado desde os anos 20. Porém, tornou-se foco no pós-guerra, quando vemos também outras iniciativas presentes na Itália - como, por exemplo - as ideias de Loris Malaguzzi com Reggio Emilia:

> El editorial del primer número de la revista italiana Urbanística, de 1945 escrito por Lewis Mumford, examina como la ciudad se ha olvidado de sus ciudadanos, en particular de los niños. Y Mumford abre este ensayo citando los escritos de Joseph K. Hart que, en 1925, sostenía los mismos conceptos. La tesis de los dos amores, bien anteriores al desastre urbanístico sucedido en el mundo occidental con la gran especulación edilicia de los años 60-70, se funda sobre la consideración de que las ciudades, en su reciente desarrollo, se han olvidado de la mayor parte de los ciudadanos, de los niños en particular, pero también de las mujeres, de los jóvenes y de los viejos. Han sido pensadas sólo para la categoría más poderosa de los ciudadanos: adulta y productora. De aquí la propuesta de repensar la ciudad reflexionando sobre las exigencias de las distintas edades de la vida. Algunas de las soluciones indicadas por Mumford son ingenuas o, a veces, poco compartibles, pero resulta interesante que ya desde hace décadas estuviera presente en el mundo de la arquitectura y del proyecto urbanístico una tan clara conciencia de los errores cometidos. Y es también significativo que la revista "Urbanística", en su primer número del año 1945, apenas terminada la guerra, haya decidido publicar este artículo. Para salir de la miseria, de las ruinas, de la destrucción moral y material de nuestro país, se hablaba de los niños y no de las decisiones económicas o de la especulación sobre las áreas urbanas. Esta circunstancia hace todavía más grave la responsabilidad de quien, en los decenios posteriores, no sólo no ha tenido la idea, sino que ha acentuado con el mayor empeño la negación de los derechos de ciudadanía de los ciudadanos más débiles, para perseguir de modo desprejuiciado y culpable el puro ya menudo personal beneficio (Tonucci, 1996, p. 14).

A cidade que se propõe a realizar tal projeto cria um Laboratório que permeia todos os setores administrativos, além do fato de se chamar um grupo de crianças para compor o Comitê

das Crianças, espaço adequado para elas falarem suas percepções e necessidades sobre os lugares onde vivem.

> El Laboratorio llama a un grupo de niños a que colaboren con él para garantizar el punto de vista infantil. No se trata de ofrecer a los niños el juego de imitar el comportamiento de los adultos en un concejo municipal en miniatura, o una seria propuesta de instrucción cívica, que también son nobles objetivos, sino de dar a la ciudad la impactante oportunidad de confrontarse con un punto de vista y un pensamiento "otro", diverso, como es el infantil. Un consejo de niños, entonces, para cambiar la ciudad y no para concentrar a los niños. Al ser este consejo un organismo de consulta, los operadores del Laboratorio deberán garantizar por un lado que los niños puedan expresarse en forma libre y auténtica y, por el otro, encontrar las formas adecuadas para dar fuerza a los pensamientos de los niños, de modo tal que intendente y asesores se vean obligados a escucharlos ya tenerlos en cuenta cada vez más (Tonucci, 1996, p.23).

Fano, cidade propulsora do projeto em questão, está em relação com diversos movimentos e associações nacionais e internacionais "como 'Las ciudades educadoras', Unicef, Comunidad Europea, ANCI, Arci Ragazzi, CGD, La citta possibile, Legambiente, INU, WWF" (Tonucci, 1996, p. 60). Atualmente, a Rede Mundial de Cidades das Crianças é composta por Municípios presentes em quinze países do mundo, dos quais nove se encontram na América Latina. Tonucci defende que uma cidade que é boa para uma criança, também será para qualquer cidadão (Tonucci, 2020) e convida governantes a pensarem em políticas públicas que deem voz e vez também às crianças. Para que isso se realize, ele percorre o mundo assinando acordos com prefeitos que se comprometem a construírem o projeto "Cidade das Crianças".

Esse projeto chegou a um determinado município, por meio do Departamento de Cultura, no qual o gestor da cultura levou ao prefeito a proposta. Anualmente, há a divulgação do período de inscrições para crianças que possuam interesse em participar do projeto. Em seguida às inscrições, acontece o sorteio: 50% meninas e 50% meninos, representando todas as regiões do município. No Comitê de 2022, participaram 24 crianças.

Com isso, integraram nesse comitê 24 crianças, de 09 a 12 anos, de diversas regiões da cidade, sendo 12 meninas e 12 meninos, que passaram a discutir, com certa regularidade, as questões que envolvem a sua cidade para, posteriormente, levar tais propostas aos seus respectivos prefeitos. O prefeito de cada cidade participante se compromete a construir o comitê juntamente com as crianças das cidades onde governam, além de implementar as propostas por elas apresentadas.

Com a criação do Comitê das Crianças, cria-se também um novo espaço, além do espaço escolar, no qual as crianças se reúnem institucionalmente, permitindo, inclusive, que outros campos de pesquisas também façam parte, de forma a tratar de suas questões, finalidade

defendida por esta pesquisa, cuja intenção era a de buscar um lugar distinto do espaço escolar para se discutir as infâncias junto a um grupo de crianças.

No que se refere às três áreas anteriormente apresentadas (Sociologia da Infância, Filosofia com Crianças e Cidade das Crianças), reconheço o lugar de sujeito que a criança ocupa, no qual ela produz sua cultura, pensa e opina, como sendo um lugar estratégico para se ouvir as suas vozes e identificar sua literatura. Considerando o potencial desse encontro, foi justamente por essa razão que esta pesquisa buscou se aprofundar naquilo que as crianças estão percebendo, discutindo e contando.

3 INFÂNCIAS E SUAS VOZES

Esta seção é a alma de toda a pesquisa, pois nela trago as escolhas metodológicas, as implicações éticas e os desvios espontâneos da pesquisa (justamente por ter sido feita com as crianças), a contextualização dos encontros e a transcrição das rodas, além da análise de conteúdo feita das conversas realizadas com as crianças.

3.1 FAZER PESQUISA COM CRIANÇAS

Essa pesquisa buscou compreender a conceção das próprias crianças sobre o que significa *ser criança na cidade*. Por isso, a metodologia em questão é a de uma pesquisa empírica qualitativa, tendo como vertente uma investigação-ação, compreendendo que "a investigação-ação consiste na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais" (Bogdan; Biklen, 1994, p. 292), de modo que o investigador se implica totalmente na pesquisa para bem recolher dados e promover tais mudanças (Thiollent, 2018).

Diante dessa concepção, compreendi a marginalidade das crianças como um problema social e, por isso, dediquei-me a discutir, questionar, investigar e registrar as concepções que elas têm sobre o ser criança na cidade.

O ato de se chegar até às vozes das crianças é um caminho cheio de burocracias e de dilemas éticos. Sonia Kramer se dedica há anos a essas questões, de forma a concretizar pesquisas que se dediquem à ética, autoria e autorização nas pesquisas com crianças. A partir de suas contribuições, debrucei-me sobre *o fazer pesquisa com crianças*, principalmente no que diz respeito à autoria e à autorização dessas vozes.

No meu exame de qualificação, fui questionada sobre o porquê de não se aparecer o nome verdadeiro das crianças na pesquisa. Prontamente, respondi que era uma recomendação do Comitê de Ética para se conseguir realizar as entrevistas. Todavia, quando me aprofundei sobre o tema, descobri que a questão apresenta diversas camadas que precisam ser discutidas: o fato de as crianças, muitas vezes, não serem devidamente apresentadas às pesquisas para expressarem de algum modo sua autorização (ou não) para participar das mesmas; o fato de os adultos decidirem sobre a participação delas nas pesquisas; muitas vezes, de trazer a autoria sem colocar a criança em risco social; as

preocupações burocráticas dos comitês de ética, que atravessam a autoria das crianças, além de muitos outros aspectos ainda mais delicados.

Essas questões apareceram inteiramente na pesquisa: desde a demora do Comitê de Ética em aprovar a pesquisa e autorizá-la; o envolvimento que comecei a ter com as crianças para criar um ambiente acolhedor de escuta, no qual podiam falar absolutamente sobre qualquer assunto; sobre uma criança que queria participar da pesquisa, mas não obteve autorização de seus familiares; o Comitê de Ética solicitando o anonimato e as crianças pedindo fotos delas no livro que construiríamos juntas; o pedido de autoria sobre a fala das crianças na qualificação do projeto em contradição com a análise da pesquisadora sobre os espaços que abriram para que as crianças pudessem falar sobre assuntos dos quais não queriam, justamente porque seus nomes não apareceriam.

Iniciei o contato com os responsáveis pelo Comitê das Crianças antes mesmo do ano de 2022 iniciar. Os primeiros e-mails datam de julho de 2021. A minha grande preocupação era com a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética. Por isso, o primeiro contato com os envolvidos na pesquisa foi o de enviar um e-mail para os responsáveis das instâncias da cidade pesquisada, pedindo uma carta de aceite. Enquanto isso, eu cuidava para que o projeto cumprisse todas as recomendações, inclusive sanitárias, pois estávamos na pandemia e as reuniões do Comitê de Ética estavam mais espaçadas, fato que tornou o processo de espera muito longo. Durante este período, fui convidada a participar do Comitê das Crianças como voluntária. Isso impactou diretamente a pesquisa pois, durante a espera da aprovação do projeto, um certo vínculo começou a ser criado, permitindo-me passar por três processos antes mesmo de eu iniciar as conversas: o de ser observadora, o de ser observadora participante e o de ter uma relação de alteridade (Barbosa, 2019).

De início, eu ficava apenas observando os assuntos que eram debatidos, os discursos feitos pelos adultos presentes, bem como os discursos que vinham das crianças. Passados alguns encontros, fui chamada para participar de algumas atividades teatrais, propostas às crianças pelo o gestor de cultura do município. Mais tarde, eu era a pessoa que acompanhava e participava das reuniões sem ter um lugar certo. É importante ressaltar que não construí meu caderno de campo durante esse período de voluntariado, pois ainda não tinha o consentimento das famílias e nem o das crianças.

Na relação com as crianças, não há como não constar a observação participante, porque não há escuta sem participação, sem afeto e sem relação. Se queremos construir uma

relação ética nas pesquisas, é preciso que se reconheçam as crianças como sujeitos de conhecimento, portanto, faz-se necessário o envolvimento. Elas falam a quem elas confiam.

> A confiança, o entendimento da linguagem, a consideração pela legitimidade da expressão infantil, a concepção da criança como sujeito ativo e criativo se configuram também como princípios éticos da pesquisa e têm como decorrência certas práticas individuais e coletivas, técnicas de abordagem, formas de autoridade, reações de simpatia e cumplicidade dos pesquisadores diante dos maus-tratos, negligências, deboche ou humilhação.
> E, em todos os casos, a ética do pesquisador deve prevalecer sobre exigências burocráticas e autocráticas de sistemas e instituições na entrada, no processo e na saída (Kramer *et al.*, 2019, p. 250).

Diante desses aspectos que Sônia traz sobre a ética com as crianças, optei pelo anonimato delas, uma vez que foi assim que apresentei a pesquisa e elas aceitaram participar assinando o termo de assentimento. Contudo, o fato de eu ter optado por esse caminho não cessou minhas angústias, porque vivenciei – por exemplo - falas de uma das crianças que me perguntava se haveria uma foto dela no livro proposto, ao mesmo tempo em que outra criança resolveu trazer um tema delicado, justamente porque na pesquisa apareceria como anonimato.

> PESQUISADORA: E a história que você lembrou? Tudo bem compartilhar? se você quiser, eu posso botar outros nomes assim, tipo descaracterizar, sabe? Mas, pra gente saber mesmo da situação porque eu me interesso mais pela situação do que pelas pessoas.
> ISABELA: Eu quero tentar.
> PESQUISADORA: Ahn, vai.
> ISABELA: Esses dias, pode bater cards da copa na escola. Aí na aula de inglês a gente tá fazendo um álbum da copa lá. Eu já completei. Aí, tipo assim ele fica roubando figurinha da professora. Aí a professora briga com ele. Aí esses dias ele foi bater com os meninos. Os menino virou todas as figurinha, ele foi pra cima dos menino. Aí, os menino meteu o soco no olho dele e o olho dele ficou desse tamanho [a menina demonstra com a mão o tamanho do olho].
> PESQUISADORA: Ahn, nossa!
> ISABELA: Depois ele foi chorar, fala que não aconteceu nada, que ele não fez nada. Aconteceu do meu lado! E ainda derrubou o computador da professora e a professora ainda acreditou nele.
> PESQUISADORA: Ahn! Caramba. E aí qual foi o desfecho? Alguém... o que que aconteceu depois?
> ISABELA: Aí eu fui lá na Adriana. Aí a Adriana falou que ia chamar a mãe dele. Aí a mãe dele até hoje não apareceu lá. E a pro Edilene falou que a mãe dele só tem coragem de falar no grupo [de whatsapp] ou por telefone, porque aí não tem medo. Ela tem medo de falar pessoalmente.
> PESQUISADORA: Aham. Nossa, que situação. E aí, o que vocês acham que é a situação de deveria ser resolvida como? Que que vocês acham que deveria ser feito assim?
> ISABELA: É. É. Eu falei pra prô, eu, a, Maria a gente falou pra prô. Mas tipo assim, ela não acreditou, né? Ela só acreditou quando o Yuri falou. Quando ele mostrou o olho, mas quando eu, a Maria e a Lara, Kimberly, as menina foi falá, ela não acreditou. (HISTÓRIA 28 – Ela não acreditou – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

Assim, a saída para solucionar tais questões foi a de solicitar às próprias crianças que escolhessem seus nomes fictícios. Meus estudos passados já me davam sinais que assim deveria ser feito, mas somente agora, envolvendo-me profundamente com outras pesquisadoras que também se deparam com as preocupações dessa dinâmica de autoria e autorização, encontrei pesquisas que declaram que esta deve ser a melhor opção para o momento:

> Acompanhei várias dissertações de mestrado, teses de doutorado e monografias que apresentam pesquisas feitas com crianças numa abordagem qualitativa, em que a questão dos nomes se tornou uma dificuldade. Desde o trabalho de campo e no momento de elaboração dos primeiros relatórios, emergiu a necessidade de uma narrativa direta, na qual os sujeitos aparecessem nomeados. De antemão recusamos alternativas tais como usar números, mencionar as crianças pelas iniciais ou as primeiras letras do seu nome, pois isso negava a sua condição de sujeitos, desconsiderava a sua identidade, simplesmente apagava quem eram e as relegava a um anonimato incoerente com o referencial teórico que orientava a pesquisa. Por outro lado, aquelas alternativas comprometeriam a forma da escrita do trabalho, por prejudicar a narração das histórias e interferir na transcrição e força dos diálogos entre as crianças. Com a preocupação, no entanto, de não revelar a identidade das crianças, seja porque estudavam na única escola da região e seus depoimentos traziam muitas críticas à escola e às professoras, seja porque denunciavam problemas graves vividos por elas mesmas e por suas famílias e, nesse caso, a revelação dos nomes se constituía em risco real, tornou-se necessário, em muitas situações, usar nomes fictícios. Em alguns contextos, diante do grande envolvimento e da integração entre pesquisador e crianças, decidimos pedir para as crianças escolherem os nomes com que queriam aparecer na versão oficial do trabalho. Os estudos de Algebaile (1995), Leite (1995), Earp (1996) e Ferreira (1998) permitem discutir essa alternativa metodológica e analisar algumas de suas implicações ou decorrências (Kramer, 2002, p. 46).

Por fim, iniciei a pesquisa somente em setembro de 2022, numa reunião online com as famílias das crianças, com a finalidade de apresentar a proposta da pesquisa. Para minha surpresa, entraram na reunião apenas as crianças e não seus responsáveis, apesar de ter solicitado a reunião exclusivamente com os familiares envolvidos:

> Olá!
> Aqui é a PESQUISADORA, pesquisadora e que acompanha o Comitê das Crianças. Conforme combinado em 18 de agosto, vocês me autorizaram falar com as famílias das crianças dia 10 de setembro, próximo sábado. Posso confirmar?
> Essa fala será rápida, em que apresentarei para as famílias minha pesquisa e perguntarei quem autoriza a participação delas. Segue um roteiro dessa fala pra vocês terem noção:
>
> ROTEIRO
> **Apresentação Pesquisadora:** PESQUISADORA, professora da Rede Municipal, doutoranda em Educação Escolar da Unesp - Araraquara.
> **Apresentação da Pesquisa:** A pesquisa está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas Filosofia para Crianças. Nela iremos construir um livro com as crianças

> em que elas falem "o que é ser criança na cidade." Essa construção se dará por meio de rodas filosóficas com elas e essas rodas terão o áudio gravado. A ideia é que elas aconteçam nos mesmos dias do Comitê, só que uma hora antes, das 09h às 10h e durarão até dezembro. O objetivo da pesquisa é reconhecer as crianças como produtoras de conhecimento e difundir suas ideias.
> **Entrega do termo de consentimento para os responsáveis:** Assinatura dos Termos.
>
> Qualquer dúvida, me coloco à disposição.
> Att,
> PESQUISADORA (email enviado aos responsáveis do Comitê das Crianças, 2022).

Nesse momento, entendi que minha pesquisa era COM crianças. Então, expliquei a proposta da pesquisa para elas. No Comitê de 2022, participaram 24 crianças. Destas, apenas cinco responsáveis aceitaram a participação de seus filhos e/ou filhas. Por parte das crianças, sete delas desejaram participar. É importante também destacar a dificuldade de se propor uma pesquisa com crianças fora do espaço escolar, pois significa que, tanto crianças quanto seus respectivos responsáveis, necessitam dedicar tempo, custos de transporte e alimentação para estarem presentes. Isso fez com que duas das famílias não conseguissem assinar e entregar o termo de consentimento aos responsáveis. Uma delas até chegou a levar o termo para casa, porém, não retornou em nenhum dos outros encontros. Além disso, a ligação entre mim e as famílias foi mediada pelos responsáveis adultos do Comitê das Crianças, o que dificultou o acesso planejado na pesquisa.

Para participar dessa discussão, tomei a Filosofia com Crianças como precursora das conversas, com a utilização do livro “O menino que colecionava lugares”, de Jader Janer. Essa obra conta a história de uma criança apresentada como “ELE”, que vivia a andar por diversos lugares. Ele tinha um segredo: o medo de esquecer como eram os lugares. Para isso, encontrou uma forma de encarar seu medo: uma lata antiga de manteiga, dada por sua avó. Toda vez que viajava, levava sua lata para colecionar os lugares. Os adultos não entendiam isso muito bem e diziam que era uma mania de criança, mas ELE conseguia, com seu jeito especial, guardar coisas grandes e pequenas nessa lata. Sempre que queria revisitar ou sentia saudades de determinado lugar, abria a lata e tudo estava lá.

Com o passar do tempo, sentiu uma preocupação: como ficavam os lugares e as pessoas depois que ele os guardava em sua lata? Então, quando sua lata estava quase cheia, resolveu devolver tudo o que estava ali e, para sua surpresa, percebeu que não se esquecera de nada, pois conseguia se lembrar dos lugares, das pessoas, das viagens e dos passeios que fizera. “ELE COMPREENDEU QUE OS LUGARES FICAM GUARDADOS DENTRO DA GENTE. COMPREENDEU QUE, SE LUGAR É GENTE, GENTE É LUGAR!”.

Conforme as crianças se aprofundavam em alguns assuntos, eu parava de trazer novos elementos e tentava sustentar as concepções que elas apresentavam, apenas com incentivos para que continuassem falando. Fui compreendendo que a Filosofia com Crianças é esse espaço de relação e escuta sincera, do exercício de ser criança. Por isso, é intrigante e revelador o fato de se permitir a experiência do pensar sobre assuntos que permeiam a vida com as crianças. Há um mundo apresentado pelos participantes da pesquisa, sustentado entre a Filosofia e a Sociologia. Cabe destacar também que eu já fui professora de inglês na escola de uma das crianças do grupo, o que tornava a relação mais íntima. A professora e a pesquisadora se apresentavam juntas para essa criança, o que facilitou ainda mais o vínculo.

Destaca-se que esta pesquisa passou pelo Comitê de Ética e teve suas atividades aprovadas. Assim, todas as crianças participantes do Comitê das Crianças de uma cidade do interior foram convidadas a estarem nela. O município, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) de 2022, apresenta mais de 440.000 habitantes, com uma média salarial de 3,3 salários mínimos. A taxa de escolarização de crianças entre seis e 14 anos é de 98,2% e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) (2010) é o de 0,822[1].

Das cinco crianças participantes, três eram meninas e dois eram meninos. As crianças escolheram seus nomes fictícios para representá-las na pesquisa. A seguir, escolhi também nomes para os outros sujeitos que apareceram nas falas das crianças, de modo que nenhum nome que aparece na pesquisa é real.

Tabela 1 - Número de participantes, nomes fictícios, idade e a rede escolar na qual cada criança estuda

Nº	**NOME (FICTÍCIO)**	**IDADE**	**ESCOLA**
1.	Beatriz	10	Municipal
2.	Gabriele	11	Privada
3.	Isabela	10	Municipal
4.	João	10	Municipal
5.	Vinícius	10	Municipal

Fonte: Produção da própria autora.

[1] O link do IBGE não pode ser publicado para que haja o sigilo quanto à cidade onde foi realizada a pesquisa.

Beatriz e Vinícius estudavam na mesma escola. Durante a pesquisa, foi possível acompanhar a transição do quinto para o sexto ano da Beatriz e da Isabela, ou seja, foi possível capturar quais eram suas percepções das escolas municipais e estaduais.

No total, foram realizados seis encontros entre os anos de 2022 e 2023. Esses encontros aconteciam logo após as reuniões dos Comitês. Tal tempo foi discutido com as famílias e as crianças, além de terem sido acolhidas em diversos lugares, desde a sede do Comitê das Crianças até o hall entre salas de um espaço cultural. Todos os encontros foram gravados após o consentimento das crianças e, posteriormente, transcritos e analisados integralmente. Podemos considerar que Beatriz e Isabela tiveram as participações consideradas mais ativas, pois Beatriz esteve presente em todos os encontros e Isabela faltou em apenas um dos encontros realizados durante a pesquisa.

Os dados coletados foram organizados e submetidos à Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1979) e Minayo (1999). A Análise de Conteúdo constitui-se de um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, qualitativos ou não, que permitem compreender os conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. Assim, dentre as técnicas desenvolvidas pelas autoras, optou-se pela análise temática, caracterizada por sua rapidez e eficácia, composta por três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos. Esses resultados obtidos foram posteriormente dialogados com autores da filosofia francesa e que são considerados grandes referências nos campos da Filosofia com Crianças e da Sociologia da Infância.

Foram realizados seis encontros, datados em: 24/09/2022, 22/10/2022, 03/12/2022, 17/12/2022, 15/04/2023 e 29/04/2023. Cada encontro apresentou uma especificidade, fato que os tornou grandes acontecimentos, devido à sua singularidade e ao aprofundamento dos assuntos neles revelados.

3.1.1 Os encontros

O primeiro encontro, realizado em 24 de setembro de 2022, foi aguardado com muita expectativa pois, tal como referi anteriormente, enquanto a pesquisa não era aprovada pelo Comitê de Ética, fui convidada a acompanhar as reuniões do Comitê apenas como voluntária. Esse fato me permitiu construir um vínculo que tornou o início da pesquisa um fato esperado

por mim e por todas as crianças. Conforme acordado com elas e suas respectivas famílias, nosso primeiro encontro se deu na sede do Comitê das Crianças, após a reunião quinzenal.

A sede do Comitê das Crianças é constituída por um galpão pensado exclusivamente para as crianças, inclusive as da primeira infância. Há instalações de tecidos, "floresta de bambu" suspensa, canto de livros, painéis desafiadores com encaixes, movimento de argolas, cordas para crianças menores, circuitos de equilíbrio, além de uma área de teatro sendo construída, um espaço com mesas e cadeiras coloridas e de conceito aberto e itinerante pois, de tempo em tempo, mudam-se as temáticas das propostas, local onde não há paredes entre as instalações, apenas a divisão com a área de sanitários e a administrativa. Na área externa, encontramos um parque naturalizado e um corredor onde estão construindo algo, embora ainda não seja possível compreender o projeto.

Marcavam 10h30 da manhã de um sábado e as crianças estavam bastante agitadas. Ao término da reunião do Comitê, as crianças pediram para brincar um pouco no parquinho, e eu permiti. Após quinze minutos, retornamos ao espaço para dar início ao encontro. Após todos se sentarem, ajeitei os microfones e expliquei como seria aquele primeiro encontro. Com a permissão das crianças, liguei a gravação e adentramos num mundo novo, cheio de concepções e questionamentos feitos por elas. Escutei histórias sobre os procedimentos da pesquisa, sobre os olhares que as crianças têm sobre a sociedade, conflitos de gênero e escola, totalizando 13 histórias:

Tabela 2 - Histórias contadas no primeiro encontro com as crianças

HISTÓRIA 1 – Apresentação das crianças
HISTÓRIA 2 – Combinados da pesquisa
HISTÓRIA 3 – Lugares que as crianças frequentam
HISTÓRIA 4 – Diferença entre adultos e crianças
HISTÓRIA 5 – O que as crianças ensinam para adultos: preconceito / inocência
HISTÓRIA 6 – Procedimentos da pesquisa: o que colecionar
HISTÓRIA 7 – Figurinhas da Copa – conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 8 – Lugares preferidos das crianças - conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 09 – Explicações sobre os conflitos – conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 10 – Lugares que as crianças não gostam – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 11 – Sobre aprontar – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 12 – As aulas da Tatiane e da Sandra – conflitos entre meninas e meninos

HISTÓRIA 13 – Sequência de *aprontamentos* do Vinícius – conflitos entre meninas e meninos

Fonte: Produção da própria autora.

TRANSCRIÇÃO COMPLETA:

PESQUISADORA: Sim, assim é a gravação agora.

O que que vai acontecer? VINICIUS e vai ser assim.

Ó, vocês vão passar o microfone e cada um vai dizer: o nome, a idade, tá? O nome, a idade. [ALGUÉM AO FUNDO PERGUNTA SE PRECISA SER O NOME COMPLETO] Não precisa ser o nome completo, tá? O nome, a idade. É.... onde estuda, o nome da escola. E como que você quer ser chamado, na pesquisa. Você pode colocar o nome que você quiser.

Criança 1: Tá bom.

Criança 2: É, vou ligar.

PESQUISADORA: Já está ligado. Espera aí, ó, está ligado aí já está bom. Ó, vamos, vamos prestar atenção aqui, vai.

GABRIELE: Meu nome é GABRIELE, eu tenho 11 anos. [risos] Estudo no Colégio São Vicente de Paulo e eu queria ser chamada de Gabriele.

ISABELA: Meu nome é ISABELA, tenho 10 anos, estudo no Flores e gostaria de se chamar Isabela.

VINICIUS: Eu sou o VINICIUS. Tenho 10 anos. Eu estudo no Giuseppe e queria ser chamado de... ahmm... Vinícius.

[conversas ao fundo]

BEATRIZ: Meu nome é BEATRIZ, eu tenho 10 anos, eu queria ser chamada de Beatriz. [PAUSA] E eu estudo na EMEB Marcos Giuseppe (HISTÓRIA 1 - Apresentação das crianças).

PESQUISADORA: Agora eu trouxe um livro para vocês [pausa] Eu trouxe um livro para vocês que eu vou começar a ler para gente pensar o que que éééé ser criança na cidade [pesquisadora mostra o livro para as crianças] Olha só.

Eu trouxe esse livro que chama "O menino que colecionava lugares". E ele foi escrito pelo Jader Janer. O Jader Janer é um professor de universidade que ele pesquisa os lugares que as crianças vão. E aí ele fez esse livro. Então eu vou começar... Vou começar a ler e aí a gente vai discutir um pouquinho sobre os lugares que as crianças ocupam, tá bom?

VINICIUS: Oh, oh PESQUISADORA. Você começa a ler e depois você passa pra gente ler.

[Isabela faz cara de reprovação].

PESQUISADORA: Então faz assim, lê quem quer, entendeu? Lembra que a ideia é pra vocês ficarem confortáveis, não é? Então, olha só.

[Havia um outro garoto que também queria participar da roda, mas ainda não foi possível conversar com a sua mãe e as crianças estavam perguntando por que ele não podia participar].

Porque precisamos conversar com a mãe dele.

Você pode escutar e depois que tivermos a autorização da sua família, você participa. Tá bom? (HISTÓRIA 2 – Combinados da pesquisa).

Então vamos lá! [Início da leitura do livro]

"Ele era um menor e adorava passear.

Gostava de caminhar por todos os lugares e de viajar para lugares.

É para os diferentes locais."

Aí a primeira pergunta.

Aí a primeira pergunta que eu tenho para vocês, é:

Quais os lugares que as crianças vão na cidade?

Estão aí agora, a gente vai passando assim, o microfone está bom?

Aí a gente vai...

VINICIUS: O LORENZO vai falar?

PESQUISADORA: Não! O LORENZO ainda não pode ficar com o microfone.

GABRIELE: É, eu vou para escola e eu vou para casa. Eu vou ao mercado. Mas às vezes [rindo] eu vou no shopping, nas lojas de roupa...

PESQUISADORA: Quem lembra, assim, de outros lugares que vocês vão e que crianças vão.

ISABELA: No parque!

PESQUISADORA: No parque?

VINÍCIUS: Na casa dos outros, comer. [riso geral]

[alguém lembra que ele precisa falar no microfone]

É, é ...espaço para bebê e parque...

PESQUISADORA: Pra onde que a gente vai?

VINICIUS: Ai, eu vou para a escola, eu vou para a minha casa, eu vou para a casa dos outros. Nos outros pra comer é, vou ver. Tem um amigo que a comida da vó dele é muito boa! [Palavras incompreensíveis]

GABRIELE: A comida da minha avó muito boa.

PESQUISADORA: Peraí, ó, deixa a BEATRIZ falar aí a gente.

[Fazendo referência para o LORENZO]. Não, ele não pode.

BEATRIZ: Eu vou pra escola, casa, praça, parque.

PESQUISADORA: Para onde?

Ela tem que bater muito ruim, sim, daí.

[burburinhos que não dá para entender]

PESQUISADORA: Vou continuar a história. Alguém quer ler? (HISTÓRIA 3 – Lugares que as crianças frequentam).

ALGUMA CRIANÇA: Por que tem que colocar o microfone?

PESQUISADORA: Porque... Na verdade não precisa colocar [o microfone], pode só segurar, porque olha só o microfone é para eu conseguir entender bem o que todo mundo está falando. Que depois eu vou escrever isso que vocês estão falando. Vai!

VINICIUS: “Ele andava pelas ruas, pelos bairros, pelos bairros, pela cidade e pelo campo, pela praia. Seus pés tinham diferentes lugares, colado nele.”

PESQUISADORA: Então espera aí, ó. Então está falando que andava por diferentes lugares, não só pelas coisas da cidade, né, mas também na praia, no campo.

BEATRIZ: “Mas ele tinha um segredo, um segredo que não contava para ninguém. Ele tinha medo de uma coisa. Esse medo era um segredo dele, só meu, só seu.

PESQUISADORA: Qual será que é o segredo dele?

GABRIELE: “Ele tinha medo de esquecer como eram os lugares. E olha, e olha que ele já estudava, já tinha aula de Geografia. Seu professor contava como eram os lugares.”

[O microfone passava entre as crianças e uma delas disse:]

ISABELA: Não, não quero menino.

PESQUISADORA: Lê quem quer.

VINICIUS: Que que é atlas?

PESQUISADORA: Atlas? É um livro que tem vários mapas, aí tem mapa da cidade, é... dos rios, tem mapa das montanhas...

VINICIUS: Tá. “Ele tinha até um atlas, que estava sempre em sua mochila, mas nada adiantava. O que adiantava era a lata velha. Ele tinha uma lata antiga de manteiga.

Antigamente as manteigas vinham em grandes latas. Era uma era uma era uma velha lata que sua avó havia dado para ele e toda vez que ele, [repete] que ele viajava, que ele ia algum e queria para um lugar, ele levava laca velha de manteiga com ele.”

ISABELA: Qual o sentido disso?

BEATRIZ: “Ninguém entendia nada, todo mundo achava aquilo muito estranho, mas *digiam* [criança corrige] mas diziam que era coisa de criança. Que criança tem cada uma. Ainda bem que adulto não entende criança, pensava ele assim. Assim podia carregar aquela lata com... [corrige] Como mania [corrige novamente] com mania de crianças”

PESQUISADORA: Espera aí! Eu tenho uma pergunta para fazer pra vocês.

VINICIUS: Pode mandar que a gente responde!

PESQUISADORA: Tá bom, beleza. Ó, Ele, que é essa criança, diz que criança [corrige] que adulto não pensa igual criança, não faz, não entende crianças. O que vocês pensam da diferença entre adultos e crianças?

[burburinho com várias respostas]

Musa do meu trabalho.

Ó, mas.

Admiro e é trabalho, dinheiro, ...

PESQUISADORA: [tenta repetir o que escutou de todas as respostas] Que adulto pensa em dinheiro, eee criança pensa em brincar? [10:26]

BEATRIZ: Os adultos pensam mais em trabalhar e as crianças pensam mais em brincar...

GABRIELE: O adulto, ele acha que como ele é mais velho, como ele já estudou, trabalhou, acha que sabe mais coisas que a criança e que a criança não tem razão. Mas não é verdade. Ele não entende.

ISABELA: Eu ia falar a mesma coisa.

PESQUISADORA: Mas aí se a gente pensa... se a gente pensa assim, ó, que o adulto é, às vezes não tem razão, que às vezes a criança tem mais razão, é isso?

GABRIELE: Não! É que o adulto, ele pensa que só ele tem razão [criança reforça o SÓ ELE tem razão]. De que criança, ela não entende que é coisa de criança, e que ela vai entender quando ela crescer.

PESQUISADORA: Vocês conseguem me dar um exemplo de como a criança ela consegue assim ensinar ou ter razão em relação ao adulto?

VINICIUS: Quando tem, não sei... um adulto um pouco preconceituoso e a criança [burburinho de pensamento hmmm] que não sente essa diferença, ela ensina pra ele.

GABRIELE: É, e tem também aquele projeto da da urban 95. Se uma criança, ela consegue ter mais razão porque ela consegue ver de outro jeito as coisas. E aí, ela consegue ensinar pro adulto que não é só daquele jeito que ele vê (HISTÓRIA 4 - Diferença entre adultos e crianças).

PESQUISADORA: O que os adultos.... o que as crianças ensinam para os adultos?

CRIANÇAS: Não sei... [silêncio entre pequenas risadas]

PESQUISADORA: [repete] O que as crianças ensinam para os adultos? Porque normalmente a gente escuta assim é o adulto que sempre tá ensinando a criança.

ISABELA: E a criança?

PESQUISADORA: É. E a criança? O que a criança está ensinando pro adulto?

Aham, não tem diferença [repetindo o que uma criança disse].

Desculpa [risos], a gente vai ter que acostumar com esse microfone.

Sim, então, tipo que não existe diferença.

BEATRIZ: Que criança tá sempre brincando com outra criança. Não importa se essa criança é negra, é alta, baixa...

GABRIELE: E também, que existe criança preconceituosa, tem. Mas a criança consegue ensinar, éé, que as vezes ter a inocência é a melhor coisa. Então uma pessoa, uma criança que é inocente, ela não vai ver a diferença de brincar com uma coisa ou de brincar com outra. Brincar com uma pessoa ou brincar com outra. Mas um adulto vê diferença. Vê diferença no dinheiro, no espaço, vê diferença em tudo.

[silêncio]

PESQUISADORA: Vamos continuar?

GABRIELE: “O que ninguém sabia é que naquela marca, ele guardava o seu segredo. Ele guardava os lugares. Isso mesmo, ele tinha naquela lata uma coleção de lugares, coisas de todos os lugares por onde ele havia passado. Pedaços dos lugares colados em seus pés. Era só chegar a um lugar que quando tinha oportunidade, ele pegava algo e plac, punha lá” (HISTÓRIA 5 – O que as crianças ensinam para adultos: preconceito / inocência).

PESQUISADORA: Acho que a gente pode parar. Deixa eu ver.

Ele tinha uma lata, é tipo um colecionador de coisas. Vocês já colecionaram alguma coisa? alguma coisa?

VÁRIAS CRIANÇAS AO MESMO TEMPO: Sim, álbum de figurinhas.

PESQUISADORA: [repete o que as crianças disseram e em seguida vai passando de uma em uma pra confirmar se já colecionaram algum de figurinhas]: álbum de figurinhas, álbum de figurinhas... Cuidado para não desligar, tá bom? Tem que estar com a luzinha azul acesa.

VINICIUS: "E não pense que era só uma coisinha pequena não. Ele gostava de colecionar coisas grandes também tipo montanhas, árvores, avenidas, iluminadas, rios, rios caudalosos, construções. Ele tinha um jeito especial para fazer isso. É claro que aquela que aquela velha lata de manteiga também era especial, mas tinha um jeito certo de fazer que só ele sabia."

GABRIELE: "Às vezes era só esperar o Sol chegar num ponto, iluminar algo. Quando a sombra aparecia no chão, ele ia devagarzinho, pronto, pegava e guardava na lata. Em outras vezes, ele esperava uma imagem ficar refletiva na superfície do Lago, do mar e, de longe, ele abria a lata e guardava mais uma coisa.

E ainda havia outro jeito. Desse ele gostava muito: olhava aquilo e se queria guardar punha a palma da mão no chão, não [corrige] a palma da mão na frente dos olhos e ia se afastando, quando aquilo cabia tudo na mão, ele fechava e rapidinho punha dentro da lata. Assim sua lata estava sempre cheia de lugares. Toda vez que ele tinha saudade ou começava a esquecer, era só era só abrir a tampa e estava tudo ali."

PESQUISADORA: Ótimo! A gente vai parar agora o livro nessa parte, por que? Eu vou convidar vocês para que de hoje até o próximo encontro, vocês sejam colecionadores de lugares. Então, como assim? Eu vou entregar para vocês o envelope para cada um. Oi? [alguma criança faz uma pergunta que é inaudível e PESQUISADORA responde]: pode ser tarde.

Não, a gente vai colecionar, é a gente não pode destruir nada.

VINICIUS: Tira a foto e coloca aqui?

PESQUISADORA: mas vocês podem ou tirar foto ou pegar, sei lá, uma folha que caiu no chão ou um papel de bala que vocês comeram naquele lugar. Não, mas ó, ó, esse daqui não é pra gente fazer agora [crianças começaram a levantar e buscar elementos para colocar no envelope]. É para que todos os lugares, vocês falaram que vocês vão para a casa

da avó, vão para a escola, vão para a casa do amigo só para comer coisa, vão para diversos lugares,

GABRIELE: Pode farelo de comida?

PESQUISADORA: Pode ser farelo de comida... enfim...

GABRIELE: Eu estava com cheiro da comida. É bom!

VINICIUS: Não, mas vai que tem uma beterraba também... [17’05’’]

VINICIUS: Já está com um?

PESQUISADORA: E aí eu trouxe. Cadê?

Oh, aqui tem lápis de cor para vocês decorarem... aqui.

GABRIELE: Tem canetinha.

PESQUISADORA: Tem canetinha pra vocês decorarem. Aí eu trouxe também, ó, eu trouxe aqui ó gente, mas é isso que eu tenho muito zelo por essas canetinha, tá bom?

AS CRIANÇAS COMEÇAM A COMPREENDER O QUE DEVE SER FEITO E CUSTOMIZAR O ENVELOPE. NO MEIO DA ATIVIDADE ELAS COMEÇAM A DISCUTIR.

PESQUISADORA: Aí, qual que é a ideia? Que de hoje até o próximo encontro vocês sejam colecionadores de lugares. Então todos os lugares que vocês forem e quiserem colocar no envelope, vocês podem, porque daí a gente vai ver o que vocês colecionaram ao longo desse mês, tá?

VINICIUS: Podem ser quantas coisas, mais ou menos?

PESQUISADORA: Quanta vocês quiserem.

ISABELA: Vou colocar figurinha da copa.

PESQUISADORA: Você tem que colocar o que você tiver vontade de colocar. Não tem assim, uma regra específica, tá? Porque lembra, não é para ser uma coisa chata, é pra ser uma coisa legal. Então vocês têm que colocar aqui, éé, aquilo que vocês quiserem. Vocês que decidem isso. Entendeu? Aí vocês podem decorar o envelope que vai a nossa “lata”: o envelope de lugares.

GABRIELE: Por que não faz numa lata?

PESQUISADORA: Porque eu não achei uma lata legal pra trazer pra vocês (HISTÓRIA 6 – Procedimentos da pesquisa: o que colecionar).

AS CRIANÇAS COMEÇARAM UMA DISCUSSÃO SOBRE A CANETINHA PORQUE ELA É USADA PRA FAZER LETTRING.

PESQUISADORA: Aí você pode fazer do jeito que você quiser. Se quiser pôr o nome acho que é bom pra não perder.

Alguém está com o microfoninho?

Ah, ele está aqui no meio.

E aí que vocês quiserem tirar fotos desses lugares que vocês vão e manda por Whatsapp, vocês podem. Aí tem o meu contato nesse documento aí.

Aí, LORENZO, depois que a gente conversar com a sua mãe, eu te entrego. Envelope desse também, tá bom?

GABRIELE: Nossa, tem duas pontas!

PESQUISADORA: Tem uma ponta mais fina...

Aí eu estava pensando aqui.

GABRIELE: Eu agora estou lembrando você lá no, no Expresso falando do... Lembra BEATRIZ, do gordão! [risos], do gordão...

PESQUISADORA: Aí vocês entenderam a proposta? De que nesse envelope vocês vão colocando, vão ser os colecionadores dos lugares. Aí pode ser coisa da escola, coisas das casas que vocês frequentam, do parque ou da rua.

AS CRIANÇAS COMEÇARAM A FALAR SOBRE AS FIGURINHAS DA COPA.

GABRIELE: Eu gastei 80 reais comprando 100 figurinhas de um álbum.

VINICIUS: Como você comprou 100 figurinhas?

GABRIELE: Que álbum?

ISABELA: Com dinheiro?

VINICIUS: Não pô, 100 figurinhas... 100 pacoti... 100 envelopes?

GABRIELE: Não, 100 figurinhas dentro dos pacotinhos, sabe?

Acho que eram 40 pacotes, 20 *pacote*...

VINICIUS: Não, 20 pacotes, 20 pacotes.

GABRIELE: É e depois comprei mais *20 pacote* de figurinha da copa. [23’’]

ISABELA: Mas pacote do que?

GABRIELE: Da figurinha da copa.

ISABELA: Nossaaaa... Tem figurinha online.

GABRIELE: Ah, mas é legal de papel, né?

VINICIUS: Não é de papel, é adesivo colante.

BEATRIZ: Ah, mas dá na mesma. É feito de papel aquilo.

GABRIELE: E depois você pode vender o álbum

BEATRIZ: E você é esperto desde quando?

VINICIUS: Ué? Desde que euuu....

GABRIELE: Mentira...

PESQUISADORA: Enquanto vocês desenham, eu vou conversar com a Ellen.

BEATRIZ: Jumento ainda é um elogio para você (se referindo ao VINICIUS).

[ALGUMAS FALAS INCOMPREENSÍVEIS]

VINICIUS: Eu não sou tão burro. Eu sou inteligente.

GABRIELE: Não VINICIUS.

BEATRIZ: Não é não! (HISTÓRIA 7 – Figurinhas da Copa – conflitos entre meninos e meninas).

[silencio]

PESQUISADORA: Existe algum lugar preferido para vocês?

VINICIUS: Sim! A minha casa.

BEATRIZ: Minha cama.

VINICIUS: Mas um lugar, não um objeto.

GABRIELE: É um lugar (defendendo o ponto de vista da BEATRIZ).

PESQUISADORA: É um lugar...

VINICIUS: Mas não é um lugar, um lugar....

BEATRIZ: É sim!! Eu durmo ali todo dia!!!

GABRIELE: Eu não durmo [na cama] todo dia. Tem dia que eu durmo no quarto, tem dia que eu durmo na sala.

ISABELA: Eu também.

BEATRIZ: Ai, eu não consigo dormir na sala.

PESQUISADORA: Não consegue dormir...

BEATRIZ: Eu durmo no quarto (HISTÓRIA 8 – Lugares preferidos das crianças - conflitos entre meninos e meninas).

[houve uma outra provocação entre a BEATRIZ e o VINICIUS].

GABRIELE: É assim o dia inteiro.

VINICIUS: Não é não...

BEATRIZ: Ele que me provoca.

VINICIUS: Ele que provoca...

BEATRIZ: Aha...

GABRIELE: Ele provoca e bota provoca.

VINICIUS: Tá bom, tá bom, tá bom...

BEATRIZ: Ainda bem que aceitou.

VINICIUS: Quem disse que eu aceitei?

BEATRIZ: Você mesmo!

PESQUISADORA: Por que vocês ficam brigando assim?

BEATRIZ: Porque ele provoca.

GABRIELE: É ridículo!

PESQUISADORA: Ah, não gente, pára!

GABRIELE: É muito chato! (HISTÓRIA 9 - Explicações sobre os conflitos – conflitos entre meninos e meninas).

PESQUISADORA: E tem algum lugar que vocês não curtem ir?

VINICIUS: A BEATRIZ!

PESQUISADORA: Lugar!!

GABRIELE: Lugar!!! Não pessoa.

PESQUISADORA: Algum lugar que vocês não curtem ir?

VINICIUS: Um lugar que eu não gosto de ir mesmo... a escola.

Entre as crianças falando, uma delas ressalta a escola e outra diz:

Mais ou menos. A professora...

VINICIUS: A Sandra parece diretora.

BEATRIZ: Claro, vocês aprontam pra caramba.

VINICIUS: Ela grita pra caramba!

GABRIELE: Também, né? Como não gritar? Ela deve ficar louca com vocês.

PESQUISADORA: Mas o que vocês aprontam?

VINICIUS: A gente não apronta!!

ISABELA: Aha!

BEATRIZ: A professora fala “não corre!”, aí chega um bando de crianças minúsculas [fazendo referência aos meninos da sua sala], que não dá, porque eles correm (HISTÓRIA 10 – Lugares que as crianças não gostam – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Correr é aprontar?

[Algumas dizem que sim, outras que não].

GABRIELE: É porque a professora fala que não é.

BEATRIZ: É porque é na entrada e os professores ficam falando que não pode, não pode, não pode, e eles desobedecem. Eles já pegaram bola e começaram a jogar. [28”]

VINICIUS: Eu tenho uma justificativa.

BEATRIZ: Aha, tem...

VINICIUS: O ano passado o Tales abaixou a calça para o professor de educação física

BEATRIZ: E você foi na dele, ou seja, você continuou fazendo besteira...

GABRIELE: Tá bom, chega! (HISTÓRIA 11 – Sobre aprontar – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Então, mas, eu queria saber existe, além da escola....

BEATRIZ: O problema é quando a gente está tendo aula da Tatiane, com prova. [fala com pausas pontuais nas vírgulas].

VINICIUS: Ela deu consulta pra gente.

PESQUISADORA: Ela deu consulta? A Tatiane é professora do que?

VINICIUS e BEATRIZ: Geografia, história e ciências.

VINICIUS: Ela é a melhor prô (abreviação de professora) do mundo. Ela é bem melhor que a Sandra.

PESQUISADORA: E a Sandra é quem?

GABRIELE: O pior é o armário das professoras, porque toda vez é assim. Você vai levar bronca, elas te levam na frente do armário da professora. Elas te levam você lá. Pra você levar bronca.

VINICIUS: Eu odeio a professora de inglês. Ela é muito chata.

BEATRIZ: Claro, vocês só aprontam.

VINICIUS: Eu? (HISTÓRIA 12 – As aulas da Tatiane e da Sandra - conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Vocês têm um lugar pior? [PESQUISADORA É INTERROMPIDA POR UM DOS RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS. ELAS CONTINUARAM A CONVERSA]

VINICIUS: Me diz uma vez que eu aprontei na aula dela

BEATRIZ: Como é que fala “Com qual frequência?”?

VINICIUS: *I never*.

BEATRIZ: Tá vendo?

GABRIELE: *How often do you?*

VINICIUS: Quê? O que é isso?

PESQUISADORA VOLTA PARA A CONVERSA COM AS CRIANÇAS E BEATRIZ CONTA.

BEATRIZ: Não, o VINICIUS falou: “Me diz uma vez que eu aprontei na sala da professora.” Aí ele, “Então como é que fala ‘Com que frequência?’”. Aí ele “I never.”

GABRIELE: How often.

BEATRIZ: Então!! É o básico. A professora está há três anos...

VINICIUS: Um ano, porque ela tá na escola...

ISABELA: Não, ela está há uns dois meses repetindo?

VINICIUS: Então me fala alguma outra vez que eu aprontei sem ser nas aulas, tipo ahhhhh.... Me fala uma vez!!!

BEATRIZ: Você lutando com o Túlio no meio do, do... Olha, olha a vergonha que ele deu pra nossa sala. Ele deu um soco na cara do Davi na frente Ílus.

ISABELA: E eu não estou entendendo nada, porque eu não conheço o Ílus.

BÁRBARA: Ílus é um artista.

VINICIUS: Eu não dei um soco nele.

BEATRIZ: Você enfiou o dedo no olho dele! É pior ainda!!

VINICIUS: Nada a ver. A pior coisa que fiz, a pior coisa que eu fiz com o Davi foi dar um soco na barriga dele.

BEATRIZ: Não!!! Foi ter enfiado o dedo, com tudo, no olho dele. Eu *tava* perto.

VINICIUS: Me fala... me fala outra coisa que eu já fiz... Não tem... Só tem uma, duas...

BEATRIZ: Só falta o de vocês terem chutado com o Davi. Isso ninguém lembra, né? É uma boa. Você tacou um sapato na cara da Adriana e na minha, quase.

VINICIUS: Eu não taquei em você, eu taquei na cara do Du.

BEATRIZ: Você tacou na cara da Adriana.

GABRIELE: Gente, chega!

VINICIUS: Eu taquei no Du a aí sem querer o sapato voou na cara dela.

GABRIELE: Quem tacou na cara de quem?

BEATRIZ: O VINICIUS tacou na cara da Adriana e quase acertou na minha cara.

GABRIELE: Não, ele tacou no Túlio e foi pra Adriana (HISTÓRIA 13 - Sequência de aprontamentos do Vinícius - conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Ó, a gente precisa finalizando, porque a Fábrica vai fechar.

Ao final desse primeiro encontro, com base no livro do Jader Janer, sugeri que as crianças brincassem de serem colecionadoras de lugares. Para isso, levei envelopes e canetinhas para enfeitarem. A proposta é que durante as próximas duas semanas, elas recolhessem elementos de todos os lugares que frequentariam para colocar nesse envelope, pois iniciaríamos o próximo encontro com a partilha daquilo que elas teriam colecionado nessas semanas. Cada criança foi embora com o seu envelope.

Chegamos, então, ao segundo encontro, realizado no dia 22 de outubro de 2022, quase um mês após o primeiro encontro. Um mês de vida é muito tempo diante da intensidade das crianças. Elas se esqueceram de dar continuidade à coleção. Não levaram nenhum registro do envelope de colecionadores. Encontramo-nos novamente na sede do Comitê, no mesmo canto com as mesas. Não tínhamos envelopes, mas continuamos com a leitura do livro. Esse segundo encontro foi revelador de assuntos que pareciam até considerados tabus, como por exemplo, o sexo na infância. As crianças comentaram sobre questões de suas vidas particulares e também desabafaram sobre o que viveram na escola. Porém, na pesquisa com as crianças, muitos procedimentos se perdem, pois a interação com elas é diferente daquela realizada com adultos. Enquanto o microfone passava, uma das crianças o desligou, fato que impediu a gravação integral do encontro.

Durante as histórias que elas contavam, eu vibrava com detalhes tão ricos sobre suas concepções de mundo. Pensem no meu desespero assim que percebi que não havia gravação e que eu contava apenas com a minha memória. Minha solução foi a de correr para casa e gravar um áudio com tudo aquilo de que me lembrava. Mesmo diante desse cenário, reconheci sete histórias contadas por elas:

Tabela 3 - Histórias contadas no segundo encontro com as crianças

HISTÓRIA 14 – Lugares que as crianças não podem ir
HISTÓRIA 15 – Relações sexuais na infância
HISTÓRIA 16 – Meninos têm sentimentos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 17 – As crianças de Deus, desobedecer é bem legal!
HISTÓRIA 18 – Desabafo sobre relação professor x aluno
HISTÓRIA 19 – Diferenças entre professoras legais e chatas
HISTÓRIA 20 – Comitê, um lugar onde as crianças se sentem ouvidas

Fonte: Produção da própria autora.

TRANSCRIÇÃO COMPLETA:

PESQUISADORA: Na reunião de hoje, dia 22/10/2022, alguma criança apertou para desligar o gravador e eu perdi a maior parte da discussão. Então, eu vou tentar recapitular as coisas que as crianças discutiram. É, nós demos continuidade para a leitura do livro. E fomos na parte em que Éééé o Ele [personagem principal do livro] percebeu que os lugares estavam ficando sem cor e que ele precisaria devolver, né?... os lugares que ele estava colecionando. Nisso, eu perguntei para as crianças, quais os lugares que elas não podiam ir e como resposta, o VINICIUS falou:

- Não pode ir em balada.

Aí, depois começaram a falar do boteco, ééé, de bar, mas aí algumas crianças contestaram, falaram que já tinham ido para um bar. Aí, começaram a falar:

- Não pode tirar cocaína, não pode ééé, usar armas, drogas, cigarro.

Aí uma criança falou assim, ééé:

- Mas, eu vou no bar para comprar cigarro pro meu primo.

É, começaram a fazer uma distinção entre 5 coisas: o que... os lugares que as crianças não podem ir, as coisas que as crianças não podem fazer, os lugares que as crianças não querem ir, as coisas que as crianças não querem fazer (HISTÓRIA 14 – Lugares que as crianças não podem ir).

E o que acontece..., na verdade, o que as crianças não querem que aconteçam, que os adultos falam que não pode acontecer, mas que acontece, tipo uma violência sexual. Porque uma das crianças começou a falar assim ééé:

- Criança, não pode fazer relação, não pode ter relação sexual. Foi isso que eu aprendi na escola.

Aí teve uma reação de tabu assim. Aí eu falei:

- Não, vocês podem falar sobre essas coisas aqui, porque, lembra, não vai ser o nome de vocês que vai aparecer. Aí elas sentiram relaxadas e começaram a falar. Uma delas perguntou:
- Uma criança de 4 anos pode ter um bebê?

Aí a outra respondeu:

- Não!

Aí eu também respondia. Falei não, porque o corpo dela não está pronto. Aí uma das crianças falou assim, éeé:

- Quando começa a menstruar, quando tem a menstruação, aí pode começar a engravidar.

Aí a outra falou assim:

- É quando entra na puberdade.

Aí outra criança perguntou:

- Mas uma criança de 16 e uma pessoa de 16 anos pode engravidar?

E aí... Isso, as crianças falaram que depende do corpo, de como é que o corpo está, se o corpo está pronto ou não (HISTÓRIA 15 - Relações sexuais na infância).

Éé́é, as crianças também falaram sobre a desobediência. Falaram que quanto mais aventura tiver naquilo que elas estão desobedecendo, é mais legal. E que mais que elas falaram? Ah! O JOÃO uma hora falou assim:

- A minha professora disse que eu não tenho direito, de que eu não sou digno de participar do comitê.

E aí todas as crianças ficaram muito bravas com isso e começaram a defender o JOÃO falando que se ele, se ele está aqui é porque ele quer, porque ele se inscreveu, ele quis participar, ele foi sorteado e ele estava indo para o comitê, então, sim, era um direito dele.

Uma coisa que ficou bem explícita é a divisa que tem entre meninos e meninas, éééé o quanto um persegue o outro, porque nessa o VINICIUS e a BEATRIZ ficaram discutindo, tipo falando, que uma, que um faz bullying pro outro que... A BEATRIZ disse que o VINICIUS é muito baixinho e que ele tem que ser zuado por isso. E o VINÍCIUS que fica muito incomodado, tanto é que uma hora ele falou assim:

- É, as meninas precisam entender que a gente tem sentimentos. Que a gente tem sentimentos (HISTÓRIA 16 – Meninos têm sentimentos – conflitos entre meninas e meninos).

Outro assunto que apareceu é que algumas crianças são de Deus e outras são vida louca e que a vida louca está relacionada à desobediência e que desobedecer é bem legal. Isso porque traz aquela adrenalina. E ser uma criança de Deus, é a criança que vai para a igreja, é a criança... É a que faz as coisas de Deus (HISTÓRIA 17 – As crianças de Deus, desobedecer é bem legal!).

E hoje começaram a participar também o JOÃO e o LORENZO. As crianças falaram também sobre a relação ééé professor, aluno. Que a GABRIELE estava bem indignada com uma professora em que os alunos falam, falam, falam muito e é e não tem nenhuma consequência, tipo colocar... ééé dar bronca, colocar o nome na lousa, descer pra orientação e levar advertência. É, e as crianças fizeram vários desabafos sobre a relação que os professores têm com as crianças, principalmente assim, tipo, de não deixarem elas conversarem (HISTÓRIA 18 – Desabafo sobre relação professor x aluno).

E que entre as professoras elas se conversam. O JOÃO fez vários desabafos, assim, tipo deee, de ser chamado de burro e que essas ele responde mesmo a professora, do tipo:

- Se eu sou burro é porque você não está sabendo me ensinar direito. Eu estou seguindo o seu exemplo.

E aí a BEATRIZ e o VINICIUS colocaram a diferença entre a professora de ciências e a professora de matemática. Parece que é professora de matemática, ééé aproveita as figurinhas da copa pra comprar, trocar, vender figurinhas e usa essa matemática durante a sala de aula. E a professora de ciências. Ela é bem rígida e que só dá atividades, assim, que é bem difícil para eles (HISTÓRIA 19 - Diferenças entre professoras legais e chatas).

E hoje, estiveram presentes. É ISABELA, GABRIELE, BEATRIZ, JOÃO, VINICIUS e LORENZO. Foi impressionante ver como as crianças se envolveram muito com as temáticas assim que elas sentiram escutadas mesmo e, inclusive, essa foi uma temática que eles colocaram, que no comitê é um espaço que as crianças podem mesmo falar tudo aquilo que elas pensam e que isso é bem importante (HISTÓRIA 20 - Comitê, um lugar onde as crianças se sentem ouvidas).

O terceiro encontro, que aconteceu dia 03 de dezembro de 2022, teve um evento exclusivo. Estiveram presentes somente Beatriz e Isabela. Isso permitiu abrir um campo de discussões que eu percebi que atravessava todo encontro: ser menina na sociedade. Iniciamos o encontro lendo o livro e a conversa parecia seguir um roteiro de perguntas e respostas, até o momento em que Beatriz comentou: “Fica sem graça quando os meninos não estão, né?”. Aproveitei o comentário para provocar e tal provocação destravou uma enxurrada de histórias sobre as violências que as meninas sofrem. Tanto é que depois que analisei este encontro uma nova marcação foi criada e revisitei todas as transcrições: *conflitos entre meninas e meninos*. A partir da história 24 a marcação se inicia neste encontro e desde então somente duas histórias deste dia não apresentam tal categoria.

Tabela 4 - Histórias contadas no terceiro encontro com as crianças

HISTÓRIA 21 – O que as crianças querem que mude na Cidade das Crianças
HISTÓRIA 22 – Os *degrais* na minha escola
HISTÓRIA 23 – Uma cidade construída por crianças e silêncios
HISTÓRIA 24 - História de quando os meninos não vêm – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 25 - História “Eu só tô poupando vocês” - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 26 – A professora não liga, finge que a gente não existe – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 27 – Ele é mor machista – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 28 – Ela não acreditou – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 29 – Ele falou que era frescura – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 30 - História da cólica na educação física – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 31 – Meninas jogam vôlei, meninos jogam futebol – conflitos entre meninas meninos
HISTÓRIA 32 - Histórias de futebol para meninas – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 33 – Quando comecei a jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 34 – Quem defende as meninas – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 35 – Quem estressa são os meninos - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 36 – As causas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 37 – As agressões entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 38 – As fofocas e intrigas com as professoras – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 39 – O menino pedindo ajuda para conquistar a Lúcia
HISTÓRIA 40 - As consequências das brigas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 41 – A prova SARESP

Fonte: Produção da própria autora.

TRANSCRIÇÃO COMPLETA

PESQUISADORA: A gente está discutindo a coisas por meio desse livro, né? E aí a gente viu, nesse livro, como é que.... O Ele [personagem do livro] que, que menino gostava de colecionar lugares, né? Aqui, que ele tinha medo de se esquecer das coisas e por isso ele começou a colecionar os lugares dentro de uma latinha e aí depois éééé ele percebeu que os lugares precisavam ser devolvidos, né? Para voltar a ter cores, pra todas essas coisas [mostrando as ilustrações do livro para as crianças]. Então hoje a gente vai éééé, meio que finalizar a leitura desse do livro, começar a pensar em como é que uma criança pode pensar a cidade? Tipo que fosse uma cidade governada por crianças? Como seria essa cidade? Está bom? Mas aí, a gente vai, primeiro éééé terminar aqui a parte do livro e depois a gente conversa sobre isso, tá bom?

BEATRIZ: Eu fiz uma pesquisa com os meus amigos da escola.

PESQUISADORA: Você fez uma pesquisa?

BEATRIZ [disse sobre alguma coisa que estava com a mãe dela... não deu para entender muito bem...]

PESQUISADORA: Quer pegar? Pode ir lá, a gente te espera.

GABRIELE mostra o papel em que estava a pesquisa dela.

PESQUISADORA: É a pesquisa que você fez?

[A menina acena que sim]

PESQUISADORA: Legal!

Eu preciso contar uma coisa: queeee no último encontro deu um problema no meu celular e eu perdi toda a gravação. Aí eu consegui gravar só o que eu lembrava assim, do que a gente discutiu. E aí, hoje eu vou deixar até assim, meio visível, para ver se está gravando ou não. Coisas de pesquisa, que acontecem.

Aqui, eu vou ler, então a parte que falta e depois vocês podem compartilhar essa pesquisa que vocês fizeram.

ISABELA: ÍÍÍ, mas a minha pesquisa está com a minha mãe.

PESQUISADORA: Mas aí você pode lembrar, é, você pode comentar ou contar, né? Que que que vocês fizeram? Porque que vocês fizeram, o que que vocês lembram do da pesquisa. Tá bom?

Bom, então vocês lembram dessa parte da história em que ele guardava as coisas, os lugares, tanto é que a gente fez aquele envelope para guardar os lugares e depois ele percebeu que a, que a lata estava muito cheia. Então, eu vou continuar aqui, tá bom? “Um dia, quando sua lata estava quase cheia, ele resolveu que deveria abrir a lata e devolver todas as coisas

para os seus lugares. Mesmo com medo de esquecer tudo. Qualquer coisa, ele tinha os livros de Geografia, os mapas, mas que não são a mesma coisa. São folhas planas em que você passa a mão e nem sente a textura, o cheiro, os sabores que formam as paisagens, o que fazer? Mesmo com medo de esquecer tudo, acabou fazendo. Puxou a tanta vé [se corrigiu] a tampa da velha lata de manteiga e deixou que tudo aquilo que estava ali guardado voltasse para o mundo, para as pessoas. Foi aí que ele teve uma grande surpresa. Não esqueceu. Tinha lembrança de todos os lugares: de suas viagens e passeios, de todos os espaços que ainda ficavam colados em seus pés e também no resto do corpo. O menino continuou viajando, andando, continuou colecionando lugares. Mas a velha lata não ia mais, ficou bem guardada escondida debaixo da cama de seu quarto. Ele compreendeu que os lugares ficam guardados dentro da gente. Compreendeu que, que se lugar é gente, Gente, é lugar".

E assim a gente conhece o Jader Janer, que quem escreveu essa história. E esse é o Rodi, que é quem fez as ilustrações. Agora eu queria que vocês compartilhassem um pouquinho sobre que pesquisa foi essa que vocês fizeram e o que que vocês lembram é do resultado. Aí Beh, a gente vai usar o microfoninho. Eu estava falando pra Tali que a gravação do último encontro deu um problema EE, aí eu perdi ela quase que toda. Então eu estou deixando o celular bem assim visível pra ver se está gravando mesmo, tá bom? Aí quem fizer começar ou contar o que foi a pesquisa que vocês fizeram...

Quem que propôs essa pesquisa?

BEATRIZ: O Marcos.

PESQUISADORA: O Marcos? E aí que que ele pediu para vocês fazerem?

BEATRIZ [em voz baixa]: Pra perguntar para os colegas o que elas queriam que mudasse na cidade das crianças.

PESQUISADORA: Aham.

ISABELA: Aí eu fiz, pra não esquecer, eu marquei num papel Aí, uma dessas foi melhorado a melhorar, a melhorar as calçadas e ter mais coisas paras as crianças brincarem nas calçadas.

PESQUISADORA: E você fez a pesquisa onde?

ISABELA: Na minha escola também.

PESQUISADORA: Aham

BEATRIZ: E aí pediram mais acessibilidade em parques, em qualquer outro lugar, mais divulgação das ruas do brincar. ÉÉÉ. ter uma lata de lixo espalhado pelas ruas e mais

rampas para os cadeirantes nas calçadas, sabe? Tentar melhorar o asfalto das ruas e ter mais bancos pela cidade.

PESQUISADORA: Bancos? Bancos de sentar? 07’11”

[A menina acenou com a cabeça que sim]

E na sua, que que você lembra que as pessoas falaram?

ISABELA: Mais acessibilidade nos lugares. ÉÉÉ. Uma rampa nas escolas caso tenha algum cadeirante que não possa subir as escadas como na minha escola, né?

PESQUISADORA: Eu já dei aula na escola dela.

ISABELA: Ter mais brinquedos, lugares para sair. No final de semana piscinas não tão lotadas. Aí foi só isso que eu lembro.

PESQUISADORA: Aham, e aí agora eu queria saber, assim é por vocês, não por aquilo que as crianças falaram... Porque estão no comitê desde o começo do ano. Não... A BEATRIZ está desde desde quando BEATRIZ? O ano passado você já estava? É né? E aí é. Acho que as pessoas sempre vêm trazendo propostas para pensar sobre isso, pra vocês fazerem pesquisas ou trazem material... Aí depois de todas essas vivências que vocês tiveram, que que vocês, enquanto crianças, ééé consideram assim importante, do tipo que fosse uma cidade pensada, né? planejada, construída por crianças, como seria essa cidade? Que que vocês imaginam? Porque às vezes tem aquilo que os adultos falam que é importante. Mas eu considero que também tem aquilo que as crianças entendem que é importante, entendem, que tipo que vocês entendem por vocês, sabe? E eu fico mais curiosa para saber, isso, do que vocês pensam, do que os adultos acham que deve ser uma cidade melhor, sabe? [silêncio] Deu pra entender, ficou muitooo...

BEATRIZ: Deu pra entender. É só pra pensar.

ISABELA: É ter mais acesso aos lugares, mais acessibilidade, porque tem gente que mora, ééé, no outro lado da cidade, não tem coisas próximas pra vir para cá, demora muito.

PESQUISADORA: Essa Acessibilidade que você fala é assim, transporte?

ISABELA: É.

PESQUISADORA: EE que coisas que são essas que poderiam ter nos lugares, assim que você fala assim, aí, por exemplo, “a pessoa mora longe lá não tem coisas”. Que coisas são essas?

ISABELA: Tipo postinho (UBS), posto de gasolina. São coisas que tem no centro, mas não tem nos bairros afastados. Semáforo. Que nem, tem bairro que não tem semáforo. Precisava. Lombada...

PESQUISADORA: Por exemplo, você, enquanto criança, o que você sente falta no seu bairro?

ISABELA: Lombada.

PESQUISADORA: Lombada? Por que você acha que lombada faria diferença?

ISABELA: Porque tem motoqueiro lá no meu bairro que passam voando. Esses dias o motoqueiro quase atropelou a minha irmã, porque ele estava fugindo da polícia, empinou. Se a minha irmã não tivesse jogado pro outro lado, tinha pegado no vidro. Tava ela, o marido e as duas crianças. Aí tinha acertado ela, o marido e as duas crianças. Aí a lombada faria diferença, porque esses dias colocaram uma lombada lá. Deu uma melhorada no bairro. Só que tiraram a lombada, aí piorou.

PESQUISADORA: Entendi.

E você, Beh, o que que você, assim, o que seria importante? Como é que seria essa cidade pensada e construída pelas crianças? [silêncio] Ou vocês acham que, por exemplo, a cidade que a gente tem ela já está boa o suficiente para as crianças? [11'56"]

BEATRIZ: Eu acho que as crianças poderiam sair de casa, tipo, estudar numa escola muito perto, mas minha mãe não deixa eu ir andando, porque é muito perigoso. Eu queria que as crianças pudessem brincar na rua e *issem* andando pra escola, mas não pode.

ISABELA: Ter mais segurança, né?

PESQUISADORA: E aí, vocês acham é que essa segurança? É tipo um segurança do trânsito. A segurança de ser assaltado? Que tipo de segurança é essa? [silêncio]

ISABELA: É segurança de atropelamento. Que esses dias aconteceu atropelamento lá perto de casa... Sequestro...

PESQUISADORA: Se a gente fosse pensar assim, é. Os lugares que as crianças hoje frequentam na cidade, por exemplo, é a escola ou outras precisam ir pro hospital? Ou, às vezes, vai ao teatro, ou às vezes vai ao parque, tipo esses lugares. O postinho... É, quais outros lugares? No shopping ou...

ISABELA: num parque (HISTÓRIA 21 – O que as crianças querem que mude na Cidade das Crianças).

PESQUISADORA: No parque. Como é que seriam esses lugares se eles fossem pensados e planejados por crianças?

BEATRIZ: A minha escola tem muita escada pra subir. Eu acho que deveria por elevador ou rampa pra criança subir.

ISABELA: Na minha escola também tem escada. Esses dias uma criança quase bateu a cabeça porque tropeçou. Aí deveria colocar uma rampa ou colocaria uma rampa do outro lado e entraria por lá. trás.

BEATRIZ: Na minha escola tem 250 *degrais.* É bem perigoso.

PESQUISADORA: 250? Como você sabe esse número?

BEATRIZ: É porque cada escada tem 50, nossa.... Aí é por semana. Na hora de descer e subir.

PESQUISADORA: Ah... num dia um aluno sobe e desce 250 degraus?

BEATRIZ: Sim, porque sobe pra aula, desce pro lanche, sobe as escadas pra aula de educação física. Aí quando precisa pedir... muitas vezes as crianças derrubam coisas no chão e aí tem que pedir coisas pra limpar. Aí tem que descer e subir de novo (HISTÓRIA 22 – Os *degrais* na minha escola).

PESQUISADORA: Aha. Aí fica muito cansativo.

Olha só, aqui no livro o Jader termina assim: “Se lugar é gente. Gente é lugar.” Como é que a gente pode pensar o quanto as pessoas transformam ou fazem os lugares que elas ocupam? Então, por exemplo, quando vocês estão aqui tentando as transformações da cidade. Tipo, como é que uma pessoa pode construir um lugar? Vocês sentem éé́é, vocês sentem que vocês estão construindo Jundiaí? Ou não?

ISABELA: Não. [interrupção por uma outra criança que não faz parte da pesquisa, que veio pedir ajuda]

PESQUISADORA: Acho que vamos mudar um pouco a pergunta. Tipo vocês com a idade que vocês têm, são um tipo de criança. Se a gente pensar numa cidade para crianças de três anos de idade, como teria que ser essa cidade?

ISABELA: Ter coisas mais baixas.

PESQUISADORA: Ter coisas mais baixas? [SILÊNCIO]

BEATRIZ: Precisava ter um lugar especial pra essas crianças, porque elas não conseguem fazer as coisas sozinhas. Lavar a mão sozinha... [SILÊNCIO]

PESQUISADORA: Acho que a gente podia, porque eu volto dia 17, no encerramento de vocês, tentar em desenhos ou construções, sei lá... fazer alguma coisa, né? De planejar essa cidade. Tipo, o que que você gostaria de pensar ou de ficar responsável na cidade, sei lá, pela parte de educação? Aí você pensaria em escolas, como seriam as escolas ideais para as crianças. Aí, sei lá, você poderia fazer responsável pelo... o que você teria vontade de

pensar para uma cidade?... Do brincar... Então, o que você faria para deixar a cidade mais brincante? Sabe, dividir assim...? O que você gostaria de pensar assim?

BEATRIZ: Nas escolas...

PESQUISADORA: Nas escolas?

[Silêncio] Acho que eu tenho folha aqui, acho que a gente podia... [Silêncio]

Acho que a gente já podia fazer agora. O que vocês acham? Vocês estão afim ou não? [Silêncio] (HISTÓRIA 23 – Uma cidade construída por crianças e silêncios).

BEATRIZ: Fica sem graça quando os meninos não estão, né?

PESQUISADORA: Fica meio silenciosa, né?

A gente pode ver também se a gente sente que a gente já conversou sobre o que a gente queria conversar, a gente pode terminar antes.

A olha só que interessante, com isso dá pra gente pensar que "gente é lugar e que lugar é gente" do tipo a pesquisa fica muito mais legal quando tem outras pessoas aqui também, né? O lugar fica mais legal, mais interessante. É eles fazem um tipo de provocação que dá vontade de rebater, não é?

ISABELA: Dá!

BEATRIZ: Dá vontade de rebater e acabar com eles.

PESQUISADORA: Acabar com eles? É isso, acabar com eles?

BEATRIZ: Aha.

PESQUISADORA: Vocês sentem, enquanto meninas, que, tipo, a opinião de vocês não é muito levada a sério? Ou as coisas que vocês falam éé é meio que menosprezada pelos meninos ou alguma coisa assim?

BEATRIZ: Às vezes.

ISABELA: Às vezes (HISTÓRIA 24 - História de quando os meninos não vêm - conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Aha, vocês lembram assim, tipo de alguma situação que isso aconteceu? [ISABELA faz cara que parece ter algo para contar.] Eu acho que a ISABELA tem. Hahaha. Topa contar? Tá, mas é que é. É.

BEATRIZ: As professoras, elas sempre chamam os meninos. Só que os meninos da minha sala, é tudo um bando de frango que não consegue carregar uma cadeira. Aí tem menina que gosta de ficar levando as coisas pra cima e pra baixo só pra sair da sala. Aí eu

fui reclamar com a professora, aí ela virou e falou assim: “Não, eu só tô poupando vocês.” Mas ela só deixa os meninos. A gente até pede pra levar, e ela só chama os meninos (HISTÓRIA 25 - História “Eu só tô poupando vocês” - conflitos entre meninas e meninos).

ISABELA: Na minha escola, a professora pede pra alguém fica quieto, aí o menino não fica e a gente fala: Prô, pede pro menino ficar quieto. A professora não liga, finge que a gente não existe. Pra carregar coisas também. É difícil um pouco. Às vezes vai, às vezes não vai (HISTÓRIA 26 – A professora não liga, finge que a gente não existe – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Porque, olha eu já passei por várias escolas, né? E aí, inclusive na escola da ISABELA e na minha aula, saiu arranca rabo que foi, nossa, que deu o maior fuzuê, não é?

ISABELA: Um menino na minha sala é pior, falam que ele é maior machistas. Toda vez que uma menina vai reclamar ele fica rebatendo, rebatendo, aí o menino vai falar, ele está quieto, é?

BEATRIZ: E tem muito mais situação que a gente vê que é machismo. Mas agora eu não tô lembrando de nenhuma. [trecho inaudível devido aos barulhos ambientes] (HISTÓRIA 27 – Ele é mor machista – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: E a história que você lembrou? Tudo bem compartilhar? se você quiser, eu posso botar outros nomes assim, tipo descaracterizar, sabe? Mas pra gente saber mesmo da situação porque eu me interesso mais pela situação do que pelas pessoas.

ISABELA: Eu quero tentar.

PESQUISADORA: Ahn, vai.

ISABELA: Esses dias, pode bater cards da copa na escola. Aí na aula de inglês a gente tá fazendo um álbum da copa lá. Eu já completei. Aí, tipo assim ele fica roubando figurinha da professora. Aí a professora briga com ele. Aí esses dias ele foi bater com os meninos. Os menino virou todas as figurinha, ele foi pra cima dos menino. Aí os menino meteu o soco no olho dele e o olho dele ficou desse tamanho [a menina demonstra com a mão o tamanho do olho].

PESQUISADORA: Ahn, nossa!

ISABELA: Depois ele foi chorar, fala que não aconteceu nada, que ele não fez nada. Aconteceu do meu lado! E ainda derrubou o computador da professora e a professora ainda acreditou nele.

PESQUISADORA: Ahn! Caramba. E aí qual foi o desfecho? Alguém... o que que aconteceu depois?

ISABELA: Aí eu fui lá na Adriana. Aí a Adriana falou que ia chamar a mãe dele. Aí a mãe dele até hoje não apareceu lá. E a pro Edilene falou que a mãe dele só tem coragem de falar no grupo [de whatsapp] ou por telefone, porque aí não tem medo. Ela tem medo de falar pessoalmente.

PESQUISADORA: Aham. Nossa, que situação. E aí, o que vocês acham que é a situação de deveria ser resolvida como? Que que vocês acham que deveria ser feito assim?

ISABELA: É. É. Eu falei pra prô, eu, a, Maria a gente falou pra prô. Mas tipo assim, ela não acreditou, né? Ela só acreditou quando o Yuri falou. Quando ele mostrou o olho, mas quando eu, a Maria e a Lara, Kimberly, as menina foi falá, ela não acreditou (HISTÓRIA 28 – Ela não acreditou – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Uhn. Então, tipo, falta os adultos de alguma forma, acreditarem mais em que as meninas estão falando. É uma situação chata, não é?

BEATRIZ: Teve uma vez que eu fui no banheiro porque eu estava menstruada e com o absorvente na mão e eu falei pro professor que eu estava com cólica e que precisava ir ao banheiro. Aí ele olhou pra mim e falou que era frescura (HISTÓRIA 29 – Ele falou que era frescura – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Ahhmmm!!

ISABELA: No ano passado também aconteceu isso, na aula de educação física ainda. Eu disse assim: “Professor, eu posso sentar um pouquinho porque estou com cólica?” e ele “Nãooo, isso é frescura sua. Você vai jogar futebol sim.” Eu não queria jogar futebol, porque a quadra estava dividida. Os meninos jogando futebol de um lado e as menina jogando vôlei, basquete do outro. Aí ele falou assim: “Você tá reclamando muito, você vai jogar futebol”” Aí eu saí escondida e fui lá na Adriana. [25’12”]

PESQUISADORA: Aha.

ISABELA: Pra resolver.

PESQUISADORA: E aí a Adriana fez alguma coisa?

ISABELA: Foi lá e converso.

PESQUISADORA: Nossa! (HISTÓRIA 30 - História da cólica na educação física - conflitos entre meninas e meninos).

BEATRIZ: O professor sempre separa menino E menina. Não pode jogar menino com menina.

PESQUISADORA: Sério?

BEATRIZ: Sério. Tipo, eu adoro jogar futebol e eu tenho uma amiga que ela joga muito bem também e ela adora jogar futebol, só que as meninas não sabem jogar futebol, elas ficam jogando vôlei e ainda quebram a cara jogando vôlei (HISTÓRIA 31 – Meninas jogam vôlei, meninos jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Mas vocês acham que são poucas as meninas que jogam futebol? Porque o futebol ainda é pouco incentivado pras meninas?

ISABELA: Sim. Tem a professora de educação física desse ano, no começo do ano, os meninos e as meninas queriam jogar futebol. Os meninos foram todos de chuteira. Aí eu, a gente tem um grupo. Aí os meninos falaram assim: quem vai querer jogar futebol amanhã? Aí quem quiser joga, quem não quiser a gente divide a quadra, né? Aí um monte de menina confirmou, a professora não deixou. Um monte de menina foi de chuteira, meião, blusa de time... a professora não deixou, dividiu a quadra, mandou a gente jogar vôlei, mas a gente não queria jogar aquilo, a gente queria jogar futebol. Aí a gente ficou lá, porque a professora tirou a gente da aula, só porque a gente reclamou porque queria jogar futebol.

PESQUISADORA: Ela tirou vocês da aula?

ISABELA: Tirou, porque a gente queria jogar futebol e ela não deixava. Ela só deixou o Yuri de fora, porque ele começou a brigar com os meninos e ela é japonesa também. [O menino que foi referenciado é de família asiática]. Aí a gente queria jogar futebol e ela não deixou, tirou a gente da aula e colocou a gente lá no pátio. Aí a Adriana foi falar com a gente e aí elaaa, a gente contou tudo para a Adriana e a Adriana deu uma bronca nela. Ela disse que menina pode sim jogar futebol, que a gente sempre jogou futebol, né? Desde o G5 a gente jogou futebol, a gente joga futebol com os meninos. Aí a professora falou que não podia e aí a Adriana disse que podia sim.

PESQUISADORA: Depois a professora de educação física deixou vocês jogarem futebol?

ISABELA: Depois de uns dois meses a professora deixou a gente começar a jogar futebol (HISTÓRIA 32 - Histórias de futebol para meninas – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Nossa!... Com quantos anos vocês começaram a jogar futebol? A ISABELA falou do G5, né?

BEATRIZ: Com nove, porque no começo eu não gostava muito de futebol, aí eu comecei a jogar. O problema é que os muleque da minha sala é tudo um bando de cavalo que não sabe jogar. Juro! Olha isso, esse roxo (me mostrou um roxo na perna), isso aqui, ó, é tudo eles acertando minha canela. Eu sempre devolvo.

ISABELA: Eu comecei a jogar futebol com uns três, quatro anos, que eu treinava com meu sobrinho né? Aí depois eu comecei a jogar na escola, ééé, não acontece o que acontece com a BEATRIZ, mas os menino marca falta mesmo. Aí tipo ééé, tem vezes que os menino vai marca falta e não dá, aí fala assim, os menino tá com coragem e fala assim: vem você, você vai marcar falta pro time, você vai chutar pro gol. Aí é assim, os meninos fica de fora. As menina num fica de fora, ninguém fica de fora mais, depois que Adriana chamou a professora (HISTÓRIA 33 – Quando comecei a jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Por exemplo, na sua escola dá pra perceber que a Adriana, que é a diretora, é que defende as meninas, né?

ISABELA: Ééé, ela defende os meninos e as meninas, depende de quem tá certo.

PESQUISADORA: Sim. Na sua escola Beh, você sente que tem alguém que as meninas podem confiar, pra ir por exemplo, reclamar dessas situações?

BEATRIZ: A Adriana e a Jaqueline.

PESQUISADORA: A Adriana e a Jaqueline. Quem são elas?

BEATRIZ: Minha professora de Matemática e a de Ciências, História e Geografia.

PESQUISADORA: Ahmm, aha.

BEATRIZ: O bom da Adriana é que ela não é diretora, ela é só professora, então não tem como... Aí sempre que acontece alguma coisa nova, de algum moleque chato, ela vai, ela vai refutando, refutando até calar a boca deles e eles deixarem a gente fazer o que a gente quer.

PESQUISADORA: Aha, sim. Era isso que eu ia perguntar, tipo, o que elas fazem pra defender vocês?

ISABELA: A pro Edilene ela defende as meninas porque ela vê o comportamento dos meninos, já a pro Marilza não, a pro Marilza ela não defende as meninas, defende os meninos, sendo que os meninos que estão errados.

PESQUISADORA: Aha e na sua BEATRIZ?

BEATRIZ: Na minha a gente tem uma professora que ela não joga futebol, mas ela torce pro nosso time que eu. E esses dias era uma atividade que tava perguntando a probabilidade do nosso time ganhar alguma coisa. Aí ela falou que torcia pro Corinthians e que tinha muita probabilidade de ganhar, que o time era muito bom. Os muleque viraram, começaram a olhar pra ela com uma cara. Aí ela perguntou pra eles "O que é que vocês estão me encarando?". Aí os meninos falaram assim: Mas, nossa você torce pra esse time?" E ela respondeu: "Qual o problema?" Aí eles ficaram quietos.

ISABELA: Já aconteceu também com a Maria. A Maria estava conversando comigo. Eu falei: "Maria, qual time você torce?" Aí ela falou assim: "Eu torço pro Flamengo." Aí os meninos viraro e ficaram tudo olhando pra ela. Aí eu virei pra eles e falei: "O que vocês tão olhando aqui? Perderam alguma coisa?". Aí eles falaro "Maria, você torce pra algum time?" O Matheus, né, que falou. Aí ela falou: "Torço. Algum problema?". Aí ele falou: "Nada não estressadinha!" Aí ela falou: "Sou estressadinha não! Você vai ver estressadinha na sua casa, daqui a pouco!" (HISTÓRIA 34 – Quem defende as meninas – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Aha. Mas vocês acham que as meninas são estressadas?

ISABELA: Não.

BEATRIZ: Não. Quem estressa são os meninos.

ISABELA: É. Os meninos que provocam. Depois não quer apanhar (HISTÓRIA 35 – Quem estressa são os meninos - conflitos entre meninas e meninos).

BEATRIZ: Os moleques da minha sala até que são bem de boa. O problema mesmo é o moleque que é bem machista. Só um. Porque o resto chama as meninas pra brincar e tudo. O moleque com certeza tem um TDAH e talvez um autismo leve. Mas a mãe não liga, a mãe não liga. [31'02"]

PESQUISADORA: E vocês sabem se a escola faz algum tipo de intervenção pra melhorar isso? Pra tentar resolver isso?

BEATRIZ: Na minha escola muitas vezes ameaça chamar conselho tutelar. Tem um menino na minha sala que ele vai uma vez no mês. Eu vejo elas ameaçando chamar o conselho tutelar, que se ele não for ele vai começar a se dar mal, repetir de ano e chamar o conselho tutelar.

ISABELA: O Yuri, a Adriana mesmo chama mãe, chama pai, chama polícia, conselho tutelar... Teve uma vez que ela ligou pro conselho tutelar pra chamar pra ir lá na escola. Aí ele falou: "Não, não, eu vou". Ele mentiu o ano inteiro, mentiu o ano inteiro. Até a hora que a Adriana ligou e falou assim "Pode vir aqui na escola, por favor?" Aí ele assumiu, mas mesmo que chamou mãe, pai... pai não, porque o pai dele morreu [ISABELA falou em volume menor essa parte da frese]. Chamou a mãe, o irmão e o conselho tutelar. Ano que vem ele vai pra mesma escola que eu... (HISTÓRIA 36 – As causas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Ano que vem vocês vão pro sexto?

MENINAS: Aha.

PESQUISADORA: Vocês já sabem que escola? [As meninas começaram a dar uma risada sobre algo entre elas]. O que você está dando risada, o que você lembrou aí?

BEATRIZ: É porque eu lembrei de um menino da minha sala que me perguntou pra qual time eu torcia e eu disse que era o Corinthians e ele disse que ele também torcia. E o VINICIUS estava do lado [BEATRIZ e VINICIUS tem alguma coisa entre eles] e ele é palmeirense. Risadas.

PESQUISADORA: Mas eu queria entender o lance entre você e o VINICIUS. Vocês estão ficante, crush?

BEATRIZ: Deus me livre! Não... Ele é o pentelho da minha sala. Foi isso, um chatonildo que fica me chamando o dia inteiro.

ISABELA: Lá é ao contrário. É o Yuri com o menino do quarto ano. Dois meninos do quarto ano, na verdade.

PESQUISADORA: É o Caio? Não?

ISABELA: O Yuri.

PESQUISADORA: Mas e o menino que levou um soco no olho?

ISABELA: O Yuri.

PESQUISADORA: O Yuri! Agora encaixei.

ISABELA: E eu perdi o chinelo por causa dele.

PESQUISADORA: Por que ele tacou onde?

ISABELA: Eu que taquei nele e o chinelo estourou.

PESQUISADORA: Eita...

BEATRIZ: O VINICIUS já fez parecido! Ele foi tacar no Túlio, passou assim ó, [BEATRIZ mostrou com as mãos] na minha cara. A gente tava em dupla. Tava a Adriana aqui do lado, o Túlio na minha frente. Só que ele baixou a cabeça. Passou o tênis assim, olha. [34'01"]

PESQUISADORA: Nossa!

ISABELA: Eu acertei mesmo. Os meninos amarraram ele, né?

BEATRIZ [falava por cima da ISABELA]: Aí depois eu chutei a cabeça dele.

ISABELA: Os meninos amarraram o Yuri com fita.

PESQUISADORA: Por que que eles amarraram com fita?

ISABELA: Porque o Yuri foi lá e deu um tapa no Matheus. Engraçadinho... Aí o Matheus foi brigar com o Yuri e eu falei "Calma, respira. Não vale brigar com um toquinho de gente." Aí ele falou assim: "Tá bom". Aí depois veio o Yuri e começou a irritar, a irritar, eu falo pra professora, a professora cagando pra mim. Aí eu me estressei. Aí eu falei "Eu tô com o chinelo. Você qué que eu acerte isso daqui no meio dos seus óio?" Aí ele falou: "Vai, eu quero ver!". Aí começou a correr e eu atrás dele. Aí ele lá no fundo, aí eu só fiz assim e estourei o chinelo na cara dele.

PESQUISADORA: Nossa... Aí você foi parar lá na Adriana? [34:31]

ISABELA: Aí depois a Maria estourou o chinelo dela nas costas dele.

PESQUISADORA: Nossa. O Yuri apanha hein?!

ISABELA: Aí a gente fez uma prova SARESP esses dias e apareceu assim: "Você apanha muito na escola?" Ele tava fazendo a prova no terceiro ano. Todo mundo [respondeu]: Ish esse apanha todo dia. O Yuri vai colocar isso. Aí eu e a Maria a gente foi na diretoria, mas assim, a Adriana ela acreditou na gente por conta de ela sabe que o Yuri irrita muito a gente. Aí ela falou assim: "Vocês estão aqui com um pouco de culpa, mas vocês fizeram certo, né? Aí o Yuri chegou na mãe dele e contou outra história. Aí a mãe dele foi lá e ficou me encarando. Aí eu falei assim "Perdeu alguma coisa aqui, minha filha? Tá me olhando por que?" Ela falou: "Nada não. Foi você que bateu no meu filho." e eu "Não bati não, eu regassei." Aí eu só não bati nela porque as meninas me seguraram também.

PESQUISADORA: Mas o que ele fez pra você querer bater nele?

ISABELA: Ele me bateu, ele puxou meu cabelo, rasgou minha folha de atividade. Da Maria a mesma coisa, só que da Maria foi um pouquinho pior, porque ele deu um tapa na cara dela. Ele não deu em mim porque eu fiz assim [apresentando os movimentos com os braços]. Segurei o braço dele, né? Aí ehh, ele pegou o tênis dele, tacou na minha cabeça, na cabeça da Maria. Aí né, ele mereceu uma porrada. Aíii, deixa eu ver, ele, ele pegou a tesoura e cortou nossas trinta folhas de atividade, rabiscou a parede, colocou a culpa na gente e a professora cagando... A professora estava fofocando no celular, no grupo de fofoca dela (HISTÓRIA 37 – As agressões entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Vocês sabem como chama o grupo de fofoca dela?

BEATRIZ: Grupo de fofoca das professoras.

PESQUISADORA: Ah é?

BEATRIZ: Na verdade não é as professoras que tem um grupo de fofocas, é a minha sala mesmo.

ISABELA: A gente também tem.

BEATRIZ: Inclusive eu descobri que a Márcia ficava com o professor de Educação Física.

PESQUISADORA: Quem é a Márcia?

BEATRIZ: É a pior professora que tem na minha escola.

ISABELA: Oxii

BEATRIZ: Juro, sem sacanagem, a Márcia é uma cobra.

PESQUISADORA: O que ela faz que é uma cobra?

BEATRIZ: Muitas coisas...

PESQUISADORA: Tipo...

BÁRABARA: A minha mãe brigou com ela porque ela tinha pedido pra levar uma sacola transparente pro material. Aí minha mãe decidiu não, que eu ia levar na mochila porque tinha outras peças, outras coisas, que era melhor. Aí a Márcia falou que era ordem da direção. E minha mãe falou, “Não, não é ordem da direção, porque meu filho está no segundo e ninguém pediu pra levar nas sacolas.” Aí ela ficou brava comigo o ano inteiro. Aí ela também já aumentou a nota de uma aluna porque chorou. Foi de 8 pra 10.

PESQUISADORA: Nossa...

BEATRIZ: Ela aumenta nota de aluno. Ela...A Paloma, que é uma das minhas melhores amigas, ela já brigou com a filha da Márcia. A Márcia pega no pé dela, porque brigou com a filha dela. Além de ser uma falsa também, porque esses dias quem deu a prova do SARESP pra mim foi essa cobra. Foi pra sala do Romeu. Juro, ela é muito falsa. A Ana Cláudia que é uma das professoras de lá a gente sabe que ajuda. Aí ela falou assim: Não, eles estão felizes comigo. Minha sala devolveu três vezes pior.

PESQUISADORA: Aí todo mundo deu muita risada? Daquela risada sarcástica?

BEATRIZ: Muita falsa, você não está entendo, muito pior que ela (HISTÓRIA 38 – As fofocas e intrigas com as professoras – conflitos entre meninas e meninos).

ISABELA: Esses dias a Lúcia, do quinto ano e o Léo, do quarto ano, eles já namoraram, né? Aí eu não posso chegar em casa que o Léo me manda mensagem assim: "Me ajuda a conquistar a Maria? ISABELA não sei o que, não sei o que, não sei o que?..." Aí eu falei "Tá bom. Vou pensar num plano e depois eu te passo." Só que aí eu não falei o plano, né? Ele foi lá e encheu o meu saco, nem dormi de noite. Aí eu falei: "Amanhã você vai ver o plano." Aí eu coloquei o plano em ação, aí eles tão namorando, aí eles tiveram uma DR esses dias, né? Aí juntou os dois de novo. Aí tão lá, né? Tudo isso pelo grupo de fofoca que eu fiquei sabendo (HISTÓRIA 39 – O menino pedindo ajuda para conquistar a Lúcia).

PESQUISADORA: Vocês querem contar mais alguma coisa? Disso que a gente está conversando?

BEATRIZ: Acho que eu queria. Deixa eu lembrar.... Acho que é do anão.

PESQUISADORA: Anão? Que anão?

BEATRIZ: Não é o VINICIUS!

PESQUISADORA: Tem uma criança que vocês apelidaram de anão?

ISABELA: O Yuri.

BEATRIZ: Anão de jardim, mais especificamente.

ISABELA: Não, lá é o Gnomo do Diabo.

PESQUISADORA: Gnomo do diabo?

BEATRIZ: Juro! Dá uma olhada no meu celular. É esse ser feio aqui.

ISABELA: Ih, literalmente.

BEATRIZ: Olha isso! Não, não é esse anão aqui... É esse aqui. (mostrando outro contato)

PESQUISADORA: Como vocês chamam? Gnomo do Diabo?

ISABELA: É. Porque esses dias ele foi irritar o Pietro. O Pietro é bem mais estressado que o Matheus. Aí ele foi incomodar o Pietro. O Pietro só virou e deu um soco no olho dele. Começou a sangrar. Aí o Yuri foi e deu nele. O Pietro fez não sei o que lá. Socou a cara inteira, socou a barriga, socou tudo e... conclusão: Pietro saiu culpado. Aí a Adriana falou assim: "ISABELA você viu." o Pietro falou que eu vi, né? Aí ela falou assim "Me conte tudo." Aí eu fiz assim, contei tudo, fiquei lá umas duas horas. Perdi quase a metade da aula.

BEATRIZ: Foi sorte.

ISABELA: Não foi sorte, porque foi aula de Matemática, Português (HISTÓRIA 40 - As consequências das brigas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos).

BEATRIZ: Eu dormi esses dias na aula de Português.

PESQUISADORA: Você dormiu na aula de Português?

BEATRIZ: Então, a Márcia foi aplicar a prova esses dias pra gente né? Aí sobrou 10 minutos antes dela aplicar o SARESP. Ela falou assim: "Gente, reza aí pra prova vir fácil pra vocês." Pois é, o Bira e o Téo tiraram um terço do bolso e começaram a rezar.

[todas riram]

ISABELA: A professora que aplicou o SARESP lá na escola ela falou assim "Rezem pra vir fácil." né? Ela falou assim que ia cair mais, menos, vezes, dividir, porcentagem, fração... ia cair não sei o que, não sei o que...

BEATRIZ: Caiu número decimal com fração! Mano, eu não entendo porcaria nenhuma.

ISABELA: O meu caiu só mais e menos.

BEATRIZ: Nossa, que sorte! O meu caiu porcentagem, caiu... divisão, caiu mais, caiu menos, caiu número decimal, caiu número decimal com fração, mano!

ISABELA: Eu estudei pra isso e o meu só caiu, de matemática, caiu só mais e menos.

BEATRIZ: O bom é que eu não estudei... pra prova do SARESP (HISTÓRIA 41 – A prova SARESP).

PESQUISADORA: Bom, meninas, acho que eu vou encerrar aqui pra vocês poderem ir. Mas aí eu volto dia 17.

O quarto encontro aconteceu no dia 17 de dezembro de 2022, no *hall* entre salas de um centro cultural. Naquele dia, as crianças do Comitê trocaram chocolates num amigo-chocolate que elas fizeram para finalizar o ano. O encontro da pesquisa foi realizado após essa confraternização. Ao mesmo tempo, nesse espaço cultural estava acontecendo um evento da cidade com shows, comidas e bebidas. Foi nesse ambiente que o encontro para a pesquisa se realizou. Estavam presentes meninas e meninos, o que resultou numa quantidade grande de conflitos.

Tabela 5 - Histórias contadas no quarto encontro com as crianças

HISTÓRIA 42 – O que meninas podem fazer e o que meninos podem fazer na cidad preconceito com meninas que jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos)
HISTÓRIA 43 – Eu sei dar soco na cara – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 44 – Onde aprendi jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 45 – A dança e as crianças – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 46 – Futebol de basquete – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 47 – O recreio e a recreação na escola – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 48 – A recreação e o quintal de casa

Fonte: Produção da própria autora.

TRANSCRIÇÃO COMPLETA:

PESQUISADORA: Então, normalmente a trave microfonezinho, né? Só que deu um problema no microfone aí hoje eu vou deixar o celular aberto aqui, tá bom? Pra gente ir conversando...

Olha só o nosso último encontro, participaram só meninas, né?

GAROTO 1: Só meninas, né?

PESQUISADORA: Aham.

E aí, depois dessa conversa, né? Depois desse encontro eu fiquei pensando, Maurício, eu fiquei pensando se existe alguma diferença entre ser criança menina e ser criança menino na cidade.

VINICIUS: É claro que tem.

PESQUISADORA: Tem?

VINICIUS: Tem

PESQUISADORA: Então, aí eu queria, eu queria saber o que que vocês percebem de diferente entre o que meninas podem fazer na cidade e o que meninos podem fazer na cidade. Ou o contrário: o que meninas não podem fazer na cidade, e o que meninos não podem fazer na cidade.

CRIANÇAS FALAM: Depende da semana, do mês, do ano.

[Ao mesmo tempo outra criança fica gritando]: Eu sei, eu sei, eu sei!

PESQUISADORA: Como eu estou, como eu estou gravando, eu preciso que uma pessoa fale de cada vez. Aí, quando você for falar, você pega o celular, conta o que você quer contar e depois põe celular de novo no meio.

PESQUISADORA: Não podem andar nus na rua. Tchau, Maurício. Que você estava falando que depende do mês?

BEATRIZ: Depende da semana, do mês as meninas não podem brincar de muitas coisas. Os meninos podem.

PESQUISADORA: Ahm, tipo?

VINICIUS: Futebol, futebol americano, basquete...

BEATRIZ: Mas até coisa simples tipo, pega-pega, esconde-esconde.

BEATRIZ: É só que tem um preconceito muito grande da parte de certas pessoas.

VINICIUS: Só que tem preconceito das que jogam futebol. Vão querer tipo... lá ela joga futebol, ela não é, não é, não é mulher, não é menina, eu vi que ela quer ser homem? Tipo isso.

PESQUISADORA: Você já escutou alguém falando isso?

VINICIUS: Já.

PESQUISADORA: Já? Que comentário que você escutou alguém falando?

VINICIUS: Ah, tipo assim, eu tava jogando lá, daí um cara tava conversando com outro, o cara tava um cara falando com outro carinha lá, né? Eu tava perto dele, ele falou, nossa que eu achei ela bonita, né? Que pena que ela jogava futebol, né? Que quer se achar garoto...

VINICIUS: Às vezes tipo, só porque ela é menina e gosta de futebol, muita gente acha que ela não sabe jogar... Igual menino quando joga bola e eles acham que não sabe jogar e tal... Ou algum menino, menina que gosta de jogar basquete, mas acha que é ruim, que não tem habilidade, e no final consegue impressionar muita gente (HISTÓRIA 42 – O que meninas podem fazer e o que meninos podem fazer na cidade: preconceito com meninas que jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos).

BEATRIZ: Tô me sentindo um pouquinho humilhada, parando pra pensar.

PESQUISADORA: Oi?

BEATRIZ: Porque eu não sei jogar futebol. Eu não sei jogar vôlei. Eu não sei jogar basquete.

VINICIUS: Normal, mas sabe bater.

PESQUISADORA: Sabe bater? Mas bater bola no gol ou bater de soco?

VINICIUS: Acho que na maioria de soco.

BEATRIZ: Bater bola na cara dos outros também! Eu sou muito boa em acertar a cara dos outros.

BEATRIZ: A última vez que moleque. OOOO, VINICIUS, sabe dessa história, não sabe?

VINICIUS: Infelizmente sim.

BEATRIZ: O moleque tacou a bola na minha cara e meu óculos entortou. Olha...

PESQUISADORA: Nossa, nossa...

BEATRIZ: Só que eu não sou besta nem nada é, a gente não podia dar um chute na canela deles, quando a gente chutava, era de leve, era sem querer. Eles sabiam porque eles gritavam, faziam o maior escândalo. Aí eu bem delicada, eles tacaram a bola na minha cara. Eu mudei de posição do jogo. Eu taquei a bola na cara do garoto e ainda fiz gol (HISTÓRIA 43 – Eu sei dar soco na cara – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Nossa! Porque a BEATRIZ estava me contando no último encontro que ela gosta muito de jogar futebol, não é?

BEATRIZ: Gostar... eu gosto. Só não sei jogar.

PESQUISADORA: Mas, você começou a treinar, não começou?

BEATRIZ: Não, não, eu acho que era a ISABELA.

BEATRIZ: É porque assim, os meninos da minha sala não me *ajuda* também. É tudo um bando de cavalo jogando futebol.

PESQUISADORA: Mas quando vocês falam “é um bando de cavalo”, o que significa?

VINICIUS: Cavalo significa pessoa, tipo, em vez dela marcar ela chega em você te machucando. Tipo te, você tá com a bola assim... Vamos supor... Oh, Lucas, levanta aí, você vai ser minha cobaia [falando para Lucas]

VINICIUS: Tipo assim, o Lucas está de pé, né e ele está com a bola. Aí eu tô marcando ele, aí eu chego empurrando [ele mostra com o corpo, chegando bem próximo ao corpo da outra criança].

PESQUISADORA: Ah, entendi.

VINICIUS: Ou chega assim, dando carrinho, sabe?

BEATRIZ: Juro, na minha escola, você tá está olhando pro VINICIUS jogando futebol. Você só vê o VINICIUS caindo. Juro! Você olha ele jogando, ele tá tá uma hora jogando nesse canto, aí ele levanta, ele vai se jogar no outro canto.

PESQUISADORA: Nossa...

PESQUISADORA: Quem te ensinou a jogar futebol? Você aprendeu nas... Ah... O VINICIUS... A eu queria saber assim, se vocês apren, se você aprendeu essas coisas na escola ou se você aprendeu em casa? Eu já entendi, então, que foi em casa.

BEATRIZ: Chuta a bola na cara dos outros eu aprendi em casa. Dar chute na canela eu aprendi na escola. [09’02”]

PESQUISADORA: Tipo meio-campo assim que...

PESQUISADORA: passando a bola um para o outro.

VINICIUS: Eu aprendi a jogar futebol em casa mesmo, eu sou mais. Aquele ponto, pelo tipo, que parte para cima. Sabe aquela lá que tem aquela chapada de direita, lá. Tipo Neymar, dribla...

BEATRIZ: Cai no chão (HISTÓRIA 44 – Onde aprendi jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: E dança, vocês já dançaram?

BEATRIZ: Eu faço aula.

PESQUISADORA: Você faz aula? E você VINICIUS?

BEATRIZ: Esses dias eu apresentei no... aqui mesmo, no Expressa. Foi com o projeto “Brincar é viver!”

VINICIUS: A primeira vez que eu dancei na minha vida e a única, né? Eu ca... Na hora que eu fui fazer um passinho lá eu acabei caindo. Daí eu parei de dançar.

PESQUISADORA: Mas cê tava dando esses passos de dança onde?

VINICIUS: Na minha casa.

BEATRIZ: A gente estava tentando na Festa Junina obrigar ele a dançar, só que a gente, a gente passava por ele dançando. A gente só via ele assim, juro. É assim que ele dorme. Ele, ele... com o som altíssimo, um bando de gente dançando, ele lá na parede, encostado na Paloma.

PESQUISADORA: Nossa. Mas o que que vocês acham que acontece com relação dança? Por que que a dança é incentivada mais para as meninas do que para os meninos?

VINICIUS: Porque as meninas têm mais ideia pra dançar, as meninas sabem mexer mais o corpo. Tem aquele lá que você abre a perna assim, ó. [tipo espacate].

PESQUISADORA: Olha lá a BEATRIZ fazendo.

BEATRIZ: É, na verdade, eu estudo, a dança é incentivada para os meninos e para as meninas, às vezes até mais para os meninos. É... aonde eu estudo que é na Premiere, na Premiere não, quem dá aula na minha escola é a professora Andressa, que trabalha na Premiere. Ela já me deu aula na Premiere por um tempo, mas o projeto acabou. Aí tem dois moleques lá. Eles dançam muito. Sério. É, tem um moleque que quase acertou o pé na no meu nariz, dando pirueta, porque ele veio, ele veio correndo. Ele esperou chegar junto. Ele ficou aqui em mim. Ele deu uma pirueta pra frente, só que sem a mão. Deu pra controlar ainda menos, ele quase acertou o meu nariz, daí eu fui para trás, eu bati a cabeça na parede.

PESQUISADORA: E você, VINÍCIUS, onde é que você acha que é os meninos São convidados a dançar? Tipo, você já foi convidado a dançar em algum lugar?

VINICIUS: Na escola de dança.

PESQUISADORA: Só na escola de dança?

VINICIUS: É, mas eu nunca fui convidado assim. É que a maioria assim que eu vejo é tudo pra fazer aulinha e tal, pra dançar.

BEATRIZ: A professora convidou ele um monte de vezes. [BEATRIZ falou baixo]

PESQUISADORA: A professora o que?

[Silêncio e olhar entre eles]

PESQUISADORA: E que os meninos o que seus amigos falam sobre dançar? se já conversaram alguma vez sobre isso?

BEATRIZ: É tudo lagartixa mole.

VINICIUS: Eu já falei uma vez com eles, mas nenhum deles gosta, nenhum. [12’54”]

PESQUISADORA: Aham. Mas não gosta, é porque não sabe ou não gosta, porque já experimentou e realmente não gostou. O que você acha?

VINICIUS: Eu acho que gosto também, porque é mais pra menina mesmo.

PESQUISADORA: Por que é mais pra menina?

VINICIUS: É, por causa disso e porque eu também não sei dançar. E também porque eu nunca fui chegado à dança assim, nunca achei dança uau, que eles têm lá tudo legal.

Prefiro muito mais futebol e tem uma menina na minha sala e dela também que concorda muito bem com isso.

BEATRIZ: Olha, Giuliana, é uma exceção.

PESQUISADORA: Quem que é Giuliana?

BEATRIZ: Giuliana é uma menina que nunca usou vestido, que eu nunca vi usar maquiagem, batom, nada [entonação forte na palavra "nada"]. Está sempre com roupa largona, adora jogar futebol. E não gosta de dançar. Ela, ela é o único caso da nossa sala, porque as outras já não preferem tanto jogar. As outras também não conseguem.

PESQUISADORA: Mas a Giuliana já falou alguma coisa pra vocês sobre isso assim? Tipo...

BEATRIZ: Na verdade a Giuliana gosta de dançar. Mas dança livre, sem ela precisar decorar passos. Mas ela ainda prefere futebol. Ela é doida por futebol. Pô, eu aprendi... eu consegui driblar ela. Uma vez...

PESQUISADORA: Você conseguiu driblar ela?

BEATRIZ: Uma vez.

[VINICIUS ri ao fundo]

VINICIUS: Eu já passei umas duas canetas nela.

BEATRIZ: Um jogo eu ganhei dela.

VINICIUS: Eu já passei duas canetas nela e eu já ganhei dela. Um golaço meu. Eu passei um chapeuzinho na Adriana. Você viu [se direcionando para BEATRIZ], você era do meu time. A bola veio assim, eu passei chapeuzinho na Adriana, que é melhor amiga dela.

BEATRIZ: Tá aquele gol foi bonito.

VINICIUS: Aí eu cheguei assim, pow, bati de chapada, nossa! Saí comemorando e tal. Também uma vez a gente tava jogando futebol com espaguete.

BEATRIZ [interrompeu a fala do Vinícius falando]: E aí a gente saiu ganhando.

VINICIUS: É! E aí a gente tava jogando futebol de basquete e aí eu fiz o gol, né? Daí eu queria comemorar tanto assim, que era meu primeiro golzinho com a coisinha do espaguete, né? Daí eu fui lá e tirei a camisa assim e tal. Foi mor legal! (HISTÓRIA 45 – A dança e as crianças - conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Mas como é esse futebol de basquete?

VINICIUS: Não! É espaguete. É que tem o espaguete, tem uma bola assim, daí...

BEATRIZ: É um exercício de Educação Física. Tem duas fileiras e cada pessoa forma uma dupla. Essa dupla vai se separar nessas duas fileiras. Aí, por exemplo, o professor vai dizendo pra pessoa um, dois, três, quatro. Toda dupla tem o mesmo número e toda vez que ele falar, tipo, 4, a dupla que tá com o número 4 tem que pegar o espaguete e bater na bola até chegar no gol. Tem dois gols, um do lado do outro. É uma competição.

VINICIUS: É tipo... separa seis times assim, né? Daí vai ter três campinhos de jogos. Daí você pega, daí escolhe, daí vocês vão escolher um, né? Daí, cada um pega um espaguete e a bola fica no meio, né? **** quem começa e vai jogando. É tipo espaguete de time.

PESQUISADORA: E aí vocês estavam falando que jogaram com a Giuliana. Vocês fazem time misto ou faz meninos contra meninas?

VINICIUS: A gente que escolhe.

PESQUISADORA: E aí é misto.

VINICIUS: É. A gente tipo... primeira....

BEATRIZ: Até porque não tem muita gente suficiente pra competir com as meninas.

VINICIUS: Eu até chamei uma menina que queria jogar, né? Daí eu chamei a BEATRIZ e a Paloma e a Luísa. Daí só tinha dois meninos, o resto era tudo menina. Um menino era o Marcos e o outro era LORENZO.

PESQUISADORA: E tudo isso é na aula de Educação Física? Ou é tipo na hora do recreio?

VINICIUS: É na aula de Educação Física.

BEATRIZ: Tudo na Educação Física (HISTÓRIA 46 – Futebol de basquete – conflitos entre meninas e meninos).

VINICIUS: Na hora do recreio, a nossa escola é chata! Na moral, não pode nem levantar. Que escola chata!

BEATRIZ: Juro! Se a gente tiver levantando pra jogar o prato e chegar a Sandra, ela sai gritando com a gente, mandando a gente sentar. Isso uma vez aconteceu comigo.

VINICIUS: E a gente não pode usar nem um pouquinho a quadra pra jogar. [16’55”]

PESQUISADORA: Quais são os momentos que vocês podem usar a quadra?

[BEATRIZ E VINICIUS RESPONDEM AO MESMO TEMPO]

VINICIUS: Quando tipo não está tendo aula de educação física e a professora desce junto com a gente. Quando está na aula de educação física.

BEATRIZ: Quando tá na educação física e quem é de perua que desce.

VINICIUS: Não. De perua vai pro pátio.

BEATRIZ: Tá bom, mas ali também dá pra usar o pátio, né? Pensa um pouco.

VINICIUS: Nada a ver, porque fica nem três crianças ali brincando. Não nem pra correr lá dentro.

PESQUISADORA: E tipo, vocês têm recreio, intervalo? E o que vocês podem fazer?

BEATRIZ: Tem. Pra comer, ir no banheiro e beber água.

VINICIUS: É, só isso.

PESQUISADORA: Que outros horários existem pra vocês brincarem na escola?

VINICIUS grita: Recreação!!!

PESQUISADORA: Tem recreação?

BEATRIZ: Tem.

PESQUISADORA: Mas é uma disciplina? Como é que é?

BEATRIZ: Não. É assim: a gente ...

PESQUISADORA: A BEATRIZ explica depois o VINICIUS explica também.

BEATRIZ: É a melhor *** que tem que casar na escola de quinto ano. Aí as professoras... a gente foi um dos primeiros a acabar com o livro e tal. Livro de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia a gente foi o primeiro. Aí, as professoras vai dando ... recreio pra não acabar com o livro logo no meio do ano. Entendeu?

VINICIUS: É tipo... mais ou menos isso que a BEATRIZ falou. Daí a gente, quando a gente termina de fazer a atividade antes do horário que as professoras planejo, elas descem um pouco com a gente pra gente brincar.

PESQUISADORA: Tipo recreação.

VINICIUS: É.

PESQUISADORA: Entendi.

VINICIUS: Nós já está quase vinte minutos conversando, né?

PESQUISADORA: É. Ó, deixa eu ver. 18 e 37. E então, tipo pra vocês brincarem na escola tem o tempo da recreação, que é quando termina a atividade antes ou aula de educação física...?

BEATRIZ: Aha.

VINICIUS: Mas, o que a gente prefere bastante é mais a recreação, que tipo você não tem que seguir ordens, é só a gente escolher o que a gente quer brincar e brincar. Já na aula de educação física a gente tem que obedecer o que o professor disse.

BEATRIZ: Eu adoro a recreação porque eu acabo ***. Eu que mando naquela merda toda.

PESQUISADORA: Você que manda onde?

BEATRIZ [dando risada]: Naquela merda toda, porque a desce. Aí o povo é tudo um bando de descontrolado, retardado, que não sabe brincar sozinho. Aí eu tenho que ficar gritando (HISTÓRIA 47 – O recreio e a recreação na escola – conflitos entre meninas e meninos).

[uma pausa]

PESQUISADORA: Entendi. E ó, se não for na escola, nesse momento de recreação, qual outro momento que vocês podem escolher o que vocês querem brincar? Assim, no dia a dia de vocês...

BEATRIZ: Quando eu tô em casa.

PESQUISADORA: Na hora da saída e da entrada dá para escolher?

BEATRIZ: Na hora da saída pra ficar na nossa sala.

PESQUISADORA: E dá pra escolher?

VINICIUS: Na saída e na entrada a gente pode ficar brincando.

VINICIUS: Ou também a gente pode...

BEATRIZ: Pode nada.

PESQUISADORA: E na casa de vocês, vocês podem escolher de tudo o que vocês querem brincar?

VINICIUS: Sim!

PESQUISADORA: Sim?

BEATRIZ: Quando meu irmão tá em casa eu faço o que eu quero. Às vezes também eu mando ele ir à merda, ele brinca das brincadeiras dele e eu brinco das minha.[20’05”]

PESQUISADORA: Tem alguma coisa que vocês não podem brincar em casa?

VINICIUS: Tem vários.

PESQUISADORA: Tem? Tipo...

VINICIUS: Éééé.

BEATRIZ: Vôlei.

PESQUISADORA: Vôlei,

VINICIUS: Ah, deixa eu ver... Não dá pra brincar de futebol dentro de casa.

BEATRIZ: Não dá pra brincar mesmo de futebol. O espaço pra mim... Eu tenho 3 andares na minha casa, o primeiro tá todo bagunçado e o terceiro ele é todo aberto. E inclusive a bola eu fui chutar, né? E meu irmão estava me irritando e eu, sem paciência, chutei a bola, foi parar na casa do vizinho, inclusive estava até hoje.

PESQUISADORA: Perdeu a bola.

VINICIUS: Minha mãe não deixa eu ficar brincando com as meninas. Não sei porque...Tipo, brincar assim... brincar ela deixa. Ela não deixa... eu só posso brincar com os amigos, na verdade.

PESQUISADORA: E do que vocês brincam na sua casa?

VINICIUS: Eu fico jogando, tipo, jogos de celular ou jogo de futebol de televisão, assim e tal.

PESQUISADORA: E tem espaços que vocês podem tipo, brincar corporal? De corpo assim? Não só de celular ou de televisão.

VINICIUS: Tem, o quintal.

PESQUISADORA: Quintal. Quintal é o lugar onde pode...

BEATRIZ: Eu tenho 3 quintais.

VINICIUS: Sério? Eu tenho metade de um.

BEATRIZ: Eu tenho a garagem, que na garagem tem a piscina. O andar de cima está uma bagunça, mas dá pra jogar, até que dá pra brincar de jogar alguma coisa lá e tem a parte de cima, que não dá pra brincar de quase nada porque é aberto e eu não tenho delicadeza suficiente pra não tacar a bola nos vizinhos. A bola que eu tenho lá tá toda murcha porque o cachorro do vizinho mordeu.

PESQUISADORA: E você, VINICIUS?

VINICIUS: Que?

PESQUISADORA: Você falou que você só tem 1/3...

VINICIUS: Eu tenho metade de uma gara... de um quintal bom, não é muito grande, mas dá pra brincar um pouco.

PESQUISADORA: E aí o que dá pra brincar lá no quintal?

VINICIUS: Ah, aí eu consigo brincar deixo ver... acho que nada. Não dá muito pra brincar.

PESQUISADORA: E garagem, dá pra brincar na garagem?

BEATRIZ: Se meu pai não tiver em casa ou minha mãe. Porque aí vai tirar pelo menos um dos carros.

VINICIUS: A garagem também não dá, tá cheio de coisas.

BEATRIZ: Aí dá mais espaço. Da última vez que meu pai tirou o carro da garagem, meu primo estava lá. Meu primo tem dezenove anos nas costas e ainda parece uma criança de 6 anos. Ele foi chutar a bola, ele deu com as costas no chão.

PESQUISADORA: Ai, que dor.

BEATRIZ: Juro, ele foi chutar, ele caiu a chama, pá. De costas.

PESQUISADORA: Ui, que dor.

BEATRIZ: Ele estava com um fone no bolso.

PESQUISADORA: Aham. Nossa, essa doeu, hein? Vocês querem contar mais alguma coisa sobre a diferença do que meninos e meninas podem fazer na cidade?

BEATRIZ e VINICIUS: Não (HISTÓRIA 48 – A recreação e o quintal de casa).

PESQUISADORA: Você sabe?

Famílias chegaram e estavam com pressa.

PESQUISADORA: É, avisa a mãe. Tá bom? Eu vou encerrar, tá?

No quinto encontro com as crianças, já estávamos no ano de 2023 e retomar o contato com todas as crianças foi bem difícil, porque as famílias e as próprias crianças estavam em outra dinâmica. Nesse encontro, apenas Beatriz conseguiu participar no dia 15 de abril de 2023. Para retomar a pesquisa, foi necessário aguardar a composição do novo Comitê das Crianças. Em contato, Isabela disse que também estaria no encontro, mas na noite anterior, a família passou por dificuldades particulares e, por isso, não conseguiu ir, falta que fora justificada posteriormente ao encontro. Com Beatriz, resolvemos mudar o lugar do encontro para a entrada da Sede do Comitê, pois no mesmo momento aconteceria uma apresentação de teatro, que percorreria o galpão da sede.

Tabela 6 - Histórias contadas no quinto encontro com as crianças

HISTÓRIA 49 – Eu sou péssima escrevendo
HISTÓRIA 50 – Proposta da estrutura do livro
HISTÓRIA 51 – O funk na infância
HISTÓRIA 52 – Estrutura do livro e continuação da pesquisa
HISTÓRIA 53 – Minha nova escola
HISTÓRIA 54 – As cores da minha escola
HISTÓRIA 55 – O menino que me irrita desde a Educação Infantil – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 56 – Acidente do portão na escola

Fonte: Produção da própria autora.

TRANSCRIÇÃO COMPLETA:

PESQUISADORA: A gente... vou fazer uma retrospectiva do que que a gente fez, né? Então, nós lemos o livro do “ele”, néé? Sobre os lugares que ele passa e como ele era um colecionador de lugares. E a partir disso, a gente foi conversando sobre vários assuntos. E aí, nesses assuntos, surgiram coisas do que crianças podem fazer, do que crianças querem fazer. É de como é ser menina. Do tipo os desafios que as meninas enfrentam na escola. Ééé que mais que a gente discutiu? A gente discutiu... Ééé os lugares que as crianças vão, nos parques, não?

BEATRIZ: Os lugares que as crianças não vão.

PESQUISADORA: Isso, os lugares que as crianças não vão. Enfim, agora a gente vai começar uma segunda parte. Que é é de pensar em como é que a gente gostaria de colocar isso num livro. Como é que a gente faz? É para que as pessoas entendam o que que é ser criança na perspectiva das crianças. Porque eu já vi vocês debatendo com as atividades do comitê várias coisas de para assim que o comitê entende que é importante, mas eu queria entender mais, é assim que vocês se sentissem a vontade, de colocar como que é ser criança hoje aqui em Jundiaí, né? Então... não sei, o que as crianças encontram de facilidades ou de dificuldades ou que é legal e o que é chato, enfim. Assim... E acho que a gente pode pensar, éééé, numa história, num livro. E aí esse livro pode ser de diversas formas, pode ser um livro de desenhos, pode ser um livro de palavras, pode ser um livro de história. Pode pensar em... como que vocês consideram legal uma forma de falar o que que é ser criança na cidade.

BEATRIZ [mais silenciosa]: Um livro de desenhos.

PESQUISADORA: Um livro de desenhos? Vamos anotar nossas ideias, porque daí a gente vai elaborando. E como é que a gente vai fazer isso.

BEATRIZ: Eu falo de desenho, mas eu amo lê.

PESQUISADORA: A é?

BEATRIZ: Só que eu sou péssima escrevendo.

PESQUISADORA: Você é péssima escrevendo em que sentido assim, a gramática ou as ideais para escrever?

BEATRIZ: Sou péssima fazendo produção de texto, sabe?

PESQUISADORA: Ah, produção de texto. Uhu. Mas quem disse que você é péssima?

BEATRIZ: Eu, eu nunca tenho ideia. Eu paro no meio, sempre! Na hora de entregar prova, atividades eu sempre paro no meio.

PESQUISADORA: Aham.

BEATRIZ: Eu nunca consigo terminar. Eu uso mais de uma folha, mas eu nunca termino (HISTÓRIA 49 – Eu sou péssima escrevendo).

[PESQUISADORA retira seus materiais da bolsa para escrever as ideias que a BEATRIZ trouxe]

PESQUISADORA: Tá friozinho aqui, né?

Então um livro de desenhos.

Que mais que você teve de ideia? Livro de desenhos e o que você pensou desses desenhos?

BEATRIZ: Podia ser assim uma página, uma página desenho e outra, é, uma página escrita.

PESQUISADORA: Ahm, tá.

Uma página de desenho e outra página escrita. Vai, vai me falando as ideias que você tem, tá?

BEATRIZ: Eu não tenho ideia. Eu acordei cedo hoje, minha mente não está funcionando.

PESQUISADORA: Aaaa tá? Mas aí você pensou... Ó! Vou fazendo então perguntas para gente, é, entendendo, está bom? Então assim, é uma página de desenhos e uma página de texto. Você acha que cada criança vai fazer um desenho e escrever um texto ou cada parte vai ser sobre um assunto, por exemplo... Escolas. Aí faz um desenho sobre escola e escreve alguma coisa sobre escola.

BEATRIZ: Podia cada um ficar com um assunto. No caso, cada um faz um desenho.

PESQUISADORA: Fica com um desenho e um assunto. [PESQUISADORA anota essas informações no caderno]

Vamos pensar quais seriam esses assuntos? O que você acha que você acharia legal colocar ou o que você teria vontade de escrever sobre ou desenhar sobre? [Silêncio]

BEATRIZ: Eu não sei. Eu acho que ... escola.

PESQUISADORA: Escola.

BEATRIZ: Não sei o que mais.

PESQUISADORA: Assim, das discussões que as pessoas trouxeram para o comitê. Né? Tipo durante esse tempo, você continua no comitê, né?

BEATRIZ: Continuo.

PESQUISADORA: É, quais foram as temáticas ou, tipo, os lugares que vocês foram frequen, que vocês frequentaram?

BEATRIZ: Foi aqui na Fábrica de Infâncias, na Expressa e no hospital que a gente foi uma vez com uma van.

PESQUISADORA: Hospital (HISTÓRIA 50 – Proposta da estrutura do livro).

BEATRIZ: Nossa, a gente teve que ir daqui até o hospital escutando o funk do pão de queijo [BEATRIZ relatou em tom de desabafo]

PESQUISADORA: Sério? Com o funk do? Quem escolheu essa música?

BEATRIZ: O Marcos.

PESQUISADORA: O Marcos?

PESQUISADORA: As crianças da educação infantil que escutam funk pão de queijo.

BEATRIZ: O Marcos obrigou a gente ouvir. A gente tava implorando pra ele tirar no final.

PESQUISADORA: Você acha que o estilo, assim... como é que gente pode chamar? as músicas que as crianças do comitê éé, escutam, ou os filmes, tipo, o conteúdo cultural assim...

BEATRIZ: Vixe, o povo daqui a única coisa que eu sei que todos eles gostam é funk.

PESQUISADORA: É funk? Que tal a gente colocar um tópico funk?

BEATRIZ: Ahn? [Aparentemente não escutou]

PESQUISADORA: Que tal a gente colocar um tópico aqui de funk?

BEATRIZ [Sorrindo]: Não são muito educativos os que eles gostam não.

PESQUISADORA: Então, mas é isso. A gente não está preocupado com o educativo ou com que é certinho. A gente está preocupado com o que acontece de verdade.

BEATRIZ: Vai ter palavrão. [8’53”]

PESQUISADORA: Aham

BEATRIZ: Vai ter palavrão.

PESQUISADORA: Aham. Então vou colocar aqui um de funk. O que mais que poderia vir? [silêncio] Escola, expressa. Se for ver expressa está relacionada à cultura, né?

BEATRIZ: Uhu. [Silêncio]

PESQUISADORA: Escola, expressa, hospital e funk. Mais algum? Algum em que você se vê que as crianças conversam, as crianças pensam, só que os adultos não deixam ou os adultos ficam incomodados? [silêncio]

BEATRIZ: Nossa, da minha parte nenhum aí.

PESQUISADORA: A é?

BEATRIZ: Minha mãe não se incomoda com nenhum. Na verdade, o funk que eu mais ouço hoje, ela que me apresentou. [diz essa frase sorrindo]

PESQUISADORA: Ela quem? Quem que te apresentou?

BEATRIZ: Minha mãe.

PESQUISADORA: Aa sua mãe! Que legal. Qual que é o funk?

BEATRIZ: A queda.

PESQUISADORA: A queda? Ah! Da Glória?

BEATRIZ: Aha (HISTÓRIA 51 – O funk na infância).

PESQUISADORA: Desses assuntos, qual desses você tem vontade de desenhar ou escrever sobre?

BEATRIZ: Escola.

PESQUISADORA: Escola?

BEATRIZ: Aha.

PESQUISADORA: Então, olha, eu trouxe o material pra gente escrever e pra gente desenhar.

[PESQUISADORA tira os materiais da bolsa e oferece para BEATRIZ]

Esse daqui é lápis grafite, tá?

BEATRIZ: Aha.

Você quer um rascunho ou você quer trabalhar já nessa folha?

BEATRIZ: Vai nessa que é mais fácil.

PESQUISADORA: Tá bom.

BEATRIZ: Eu nunca passei de uma folha para outra... eu acho.

PESQUISADORA: Mas eu não tô preocupada nem com a quantidade, não estou aqui como professora. [risos] Tá bom? É pra você fazer do jeito que você quiser.

Essas canetinhas, elas são daquela ponta, vai e vem. Então se você for desenhar não estranha na hora de dar uma afundada, tá bom?

BEATRIZ: Aha.

PESQUISADORA: Vamos ver se a ISABELA chega, se...

BEATRIZ: Eu acho que chega. ISABELA sempre vem. Ainda ela confirma.

PESQUISADORA: É então. Só se aconteceu alguma coisa... Daqui a pouquinho ela tá aí. Bom, fica à vontade.

[BEATRIZ começa a desenhar]

BEATRIZ: Pode desenhar assim [folha na horizontal] ou tem que desenhar em pé? [folha na vertical]

PESQUISADORA: Pode! Pode desenhar do jeito que você quiser.

BEATRIZ [comentário sobre seu próprio desenho]: Caraca, tá muito torto!

BEATRIZ: Uma pergunta [19'49"]

O VINICIUS e o João continuam?

PESQUISADORA: Na pesquisa?

[BEATRIZ afirma com a cabeça]

PESQUISADORA: É, eles não me responderam mais nada, né? E aí, a Amélia falou que, tipo, tá esperando a resposta deles, se eles viriam ou não..., mas eles não me responderam. Não sei.

[SILÊNCIO] (HISTÓRIA 52 – Estrutura do livro e continuação da pesquisa).

BEATRIZ: Isso parece uma grade, mas realmente é. Na minha escola tem uma igualzinha.

PESQUISADORA: Sério? Tem em todas as janelas?

BEATRIZ: Tem aluno que pulou a janela. Tem aluno terrorista nesse ponto!

PESQUISADORA: Nossa!

[Silêncio]

Qual que foi o mais absurdo que você já viu da escola desde que você entrou nessa escola nova?

BEATRIZ: É um menino discutindo com a diretora, porque ela tava errada, sendo que ela para uma briga dele.

PESQUISADORA: Hum

BEATRIZ: Eu, na mesma hora, tinha ido pedir cartolina. E o pior é que eu conheço esse menino, esse menino é atentado. Ele já me acusou até de roubo.

PESQUISADORA: Nossa!

BEATRIZ: Nossa, eu estudei com ele.

PESQUISADORA: Ele é da mesma turma que você?

BEATRIZ: Não, é da mesma escola. É do 6º ano A, acho.

PESQUISADORA: E você está no sexto...?

BEATRIZ: D.

PESQUISADORA: Então, é o primeiro ano de..., o primeiro ano dele na escola também?

BEATRIZ: Eu estudei com ele por 4, 3 anos. Muito.

PESQUISADORA: Lá no Giuseppe?

BEATRIZ: E no último ano, ele me acusou de roubo por um brinquedo dele.

PESQUISADORA: Nossa...

BEATRIZ: Um relaxadeira ele.

[SILÊNCIO]

PESQUISADORA: O que que você mais sente falta do Giuseppe?

BEATRIZ: A comida.

PESQUISADORA: A comida?

BEATRIZ: Tem que pagar pela comida de lá. Lá eles até dão comida, mas a comida que tem lá é muito ruim, principalmente de terça-feira, que é macarrão com atum. A primeira vez que eu fui comer e era macarrão com atum, eu juro por tudo. Aquilo caindo da colher dela vômito, de tão ruim que era!

PESQUISADORA: Ai que desesperador!

BEATRIZ: É muito.

PESQUISADORA: E aí você tem que pagar nessa escola nova?

BEATRIZ: Não. É assim na escola nova, você tem uma cantina e tem o refeitório lá separado.

PESQUISADORA: No Marcos Giuseppe tinha cantina?

BEATRIZ: Não, só tinha refeitório. Levava lanche de casa ou comia no refeitório.

PESQUISADORA: Aham.

BEATRIZ: E tinha lanche certinho. Podia levar. Agora, nessa outra escola o bom é que o lanche pode levar qualquer um. Eu já levei refrigerante. Ninguém brigou. Eu tava crente que alguém ia brigar comigo. Eu levei meio escondido até.

PESQUISADORA: E agora vocês têm vários professores? Cada hora é pra uma disciplina.

BEATRIZ: Infelizmente, eu já confundi o nome dos professores. O nome de uma Luana e o nome da outra é Luciana.

PESQUISADORA: Nossa!! Chama de Lu.

BEATRIZ: E era pra ser da Luana e eu chamei ela de Luciana o passeio inteiro e ela entrava na brincadeira e ela respondia.

PESQUISADORA: Respondia!? Assim fica difícil também, né?

BEATRIZ: Ainda bem que tinha outra professora lá que ela me. Ela chamou GABRIELE. Ela é a única que não confundo, ela não dá aula pra mim, ela dá pra oitavo e pra nono ano, ela dá aula, aí ela, ela. Eu chamei a Luciana, ela me olhou com uma cara. Porque essa professora, ela é muito atentada da cabeça. A menina ia comendo e ela ia enchendo o saco da menina, porque ela tava comendo mais. E a menina só tinha comido salgadinho. Era só pra atentar a menina mesmo. Aí ela me olhou com uma cara... Eu fiquei com medo porque eu achei que eu ia levar uma bronca, na hora [29’20”].

BEATRIZ [31’18”]: Eu estou fazendo como se fosse a escola, tipo a minha. Aqui do lado tem um lugar para a gente ficar brincando. Eu não lembro nada, mas tem várias quadras agora. Já usaram pra vacinação, éé vacinação, normalmente acontece lá. É muito bom, eu tomei a vacina da covid lá, a primeira dose.

BEATRIZ: [32’24”]: Eu fico me perguntando pra que que colocaram grade na janela? O vão entre a janela e a outro janela é desse tamanho, não dá pra ninguém passar, mas aí tem os magrelos também, né? Que é terrorista. É melhor não. Uai, que será que aconteceu com a ISABELA?

PESQUISADORA: Então, eu mandei mensagem pra ela e ela falou que a mãe dela não vai conseguir trazer ela hoje. Aí eu acho que eu vou passar pra ela as ideias que a gente teve. E vou ver com ela se ela já não quer escolher um assunto com ela, e eu combino com ela e entregar o material, assim, sabe?

BEATRIZ: Caraca, esse ficou retinho mesmo!

PESQUISADORA: Nossa, ficou mesmo. Parece até material dourado.

BEATRIZ: Pior que parece. Esses são os campos de futebol. Aqui do lado tem um campo de futebol, tem academia e tem um parquinho junto. Mas tipo, a academia que tem é academia pública mesmo, aquelas que é feito tudo de ferro? Mas é bem cuidado, é toda bonitinha, porque lá é cheio de, de flor.

BEATRIZ: Só tem 2 vagas lá. Isso daqui é um exagero. Nunca dá para estacionar lá.

PESQUISADORA: Mas este estacionamento é para famílias, ou é para os professores?

BEATRIZ: Qualquer um pode estacionar lá. Não é exclusiva nem da escola. Era pra ser o estacionamento desse lugar, onde eu falei que tem campo, academia, parque, então, era pra ser de lá. Lá tem lugar para andar de skate também e de patins.

PESQUISADORA: Nossa, então é bem grande lá. Eu acho que eu nunca fui nessa escola. Onde é que fica?

BEATRIZ: É, sabe o (supermercado) Boa?

PESQUISADORA: De qual bairro? Sabe o bairro?

BEATRIZ: Vila BAIRRO.

PESQUISADORA: É lá perto da Imigrantes? Perto do estádio de futebol? Do terminal ...

BEATRIZ: Não! É na frente de uma. Na verdade, é atrás, não sei... É na frente de uma academiazinha assim sabe? Daqueles negocinhos de ferro....

PESQUISADORA: Hmm, crossfit?

BEATRIZ: Essa é fiquei traumatizado. Uma vez eu bati com a canela. Nossa, aquilo doeu muito.

PESQUISADORA: Como que chama essa escola nova mesmo?

BEATRIZ: Adalto Subida (HISTÓRIA 53 – Minha nova escola).

PESQUISADORA: Vou pesquisar. Quando vocês têm reunião do comitê agora? Presencial.

BEATRIZ: Acho que terça-feira. Se eu não me engano, eu não lembro se era presencial ou não. Eu lembro que terça tem alguma reunião [40’53].

PESQUISADORA E aí, quem é que está fazendo essas reuniões com vocês? O Marcos ou a Amélia?

BEATRIZ: Ééé, está sendo a Amélia esses dias.

Às vezes têm os dois juntos.

[APÓS GRANDE PAUSA, ENQUANTO DESENHAVA]

BEATRIZ: Ehhh!! (em tom de comemoração] Eu, eu consegui fazer!

PESQUISADORA: Ó que bonito.

[Ela volta a desenhar]

BEATRIZ: Por que que toda escola é toda azul?

PESQUISADORA: Ela é azul?

BEATRIZ: O Giuseppe é assim e o Adalto é assim.

PESQUISADORA: Aha.

BEATRIZ: Nossa, é tudo de uma cor só, sabe? Eu tive outra escola que, por incrível que pareça, não era azul, era laranja. Agora está inteira laranja, mas, antes era toda verde. Por fora... e por dentro ela é laranja.

PESQUISADORA: Tipo, eles escolhem uma cor e aí coloca na escola inteira (HISTÓRIA 54 – As cores da minha escola).

BEATRIZ: Eu mordi um muleque, eu... O muleque me mordeu na verdade e eu fui descobri quem era depois de um tempão, quando eu tava já no terceiro ano. Isso quando... E o moleque me mordeu quando eu estava no primário. Ele entrou na mesma sala que eu depois.

PESQUISADORA: Ele te mordeu na educação infantil?

BEATRIZ: Na entrada. Quando eu era bem pequena, quando eu estava começando a ir pra escola. Aí ele me mordeu. Só que aí depois eu fui encontrar esse mesmo moleque na mesma sala que eu. Ele era muito chato, terrorista, eu não gostava dele.

PESQUISADORA: Vai ver que é porque você já tinha memórias afetivas da mordida...

BEATRIZ: Só que eu não gostava desde a primeira vez que eu vi ele. Não era nem por lembrar que era ele, eu não gostava mesmo. Só me irritava aquele menino. Eu finalmente aprendi a lidar com a minha raiva sem bater nos meninos.

PESQUISADORA: Como?

BEATRIZ: Eu taquei o estojo na cabeça deles.

PESQUISADORA: [risos] continua batendo, Beh. Mas, é que é muito difícil lidar com a raiva, né?

BEATRIZ: É, poh. Eu tento. Tô me segurando. Esses dias eu taquei o estojo na cabeça de um menino que ele me irritava porque ele ficava imitando o Cristiano Ronaldo e ficava aqui na minha orelha, aí ele parava e repetia tudo de novo.

PESQUISADORA: Nossa!

BEATRIZ: Aí eu só virei uma estojada na cabeça dele. Ele ficou com a marca do zíper do estojo, que era o formato da cabeça da Barbie ficou aqui [mostrando a região do rosto], na testa dele. Eu ri tanto. Foi assim, “eu avisei que você ia apanhar de estojo. Não

diga que eu não avisei. E você não pode falar que eu te bati. Eu não te bati.” Eu joguei o estojo na cabeça, é diferente.

PESQUISADORA: E ele irrita como?

BEATRIZ: Ele? Ele irrita imitando o Cristiano Ronaldo, ou senão, ele fica imitando... cantando a musiquinha do “Se o senhor for correndo pela sala”, senão roubando minha garrafinha. Nossa... moleque chato! Eu não posso falar muito porque ele é o menino menos irritante da minha sala.

PESQUISADORA: Menos? Aí complica.

BEATRIZ: Muito. O menino mais irritante da minha sala não me deixa em paz. Ele conseguiu meu whatsapp. Agora ele me manda mensagem todos os dias para me irritar.

PESQUISADORA: Bloqueia.

BEATRIZ: Eu já tentei. Aí ele conseguiu o Instagram. Ai que vontade de bater nele! Isso tudo por causa de um menino que eu conheci no primeiro ano, que ele tinha meu whatsapp, meu Instagram e ele passou. Eu quase matei ele depois. Mas ele passou, mas logo depois ele saiu da escola, pra ficar pior. E ele saiu e fez vídeochamada com o ... na cara, que eu não ia pegar ele. Nossa, bateu uma raiva dele. [Silêncio novamente] (HISTÓRIA 55 – O menino que me irrita desde a Educação Infantil – conflitos entre meninas e meninos).

E esse portão? Eu já batia a cara nele.

PESQUISADORA: Já bateu a cara?

BEATRIZ: É um portão muito pesado e ele é gigante. Porque um bando de crianças vindo junto precisava de um portão grande. E é um portão de ferro. Aí ele fui abrir na hora de ir embora, que só eu ia embora, minha mãe foi me buscar. Aí, éé́é, o portão foi abrir, eu fui o abrir, eu abri com força, eu abri achando que não estava já destrancado, eu puxei, eu puxei, eu bati minha cabeça. Ainda bem que ninguém tinha visto aquilo. Em seguida bateu o sinal e desceu um monte de doido.

PESQUISADORA: Nossa (HISTÓRIA 56 – Acidente do portão na escola).

Beh, nosso tempo já está acabando, acredita? Aí é, tenho 2 opções. A primeira opção é você levar para casa e terminar aí daí daqui 15 dias a gente se encontra e finaliza ou eu posso levar também e aí daqui a 15 dias a gente volta e termina aqui. O que você prefere? Eu tenho, se tiver alguma outra ideia também topo.

BEATRIZ: Eu acho melhor celular que a gente terminar aqui 15 dias.

PESQUISADORA: Tá. Aí durante esses 15 dias, talvez pensar, o que você quer escrever sobre escola. Esse desenho está querendo ganhar até com asas. Aí daqui 15 dias vai ser dia 29, aí a gente faz nesse mesmo horário. Tudo bem? Eu vou guardar as canetinhas. Aí a gente chama sua mãe.

O sexto e último encontro aconteceu no dia 29 de abril de 2023, na Sede do Comitê das Crianças, no mesmo canto de mesas e cadeiras. Este foi um encontro bastante marcante, pois estavam presentes Beatriz e Isabela, e elas se desataram a contar inúmeras histórias sobre a escola. Neste encontro, contaram foram 47 histórias em apenas 01 hora e meia, as quais foram por mim interrompidas, a fim de tentar finalizar a pesquisa.

Tabela 7 - Histórias contadas no sexto encontro com as crianças

HISTÓRIA 57 – O Errorex
HISTÓRIA 58 - Você vai gritar com a sua mãe!
HISTÓRIA 59 – A minha sala é a mais barraqueira
HISTÓRIA 60 – O 6º ano é o capeta
HISTÓRIA 61 – Continuação da pesquisa: Agora você resolve aí
HISTÓRIA 62 – Nossa contribuição no Comitê das Crianças
HISTÓRIA 63 – Os trabalhos na escola
HISTÓRIA 64 – Os acolhedores
HISTÓRIA 65 – O 6º aninho
HISTÓRIA 66 – Me colocaram pra substituir a professora
HISTÓRIA 67 – Isabela e o Carlos - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 68 – Túlio e o Monster – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 69 – O tombo do Túlio - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 70 – Os trabalhos, as sem-vergonhas e os primos
HISTÓRIA 71 – Os professores e professoras da escola
HISTÓRIA 72 – Tentativas de escrita do livro da pesquisa
HISTÓRIA 73 - História de quase atropelamento
HISTÓRIA 74 – As brigas e a Renata
HISTÓRIA 75 – O massacre do 6º ano
HISTÓRIA 76 – Eu torci o dedo dele – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 77 – Eu bato nos meninos se eles me defenderem – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 78 – Quem banca o lanche
HISTÓRIA 79 – A loira oxigenada e os nossos cabelos
HISTÓRIA 80 – Com que roupa vou à escola
HISTÓRIA 81 – Os roxos e os membros inchados – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 82 – As boladas na cara durante o futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 83 – Ele me chamou de amor e ela se estressou – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 84 – O que dá para aprender na escola?
HISTÓRIA 85 – Não quero mais ser professora de educação física porque o... – conflitos entre em meninas e meninos
HISTÓRIA 86 – Onde meninos treinam e onde as meninas treinam – conflitos entre

meninas e meninos
HISTÓRIA 87 – Não me deixam mais jogar futebol
HISTÓRIA 88 – Quem vai ficar comigo no time... ninguém, meu pé está inchado
HISTÓRIA 89 – Os meninos que aterrorizam e como resolver isso no beliscão – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 90 – Quem estudava com a gente no ano passado
HISTÓRIA 91 – Os problemas que as salas dão
HISTÓRIA 92 – O semaralho e o menino que dá azar – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 93 – As mudanças positivas do Errorex
HISTÓRIA 94 – As mudanças de lugares na sala entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 95 – Os meninos que a gente não gosta – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 96 – Espera aí, ssor, deixa eu matar ele, aí eu sento – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 97 – A professora que me defende – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 98 – As chantagens para conseguir as coisas
HISTÓRIA 99 – As meninas que a gente tem ciúmes - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 100 – Chamo de irmão
HISTÓRIA 101 – A Isabela do 8º ano
HISTÓRIA 102 – Os rumos da pesquisa
HISTÓRIA 103 – História das provas e das notas

Fonte: Produção da própria autora.

TRANSCRIÇÃO COMPLETA:

BEATRIZ: O Errorex sempre faltava em dia de prova.

ISABELA: Mentira, ele sempre falta.

PESQUISADORA: Quem é o Errorex?

ISABELA: É o Túlio.

PESQUISADORA: É o apelido?

BÁRABRA: Ééé. Ele tem o cabelo que parece que ele passou Errorex, que é duro [ênfase nessa palavra] e é branco.

ISABELA: Ééé. Não. Não é duro não.

BEATRIZ: É sim.

ISABELA: Eu vivo passando a mão.

BEATRIZ: É sim!

ISABELA: Não é não. Agora não é não. Eu vivo passando a mão no cabelo dele. É bom passar a mão no cabelo dele. Eu fico passando a mão no cabelo dele. Mas é branco. Aí no começo do primeiro dia de aula a gente falou assim “Olha, um Errorex.” Aí ele ... aí ele foi apelidado agora como Errorex.

BEATRIZ: Ele antes era “anão de jardim”.

ISABELA: Ainda é.

PESQUISADORA: Porque ele é pequenininho?

ISABELA: É

BEATRIZ: Muito.

PESQUISADORA: Mas ele tem alguma questão fisiológica assim?

BEATRIZ E ISABELA [ao mesmo tempo]: Não.

ISABELA: Ele mesmo se chama de Errorex.

BEATRIZ: Talvez um pouquinho mental.

ISABELA: Isso aí eu não vou negar não. Porque ele se jogou no meio da sala.

BEATRIZ: Ele já fez coisa pior. Ele já tacou bolinha de papel na professora e depois ele colocou a bolinha de papel no outro menino (HISTÓRIA 57 – O Errorex).

ISABELA: É porque você não viu o B.O. que deu ontem lá, porque o menino tava sem caneta... O Carlos tava sem caneta, aí a professora falou assim "Carlos, por que você não tá fazendo?", ele falou "Tô sem caneta." E a professora falou assim "Eu não ouvi, fala mais alto." [em tom de grito] "Tô sem caneta!" Aí a professora falou assim "Você vai gritar com a sua mãe!" Aí chamou lá a Laiza, né? Que é uma professora do sétimo ano, mas é supervisora também. Aí nossa! Mó treta lá. E também chamou pra assistir a aula de Matemática. A aula de Matemática, nóis ficou quieto, pela primeira vez (HISTÓRIA 58 - Você vai gritar com a sua mãe!).

PESQUISADORA: Nossa, mas tem algum dia que não tenha um causo acontecendo na escola?

BEATRIZ: Não. Esses dias mesmo teve briga e a minha sala é a mais barraqueira, tava todo mundo brigando. Tava o Lucas brigando com o Jonathan e com o Vinícius. O Vinícius brigando com o Lucas e com o Enzo. O Enzo brigando com o Vinícius, o Guilherme, o Diogo e o Bernardo. E assim (HISTÓRIA 59 – A minha sala é a mais barraqueira).

PESQUISADORA: Caraca.

ISABELA: Ah, não sei se deu uma acalmada de briga, mas nessa semana teve briga. Ow, mó pancadão. Saíram no soco, deixou um roxo, o outro saiu o roxo também. Um saiu com o olho inchado, outro saiu com a boca inchada.

PESQUISADORA: Aha.

ISABELA: Aí o nono ano, no começo do ano minha sala, né, brigando. Nono ano no começo do ano falou assim “Ai, o 6º A é a sala mais anjo. Que tem mais anjinho.” Aí chegou no, no terceiro dia de aula ela já falou assim “O 6º ano é o capeta” (HISTÓRIA 60 – O 6º ano é o capeta).

BEATRIZ: A professora não, não gostou da minha sala desde a primeira. Ela viu que só tinha terrorista.

ISABELA: Também, minha professora não gostou não.

PESQUISADORA: Como é que chama a escola que você está estudando?

ISABELA: Celina Remberg.

PESQUISADORA: Ah, no Celina.

BEATRIZ: Esses dias quase deu polícia lá. Por causa de um caderno.

ISABELA: Nossa!

PESQUISADORA: Bom, deixa eu atualizar vocês então da situação da nossa pesquisa. Aqui no último encontro que eu tive com a BEATRIZ, a gente decidiu que ia ser um livro de desenho de desenhos que ia ter, tipo, uma página escrita, uma página de desenho e uma página escrita. É, e aí que cada criança ficaria responsável por um assunto e um desenho. Então daí a BEATRIZ escolheu a escola, você escolheu a cultura, só que as crianças, as outras crianças não estão conseguindo vir. E a gente ainda tem outros dois assuntos, que é coisa do hospital e o último que eu apelidei como funk, que são assim, as coisas que as vezes as crianças têm vontade de falar ou de fazer e que os adultos assim ficam incomodados, né? Aí a gente precisa decidir o que que a gente faz com esses dois tópicos. Se vocês querem tirar, e aí a gente faz um folhetim sobre escola e cultura, que é o os assuntos que vocês já estão fazendo. Ou se vocês têm alguma outra ideia? É, ou se vocês querem pegar esses outros 2 assuntos para fazer juntas, enfim, tipo, a gente precisa daí decidir o que que a gente faz com esses dois assuntos.

ISABELA: Não eu, Hein. Não sei, espera.

PESQUISADORA: E tá tudo bem que a gente decide é isso. Assim, a gente vai fazer conforme o que der, conforme a gente quiser.

BEATRIZ: Não sei não, ISABELA. Eu resolvi da última reunião. Agora você resolve aí.

ISABELA: Ah, eu não sei.

PESQUISADORA: Ou vocês querem que a gente faça mais um encontro? E aí a gente termina esses dois assuntos. [SILÊNCIO] Ou vocês falam assim? “Não, a gente quer falar sobre si só sobre esses dois.” E está tudo bem. [SILÊNCIO]

BEATRIZ: Eu não sei. [mudou o jeito de falar]

[SILÊNCIO]

ISABELA: É, não sei.

PESQUISADORA: Bom, então acho que a gente pode tentar finalizar esses dois que a gente está fazendo e aí mais para o final, a gente volta nesse assunto para ver o que que a gente faz. Pode ser?

ISABELA: Tá bom.

PESQUISADORA: Legal.

[Pegamos os materiais para continuar os desenhos. ISABELA não presta atenção no material que estamos passando para a mão dela. Acontece uma troca de olhares e ela diz:]

ISABELA: É que eu tô voando hoje.

BEATRIZ: Esse é lápis grafite né?

PESQUISADORA: Ééé. Lápis.

Deixa eu ver o desenho que legal! Ai, uh, Hum. Nossa, ficou muito legal. [ISABELA entregou o desenho que fez] (HISTÓRIA 61 - Continuação da pesquisa: Agora você resolve aí).

Figura 1 - Desenho produzido por Isabela sobre cultura

Fonte: Produção própria autora.

PESQUISADORA: Expressa, cidade, convivência, cultura, comida e criança. Que são esses daqui?

ISABELA: É que tem aquelas bandeiras lá no Expressa.

BEATRIZ: Sabe quando você vai entrar? É, tem as bandeiras que são escultura. Eles que colocaram lá.

PESQUISADORA: E foram vocês que que ajudaram a escolher esses nomes?

ISABELA: Não, não.

PESQUISADORA: O que de lá que vocês ajudaram assim, a construir ou a pensar?

ISABELA: Não lembro.

BEATRIZ: Também não. Deu branco.

PESQUISADORA: Quando vocês visitaram lá, o que vocês fizeram? [Em alguns dos encontros do Comitê as crianças visitaram esse espaço no ano anterior e sugeriram mudanças.]

BEATRIZ: A sala do Relógio.

PESQUISADORA: A sala do Relógio?

BEATRIZ: Mas não mudou nada até agora, que eu sabia.

ISABELA: É.

BEATRIZ: A gente só deu ideia mesmo.

PESQUISADORA: O que vocês deram ideia lá? Vocês lembram?

BEATRIZ: De deixar mais colorido, de ter mais brinquedo. E tinha mais alguma coisa?... Que eu não lembro (HISTÓRIA 62 - Nossa contribuição no Comitê das Crianças).

PESQUISADORA: E esse “muito além dos trilhos”?

ISABELA: É uma frase que minha mãe achou não sei aonde. Aí ela falou pra eu colocar. Aí eu coloquei.

PESQUISADORA: Entendi, ficou bem legal, bem bonito.

ISABELA: Já era meia-noite, eu estava terminando o desenho. E eu tinha trabalho pra entregar.

PESQUISADORA: Eita, então eu te dei mais trabalho, né?

ISABELA: Deu [rindo]. Eu tinha 2 trabalhos de história, 2 de ciências. E 3 de Geografia para terminar.

PESQUISADORA: Nossa, vocês estão tendo muito trabalho?

ISABELA: Sim. Principalmente no segundo bimestre, porque agora, nossa, eu vou ter um monte de trabalho, já começou.

BEATRIZ: É verdade, eu tenho um trabalho até de outra eletiva, porque a professora de geografia ela me ama e tudo o que ela precisa de cartaz, dessas coisas, ela vem me procurar e eu agora tenho um cartaz, eu tenho que fazer um esboço de mapa mental e um cartaz para eletiva dela, além do que eu estou terminando um trabalho de eletiva que é da minha letiva. Está tendo que pensar no negócio de clube juvenil. Tenho o trabalho de língua portuguesa, trabalho de história e trabalho de Geografia.

ISABELA: Eu tenho um trabalho da de português, matemática, história, geografia, ciências, eletiva, clube. Fora os que a professores me pede de outras eletiva pra fazer cartaz, nossa, tem um monte de coisa.

PESQUISADORA: Que cansativo! Só de escutar... (HISTÓRIA 63 – Os trabalhos na escola).

BEATRIZ: E ainda tem que pensar no negócio dos do acolhedores.

ISABELA: Ai, é...

PESQUISADORA: O que que são os acolhedores?

ISABELA: Nossa agora tá tendo reunião dos acolhedores. Nossa, tô ficando bem de...

BEATRIZ: Acolhedores são aqueles que vão acolher os alunos no começo do ano. Aqueles que te ajudam a se enturmar ou também é... Esses dias mesmos eu participei de um negócio dos acolhedores que eu acho que a diretora de alguma escola. Ela é a maior chefe do diretor. Ela Foi visitar a escola, não é? E estava todo mundo dizendo que foi por minha causa. A diretora me convidou, aí foi, foi a maior bagunça, eu me perdi inteira.

ISABELA: AÍ o meu a gente está treinando para a volta às aulas do meio do ano. Aí, ontem eu tive que ficar no nono ano. Depois eu fui pro sétimo, nossa, maior rolo está (HISTÓRIA 64 – Os acolhedores).

BEATRIZ: Nossa, eu não tenho paciência com o sétimo.

ISABELA: Ah, eu até tenho, porque eu fiquei no 7ºB e todo mundo do 7ºB me conhece então, normal.

BEATRIZ: Todo mundo do 7º me conhece, o problema é que eles me chamam de 6º aninho e às vezes dá vontade...

ISABELA: Não. lá, não.

BEATRIZ: Eu cheguei a xingar tanto eles, por causa disso (HISTÓRIA 65 – O 6º aninho).

ISABELA: Tipo assim, a única coisa que eu passei stress foi com o Daniel e com o Lucas, porque os dois, nossa senhora, isso ele fica irritando eu e a Nicole. No almoço, e aí eu fui pra sala dele antes do almoço, aí ele estava me imitando desde a sala de aula. Porque, ó, ficou sem professor também. Eu tipo assim, ficou eu e mais uma menina da minha sala para substituir os professores. Aí eu fiquei no nono, no sétimo, no sexto, na minha sala, fiquei no outro sexto e fiquei acho que num oitavo por conta que essa professora que faltou não foi aí, não tinha professor substituto. Aí colocaram a gente. Maior rolo lá.

BEATRIZ: É escola PEI a sua?

ISABELA RESPONDE AFIRMANDO COM A CABEÇA.

BEATRIZ: E não tinha professor fazendo...

ISABELA: Não, não tinha.

PESQUISADORA: Fazendo atendimento?

ISABELA: Porque a professora faltou de última hora, ainda.

PESQUISADORA: Todas as escolas, éé, do estado estão como PEI?

BEATRIZ: Não, nem todas.

ISABELA: Não, nem todas.

BEATRIZ: Mas, a maioria (HISTÓRIA 66 – Me colocaram pra substituir a professora).

PESQUISADORA: Olha, então, eu vou aproveitar todo esse sentimento de vocês sobre escola, e aí vocês podem escrever o que vocês quiserem sobre escola pra a gente colocar nesse livro.

BEATRIZ: Que que eu vou escrever?

PESQUISADORA: Oi?

BEATRIZ: Que que eu vou escrever?

PESQUISADORA: O que você quiser escrever sobre a escola. Assim, tipo que você sente ou que você fica brava, ou que você está... Se existe alguma coisa que você está curtindo. Para gente deixar registrado, porque isso essa opinião de vocês, ela é bem importante tanto para pesquisadores que queiram avaliar assim, tipo, aí teve a mudança das escolas estaduais, como é que as PEIS estão funcionando, que que os estudantes, as estudantes estão achando?

BEATRIZ: Estão quase surtando.

PESQUISADORA: Uhum.

ISABELA: Eu não, na escola é onde eu passo os melhores momentos. Só tem doido naquela escola.

BEATRIZ: Por isso mesmo. Só tem doido naquela escola. Nenhum deles bate bem, fica me irritando. Aí você está com raiva... [ISABELA RESPONDE POR CIMA]

ISABELA: Lá não... Lá só... O Carlo, depois que aconteceu uma coisa na minha sala, aí ficam me shipando com ele por conta que ele me pediu em namoro duas vezes no meio da sala.

PESQUISADORA: Nossa!

ISABELA [RINDO]: Aí eu bem na frente, duas vezes lá na frente, ele pediu em namoro, as duas vezes. Aí teve uma vez que foi, é, sem anel e outra foi com aliança.

PESQUISADORA: Ele levou uma aliança?

ISABELA: Duas, uma para mim, uma pra ele, aí, tipo assim, eu não falei nada pra ele na hora dizia.

PESQUISADORA: Mas vocês já estavam ficando?

ISABELA: Não.

PESQUISADORA: Não.

ISABELA: Não, literalmente a gente se conheceu nesse ano.

PESQUISADORA: Aham.

[RISOS ENTRE ISABELA E PESQUISADORA]

ISABELA: Aí nossa, está o inferno aquela sala, porque "a ISABELA não sei o que com o Carlos. Ai não sei o que...". Aí entrou o irmão do Carlos no meio. Aí que eu tô fudida. Porque tipo assim, eu fico brincando com Daniel.

PESQUISADORA: Mas eles são gêmeos?

ISABELA: São. Um é do 7ºB e o outro é do 6ºA. Carlos é da minha sala.

PESQUISADORA: Aham.

BEATRIZ: Então como é que são gêmeos?

ISABELA: São gêmeos idênticos, mas é idêntico: o jeito de correr, é o rosto é...

PESQUISADORA: Mas um repetiu de ano?

ISABELA: Repetiu.

PESQUISADORA E BEATRIZ: Ah...

ISABELA: Carlos repetiu de ano. No quarto ano porque ele brigou com a professora. Aí o irmão dele ia falar assim, porque eu brinco com o Daniel. E o Daniel é da sala do irmão dele, é aí, tipo assim, tem hora, tipo assim, que eu me estresse. Eu vou perguntar assim pro Daniel. Aí, o irmão do Carlos, vai lá e me provocar. Aí eu começo a correr atrás de irmã do Carlos. Aí o Carlos começa a me provocar, aí eu corro atrás do Carlos, aí eu volto, corro atrás do Daniel, depois eu corro atrás do Luccas e assim vai o recreio inteiro.

PESQUISADORA: Nossa.

ISABELA: Mas tem hora que eu me irrito, que nossa...

BEATRIZ: Eu dou algum tapão mesmo. Resolve tudo (HISTÓRIA 67 – A ISABELA e o Carlos - conflitos entre meninas e meninos).

ISABELA: O Túlio é o mais quietinho agora.

BEATRIZ: Oi?

ISABELA: Ele está quieto. O menino está doente, eu acho porque está quieto.

BEATRIZ: Pelo amor de Deus, leva ele no hospital. Que milagre é esse?

ISABELA [RINDO]: Já levei. Ele não quis tomar Monster. Pois é, o ssor [apelido para professor], o ssor deu uma latinha de Monster para mim, porque ele sabe que eu bebo Monster, aí ele me deu uma latinha de presente. Aí eu abri, né? Aí eu ofereci pro Túlio porque o Túlio bebe muito.

BEATRIZ: Ele bebe muito, ele se exibe. Eu juro por tudo. Ele fica se achando bebendo Monster.

ISABELA: Aí ele falou "Não, eu não quero."

BEATRIZ: Ele uma vez, ele estava bebendo Monster no meio da sala, aí eu virei e falei assim: "Dá aqui." Aí eu tirei dele e daí ele nunca mais bebeu na minha frente, porque ele viu que eu fiquei com raiva.

PESQUISADORA: Mas por que vocês tomam Monster?

ISABELA: Não sei também.

BEATRIZ: Eu não tomo.

ISABELA: Eu tomo. De vez em quando.

BEATRIZ: Eu acho bom, mas minha mãe não deixa eu tomar porque eu já tenho ansiedade, não consigo parar quieta, e eu vou tomar energético eu fico pior.

ISABELA: Ah, o energético não funciona pra mim não, porque eu fico depressiva lá no canto da sala.

PESQUISADORA: Mas o Monster é energético.

ISABELA: Mas pra mim não funciona, porque eu fico depressiva no canto da sala.

BEATRIZ: Pra mim funciona até demais. Minha ansiedade atrapalha tudo.

ISABELA: Pra mim não. É porque você perdeu. O Errorex. Tinha um restinho na minha garrafa de Monster, aí eu falei "Você quer, Errorex?" Porque o Errorex tava olhando diretamente pra minha garrafa. Aí eu falei: "Você quer um pouco?". Aí ele falou "Eu quero." Aí ele foi virar a garrafa, parecia um bebê. [RINDO].

BEATRIZ: Mas ele é um.

ISABELA: Assim, ó. Bebendo. Parecia um bebê, literalmente.

BEATRIZ: Ele é um.

ISABELA: Não, ele é uma criança com demência.

PESQUISADORA: Mas ele é laudado?

ISABELA: Não.

PESQUISADORA: Não?

BEATRIZ: Não.

PESQUISADORA: É só assim na concepção de vocês?

ISABELA: Ééé... Ele mesmo fala que ele é demente.

BEATRIZ: Ele já se assumiu mesmo, então...

ISABELA: É, ele se assumiu.

PESQUISADORA: Ele se assumiu?

ISABELA: Ele já se assumiu demente, gnomo, Errorex...

BEATRIZ: Ele mesmo se zoa.

PESQUISADORA: Entendi.

BEATRIZ: Não dá, não tem nem mais graça zoa ele (HISTÓRIA 68 - Túlio e o Monster – conflitos entre meninas e meninos).

ISABELA: Nossa, você perdeu o tombo que ele levou mês passado. Rasgou a calça.

BEATRIZ: Ele me beliscou aí, aí ele foi passar, né?

ISABELA: Você colocou o pé.

BEATRIZ: Não. Eu. Eu bem espertinha, ele passou, né? Aí eu sem querer, eu chutei aqui, ó. Ele caiu, ele caiu de joelho, quase caiu de cara no chão.

PESQUISADORA: Nossa.

ISABELA: Ele caiu em cima do Davi. O tombo foi muito bom. Mas depois eu fiquei preocupada, porque o menino tava vermelho.

BEATRIZ: Ele tava vermelho de rir ou ele tava vermelho de querer brigar?

ISABELA: Ele tava vermelho porque ele caiu. No meio do pátio, literalmente.

BEATRIZ: Nossa, isso é muito a cara do Túlio.

ISABELA: No meio do pátio, você olha para o lado e tem uma pessoa caída no chão, um gnomo. Ai, ai (HISTÓRIA 69 – O tombo do Túlio - conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Bom, mas daí é que eu vou deixar a folhinha com vocês, e vocês podem escrever o que vocês quiserem ou se não quiserem escrever também, a gente...

BEATRIZ: Eu não sei o que eu vou escrever.

ISABELA: Eu também não.

PESQUISADORA: Acho que se a gente... deixa eu pensar uma coisa pra inspirar.

BEATRIZ: A única coisa que tem na minha escola é trabalho. Eu juro por tudo. Tem umas meninas que é, é. Tem um menino no 6º ano, né? Que ele tem amigas no 8º. As

meninas, às vezes, quando ele se interessa por alguém, as meninas vão lá. Pra ele, pra ele ficar com ela. Isso me deixa irritada. É tudo sem-vergonha.

ISABELA: Aí, na minha escola tem um bonde do oitavo. Aí tipo assim, eu tenho amigos e amigas do nono, todos os nonos, bem dizer, são meus amigos. Aí eu tenho amigo no primeiro do ensino médio e um primo no terceiro [17'30"].

BEATRIZ: Eu não tenho parente, eu acho, na escola.

ISABELA: Eu tenho primo.

BEATRIZ: Se tiver, eu não conheço. É bem capaz que tem.

ISABELA: Eu tenho um primo, um no terceiro do ensino médio (HISTÓRIA 70 – Os trabalhos, as sem-vergonhas e os primos).

PESQUISADORA: Oh, eu pensei assim, se a gente escrevesse meu desabafo sobre essa escola e o que eu gostaria que tivesse na minha escola. O que vocês acham?

BEATRIZ: É porque tudo o que tem já é entretenimento.

ISABELA: É.

PESQUISADORA: E se for só um desabafo? Ou tipo...

BEATRIZ: Não, já sei! Mais da aula de Geografia.

ISABELA: Tá reprendida? Minha professora está grávida de Geografia. Nossa, se não pode nem respirar que ela já manda calar a boca. Não basta 3 aulas por dia?

PESQUISADORA: Na minha escola, a professora de Geografia é incrível.

ISABELA: A minha é tipo assim...

BEATRIZ: Eu vou ganhar até prêmio dela, cara, eu passei com 10 em tudo. Eu passei com 10 na média, na prova dela e na prova Paulista.

PESQUISADORA: Nossa...

ISABELA: Eu ganhei prêmio...

BEATRIZ: Ela vai me dar chocolate.

ISABELA: Eu e o carioca, mas tipo assim, agora ela descobriu que está grávida, nossa senhora. Não tem quem aguente, também.

PESQUISADORA: É difícil estar grávida e ter que dar aula.

ISABELA: Aí a diretora disse que vai afastar ela e vai colocar o professor de orientação de estudos, que é professor de matemática, no sétimo, oitavo e nono pra dar aula de geografia pro sexto ano e de orientação de estudos.

BEATRIZ: É, eu não gosto do professor de orientação de estudos.

ISABELA: Eu gosto. Ele me dá Monster.

PESQUISADORA: Ah, é ele que te dá o Monster?

ISABELA: Aí eu estou nas eletivas dele também.

BEATRIZ: Ai, eu tenho medo do professor de tecnologias. Vai, quem vai, deixa eu ver depois sociais de tecnologia.

ISABELA: Ai, meu professor de tecnologia pé maconheiro, ele fuma, ele usa maconha.

PESQUISADORA: Como você sabe?

ISABELA: Porque ele falou. Ele falou e quando eu estava lá no parque, perto da escola, ele passou lá, usando. Eu fiquei até tonta por causa do cheiro. [19'26"]

BEATRIZ DIZ UMA COISA INÁUDÍVEL E EM SEGUIDA: Eu que sou lerda...

ISABELA: Misericórdia. Ela mesma se chama de lerda.

BEATRIZ: Eu sou lerda. Era meio impossível não ser lerda.

ISABELA: Ai, ai (HISTÓRIA 71 – Os professores e professoras da escola).

PESQUISADORA: Vocês querem fazer um livro só de desenhos? Sem precisar escrever nada, aí a gente pode escolher as nossas temáticas para só desenhar.

ISABELA E BEATRIZ RIEM ENTRE ELAS

PESQUISADORA: Ou não, vocês querem? A gente pode entender, me dizem assim.

ISABELA: A cara da BEATRIZ...

BEATRIZ: Não sei, eu estou com sono. Não estou entendendo. Eu com sono não funciono.

ISABELA: Eu tô com sono, porque eu acordei no horário... Quando tem aula eu brigo para não acordar. Quando é sábado, domingo e feriado, eu acordo no horário que é pra levantar para ir para a escola.

BEATRIZ: Isso me dá raiva. E não é de propósito.

PESQUISADORA: É difícil, né? Hoje eu também, hoje eu acordei naturalmente.

ISABELA: Eu acordei primeiro que o despertador hoje.

BEATRIZ: Não, eu acordei hoje na força do ódio.

ISABELA: Eu quando tenho que ir para escola. Até ano passado eu era assim. Tipo assim, não ia muito para escola não, agora esse ano até não, porque aí o professor tem aula que o professor junta é sétimo com sexto. Aí tem... Quem nem ontem juntou nono e sexto.

BEATRIZ: A ponta da canetinha vai pra trás (HISTÓRIA 72 – Tentativas de escrita do livro da pesquisa).

PESQUISADORA: É que ela é vai e vem. Vai e volta, quer dizer.

ISABELA: Aí junta lá, até que esse ano estou dando mais alegria do que ano passado pra ir pra escola. Que agora tem a Natasha e ela é mais doida, aí eu fico com medo, tipo assim, eu tenho que esperar ela, porque eu tenho medo dela atravessar sem olhar pro lado, porque ela já fez isso, quase morreu.

BEATRIZ: Eu também já quase fui atropelada na saída por causa de uma moto.

ISABELA: Eu. Eu quase fui atropelada pela minha professora de matemática.

BEATRIZ: Eu quase fui atropelada pela mãe de um amigo meu.

ISABELA: Ah, é, mas ainda não superei que a professora de matemática tentou me atropelar.

BEATRIZ: Nossa. Não foi nem a professora tentando atropelar, é porque tinha um carro aqui. E aí ele parou para mim atravessar. E aqui estava, estava vazio quando eu olhei da última vez, aí vi uma moto, me deu um susto. Eu parei, eu fiquei paralisada por um tempo. Aí eu fui atravessar sem olhar. Veio a mãe do meu amigo e quase me atropela. Ela parou.

ISABELA: Quase morre.

PESQUISADORA: Parou em cima!

BEATRIZ: Em cima da faixa, literalmente, ela parou no meio da faixa, que ela não tinha me visto, nem eu vi ela.

PESQUISADORA: Que susto [22’10”] (HISTÓRIA 73 - História de quase atropelamento).

BEATRIZ: Tem muito aluno, tiveram que colocar polícia lá na frente da minha escola por causa do tanto de briga que tem.

ISABELA: Aí, a minha colocaram polícia por causa que falou que ia ter esses ter esses massacre. Aí colocaram polícia por conta disso, mas porque se não nossa queria não.

BEATRIZ: Nossa, eu já, eu já briguei por causa disso, eu já quase briguei. Tem uma menina na minha sala que ela é muito encrenquera, inclusive entrou uma menina nova e ela já ameaçou bater na menina. A menina, claro, que ficou com medo, né? E tem a irmã dela que bate também. Aí duas briguenta. Aí, ameaçou a menina da irmã bater, que ela ia ficar careca, isso e aquilo. Eu já tranquilizei a menina porque a Renata ela só fala, ela não bate.

Ela só ameaça para ficar com medo e ela ameaça dentro de sala de aula, que não pode bater. Porque se não ela, ela última vez que ela ameaçou me bater, quando ela me viu na saída, ela saiu correndo.

ISABELA: Nossa.

BEATRIZ: Ela tem medo de mim. Aí esses dias ela estava é, estava todo mundo aterrorizado, né? Aí começou a chover e o povo na minha sala, tudo cagão, né? Deu vontade de mandar todo mundo a merda, porque estava chovendo e estavam com medo de rolar massacre. A chuva não tem nada a ver, mas começaram a se desesperar e a gritar igual um bando de louco. Aí, né? a Renata começou a tocar o terror, dizendo que ia rolar massacre, que isso, que aquilo... Aí eu mandei ela cala a boca sentar na merda da cadeira que ela com fogo no rabo!

ISABELA: Ai, na minha sala tem um monte.

BEATRIZ: Eu juro por tudo. Ela fica tentando chamar a atenção dos meninos. Ela já falou que joga ela zoa de todo mundo porque ela dizia jogar futebol. Aí os meninos foram de jogar com ela já sabendo que ela não jogava. Ela levou falta, ela levou, éé́é, bolada na cara. Ela ficou no gol e ela torceu o dedo. Ela foi chutar a bola, ela quase quebrou o dedinho. Ela ficou com o dedo inchado.

ISABELA: Nossa, joga muito. [COM TOM DE IRONIA]

BEATRIZ: Né?

BEATRIZ: Colocaram, me colocaram no banco para poder fazer isso ela, porque ela estava imitando todos os meninos de tanto que estava querendo chamar atenção. Aí depois eu eu entrei no meio, eu ganhei o jogo, pelo menos eu fiquei feliz depois disso.

ISABELA: Aham.

BEATRIZ: Porque estava, a Renata deu conta dos meninos fazerem 4 pontos nela e eram os piores meninos que tinham. Nossa, me deu uma raiva dela depois que eu estava no time dela, fui obrigada a ficar no time dela (HISTÓRIA 74 – As brigas e a Renata).

ISABELA: A diretora falou assim “Ai é perigoso o 6º ano A fazer o massacre do que os outros”, porque a nossa sala, tipo assim, só falta cair o teto porque tem goteira, tem a gente, sei lá, de tanto que a gente grita quando fala besteira fez que até quebrou até o teto já porque está pingando toda hora. A gente, o nono ano vem enfrentar a gente, o nono ano acaba apanhando. Nossa diretora falou assim, “Ai, acho melhor dar um tempo no sexto ano A, porque se não eles vão fazer um massacre.” Eu não. Eu bem plena no canto da sala.

PESQUISADORA: Uhum.

ISABELA: É verdade (HISTÓRIA 75 – O massacre do 6º ano).

BEATRIZ: Eu já quase apanhei do menino do nono ano, só que aí ele começou a ficar com medo de mim, porque eu falava cada vez que ele tem ele, ele apontou o dedo para mim, aí eu peguei o dedo dele, eu torci, eu dei um estalo bonito no dedo dele. Aí, né, ele levantou a voz para mim, eu comecei a gritar igual louca, e aí ele foi me bater, eu não deixei, eu chutei ele e depois eu, eu fiz que ele ficou com a marca da minha mão aqui, assim, oh, marca da minha mão e eu saí assim: "Da próxima vez vai apanhar mais!".

PESQUISADORA: Aham.

BEATRIZ: E o moleque ficou com medo de mim e nunca mais olhou na minha cara.

ISABELA: Eu não. O povo do nono ano é tudo um poste lá. Quase o dobro do meu tamanho (HISTÓRIA 76 – Eu torci o dedo dele – conflitos entre meninas e meninos).

BEATRIZ: O pior é que tem uns meninos, né, que eles, éé́é. Esses dias mesmo. Uma amiga, né..., o menino queria bater na minha amiga. E minha amiga ela tem ficado com o povo do nono ano. Tem uns meninos que sempre sabem que quando sabe que algum menino vai bater em alguma menina eles vão lá, né, pra proibir, porque é menino batendo em menina. Aí, né, isso foi acontecer comigo. Ela queria chamar os meninos, aí eu virei e falei assim: "Deixa quieto, porque se eles entrarem no meio, eu vou bater neles. Eu tô te avisando." Aí o menino saiu e esses meninos que normalmente batem nos outros pra não bater nas meninas ficaram com medo de mim também.

ISABELA: Lá também. Lá eu tenho que bancar um monte de gente.

BEATRIZ: Eu quase fui parar na direção, mas aí, mas aí o menino ficou com medo de mim, porque a diretora me ama e ela finge que eu não faço nada. Aí, ele ficou com medo dela achar que ele estava errado. E ele estava. Ele tava me ameaçando bater por nada (HISTÓRIA 77 – Eu bato nos meninos se eles me defenderem – conflitos entre meninas e meninos).

ISABELA: Eu tenho que bancar um monte de gente com um salgado. Eu tenho que bancar eu, o Carioca, o Pedro, o Baiano, o Errorex, o Carlos, o irmão do Carlos, o Kaique e o José, às vezes. Mas, eles me banca também.

PESQUISADORA: Mas, por que que vocês têm que bancar com salgado?

BEATRIZ: Porque é todo mundo pobre.

ISABELA: O Errorex mendigando na fila: “Tem 1 real?”

BEATRIZ: Verdade, eu juro por tudo, é... Nossa, essa menina foi a melhor. Tem uma menina que ela era do quinto ano e o Túlio também. A gente estava na mesma série, aí ele foi mendigar para ela e a menina já estava de saco cheio. Ele foi lá pedir para ela 5 vezes, eu vi e da última vez que ele veio mendigar pra mim eu dei um tapão nele. Aí ele não veio mais mendigar. Ele foi mendigar pra ela. Aí a menina virou e falou assim: “Oh, pega!” e fez isso pra ele [CENA DE LEVANTAR O DINHEIRO PARA CIMA E JOGAR DE LÁ PARA O CHÃO] Aí ela falou: “Pode entrar na fila e compra seu salgado.” Ele ficou bravo e depois não ficou mais mendigando.

ISABELA: A gente não mendiga lá, mas a gente faz tipo uma troca lá, porque o José e o Caíque me banca com o suco da cantina, né? Porque é 5 reais um suquinho desse tamanho.

BEATRIZ: Caraca! É um real um suquinho desse tamanho?

ISABELA: Desse tamanho. Na minha é desse tamanho assim.

BEATRIZ: Na minha é um real um suquinho desse tamanho.

ISABELA: Na minha é um real, cinco reais um suquinho desse tamanho. Aí a gente faz assim, a gente faz uma troca, eu dou um pedaço do meu salgado para ele, porque eu sempre compro dois: um no café da manhã e um no almoço. Aí, eu dou um pedaço para eles e eles. Eles compram suco para mim. Aí a gente faz isso. O José, às vezes, ele me banca com refrigerante também. Aí o Errorex e o Carioca me banca, às vezes com salgados também, quando o Errorex tem dinheiro, nunca bem dizer e o Baiano me banca com... como fala? pegando um salgado também.

BEATRIZ: Eu comprei um salgado na cantina esses dias, né? E a menina veio me pedir salgado. Eu tinha um monte, aí eu dei. Aí depois a menina criou a amizade comigo e aí eu não sei o nome dela. Ela sabe o meu nome, eu não sei o nome dela, ela criou amizade comigo e eu nem sabia disso. E o pior é que é daquelas meninas que se acha mesmo. Sabe, daquelas loirinhas, bem patricinha?

ISABELA: Ai, lá tem uma loira oxigenada. [RISOS]

BEATRIZ: Então, é essa loira que eu tô falando (HISTÓRIA 78 – Quem banca o lanche).

ISABELA: Loira oxigenada a gente apelidou ela assim, ela mesmo se chama assim agora também. Nem tem graça zoar mais.

BEATRIZ: Loira oxigenada, mas o cabelo dela é natural, mas parece que não é, mas o cabelo dela é.

ISABELA: Não, de lá não é natural, não. Ela descoloriu mesmo.

BEATRIZ: Ai, não tenho coragem de descolorir meu cabelo.

ISABELA: Eu não. Depende. Eu só não descolori, nem pintei, porque minha mãe me deixou. Minha mãe tem raiva de mim. Uma vez, eu fiz isso.

BEATRIZ: Eu pinto o cabelo. Que até agora está vermelho. Eu não tenho coragem de descolorir não. Se ficar careca, como é faz? Cresce de novo, mas...

[AS DUAS RIEM] Fazer o quê? Eu estou querendo raspar agora o cabelo.

ISABELA: Do lado?

BEATRIZ: Aham.

PESQUISADORA: Eu já raspei o cabelo do lado aqui, e às vezes eu faço nuquinha. Tipo, corto bem curtinho e peço para cabeleireira fazer uns desenhos malucos aqui assim. Eu adoro. Eu já tive cabelo aqui assim [mostrando o quanto era comprido].

BEATRIZ: Eu quero raspar aqui, eu tive o cabelo aqui já. Era muito grande.

ISABELA: Eu tive. Eu tive aqui, só que minha mãe não deixou. Minha mãe gosta de cabelo curto, mas eu não gosto muito de cabelo curto. Aí...

BEATRIZ: Ai, minha mãe, minha mãe já nem se responsabiliza mais pelo meu cabelo. Ela já sabe que eu vou ficar careca [30’07”]. Eu já pintei de tanta cor. Eu já pintei de rosa, azul, verde, já ficou bege, já ficou amarelo, já ficou verde, já ficou verde-água, já ficou de tanta cor. E já foi na frente, já foi atrás, o cabelo inteiro. Na verdade, é o cabelo inteiro agora. Minha mãe nem tenta mais me convencer a não pintar.

ISABELA: Ai, minha mãe tente me convencer a não usar, tipo assim, roupa larga ou calça rasgada, mas ela sabe que eu uso... Então, nem liga mais também.

BEATRIZ: A minha mãe nem tenta. Ela sabe que eu não vou obedecer ela.

ISABELA: É... A minha também é assim.

BEATRIZ: Ela nem tenta. [trecho inaudível] Eu já levei muita bronca (HISTÓRIA 79 – A loira oxigenada e os nossos cabelos).

ISABELA: Nossa, eu levei uma bronca acho que mês retrasado porque eu fui pra escola com uma calça jeans larga e rasgada. Só que ela era rasgada no joelho, aqui, aqui e

era um rasgo aqui. O bom é que a blusa da escola é longa, porque se não a diretora ia mandar eu voltar por conta da calça, porque ela é rasgada bem aqui, né? Por que que a gente compra uma calça dessas? Não sei também, mas eu comprei. Aí ainda bem a blusa da escola eu comprei grande, né? Pra correr atrás daquele povo só pela misericórdia.

BEATRIZ: Nossa, eu ainda tô revoltada com a minha escola.

ISABELA: Eu não.

BEATRIZ: Eles não deixam mostrar o joelho! Tem... o short tem que ficar aqui. O shorts da escola, mas é por causa do negócio da PEI. Ou se não tem que ir de calça.

PESQUISADORA: Por que? O que tem a ver com esse negócio da PEI?

BEATRIZ: É porque tem um monte de projeto lá. Tem a ver... Eu não sei se é da PEI mesmo, eu acho que é. Ai não sei.

ISABELA: A minha escola só não deixa, tipo assim, aquele short mostrando a bunda, mas tipo assim, se for aqui, tudo bem, pode ir.

BEATRIZ: Tem uma véia chata na recepção da minha escola, que juro por tudo. Se esses dias eu vim com um short aqui, ela quase me proibiu de entrar. Só que aí eu fui no canto, né? Ela viu um pouco minha perna ee, ela quase não deixou eu entrar. É, é uma velha chata.

ISABELA: Ah, na minha é quase [trecho inaudível] pra todo mundo. A diretora é mais legalzinha.

BEATRIZ: Tem o Humberto e a Érika, que é minha tutora. Cara, a Érica é igualzinha uma funcionária antiga... uma funcionária da minha antiga escola. É idêntica. Inclusive eu tinha um amigo que estudava comigo, a gente teve a mesma dúvida. Depois eu fui perguntar pra ela. Aí ele falou assim "Eu já perguntei. Não é!"

PESQUISADORA: Nossa!

BEATRIZ: De tão parecida que ela é. E o pior é que eu não sei o nome daquela moça. Eu estudei cinco anos lá e eu não sei o nome da moça. Eu conversava com tudo quanto é funcionário, inclusive com ela. Ela tem até a mesma voz.

[BREVE SILÊNCIO]

ISABELA: O ano passado foi ano difícil. Esse ano até que está mais tranquilo, porque certas pessoas não está na mesma escola que eu e minha mãe proibiu eu ir de chinelo para a escola. Com medo dele estourar de novo (HISTÓRIA 80 – Com que roupa vou à escola).

BEATRIZ: Ah, a minha mãe. Não é nem minha mãe, sou eu mesmo, que eu tenho medo do perigo, porque têm uns meninos que ficam jogando lá no fundo, né? Aí o Matheus, certo dia, que é o menino que quer ser jogador de futebol, falou assim "tá sem ninguém lá no fundo. Vamo jogá?" Aí, né? Eu fui jogar com ele. Eu, eu dei um chute que ficou roxo aqui, meu pé inchou, eu demorei dois, dois, três dias pra poder voltar a jogar.

ISABELA: O meu joelho está doendo desde ontem por conta que ontem o Daniel, não sei o que ele fez, que ele se tacou no chão. No que ele se tacou, ele bateu com o cotovelo e com as costas no meu joelho. Aí, de beleza, né, nem eu nem ele ficou sentindo nada, né? Aí chegou uma hora que acho que na depois do recreio, uns 10 minutos depois do recreio, eu não conseguia mexer o joelho literalmente, não conseguia mexer o joelho. Aí a Nicole foi lá na sala, curear a minha sala, né, que é da sala do Daniel. Aí não perguntei: "Nicole, o Daniel está conseguindo mexer o cotovelo e as costas?", ela falou, "Tá, está normal, ele não está sentindo nada." Ela perguntou assim: "por que?" "Porque ele passou no meu joelho com o cotovelo e com as costas e não estou conseguindo mexer o joelho." Aí, tipo assim, eu fui embora mancando, literalmente, teve acho que o Carlos e o, e o irmão dele me ajudaram a sair. Porque eu saí pelo portão do sexto ano, né? Que o sexto ano sai por um portão separado. Aí, eu saí por lá e o irmão dele, O Carlos é do sexto e o irmão dele é do sétimo. Aí eu falei assim "Deixa todo mundo sair, todo mundo passar, que a gente sai pelo portão do sétimo, que é mais largo". Aí a gente saiu pelo portão do sétimo, mas eles tiveram que me ajudar lá até chegar no ponto, que é do outro lado. Aí eu fiquei em casa ontem, o joelho inchou ontem. Hoje está até menos inchado, mas ontem, ó. Sufoco até pra dormir (HISTÓRIA 81 – Os roxos e os membros inchados – conflitos entre meninas e meninos).

BEATRIZ: Esses dias eu estava tão feliz. Eu aprendi a jogar sem fazer falta. Porque eu me estresso... Tipo, da última vez acertaram uma bolada na minha cara, e olha o meu óculos como ficou.

ISABELA: Nossa.

BEATRIZ: Aí, depois disso eu fiquei um pouquinho traumatizada, demorou pra mim voltar a jogar futebol.

PESQUISADORA: Aha.

BEATRIZ: É eee detalhe, neste mesmo jogo, eu, eu. O menino estava de goleiro, né? Aí eu falei para Giuliana trocar comigo, só que eu eu falei com a Giuliana assim, sem querer nada, né? Aí eu acertei a bola na cara dele de novo, só que eu acertei com mais força, para

ele parar de ser besta, né? Ele fez isso de propósito e depois ele disse que era falta só nele, que em mim não era. Aí eu acertei mais de duas vezes na cara dele depois disso. Fiquei revoltada (HISTÓRIA 82 – As boladas na cara durante o futebol – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Sim.

ISABELA: Ai ai. Na minha, na minha sala só tem barraco, bem dizer.

BEATRIZ: Na minha também. Tava uns empurrando...

ISABELA: Nossa, hoje tem barraco bom por conta que a... eu estava falando com Carlos aí, tipo assim. Eu e Carlos a gente tem essa mania, tipo assim, ou ele me chama de... Amor, ou ele me chama de outra coisa lá que eu esqueci. Aí ele foi me chamar de... Amor. Aí a menina que estava do meu lado se estressou, porque ele chamou disso de amor? Aí ela se estressou, aí, foi para cima dele. A briga lá no fundão.

BEATRIZ: Ué, por quê?

ISABELA: Não sei porque ele... Ela se estressou, porque ele me chamou de amor. Elas aí ela foi, partiu para cima dele, aí deu um soco nele, aí o Carlos esquentadinho igual a eu e já foi para cima dela também. Aí, aí a professora viu, mas eu fiquei em choque, literalmente. Eu estava em choque, não conseguia nem respirar direito, tão em choque que eu tava. Aí voltei ao normal, aí eu segurei o Carlos aí, nossa, maior rolo. Aí os dois foram pra diretora. Aí eu fui para diretora também para saber o que que aconteceu. Aí no fim não deu nada. Só a tia da Isadora que foi chamada na escola (HISTÓRIA 83 – Ele me chamou de amor e ela se estressou – conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: E no meio disso tudo dá para aprender alguma coisa na escola?

ISABELA: Dá.

BEATRIZ: Dáá.

PESQUISADORA: Dá?

ISABELA E BEATRIZ: Dá.

ISABELA: Esses dias, tipo assim, na sala pode ouvir música. Com o fone de ouvido, óbvio. Aí, eu e a Manuela, não sei por que, mas toda vez que a gente escuta é MC Kevin, a gente chora, sei lá, a gente chora quando a gente escuta MC Kevin. Só que aí a gente estava tão concentrado na matéria, mas tão concentrada nas aulas e quando tocou a intervalo a gente

não ouviu e esqueceu literalmente do da música que estava tocando. E o pior que era terapia, aí nossa, a gente esqueceu da música, de tão focada que a gente ficou na matéria.

PESQUISADORA: Nossa. E o que tava. E o que a professora tava ensinando?

ISABELA: Era Geografia, escala gráfica e escala numérica.

BEATRIZ: Eu estou tendo que aprender pontos cardeais agora.

ISABELA: Ai, eu vou entrar nisso daí também.

BEATRIZ: Aí a professora agora tá botando pra... Pra mim dá aula. Porque povo é burro demais, juro por tudo. Está no livro a coordenada geográfica. Ela pediu para a gente achar, éé, qual a coordenada geográfica de Manaus. Aí tinha que ver a latitude e a longitude. Tinha a resposta no livro. O povo demorou duas aulas para simplesmente olhar. Estava literalmente assim. Aí, por exemplo, não sei. Ah, não sei. Finge que isso daqui é Brasília. Aqui está Brasília. Aí tinha aqui que era 3,05, e de longitude também tinha resposta. O povo demorou três anos para descobrir isso. Eu fui a primeira a descobrir. A professora me botou pra dar aula, porque ela estava com sono.

PESQUISADORA: Nossa.

ISABELA: E aí, o que você fez?

BEATRIZ: Eu fiquei ajudando o povo. E eu quase perdi a paciência e aí a professora falou para eu me sentar de novo. Ainda. Ainda bem que eu quero ser professora. Meu primo tava me zoando esses dias, que eu disse que que eu quero ser professora. Aí ele disse que eu teria que prestar muita atenção em aula de Ciências Sociais, porque eu preciso muito aprender, porque senão eu vou repetir de ano fácil, fácil. Aí eu fiquei irritada com ele e não olhei o dia inteiro na cara dele. Mentira, olhei assim quando ele me ofereceu miojo (HISTÓRIA 84 – O que dá para aprender na escola?).

PESQUISADORA: Sabia que eu sou professora também?

BEATRIZ: Hum, Hum.

PESQUISADORA: Só que eu já fui até professora da ISABELA.

BEATRIZ: Hum, eu. Eu quero ser professora de é educação física ou dança. Mas esses dias eu fiquei com raiva. Não sei se eu quero mais ser de educação física, não. Não, tinha a escola inteira sabe e tem um menino que eu não gosto, ele já me acusou de roubo. De um monte de coisa. E esse menino, ele corre, ele parece um pinguim mancando. E ele, ele não sabe éé brigar e o jogo que ele escolheu para se inscrever é jogo de corpo. Ele pode levar beliscão, arranhão, que não tem falta, não tem nada. Aí, eu fiquei revoltada, porque eu

sou eu sou uma das melhores da minha sala e o Eduardo conseguindo ganhar neste jogo, cara, não é nem ganhar é tipo, eu acho que ele se inscreveu, tinha alguma coisa para esse inscrever. Ele deve ter faltado esse dia e, acho que o jogo é handebol. E aí ele, ele, ele foi escolhido, cara, aí agora eu sei que minha escola vai perder.

PESQUISADORA: Por quê?

BEATRIZ: Porque juro por tudo, o Eduardo, ele não sabe, é, brigar nem discutir. Primeira coisa que você falar para ele, se eu xingar ele, se eu fizer qualquer coisa, ameaçar bater, ele vai chorando pro colo da mãe do pai dele. Ele, ele uma vez levou um murro meu, assim, porque ele estava me irritando e e ele estava, ele estava na escola, é, me beliscando. Aí eu meti, que logo em seguida eu virei um o tapa aqui, porque do que eu meti soco aqui ele veio pra esse lado e eu meti o tapa. Ficou, ficou a marca do meu cotovelo e da minha mão nele. E aí depois ele foi chorando pro pai dele. Mas aí os pais deles não acreditou nele dessa vez (HISTÓRIA 85 - Não quero mais ser professora de educação física porque o... - conflitos entre meninas e meninos).

ISABELA: Aí, na minha escola agora a gente está treinando, hum, menina contra as meninas. Aí, tipo assim, é juntando as meninas.

PESQUISADORA: Do futebol?

ISABELA: É. Futebol e vôlei. Aí, tipo assim, juntou todas as salas, tipo 9º A, 9º C, 9º B, 8º, 7º, 6º, juntou, tipo assim, ó todas as meninas e colocou para treinar no clube. E os meninos treinam na quadra da escola e a gente treina num clublinho que tem lá do lado. Aí, nossa senhora, aí ontem a gente já, assim, foi treinar na quadra da escola e os meninos foram no clubinho, porque não vai ser nem no clubinho nem na quadra, vai ser num... ah, não sei lá onde jogam os profissional. Aí, nossa mano, ontem...

BEATRIZ: Num campo, né?

ISABELA: É... ontem, misericórdia. Eu só escutei a bola de vôlei e a gente estava treinando futebol na quadra, né, da escola. Só escutei a bola de vôlei vindo assim, ó, caiu do lado da menina, literalmente do lado. E eles estavam no clubinho. Como que essa bola foi para, parar lá? Não sei, porque tem um muro dividindo. Não sei, só sei que foi parar lá. Nossa senhora, mas eu fiquei com uma raiva que eu peguei aquela bola e fui levar lá, mas eu acertei o menino de uma forma que, óia, ficou vermelho (HISTÓRIA 86 – Onde meninos treinam e onde as meninas treinam – conflitos entre meninas e meninos).

BEATRIZ: Não deixam mais eu jogar vôlei na minha, minha sala. Porque a última vez que eu fui jogar vôlei, eu fui. É. coisar. Eu bati com a bola na cara da menina e logo... Pelo menos eu fiz ponto. Depois eu bati, bateu na no queixo dela da menina, ela levantou o queixo, eu fiquei com dó depois dela, a boca dela começou a sangrar e aí eu, eu, depois eu fiz um ponto pelo menos, né? Aí depois me proibiram de jogar, porque depois disso aconteceu outras coisas também. Eles tentaram me dar uma chance, não deu certo e aí agora eu só posso jogar futebol e handebol.

ISABELA: Eu posso jogar futebol e vôlei. Não gosto de jogar muito handebol.

BEATRIZ: O meu é handball e futebol que deixam eu jogar lá na minha sala, porque é o único que é, os únicos que a gente estudou e aí agora só deixam esses porque tem medo que eu machuque os outros. E handebol como é jogo de corpo, pode machuca. Minha professora nem liga, mas eu vou ver um beliscão, né? Eu achei que ia contar como falta. Aí eu fui lá reclamar com a ssora. A professora disse que era jogo de corpo, né? Que podia e eu não sabia disso. Eu era a única que não sabia, então eu estava tentando não fazer falta em ninguém. Aí depois eu comecei a jogar como jogo de corpo mesmo. Eu fiz um monte de ponto e aí depois, é, ficaram disputando para ver em que time que eu ia ficar e aí no final eu fiquei sozinha. Eu não quis jogar mesmo. Mandei todo mundo ir à merda, porque eu tava cansada, nem sabiam se eu ia jogar, só tavam lá competindo pra ver no time de quem eu ia ficar... No futebol eu não sou tão boa, mas... (HISTÓRIA 87 - Não me deixam mais jogar futebol).

ISABELA: No futebol, tem hora que a professora na minha sala tem que escolher time, porque aí, tipo assim, teve uma vez que ela colocou o Carlos e o Carioca, o Cauê, pra escolher. Aí, nossa, deu a maior treta para saber em que time que eu ia. Aí a ssora, "ela não vai jogar, ela está com o pé inchado." Porque meu pé tava inchado, literalmente, tava parecendo um pão. Aí, o Carioca e o Carlos, nossa, maior briga pra saber em qual time que eu. Aí a ssora é bem plena, "ela não vai jogar seus anta, ela tá com o pé, inchado". Porque o pior que foram os dois que me ajudou a descer a escada pra ir pra quadra, porque eu estava com o pé inchado. Aí eles começaram a brigar do nada, eu sem entender nada, a professora sem entender. Eu falei, é isso né? (HISTÓRIA 88 – Quem vai ficar comigo no time... ninguém, meu pé está inchado).

BEATRIZ: Os meus amigos ficam...Eu fico com tanta raiva, porque meus amigos, sempre quando tem atividade em grupo, eles ficam disputando. Eu e meu irmão..., eu. Eu tenho 3 grupos de amigo: o do Fundão, o povo do meio, mas aí o povo do meio eu não gosto tanto não porque tem José, tem...

ISABELA: Ai, José, sempre...

BEATRIZ: Ai sempre é um pentelho chato.

ISABELA: José é sempre doido lá, o da, da minha escola. Nossa, ele é doido. Ele é do nono ano, mas parece que ele é do G5. Ele estoura chinelo correndo, ele estoura chinelo na árvore. Esses dias ele bateu com a cabeça na árvore.

BEATRIZ: Esses dias eu briguei com o José da minha sala. Eles estavam se empurrando, eles estavam se empurrando, né? Aí ele veio, me empurrou, ee ele veio. Ele começou a ficar na ponta do pé achando que ele ia me intimidar. Aí, aí eu peguei o ombro dele, eu, eu fiz de um jeito que eu apertei aqui que ele começou a se curvar inteiro. Aí. Aí depois ele veio, ele veio me peitar de novo, aí depois ele ficou com medo de mim.

ISABELA: Ai, os meninos da minha sala eles não tem coragem de vir me enfrentar, um porque eu sou maior que eles, e ganhei de todo mundo no braço de ferro e outra, quando eles vêm, eles tem medo porque fico apertando a cintura deles pra eles saírem ou então eu já parto direto pra briga.

BEATRIZ: Eu já vou no beliscão mesmo. No beliscão eu resolvo tudo, na unha... deixo marca.

ISABELA: Aí, tipo assim, porque a professora, ela tipo assim, tá me encarando por conta do que eu fiz ano passado, né? Então, tem que me segurar.

BEATRIZ: O que você fez ano passado?

ISABELA: Estourei um chinelo, quase perdi um tênis, briguei na porrada, tudo isso com a mesma pessoa.

BEATRIZ: Eu já taquei um tênis na cara do meu amigo, aí eu, aí eu...

ISABELA: Com o Yuri. Aí, esse ano, tipo assim, eu tô com a mania de apertar...

BEATRIZ: Eu já perdi um tênis tacando na cabeça de um amigo.

ISABELA: Eu perdi dois chinelo, eu acho. Foi 2? Foi dois chinelo que eu perdi estourando no Yuri. Aí, tipo assim, a Micaela tem esse costume de ficar apertando a cintura também. Aí eu acho que eu comecei a andar muito com ela, só que eu já tinha esse costume de ficar apertando a cintura dos meninos e das meninas também, às vezes, quando me irrita demais também. Aí eu, eu fui apertar a cintura do Carlos. O Carlos fez assim. Aí ele parou

de me provocar também porque teve antes de eu apertar a cintura dele, eu, tipo assim, já meti um tapa nele, porque ele veio me irritar. Aí, nossa mano, os meninos nem mexe comigo mais, ele tem, eles têm medo de vir me pedir um lápis com medo de eu virar um tapa nele. O Errorex não tem medo não, porque o Errorex já chega assim, Oh.

BEATRIZ: Ele, ele apanhou muito na antiga escola, tanto brigando com todo mundo...

PESQUISADORA: O Errorex estudava na sua escola antes?

ISABELA: É.

BEATRIZ: Na minha sala! É, ele me aterrorizou por 5 anos. Ele me aterrorizou por cinco anos.

PESQUISADORA: Ele era da sua sala e agora ele está na sua sala?

BEATRIZ: Ele me aterrorizou por cinco anos (HISTÓRIA 89 – Os meninos que aterrorizam e como resolver isso no beliscão - conflitos entre meninas e meninos).

PESQUISADORA: Nossa, tem mais alguém da era da sua escola que foi junto com você?

ISABELA: O Carioca, [que é] o Cauê.

PESQUISADORA: Hum, o Carioca é o mesmo que o Cauê?

ISABELA: O Carioca é o Cauê.

PESQUISADORA: É o Cauê? Tá.

ISABELA: Porque ano passado tinha um menino do sexto ano que é igualzinho o Cauê, só que ele era carioca. Aí ele pegou a apelido de Carioca.

PESQUISADORA: Entendi, entendi. E da sua e das na sua sala hoje, tem alguém que era da sua turma o ano passado?

BEATRIZ: Tem o Enzo, a Maria, oo Vinícius e tinha mais um menino que ele saiu agora, que é o Téo.

ISABELA: Ah, e o Carlos, que me pediu em namoro, ele estudou comigo, com o Carioca, lá no terceiro, nooo segundo ano [tentando se corrigir]. Descobri ontem (HISTÓRIA 90 – Quem estudava com a gente no ano passado).

BEATRIZ: Sabe esse menino chamado de Eduardo, que eu falei, então ele estuda na mesma escola que eu. Ele está no 6ºB. Por isso que eu não gosto daquela sala. Ele, ele estudou comigo também, é.

ISABELA: Eu também. Eu também não gosto do 6ºB. Nossas Senhora! Eles fazem e colocam a culpa no 6ºA.

BEATRIZ: Verdade, eu odeio isso.

ISABELA: 6ºA é sempre culpado, né?

BEATRIZ: O 6ºD também.

ISABELA: Não, o 6ºD lá não. Só o 6ºA.

BEATRIZ: O 6ºD os professores até gostam, mas tem hora que tem que dar uns berro bem dado! Já deram tanto berro lá.

ISABELA: Teve uma vez que a professora ficou tão estressada, mas tão estressada com o 9ºC, tipo assim tem o 6ºA, aí um corredor assim, das salas do 6º A ao 7ºC. Aí assim pega o 7ºD, o 8ºD. E lá atrás tem a cantina e tem as salas. Aí não sei o rolo que deu lá no 6ºC que a professora gritou, mas tipo assim, quando grita no no nono ano, não dá para escutar no 6º ano A, nem no sexto, nem no sétimo, nem no oitavo, porque é muito longe a distância. Mas ela gritou, mas ela gritou de um jeito que a gente até o sexto ano A se arrepiou inteiro. A sala inteira se arrepiou com o grito da professora (HISTÓRIA 91 – Os problemas que as salas dão).

BEATRIZ: Ai, as professora já xingaram tanto a gente, mas no final elas amam a gente. A gente eé a melhor sala que tem. De inteligência...

ISABELA: A gente também!

BEATRIZ: Mentira, não é não, porque tem gente tipo, o José, o Vinícius. O Vinícius ele está se achando porque ele vai participar do semaralho.

PESQUISADORA: O que que é isso?

BEATRIZ: É semana de é semana de jogos de matemática com raciocínio lógico. Acho que é.

ISABELA: A minha já começou.

BEATRIZ: A minha não começou ainda. Vai começar dia 2 e aí ele disse que vai participar, que ele não ia se rebaixar a alguém que dizia que não sabia matemática, né? E a professora estava apostando na gente. E aí ele entrou e eu virei e falei assim, “Íií, ssora...”. Aí, né? Eu não consigo ficar quieta, eu preciso zoar.

ISABELA: Eu também.

BEATRIZ: O Vinícius, até o ano passado, a professora de matemática odiava ele. Ele era um dos piores alunos. E aí, né? Eu tive que zoar. Ele virou e falou assim, que não ia se

rebaixar, dizer que não sabe matemática. Aí a professora disse isso “isso mesmo, meninas.” Eu virei e falei assim, “íh sora, já pode mudar sua pasta para o sétimo ano.” Aí ele ficou bravo comigo, não olhou mais na minha cara. Aí depois ele, ele, ele fez merda e api ele vem chorar pra mim. Eu ignorei ele, fiz a mesma coisa que ele fez (HISTÓRIA 92 – O semaralho e o menino que dá azar – conflitos entre meninas e meninos).

ISABELA: Ai, o tipo assim, um dos meninos mais que tipo assim, mais estudo que tirou 10 assim, foi o Baiano que é o Gabriel Lima e o Errorex.

BEATRIZ: Oi?

ISABELA: O Errorex está estudando agora, menina, eu tipo assim ele faz. Ele termina todas as atividades primeiro.

BEATRIZ: Ele nunca entregou um dever.

ISABELA: Ele está fazendo os dever, está fazendo os trabalho, está fazendo trabalho.

BEATRIZ: Trabalho, ele sabe o que é isso?

ISABELA: Sabe.

[As duas riem]

Está fazendo, como fala? Tipo assim, ele termina primeiro, mas se ele termina primeiro e é tudo certo. Tipo assim, ele tá copiando mais rápido. Antes ele demorava duas horas pra copiar o nome, a data. Agora em duas horas ele termina três lousas.

BEATRIZ: Você tem que olhar o caderno dele.

ISABELA: Eu olhei.

BEATRIZ: Do quinto ano. Ele não tinha nada.

ISABELA: Não, do quinto ano eu não olhei.

BEATRIZ: Não tinha nada no caderno dele. O máximo que ele fazia era o cabeçalho e a rotina. No máximo!

ISABELA: Nem o cabeçalho ele faz, porque agora a gente faz só a data, né?

BEATRIZ: O máximo que ele fazia. Depois disso ele não fazia mais nada. Só ficava conversando e bagunçando.

ISABELA: O pior é que quem faz a data do caderno do Errorex sou eu, porque a gente tem umas manias de fazer umas datas decorativas, tipo assim, eu faço com marca-texto, eu faço umas coisas no, tipo assim, eu faço com caneta, aí eu corrigi. Aí toda aula ele vem, “faz a data pra mim?”. Tipo assim, tipo assim, quando vai trocar eu já falo: “Errorex,

dá o seu caderno para fazer a data.” Porque eu já sei que ele vai me pedir mesmo, aí, né? Aí, quando tem título eu faço...

BEATRIZ: Ele é um chato nessa parte. [Trecho inaudível]

ISABELA: Ele está estudando agora. Acho que começou a andar com o Baiano. Aí tá estudando mais, porque o Baiano, tipo assim, o Baiano não faz muita coisa também não, mas o Errorex agora tá fazendo mais coisa que o Baiano. Antes era o Baiano que fazia mais coisa que o Errorex. Aí, tipo assim, a nossa sala, a minha sala é dividida: as menina fica do lado da janela e os menino fica do lado da porta, por que? Não sei. Sendo que no meio da aula todo mundo troca de lugar (HISTÓRIA 93 – As mudanças positivas do Errorex).

PESQUISADORA: Mas foi alguém que colocou essa posição?

ISABELA: Não. Não, a gente que escolheu mesmo. A gente que escolhe onde a gente senta. Aí, os meninos no meio da aula pega as bolsa vai pro lado das menina. Aí, as menina pega a bolsa, vai pro outro lado, aí fica misturado. Aí no final fica tudo misturado.

PESQUISADORA: Mas as meninas mudam, mudam de lugar para ir atrás dos meninos ou fugir, de fugir dos meninos?

ISABELA: Não, os meninos vão atrás da gente, é o contrário.

BEATRIZ: Na minha sala também.

ISABELA: Aí, às vezes, tipo assim, tipo eu fico lá. Eu e a Manu a gente fica no mesmo lugar, porque tipo assim, éé́é, tem o Pedro, tem o Carlos, tem o Carioca, tem o Baiano, tem o Errorex, tem ooo Davi, tipo assim, isso aí a gente... Eu e a Manu já é parça. Então, eles vão mais pra provocar a gente. Aí, tipo assim, eu nem ligo mais, porque a gente vai conversando.

BEATRIZ: Eu taquei um estojo na cabeça do menino esse ano porque ele tava me irritando. Ele mudou de lugar para me irritar. Tem mapa de sala, ele perdeu ponto pra me irritar. Aí eu taquei o estojo na cabeça dele.

ISABELA: Na minha não tem mapa de sala, graças a Deus. A minha não tem mapa de sala, porque...

BEATRIZ: Na minha tem e vai mudar todo mundo.

ISABELA: O primeiro dia, o terceiro dia, a minha escola já... A minha sala já tava tacando o terror na sala. Aí deixou uma semana em mapa de sala. Funcionou? Não. Só que aí falou que se voltar a ter mapa de sala vai ser os mesmos lugares. Só que aí eu vou me lascar, porque éé́é... eu fiquei num.... ficou um menino, uma menina, um menino. Só que aí,

eu não sei porque, mas o Carlos ficou na minha... O Carioca ficou na minha frente, e o Carlos ficou atrás de mim. Aí o Baiano sentou do meu lado, o Davi sentou atrás do Baiano e o Túlio sentou lá na frente, na primeira carteira. O grupinho ficou reunido do mesmo jeito. Aí não adiantou nada porque ficou reunido do mesmo jeito.

BEATRIZ: As professora colocaram mapa de sala, mas vira e mexe eu tô lá no fundão conversando ou bagunçando.

ISABELA: Eu sou. Eu sou do fundão, eu sou do fundão eu sou.

BEATRIZ: Eu não sou do fundão, eu tenho que ficar lá na frente estudando.

ISABELA: Eu sou. Eu e a Manuela. A gente é do fundão.

PESQUISADORA: A Manu você conheceu esse ano?

ISABELA: Esse ano. É, a Manuela.

BEATRIZ: Sabe o ruim, é porque tem uns meninos que eles mudam de lugar pra ficar perto das meninas.

ISABELA: É!

BEATRIZ: E as meninas, elas saem pra não ficar perto deles e eles não entendem essa parte.

ISABELA: É! O pior que é mesmo.

BEATRIZ: Aí teve uma amiga minha que bateu no menino, porque o menino não parava de encher o saco dela, ela trocou de lugar. O menino foi atrás. Ela trouxe mais de uma vez. O menino foi atrás, o menino estava dando em cima dela o tempo todo, aí, aí ela bateu nele e ele parou de ir atrás dela. Só que ela deu um tapão que era para ficar doído. Menino daqueles bem branquelos sabe?

ISABELA: Nossa!!

BEATRIZ: Ele, ele, ele ficou um dia com a marca da mão no braço.

ISABELA: Aí, eu já deixei marca da minha mão... no menino. Nossaa!

BEATRIZ: Eu já fiz isso. O que o menino nem era tão branquinho, era o Téo. Ele é meio moreno, ele é tipo minha cor de pele. Aí, né? Eu deixei a marca da minha mão. Deixei bem dada.

ISABELA: Eu deixei no menino do ano passado, no Yuri, tipo assim, ele não é tão branquinho, também. Aí nossa, minha mão ficou bem assim ó, nas costas, porque eu peguei de jeito assim, oh.

BEATRIZ: Eu também deixei no Bryan e no Eduardo (HISTÓRIA 94 – As mudanças de lugares na sala entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos).

ISABELA: Nossa, o Bryan da minha sala ele é ladrão, ele irrita todo mundo. Ninguém gosta dele, nem os professores.

BEATRIZ: Não. Os professores até gosta dele porque ele é estudioso.

ISABELA: O meu não faz nada.

BEATRIZ: Mentira, ele é burro, burro pra caramba. A única coisa é que ele é obrigado a estudar, então ele estuda.

ISABELA: A minha não, filha, ele vai pra escola pra irritar nós, irritar os professores... minha filha, ele vai, ele vai, ele vai para escola perguntar a nós usar os professores.

BEATRIZ: Ele se acha porque ele luta, né? Aí esses dias ele veio, ele veio, ele pegou braço, ele fez assim, ele virou e falou assim: “Sai!”. Eu belisquei ele de um jeito que ficou... meu dedo quase arrancou a pele dele com o beliscão que eu dei.

ISABELA: Tipo assim, o Bryan já roubou meu Errorex, já roubou a minha caneta, já roubou tudo meu. Tipo assim, eu sei que ele, ele é o único que vai na minha mesa. Os outros meninos vai, mas os menino pede. Então, tipo assim, eu falei que precisa pedir, porque... eles nem... eles não roubam nem nada. Eu sei que eles devolvem depois. Então eu falo assim “Se vocês quiserem alguma coisa, nem precisa pedir. É só pegar.” Aí o Brian não. É o Brian escutou eu falando isso pros meninos, ele vai sem pedir, ele pega tudo. Aí eu falo assim, “Brian, devolve.” Ele fala, “não, não vou devolver porque não é seu.” Aí eu sei que é meu. Aí eu falo assim, “professora, eu vou lá na diretora falar para diretora puxa as imagens da câmera.”

PESQUISADORA: Tem câmera na sala?

ISABELA: Tem. Na minha tem. Só na minha tem... Só na minha e na do 9ºC.

BEATRIZ: Tem, tem, em todas, em todas. Já tiveram que puxar a câmera e quase deu caso de polícia lá por causa de um caderno. O caderno que a prefeitura dá, daqueles bem baratos, sabe? É feio, horroroso.

ISABELA: É mesmo.

BEATRIZ: Igual o menino que estava procurando.

ISABELA: Aí, eu fui lá, professor, aí. Viu, né? A diretoria mandou. O Brian devolveu, o Brian falou que não ia devolver. Eu falei assim, “Ah, não, vai devolver, não, vai devolver? Tá bom então!”. Aí, eu só fiz assim, ó. Bem na bem aqui, assim, ó, nele, aí ele devolveu. Mais todo dia, todo dia ele apanha de mim, bem dizer, né?

BEATRIZ: O Brian se acha porque ele luta karatê e ele já saiu até pra lutar. Aí, só que ele ele vai em golpe de luta, tipo em golpe de luta não tem de, de beliscar e tal, eu não, luta, eu não tenho que seguir essas regras. Aí ele vem me irritar, ele já, ele já deu um coiso aqui no. Mais de uma vez. Ééé, uma vez eu chutei ele, a outra eu dei um beliscão. Aí depois ele nunca mais fez isso, eu acho (HISTÓRIA 95 – Os meninos que a gente não gosta – conflitos entre meninas e meninos).

ISABELA: Nossa, ontem, ontem, as duas primeiras aulas foi de orientação de estudo. Aí. Aí o professor estava fazendo, sei o que lá, estava corrigindo a prova do 7º C, não 7º B. Aí, tinha um povo lá, né? Aí ele liberou para desenhar na lousa. Aí o Cauê e o Carioca foi fazer palhaçada. Aí o Carlos virou professor To Nine. Que a gente chama ele de To Nine. Aí, o Cauê virou o professor Carioca. Aí ele estava dando aula lá, aí veio gnomo.

BEATRIZ: O Túlio?

ISABELA: Não, o Túlio não está indo pra escola. Ele tá viajando.

BEATRIZ: Ah, tá normal.

ISABELA: Aí vem um gnomo me irritar, aí eu comecei a correr atrás dele. E ontem eu fui de chinelo, eu fui de meia branca. E. Eu sempre deixo. Eu deixei o chinelo de canto e fui lá assistir a aula do professor To Nine. Aí ele começou a me irritar, mas teve uma hora que eu me estressei, comecei a correr atrás dele, a sala inteira. Aí o professor "senta aqui, ISABELA!". Aí, eu "espera aí, professor, deixa eu matar ele, aí eu sento aí, tá?" Aí o ssor falou "Tá bom, então. Vai!" Aí, nossa, mor briga lá, mas tipo assim foi na brincadeira mesmo que eu comecei a correr atrás dele e ele começou a imitar na brincadeira também, aí... (HISTÓRIA 96 – Espera aí, ssor, deixa eu matar ele, aí eu sento – conflitos entre meninas e meninos).

BEATRIZ: Tem uns menino da minha sala..., a professora de inglês, ela é linda, né? Aí, aí ela sempre que vê eu batendo nos meninos, ela sabe que toda vez tem um motivo, porque pra bater neles eu preciso perder a paciência. Eu nunca tive muita, mas...

ISABELA: Eu não tenho paciência. Eu nem sei o que é isso.

BEATRIZ: Eu nunca tive muita, mas quando eu perco, eu perco e bato. Aí, né, a professora, ela viu os meninos me provocando, tirando as coisas da minha mesa. Eles chegaram a tirar até a atividade dela. Aí quando eles começaram a tirar a atividade dela, euuu, eu fui lá, eu dei ummm, um chute naaa, na canela deles e eu tava com All Star. No que

eu chutei, ficou a marca, porque eu chutei, eu chutei ele, eu chutei assim, ó, pá! Ficou... a etiqueta do All Star, sabe? Que tem ali atrás, na canela dele. A professora só riu e aí quando eles o que a professora ia fazer, ela disse que não ia fazer nada, que eu tava certa.

ISABELA: Pois é. Ai, na minha sala, tipo assim...

PESQUISADORA: Acho que ela viu o que vocês sofrem.

BEATRIZ: Muito. Ela já disse que tem vontade de bater nele, às vezes. No Túlio, de tanto que eles irritam (HISTÓRIA 97 – A professora que me defende – conflitos entre meninas e meninos).

ISABELA: Que nem, a minha professora, tipo assim é, tem uma aluna do terceiro do ensino médio também, que ela é minha, tipo assim ela é minha amiga e ela é minha vizinha. Aí, tipo assim, quando ela vai na sala eu disse assim, eu fico agarrada com ela, tipo assim, eu não solto ela por nada. Aí os meninos vai para me provocar, tipo assim, fica mandando. É tipo assim, tipo assim, eu tenho muito ciúme dela mesmo. Eu tenho ciúme dela, muito ciúme igual eu tinha da minha irmã, entre aspas, né? Aí, nossa mano, eles me provoca aí ela falou assim, "não liga, tipo assim, que eu não vou dar bola para eles." Mais aí. Ela. Ela falou assim, tipo assim, ontem na saída, eu agarrei ela, tipo assim, eu não soltei ela por nada. Aí ela falou assim "Eu te dou um real se você me soltar!" Aí, como é dinheiro, dá para comprar um pirulito. Que eu tava pobre naquele dia e eu queria um pirulito. Aí eu falei, tá bom. Aí eu soltei. Aí ontem... Aí depois eu fui cobrar ela hoje de manhã. Aí ela falou "Ah, te dou na escola." Eu falei assim, "Se terça-feira você não me der esse 1 real, eu grudo em você e não solto você por nada!" Aíii é assim que nós consegue as coisas (HISTÓRIA 98 – As chantagens para conseguir as coisas).

BEATRIZ: Eu tenho amiga que que é? Eu tenho muito ciúmes, igual ela. Aí é, esses dias, veio um amigo meu, pediu o telefone dela. Aí eu não dei, né? Porque eu tenho dó dela, que era pior menino que tinha possível. Aí ele foi no Instagram, aí ele começou a me irritar porque eu vi que ele viu que eu tenho ciúmes dela, aí ele começou a me irritar e agora todo dia ele vem pedir o instagram e o telefone dela.

ISABELA: Eu tenho um assim, que é do 8º.

BEATRIZ: Tem hora que não dá, eu perco a paciência.

ISABELA: Tanto é, tipo assim, a minha irmã, entre aspas, a Samira, que ela era do 9º. Quer dizer, tanto é que quando ela começou a namorar um menino da sala dela, eu tipo

assim, eu fiquei com muita raiva. Eu não falava com ela, eu não falava comigo nem nada. Aí depois eu fui pegando intimidade comigo e tudo mais. Aí até foi. Tanto era que eu chamo ele de Cunha. Aí, nossa, mas no começo era um ciúme e tem um menino da do oitavo ano, oitavo C, o Ericsson, que a Micaela, da minha sala gosta dele. Só que ele paquera a minha irmã que é namorada do meu Cunha. Aí nossa, dá mor rolo. Aí, quando eu vejo ele, ele já falo, "Samira, vamos embora para você vai andar comigo e não com meu Cunha. Você vai andar comigo hoje." porque eu vejo eles, quando ele vai para escola, ele já vai direto pra ela. Aí eu falo, nossa, tenho muito ciúme, tanto é que eu briguei com o menino por conta dela. De tanto ciúme. E é, tipo assim, a gente não é nada parecida, é só o cabelo mesmo aí, tipo assim a gente pegou esse apelido de irmã, por conta que o povo começou a falar... Chegava na gente e falava assim "aí vocês são irmãs?". Aí, eu e ela olhava assim, e a gente perguntava "por que?" "Ai, porque vocês são muito parecidas". Aí a gente pegou apelido de irmã mesmo. Aí ela foi embora agora, me abandonou, porque o pai dela, o pai dela, a madrasta dela traiu o pai dela com o tio dela. O pai dela descobriu, aí tava descontando na Samira. Aí a Samira ligou pra mãe dela, a mãe dela falou que era pra ela voltar, porque ela estava entrando em depressão (HISTÓRIA 99 – As meninas que a gente tem ciúmes - conflitos entre meninas e meninos).

BEATRIZ: Eu também. Eu também tenho uma pessoa que chamo de irmão, mas não é uma menina, é um menino que a gente tá sempre junto e esse ano a gente separou, mas ele chegou estudar um tempo comigo, que é o .... Ele ficou cinco anos me atazanando.

ISABELA: O irmão.

BEATRIZ: E, aí, ele esses dias a gente tava parado lá, do nada. Aí veio umas meninas e começou a conversar com a gente. As meninas era do, do ensino médio! Começou a falar que a gente era parecido. Aí começou a shipar a gente. E u nunca tinha visto elas. Eram meninas, assim, aleatórias. E o pior é que tinha uma menina que, essa menina eu já ouvi falar dela. Ela se chama Adriana. EE, ela é, é ruiva, e ela tem daqueles olhos, sabe, bem clarinhos. Ruiva do olho verde e ela se acha muito, por causa disso.

ISABELA: Nossa, tem uma menina na minha sala...

BEATRIZ: Aí, ela fica atazanando todo mundo depois, fica se achando. Aí eu saio de perto, é isso. Não sei o que aconteceu depois (HISTÓRIA 100 – Chamo de irmão).

ISABELA: Nossa, ontem eu fui entrar no 9º B. Porque assim, eu entrei em todas as salas já, no A, B, C, já entrei em todas as salas, como acolhedora, né? Porque a gente tá treinando. Aí, a gente, eu fui entrar lá, bem plena, o povo perguntou assim "Aí, você é de que 8º?", eu falei "8º?", aí falou assim "Ai é que você parece que tá no 8º.", eu falei "Eu tô no 6º. Eu sou do 6ºA." Aí o povo assim, "Nossa!!", eu falei "Gente eu sou...", aí eu perguntei assim ", por que vocês achavam, acharam que eu era do 8º?", aí ele falou assim "Ai por conta da sua altura também." Porque tipo assim, eu sou maior que o povo do 8º. Aí eu tô no 6º. Aí eu falei "Misericórdia." Aí o povo ficou tudo assim "Gente, ela é 6º ano! Eu achei que ela era 8º..." Literalmente. O povo do ensino médio falou assim "Ah, você que é a ISABELA do 8º ano?" Porque tem uma ISABELA no 8º ano. Aí eu falei, "não, eu sou a ISABELA, do 6ºA." "Ah, tá, obrigada". Aí, aí eu passei assim, com a Nicole, porque a gente estava correndo atrás do Daniel. Aí eu escutei as meninas falando assim "Misericórdia, essa menina parece do 8º ano." Aí eu falei, "ai Jesus" (HISTÓRIA 101 – A Isabela do 8º ano).

PESQUISADORA: Olha só, deixa eu comentar: a gente tem só mais 15 minutos. E aí eu tive uma ideia, vê se vocês concordam: tudo isso que a gente conversou vai fazer parte da minha pesquisa, né? É... de todos os encontros, de tudo que a gente já discutiu junto com as outras crianças também. E aí tudo isso vai virar um livro para minha, é, faculdade. Tipo que eu que vou escrever. O que eu pensei em fazer? Em transformar esse livro da faculdade em um livro que qualquer pessoa possa ler. E aí eu uso os desenhos que vocês fizeram como capa para esse livro, que aí a gente não precisa mais escrever nada, nem fazer mais nenhum desenho e aí a gente pode encerrar a pesquisa por aqui. Que é que vocês acham?

ISABELA: Vixe... eu hein...

PESQUISADORA: Deu pra entender?

BEATRIZ: Sim.

PESQUISADORA: Tipo da gente, de eu usar o desenho que vocês fizeram como capa da minha pesquisa. Ou vocês acham que não? Melhor não?

ISABELA: Eu olho para ela e vi o Errorex. Péra.

[TODAS RIEM]

BEATRIZ: Caraca!

ISABELA: Porque o Errorex fica falando do cê na sala. Péra.

BEATRIZ: Esse menino só me atazanava... eu odiava ele.

PESQUISADORA: Vocês querem continuar conversando... então vamos conversar....

TODAS RIEM

PESQUISADORA: Aí depois eu decido o que eu vou fazer com essas coisas. O que vocês acham?

BEATRIZ: Eu acho melhor você decidir.

PESQUISADORA: Eu decidir?

ISABELA: É. Também acho.

PESQUISADORA: Tá bom, tá bom. Mas aí, é. para não precisar... Estou vendo assim para vocês. É, está super puxado as coisas da escola. Não dá para ficar fazendo mais coisas do que vocês já estão fazendo, né?

BEATRIZ: Eu estou fazendo muita coisa fora, eu estou.

PESQUISADORA: É, então já tá bem, já tá bem puxado. Ah, então, eu vou encerrar a pesquisa aqui agora, vai demorar um pouco, assim vai demorar, na verdade bastante para eu retomar contato com vocês é porque daí eu preciso apresentar todo o meu texto para os professores da faculdade. É contar como é que foi todo esse processo, tudo o que a gente conversou assim, lembrando que nada vai a nenhum momento, vai aparecer tipo o nome de vocês, porque a gente está mais interessado. No que a gente conversou, do que saber assim, tipo que a BEATRIZ ou que a ISABELA falou assim, né? E aí, quando eu finalizar a pesquisa que provavelmente eu finalizo a pesquisa no meio do ano que vem, então ainda tem aí mais 1 ano para eu trabalhar com as coisas que a gente conversou, aí eu vou retomar contato para apresentar para vocês, né? Tipo, olha, tudo o que a gente conversou foi bem legal que. Pessoas falaram, tá bom? Aí a gente vai, retoma e vê como é que. Aí eu te aí eu conto para vocês que que eu decidi fazer com os desenhos. Melhor assim, o que que vocês. Que está precisando de? Vocês estão saindo assim? Ai, poxa, queria ter feito o livro, ou queria escrever, ou queria desenhar (HISTÓRIA 102 – Os rumos da pesquisa).

BEATRIZ: Eu não, sou péssima escrevendo.

ISABELA: Eu também. Eu tive que fazer uma redação ontem.

PESQUISADORA: Então, tá bom.

BEATRIZ: Eu tive que fazer uma redação. Esses dias eu tive que responder uma pergunta, né? Só que não podia responder do jeito que eu respondi. Depois eu levei até bronca. Porque a pergunta era... era uma pergunta muito idiota e o povo que tava, que tava

no meio dessa pergunta, era mais ainda. A pergunta era “o que eu achei da divisão do chocolate” e eu coloquei que era burra, que quem tava fazendo essa divisão, mais burro ainda. Aí eu levei um pouquinho de bronca, mas a professora disse que tava certa. Depois eu ganhei 2 pontos pela sinceridade. A questão só valia 1.

ISABELA: Ai, eu ganhei dois ponto ontem, por conta que eu separei uma briga do 9º ano, literalmente, eu entrei no meio do povo do 9º ano, brigando, aí a diretora me deu um ponto e depois por conta que eu tirei 10, eu fui a única que tirei 10 na redação de ontem.

PESQUISADORA: Nossa.

BEATRIZ: Eu sou péssima em redação.

ISABELA: Como eu tirei 10? Não sei...

PESQUISADORA: É como. Família de vocês já está por aqui, aí eu. Liberar vocês. Minutinhos mais cedo está bom? (HISTÓRIA 103 – História das provas e das notas).

Ao longo desta pesquisa, escutei 103 histórias que, posteriormente, passaram pela análise de conteúdo e foram reunidas por temáticas. São elas:

- Os caminhos da pesquisa;
- Concepções infantis;
- Minha cidade: a escola.

Após essa organização, notei a temática do gênero, atravessando muitas dessas histórias. Por isso, essas mesmas histórias foram reorganizadas na temática *ser menina na sociedade*.

3.2 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Fazer pesquisa com crianças é uma aventura porque, assim como o pensamento filosófico, você sabe como irá começar, mas não sabe qual será a próxima palavra. Algumas vezes, elas comunicam não só através de palavras, mas com o corpo e suas expressões. O universo da pesquisa, para elas, é um ambiente em que as crianças do Comitê, especificamente, começam a adentrar, devido à importância que o projeto Cidade das Crianças tem ganhado com o tempo e, aos poucos, elas compreendem a dinâmica envolvida. É isso que revelam suas histórias:

Tabela 8 - Histórias sobre os procedimentos de pesquisa

HISTÓRIA 1 – Apresentação das crianças
HISTÓRIA 2 – Combinados da pesquisa
HISTÓRIA 6 – Procedimentos da pesquisa: o que colecionar
HISTÓRIA 50 – Proposta da estrutura do livro
HISTÓRIA 52 – Estrutura do livro e continuação da pesquisa
HISTÓRIA 61 – Continuação da pesquisa: Agora você resolve aí
HISTÓRIA 72 – Tentativas de escrita do livro da pesquisa
HISTÓRIA 102 – Os rumos da pesquisa
TOTAL DE HISTÓRIAS: 08

Fonte: Produção da própria autora.

Na história 1, as crianças escolheram seus nomes fictícios e contaram sobre sua idade e a escola. Na história 2, apresentei a proposta de ler o livro e as convidei para fazer a leitura. Houve alguns estranhamentos e algumas perguntas feitas para as crianças, especialmente para uma delas que também gostaria de participar da pesquisa, mas não foi permitida, uma vez que não tínhamos a assinatura e o consentimento da família.

> PESQUISADORA: Agora eu trouxe um livro para vocês [pausa] Eu trouxe um livro para vocês que eu vou começar a ler para gente pensar o que que éééé ser criança na cidade. [pesquisadora mostra o livro para as crianças] Olha só.
> Eu trouxe esse livro que chama "O menino que colecionava lugares". E ele foi escrito pelo Jader Janer. O Jader Janer é um professor de universidade que ele pesquisa os lugares que as crianças vão. E aí ele fez esse livro. Então eu vou começar... Vou começar a ler e aí a gente vai discutir um pouquinho sobre os lugares que as crianças ocupam, tá bom?
> VINICIUS: Ohhh, oh PESQUISADORA. Você começa a ler e depois você passa pra gente ler.
> [Isabela faz cara de reprovação].
> PESQUISADORA: Então faz assim, lê quem quer, entendeu? Lembra que a ideia é pra vocês ficarem confortáveis, não é? Então, olha só.
> [Havia um outro garoto que também queria participar da roda, mas ainda não foi possível conversar com a sua mãe e as crianças estavam perguntando por que ele não podia participar].
> Porque precisamos conversar com a mãe dele.
> Você pode escutar e depois que tivermos a autorização da sua família, você participa. Tá bom? (História 2 – Combinados da pesquisa, 2022)

Foi devido a essa temática que percebi que minha pesquisa precisava ganhar outro olhar, diferente da proposta inicial pois, até então, a intenção era a de escrever um livro que revelasse as concepções das crianças. Porém, elas aparentam ter uma relação um pouco aversiva com a escrita e já revelavam suas histórias utilizando apenas a fala. A história oral, portanto, é predominante na vida delas e eu, enquanto pesquisadora, precisava preservar esse movimento:

> PESQUISADORA: Tá friozinho aqui, né?
> Então um livro de desenhos.
> Que mais que você teve de ideia? Livro de desenhos e o que você pensou desses desenhos?
> BEATRIZ: Podia ser assim uma página, uma página desenho e outra, é, uma página escrita.
> PESQUISADORA: Ahm, tá.
> Uma página de desenho e outra página escrita. Vai, vai me falando as ideias que você tem, tá?
> BEATRIZ: Eu não tenho ideia. Eu acordei cedo hoje, minha mente não está funcionando.
> PESQUISADORA: Aaaa tá? Mas aí você pensou... Ó! Vou fazendo então perguntas para gente, é, entendendo, está bom? Então assim, é uma página de desenhos e uma página de texto. Você acha que cada criança vai fazer um desenho e escrever um texto ou cada parte vai ser sobre um assunto, por exemplo... Escolas. Aí faz um desenho sobre escola e escreve alguma coisa sobre escola.
> BEATRIZ: Podia cada um ficar com um assunto. No caso, cada um faz um desenho.
> PESQUISADORA: Fica com um desenho e um assunto. [PESQUISADORA anota essas informações no caderno]
> Vamos pensar quais seriam esses assuntos? O que você acha que você acharia legal colocar ou o que você teria vontade de escrever sobre ou desenhar sobre? [Silêncio]
> BEATRIZ: Eu não sei. Eu acho que ... escola.
> PESQUISADORA: Escola.
> BEATRIZ: Não sei o que mais.
> PESQUISADORA: Assim, das discussões que as pessoas trouxeram para o comitê. Né? Tipo durante esse tempo, você continua no comitê, né?
> BEATRIZ: Continuo.
> PESQUISADORA: É, quais foram as temáticas ou, tipo, os lugares que vocês foram frequen, que vocês frequentaram?
> BEATRIZ: Foi aqui na Fábrica de Infâncias, na Expressa e no hospital que a gente foi uma vez com uma van.
> PESQUISADORA: Hospital (HISTÓRIA 50 – Proposta da estrutura do livro, 2023).

Toda vez que eu tentava trazer a proposta do livro, eram muitos silêncios ou palavras como *não sei*, *não sou boa nisso.* Eram mais palavras e ideias minhas, do que das crianças.

> PESQUISADORA: Bom, deixa eu atualizar vocês então da situação da nossa pesquisa. Aqui no último encontro que eu tive com a BEATRIZ, a gente decidiu que ia ser um livro de desenho, de desenhos que ia ter, tipo, uma página escrita, uma página de desenho e uma página escrita. É, e aí que cada criança ficaria responsável por um assunto e um desenho. Então, daí a BEATRIZ escolheu a escola, você escolheu a cultura, só que as crianças, as outras crianças não estão conseguindo vir. E a gente ainda tem outros 2 assuntos, que é coisa do hospital e o último que eu apelidei como funk, que são assim, as coisas que às vezes as crianças têm vontade de falar ou de fazer e que os adultos assim ficam incomodados, né? Aí, a gente precisa decidir o que que a gente faz com esses 2 tópicos. Se vocês querem tirar, e aí a gente faz um folhetim sobre escola e cultura, que é o os assuntos que vocês já estão fazendo. Ou se vocês têm alguma outra ideia? É, ou se vocês querem pegar esses outros 2 assuntos para fazer juntas, enfim, tipo, a gente precisa daí decidir o que que a gente faz com esses 2 assuntos.
> ISABELA: Não eu, Hein. Não sei, espera.
> PESQUISADORA: E tá tudo bem que a gente decide é isso. Assim a gente vai fazer conforme o que der, conforme a gente quiser.

> BEATRIZ: Não sei não, ISABELA. Eu resolvi da última reunião. Agora você resolve aí.
> ISABELA: Ah, eu não sei.
> PESQUISADORA: Ou vocês querem que a gente faça mais um encontro? E aí a gente termina esses 2 assuntos. [SILÊNCIO] Ou vocês falam assim? "Não, a gente quer falar sobre si só sobre esses 2." E está tudo bem. [SILÊNCIO]
> BEATRIZ: Eu não sei. [mudou o jeito de falar]
> [SILÊNCIO]
> ISABELA: É, não sei.
> PESQUISADORA: Bom, então acho que a gente pode tentar finalizar esses 2 que a gente está fazendo e aí mais para o final, a gente volta nesse assunto para ver o que que a gente faz. Pode ser?
> ISABELA: Tá bom.
> PESQUISADORA: Legal.
> [Pegamos os materiais para continuar os desenhos. ISABELA não presta atenção no material que estamos passando para a mão dela. Acontece uma troca de olhares e ela diz:]
> ISABELA: É que eu tô voando hoje.
> BEATRIZ: Esse é lápis grafite né?
> PESQUISADORA: Ééé. Lápis.
> Deixa eu ver o desenho que legal! Ai, uh, Hum. Nossa, ficou muito legal. [ISABELA entregou o desenho que fez] (HISTÓRIA 61 - Continuação da pesquisa: Agora você resolve aí, 2023).

A confirmação das minhas hipóteses se deu quando falei para elas o que estava percebendo e, literalmente, passaram para mim a responsabilidade do que fazer com a pesquisa:

> PESQUISADORA: Olha só, deixa eu comentar: a gente tem só mais 15 minutos. E aí eu tive uma ideia, vê se vocês concordam: tudo isso que a gente conversou vai fazer parte da minha pesquisa, né? É... de todos os encontros, de tudo que a gente já discutiu junto com as outras crianças também. E aí tudo isso vai virar um livro para minha, é, faculdade. Tipo que eu que vou escrever. O que eu pensei em fazer? Em transformar esse livro da faculdade em um livro que qualquer pessoa possa ler. E aí eu uso os desenhos que vocês fizeram como capa para esse livro, que aí a gente não precisa mais escrever nada, nem fazer mais nenhum desenho e aí a gente pode encerrar a pesquisa por aqui. Que é que vocês acham?
> ISABELA: Vixe... eu hein...
> PESQUISADORA: Deu pra entender?
> BEATRIZ: Sim.
> PESQUISADORA: Tipo da gente, de eu usar o desenho que vocês fizeram como capa da minha pesquisa. Ou vocês acham que não? Melhor não?
> ISABELA: Eu olho para ela e vi o Errorex. Péra.
> [TODAS RIEM]
> BEATRIZ: Caraca!
> ISABELA: Porque o Errorex fica falando do cê na sala. Péra.
> BEATRIZ: Esse menino só me atazanava... eu odiava ele.
> PESQUISADORA: Vocês querem continuar conversando... então vamos conversar....
> [TODAS RIEM]
> PESQUISADORA: Aí depois eu decido o que eu vou fazer com essas coisas. O que vocês acham?
> BEATRIZ: Eu acho melhor você decidir.
> PESQUISADORA: Eu decidir?
> ISABELA: É. Também acho.
> PESQUISADORA: Tá bom, tá bom. Mas aí, é. para não precisar...Estou vendo assim para vocês. É, está super puxado as coisas da escola. Não dá para ficar fazendo mais coisas do que vocês já estão fazendo, né?

> BEATRIZ: Eu estou fazendo muita coisa fora, eu estou.
> PESQUISADORA: É, então já tá bem, já tá bem puxado. Ah, então eu vou encerrar a pesquisa aqui agora, vai demorar um pouco, assim vai demorar, na verdade bastante para eu retomar contato com vocês é porque daí eu preciso apresentar todo o meu texto para os professores da faculdade. É contar como é que foi todo esse processo, tudo o que a gente conversou assim, lembrando que nada vai a nenhum momento, vai aparecer tipo o nome de vocês, porque a gente está mais interessado. No que a gente conversou, do que saber assim, tipo que a BEATRIZ ou que a ISABELA falou assim, né? E aí, quando eu finalizar a pesquisa que provavelmente eu finalizo a pesquisa no meio do ano que vem, então ainda tem aí mais 1 ano para eu trabalhar com as coisas que a gente conversou, aí eu vou retomar contato para apresentar para vocês, né? Tipo, olha, tudo o que a gente conversou foi bem legal que. Pessoas falaram, tá bom? Aí a gente vai, retoma e vê como é que. Aí eu te aí eu conto para vocês que que eu decidi fazer com os desenhos. Melhor assim, o que que vocês. Que está precisando de? Vocês estão saindo assim? Ai, poxa, queria ter feito o livro, ou queria escrever, ou queria desenhar.
> BEATRIZ: Eu não, sou péssima escrevendo.
> ISABELA: Eu também. Eu tive que fazer uma redação ontem.
> PESQUISADORA: Então tá bom (HISTÓRIA 102 – Os rumos da pesquisa, 2023).

Desse modo, compreendendo a importância das histórias orais no contexto infantis, as próximas histórias foram escritas por mim, contudo contadas pelas crianças.

3.3. CONCEPÇÕES INFANTIS

No tocante a essa temática, destacam-se assuntos variados que nos permitem conhecer os olhares das crianças sobre tudo o que vivem, como ocupam a cidade e como se relacionam entre si.

Tabela 9 - Histórias sobre as concepções infantis

HISTÓRIA 3 – Lugares que as crianças frequentam
HISTÓRIA 4 – Diferença entre adultos e crianças
HISTÓRIA 5 – O que as crianças ensinam para adultos: preconceito / inocência
HISTÓRIA 7 – Figurinhas da Copa – conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 8 – Lugares preferidos das crianças - conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 09 – Explicações sobre os conflitos – conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 10 – Lugares que as crianças não gostam – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 11 – Sobre aprontar – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 13 – Sequência de aprontamentos do Vinícius - conflitos entre meninas e menir
HISTÓRIA 14 – Lugares que as crianças não podem ir
HISTÓRIA 15 – Relações sexuais na infância
HISTÓRIA 16 – Meninos têm sentimentos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÒRIA 17 – As crianças de Deus, desobedecer é bem legal!
HISTÓRIA 21 – O que as crianças querem que mude na Cidade das Crianças
HISTÓRIA 23 – Uma cidade construída por crianças e silêncios
HISTÓRIA 24 – História de quando os meninos não vêm - conflitos entre meninas e menin
HISTÓRIA 33 – Quando comecei a jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 35 – Quem estressa são os meninos - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 44 – Onde aprendi jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 45 – A dança e as crianças - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 48 – A recreação e o quintal de casa
HISTÓRIA 51 – O funk na infância
HISTÓRIA 20 – Comitê, um lugar onde as crianças se sentem ouvidas
HISTÓRIA 62 – Nossa contribuição no Comitê das Crianças
TOTAL DE HISTÓRIAS: 24

Fonte: Produção da própria autora.

Ser criança na cidade é lidar com desejos e proibições que não estão conectadas apenas às crianças, mas à influência que os adultos têm sobre a vida desses pequenos sujeitos. Elas contam que vão à parques, praças, shopping, mercado, escola e à própria casa. Vinicius acentua que gosta de ir à casa do amigo, porque lá a comida é boa.

> Então vamos lá! [Início da leitura do livro]
> "Ele era um menor e adorava passear.
> Gostava de caminhar por todos os lugares e de viajar para lugares.
> É para os diferentes locais."
> Aí a primeira pergunta.
> Aí a primeira pergunta que eu tenho para vocês, é:
> Quais os lugares que as crianças vão na cidade?
> Estão aí agora, a gente vai passando assim, o microfone está bom?
> Aí a gente vai...
> VINICIUS: O Lorenzo vai falar?
> PESQUISADORA: Não! O Lorenzo ainda não pode ficar com o microfone.
> GABRIELE: É, eu vou para escola e eu vou para casa. Eu vou ao mercado. Mas às vezes [rindo] eu vou no shopping, nas lojas de roupa...
> PESQUISADORA: Quem lembra, assim, de outros lugares que vocês vão e que crianças vão.

> ISABELA: No parque!
> PESQUISADORA: No parque?
> VINÍCIUS: Na casa dos outros, comer. [riso geral]
> [alguém lembra que ele precisa falar no microfone]
> É, é ...espaço para bebê e parque...
> PESQUISADORA: Pra onde que a gente vai?
> VINICIUS: Ai, eu vou para a escola, eu vou para a minha casa, eu vou para a casa dos outros. Nos outros pra comer é, vou ver. Tem um amigo que a comida da vó dele é muito boa! [Palavras incompreensíveis]
> GABRIELE: A comida da minha avó muito boa.
> PESQUISADORA: Peraí, ó, deixa a BEATRIZ falar aí a gente.
> [Fazendo referência para o LORENZO] Não, ele não pode.
> BEATRIZ: Eu vou pra escola, casa, praça, parque.
> PESQUISADORA: Para onde?
> Ela tem que bater muito ruim, sim, daí.
> [burburinhos que não dá para entender]
> PESQUISADORA: Vou continuar a história. Alguém quer ler? (História 3 – Lugares que as crianças frequentam, 2022).

Os lugares que as crianças mais frequentam são a casa e a escola. Porém, uma frase nessa história relata como o Comitê das Crianças tem contribuído para o desenvolvimento do pensamento, quando Vinicius solta: *espaço para bebês*. Num primeiro momento, considerei essa fala um pouco adultocêntrica, porque fiquei questionando qual a relação dessa frase com a vida de uma criança de 10 anos. Contudo, num segundo momento, imaginei que esse é um campo que começa a habitar os pensamentos das crianças, já que as discussões que elas têm no Comitê vão nesse sentido. Inclusive o local físico onde realizamos as reuniões com as crianças foi pensado para a primeira infância. Ainda sobre o que elas vivem em casa, tem-se o quintal como o lugar onde as brincadeiras acontecem e elas discutem as diferenças entre seus quintais, com quais outras crianças suas mães as deixam elas brincar e do que elas brincam:

> PESQUISADORA: Entendi. E ó, se não for na escola, nesse momento de recreação, qual outro momento que vocês podem escolher o que vocês querem brincar? Assim, no dia a dia de vocês...
> BEATRIZ: Quando eu tô em casa.
> PESQUISADORA: Na hora da saída e da entrada dá para escolher?
> BEATRIZ: Na hora da saída pra ficar na nossa sala.
> PESQUISADORA: E dá pra escolher?
> VINÍCIUS: Na saída e na entrada a gente pode ficar brincando.
> VINÍCIUS: Ou também a gente pode...
> BEATRIZ: Pode nada.
> PESQUISADORA: E na casa de vocês, vocês podem escolher de tudo o que vocês querem brincar?
> VINÍCIUS: Sim!
> PESQUISADORA: Sim?
> BEATRIZ: Quando meu irmão tá em casa eu faço o que eu quero. Às vezes também eu mando ele ir à merda, ele brinca das brincadeiras dele e eu brinco das minha.
> PESQUISADORA: Tem alguma coisa que vocês não podem brincar em casa?
> VINÍCIUS: Tem vários.

> PESQUISADORA: Tem? Tipo...
> VINÍCIUS: Éééé.
> BEATRIZ: Vôlei.
> PESQUISADORA: Vôlei,
> VINÍCIUS: Ah, deixa eu ver... Não dá pra brincar de futebol dentro de casa.
> BEATRIZ: Não dá pra brincar mesmo de futebol. O espaço pra mim... Eu tenho 3 andares na minha casa, o primeiro tá todo bagunçado e o terceiro ele é todo aberto. E inclusive a bola eu fui chutar, né? E meu irmão estava me irritando e eu, sem paciência, chutei a bola, foi parar na casa do vizinho, inclusive estava até hoje.
> PESQUISADORA: Perdeu a bola.
> VINÍCIUS: Minha mãe não deixa eu ficar brincando com as meninas. Não sei porque...Tipo, brincar assim... brincar ela deixa. Ela não deixa... eu só posso brincar com os amigos, na verdade.
> PESQUISADORA: E do que vocês brincam na sua casa?
> VINÍCIUS: Eu fico jogando, tipo, jogos de celular ou jogo de futebol de televisão, assim e tal.
> PESQUISADORA: E tem espaços que vocês podem tipo, brincar corporal? De corpo assim? Não só de celular ou de televisão.
> VINÍCIUS: Tem, o quintal.
> PESQUISADORA: Quintal. Quintal é o lugar onde pode...
> BEATRIZ: Eu tenho 3 quintais.
> VINÍCIUS: Sério? Eu tenho metade de um.
> BEATRIZ: Eu tenho a garagem, que na garagem tem a piscina. O andar de cima está uma bagunça, mas dá pra jogar, até que dá pra brincar de jogar alguma coisa lá e tem a parte de cima, que não dá pra brincar de quase nada porque é aberto e eu não tenho delicadeza suficiente pra não tacar a bola nos vizinhos. A bola que eu tenho lá tá toda murcha porque o cachorro do vizinho mordeu.
> PESQUISADORA: E você, VINÍCIUS?
> VINÍCIUS: Que?
> PESQUISADORA: Você falou que você só tem 1/3...
> VINÍCIUS: Eu tenho metade de uma gara... de um quintal bom, não é muito grande, mas dá pra brincar um pouco.
> PESQUISADORA: E aí o que dá pra brincar lá no quintal?
> VINÍCIUS: Ah, aí eu consigo brincar deixo ver... acho que nada. Não dá muito pra brincar.
> PESQUISADORA: E garagem, dá pra brincar na garagem?
> BEATRIZ: Se meu pai não tiver em casa ou minha mãe. Porque aí vai tirar pelo menos um dos carros.
> VINÍCIUS: A garagem também não dá, tá cheio de coisas.
> BEATRIZ: Aí dá mais espaço. Da última vez que meu pai tirou o carro da garagem, meu primo estava lá. Meu primo tem dezenove anos nas nas costas e ainda parece uma criança de 6 anos. Ele foi chutar a bola, ele deu com as costas no chão.
> PESQUISADORA: Ai, que dor.
> BEATRIZ: Juro, ele foi chutar, ele caiu a chama, pá. De costas.
> PESQUISADORA: Ui, que dor.
> BEATRIZ: Ele estava com um fone no bolso.
> PESQUISADORA: Aham. Nossa, essa doeu, hein? Vocês querem contar mais alguma coisa sobre a diferença do que meninos e meninas podem fazer na cidade?
> BEATRIZ e VINÍCIUS: Não (HISTÓRIA 48 – A recreação e o quintal de casa, 2022).

O futebol para as meninas aconteceu ou em ambiente familiar ou em ambiente escolar e, com certeza, teve sua continuidade na escola, diferentemente do que aconteceu com a dança para os meninos. As meninas acessam o futebol (tido por muito tempo como um

esporte masculino), mas os meninos pouco acessam a dança (campo que foi mais oferecido para as meninas). Beatriz e Isabela contam como e quando começaram a jogar futebol:

> PESQUISADORA: Nossa!... Com quantos anos vocês começaram a jogar futebol? A ISABELA falou do G5, né?
> BEATRIZ: Com nove, porque no começo eu não gostava muito de futebol, aí eu comecei a jogar. O problema é que os muleque da minha sala é tudo um bando de cavalo que não sabe jogar. Juro! Olha isso, esse roxo (me mostrou um roxo na perna), isso aqui, ó, é tudo eles acertando minha canela. Eu sempre devolvo.
> ISABELA: Eu comecei a jogar futebol com uns três, quatro anos, que eu treinava com meu sobrinho né? Aí depois eu comecei a jogar na escola, ééé, não acontece o que acontece com a BEATRIZ, mas os menino marca falta mesmo. Aí tipo ééé, tem vezes que os menino vai marca falta e não dá, aí fala assim, os menino tá com coragem e fala assim: vem você, você vai marcar falta pro time, você vai chutar pro gol. Aí é assim, os meninos fica de fora. As menina num fica de fora, ninguém fica de fora mais, depois que Adriana chamou a professora (HISTÓRIA 33 – Quando comecei a jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

As crianças explicam sua relação com a dança e como uma delas, que sai dos estereótipos de menino e menina, é vista por elas:

> PESQUISADORA: E dança, vocês já dançaram?
> BEATRIZ: Eu faço aula.
> PESQUISADORA: Você faz aula? E você VINÍCIUS?
> BEATRIZ: Esses dias eu apresentei no... aqui mesmo, no Espaço Cultural. Foi com o projeto "Brincar é viver!"
> VINÍCIUS: A primeira vez que eu dancei na minha vida e a única, né? Eu ca... Na hora que eu fui fazer um passinho lá eu acabei caindo. Daí eu parei de dançar.
> PESQUISADORA: Mas cê tava dando esses passos de dança onde?
> VINÍCIUS: Na minha casa.
> BEATRIZ: A gente estava tentando na Festa Junina obrigar ele a dançar, só que a gente, a gente passava por ele dançando. A gente só via ele assim, juro. É assim que ele dorme. Ele, ele... com o som altíssimo, um bando de gente dançando, ele lá na parede, encostado na Paula.
> PESQUISADORA: Nossa. Mas o que que vocês acham que acontece com relação dança? Por que que a dança é incentivada mais para as meninas do que para os meninos?
> VINÍCIUS: Porque as meninas têm mais ideia pra dançar, as meninas sabem mexer mais o corpo. Tem aquele lá que você abre a perna assim, ó. [tipo espacate].
> PESQUISADORA: Olha lá a BEATRIZ fazendo.
> BEATRIZ: É, na verdade, eu estudo, a dança é incentivada para os meninos e para as meninas, às vezes até mais para os meninos. É... aonde eu estudo que é na Cia de Dança, na Cia de Dança não, quem dá aula na minha escola é a professora Andreia, que trabalha na Cia de Dança. Ela já me deu aula na Premiere por um tempo, mas o projeto acabou. Aí tem dois moleques lá. Eles dançam muito. Sério. É, tem um moleque que quase acertou o pé na no meu nariz, dando pirueta, porque ele veio, ele veio correndo. Ele esperou chegar junto. Ele ficou aqui em mim. Ele deu uma pirueta pra frente, só que sem a mão. Deu pra controlar ainda menos, ele quase acertou o meu nariz, daí eu fui para trás, eu bati a cabeça na parede.
> PESQUISADORA: E você, VINÍCIUS, onde é que você acha que é os meninos São convidados a dançar? Tipo, você já foi convidado a dançar em algum lugar?
> VINÍCIUS: Na escola de dança.
> PESQUISADORA: Só na escola de dança?
> VINÍCIUS: É, mas eu nunca fui convidado assim. É que a maioria assim que eu vejo é tudo pra fazer aulinha e tal, pra dançar.

> BEATRIZ: A professora convidou ele um monte de vezes. [BEATRIZ falou baixo]
> PESQUISADORA: A professora o que?
> [Silêncio e olhar entre eles]
> PESQUISADORA: E que os meninos o que seus amigos falam sobre dançar? se já conversaram alguma vez sobre isso?
> BEATRIZ: É tudo lagartixa mole.
> VINÍCIUS: Eu já falei uma vez com eles, mas nenhum deles gosta, nenhum.
> PESQUISADORA: Aham. Mas não gosta, é porque não sabe ou não gosta, porque já experimentou e realmente não gostou. O que você acha?
> VINÍCIUS: Eu acho que gosto também, porque é mais pra menina mesmo.
> PESQUISADORA: Por que é mais pra menina?
> VINÍCIUS: É, por causa disso e porque eu também não sei dançar. E também porque eu nunca fui chegado à dança assim, nunca achei dança uau, que eles têm lá tudo legal. Prefiro muito mais futebol e tem uma menina na minha sala e dela também que concorda muito bem com isso.
> BEATRIZ: Olha, Giuliana, é uma exceção.
> PESQUISADORA: Quem que é Giuliana?
> BEATRIZ: Giuliana é uma menina que nunca usou vestido, que eu nunca vi usar maquiagem, batom, nada [entonação forte na palavra "nada"]. Está sempre com roupa largona, adora jogar futebol. E não gosta de dançar. Ela, ela é o único caso da nossa sala, porque as outras já não preferem tanto jogar. As outras também não conseguem.
> PESQUISADORA: Mas a Giuliana já falou alguma coisa pra vocês sobre isso assim? Tipo...
> BEATRIZ: Na verdade a Giuliana gosta de dançar. Mas dança livre, sem ela precisar decorar passos. Mas ela ainda prefere futebol. Ela é doida por futebol. Pô, eu aprendi... eu consegui driblar ela. Uma vez...
> PESQUISADORA: Você conseguiu driblar ela?
> BEATRIZ: Uma vez.
> [VINÍCIUS ri ao fundo]
> VINÍCIUS: Eu já passei umas duas canetas nela.
> BEATRIZ: Um jogo eu ganhei dela.
> VINÍCIUS: Eu já passei duas canetas nela e eu já ganhei dela. Um golaço meu. Eu passei um chapeuzinho na Adriana. Você viu [se direcionando para BEATRIZ], você era do meu time. A bola veio assim, eu passei chapeuzinho na Adriana, que é melhor amiga dela.
> BEATRIZ: Tá aquele gol foi bonito.
> VINÍCIUS: Aí eu cheguei assim, pow, bati de chapada, nossa! Saí comemorando e tal. Também uma vez a gente tava jogando futebol com espaguete.
> BEATRIZ [interrompeu a fala do VINÍCIUS falando]: E aí a gente saiu ganhando.
> VINÍCIUS: É! E aí a gente tava jogando futebol de basquete e aí eu fiz o gol, né? Daí eu queria comemorar tanto assim, que era meu primeiro golzinho com a coisinha do espaguete, né? Daí eu fui lá e tirei a camisa assim e tal. Foi mor legal! (HISTÓRIA 45 – A dança e as crianças - conflitos entre meninas e meninos, 2022).

Ainda sobre o ambiente interno da casa, intrigou-me o fato de uma das meninas apresentar a fala de que seu quarto é o seu lugar favorito. Vinicius até tentou problematizar e reconhecer a cama como um lugar, mas essa ideia foi defendida por outra criança:

> PESQUISADORA: Existe algum lugar preferido para vocês?
> VINÍCIUS: Sim! A minha casa.
> BEATRIZ: Minha cama.
> VINÍCIUS: Mas um lugar, não um objeto.
> GABRIELE: É um lugar (defendendo o ponto de vista da BEATRIZ).
> PESQUISADORA: É um lugar...

> VINÍCIUS: Mas não é um lugar, um lugar....
> BEATRIZ: É sim!! Eu durmo ali todo dia!!!
> GABRIELE: Eu não durmo [na cama] todo dia. Tem dia que eu durmo no quarto, tem dia que eu durmo na sala.
> ISABELA: Eu também.
> BEATRIZ: Ai, eu não consigo dormir na sala.
> PESQUISADORA: Não consegue dormir...
> BEATRIZ: Eu durmo no quarto (HISTÓRIA 8 – Lugares preferidos das crianças - conflitos entre meninos e meninas, 2022).

Quando as crianças vão para a cidade, elas também reconhecem lugares dos quais elas não gostam e, o mais interessante, é que a escola também aparece como principal lugar, devido às relações que se dão com os adultos de lá. Na cidade, elas compreendem que querem mudanças e pesquisam isso entre seus pares. A pesquisa foi incentivada pelo Comitê, mas apresenta a concepção do que as crianças querem para a cidade:

> PESQUISADORA: Quem que propôs essa pesquisa?
> BEATRIZ: O Marcos.
> PESQUISADORA: O Marcos? E aí que que ele pediu para vocês fazerem?
> BEATRIZ [em voz baixa]: Pra perguntar para os colegas o que elas queriam que mudasse na cidade das crianças.
> PESQUISADORA: Aham.
> ISABELA: Aí eu fiz, pra não esquecer, eu marquei num papel Aí, uma dessas foi melhorado a melhorar, a melhorar as calçadas e ter mais coisas paras as crianças brincarem nas calçadas.
> PESQUISADORA: E você fez a pesquisa onde?
> ISABELA: Na minha escola também.
> PESQUISADORA: Aham
> BEATRIZ: E aí pediram mais acessibilidade em parques, em qualquer outro lugar, mais divulgação das ruas do brincar. ÉÉÉ. ter uma lata de lixo espalhado pelas ruas e mais rampas para os cadeirantes nas calçadas, sabe? Tentar melhorar o asfalto das ruas e ter mais bancos pela cidade.
> PESQUISADORA: Bancos? Bancos de sentar?
> [A menina acenou com a cabeça que sim]
> E na sua, que que você lembra que as pessoas falaram?
> ISABELA: Mais acessibilidade nos lugares. ÉÉÉ. Uma rampa nas escolas caso tenha algum cadeirante que não possa subir as escadas como na minha escola, né?
> PESQUISADORA: Eu já dei aula na escola dela.
> ISABELA: Ter mais brinquedos, lugares para sair. No final de semana piscinas não tão lotadas. Aí foi só isso que eu lembro.
> PESQUISADORA: Aham, e aí agora eu queria saber, assim é por vocês, não por aquilo que as crianças falaram... Porque estão no comitê desde o começo do ano. Não... A BEATRIZ está desde, desde quando BEATRIZ? O ano passado você já estava? É né? E aí é. Acho que as pessoas sempre vêm trazendo propostas para pensar sobre isso, pra vocês fazerem pesquisas ou trazem material... Aí depois de todas essas vivências que vocês tiveram, que que vocês, enquanto crianças, ééé consideram assim importante, do tipo que fosse uma cidade pensada, né? planejada, construída por crianças, como seria essa cidade? Que que vocês imaginam? Porque às vezes tem aquilo que os adultos falam que é importante. Mas eu considero que também tem aquilo que as crianças entendem que é importante, entendem, que tipo que vocês entendem por vocês, sabe? E eu fico mais curiosa para saber, isso, do que vocês pensam, do que os adultos acham que deve ser uma cidade melhor, sabe? [silêncio] Deu pra entender, ficou muitooo...
> BEATRIZ: Deu pra entender. É só pra pensar.

> ISABELA: É ter mais acesso aos lugares, mais acessibilidade, porque tem gente que mora, éé, no outro lado da cidade, não tem coisas próximas pra vir para cá, demora muito.
> PESQUISADORA: Essa acessibilidade que você fala é assim, transporte?
> ISABELA: É.
> PESQUISADORA: EE que coisas que são essas que poderiam ter nos lugares, assim que você fala assim, aí, por exemplo, "a pessoa mora longe lá não tem coisas". Que coisas são essas?
> ISABELA: Tipo postinho (UBS), posto de gasolina. São coisas que tem no centro, mas não tem nos bairros afastados. Semáforo. Que nem, tem bairro que não tem semáforo. Precisava. Lombada...
> PESQUISADORA: Por exemplo, você, enquanto criança, o que você sente falta no seu bairro?
> ISABELA: Lombada.
> PESQUISADORA: Lombada? Por que você acha que lombada faria diferença?
> ISABELA: Porque tem motoqueiro lá no meu bairro que passa voando. Esses dias o motoqueiro quase atropelou a minha irmã, porque ele estava fugindo da polícia, empinou. Se a minha irmã não tivesse jogado pro outro lado, tinha pegado no vidro. Tava ela, o marido e as duas crianças. Aí tinha acertado ela, o marido e as duas crianças. Aí a lombada faria diferença, porque esses dias colocaram uma lombada lá. Deu uma melhorada no bairro. Só que tiraram a lombada, aí piorou.
> PESQUISADORA: Entendi.
> E você, Bá, o que que você, assim, o que seria importante? Como é que seria essa cidade pensada e construída pelas crianças? [silêncio] Ou vocês acham que, por exemplo, a cidade que a gente tem ela já está boa o suficiente para as crianças? [11'56"]
> BEATRIZ: Eu acho que as crianças poderiam sair de casa, tipo, estudar numa escola muito perto, mas minha mãe não deixa eu ir andando, porque é muito perigoso. Eu queria que as crianças pudessem brincar na rua e issem andando pra escola, mas não pode.
> ISABELA: Ter mais segurança, né?
> PESQUISADORA: E aí, vocês acham é que essa segurança? É tipo um segurança do trânsito. A segurança de ser assaltado? Que tipo de segurança é essa? [silêncio]
> ISABELA: É segurança de atropelamento. Que esses dias aconteceu atropelamento lá perto de casa... Sequestro...
> PESQUISADORA: Se a gente fosse pensar assim, é. Os lugares que as crianças hoje frequentam na cidade, por exemplo, é a escola ou outras precisam ir pro hospital? Ou, às vezes, vai ao teatro, ou às vezes vai ao parque, tipo esses lugares. O postinho... É, quais outros lugares? No shopping ou...
> ISABELA: num parque (HISTÓRIA 21 – O que as crianças querem que mude na Cidade das Crianças, 2022).

As crianças demonstram que querem circular e poder brincar nas ruas. Aqui, novamente, me questiono: o que é próprio do pensamento das crianças e o que é proposto pelos adultos e aceito por elas? Ruas de brincar e bancos pela cidade, por exemplo, são projetos que têm sido implementados na cidade onde o Comitê acontece. E há uma linha bastante tênue, no projeto da Cidades das Crianças, entre o que os adultos querem fazer e implantam isso nas vontades das crianças e o que é, de fato, desejo delas. Não há comprovação, mas esse questionamento precisa pairar sobre o projeto Cidade das Crianças. E, quando conversamos sobre as diferenças entre adultos e crianças, estas revelam que suas concepções dizem respeito à visão que adultos se importam com o dinheiro e que crianças querem brincar; que adultos são preconceituosos e crianças guardam certa inocência; que

adultos acham que só eles têm razão e que as crianças só vão entender quando crescerem, mas não é assim…

> PESQUISADORA: Tá bom, beleza. Ó, Ele, que é essa criança, diz que criança [corrige] que adulto não pensa igual criança, não faz, não entende crianças. O que vocês pensam da diferença entre adultos e crianças?
> [burburinho com várias respostas]
> Musa do meu trabalho.
> Ó, mas.
> Admiro e é trabalho, dinheiro, ...
> PESQUISADORA: [tenta repetir o que escutou de todas as respostas] Que adulto pensa em dinheiro, eee criança pensa em brincar? [10:26]
> BEATRIZ: Os adultos pensam mais em trabalhar e as crianças pensam mais em brincar...
> GABRIELE: O adulto, ele acha que como ele é mais velho, como ele já estudou, trabalhou, acha que sabe mais coisas que a criança e que a criança não tem razão. Mas não é verdade. Ele não entende.
> ISABELA: Eu ia falar a mesma coisa.
> PESQUISADORA: Mas aí se a gente pensa... se a gente pensa assim, ó, que o adulto é, às vezes não tem razão, que às vezes a criança tem mais razão, é isso?
> GABRIELE: Não! É que o adulto, ele pensa que só ele tem razão [criança reforça o SÓ ELE tem razão]. De que criança, ela não entende que é coisa de criança, e que ela vai entender quando ela crescer.
> PESQUISADORA: Vocês conseguem me dar um exemplo de como a criança ela consegue assim ensinar ou ter razão em relação ao adulto?
> VINÍCIUS: Quando tem, não sei... um adulto um pouco preconceituoso e a criança [burburinho de pensamento hmmm] que não sente essa diferença, ela ensina pra ele.
> GABRIELE: É, e tem também aquele projeto da, da urban 95. Se uma criança, ela consegue ter mais razão porque ela consegue ver de outro jeito as coisas. E aí, ela consegue ensinar pro adulto que não é só daquele jeito que ele vê (HISTÓRIA 4 - Diferença entre adultos e crianças, 2022).

> PESQUISADORA: O que os adultos.... o que as crianças ensinam para os adultos?
> CRIANÇAS: Não sei... [silêncio entre pequenas risadas]
> PESQUISADORA: [repete] O que as crianças ensinam para os adultos? Porque normalmente a gente escuta assim é o adulto que sempre tá ensinando a criança.
> ISABELA: E a criança?
> PESQUISADORA: É. E a criança? O que a criança está ensinando pro adulto?
> Aham, não tem diferença [repetindo o que uma criança disse].
> Desculpa [risos], a gente vai ter que acostumar com esse microfone.
> Sim, então, tipo que não existe diferença.
> BEATRIZ: Que criança tá sempre brincando com outra criança. Não importa se essa criança é negra, é alta, baixa...
> GABRIELE: E também, que existe criança preconceituosa, tem. Mas a criança consegue ensinar, éé, que as vezes ter a inocência é a melhor coisa. Então uma pessoa, uma criança que é inocente, ela não vai ver a diferença de brincar com uma coisa ou de brincar com outra. Brincar com uma pessoa ou brincar com outra. Mas um adulto vê diferença. Vê diferença no dinheiro, no espaço, vê diferença em tudo.
> [silêncio]
> PESQUISADORA: Vamos continuar?
> GABRIELE: "O que ninguém sabia é que naquela marca, ele guardava o seu segredo. Ele guardava os lugares. Isso mesmo, ele tinha naquela lata uma coleção de lugares, coisas de todos os lugares por onde ele havia passado. Pedaços dos lugares colados em seus pés. Era só chegar a um lugar que quando tinha oportunidade, ele pegava algo e plac, punha lá" (HISTÓRIA 5 – O que as crianças ensinam para adultos: preconceito / inocência, 2022).

O projeto Cidade das Crianças é mediado por adultos e são eles quem escutam as crianças e constroem suas propostas. Apesar da linha tênue entre o poder dos pensamentos dos adultos e o das crianças, estas ainda reconhecem o Comitê como um espaço de escuta, embora pouco reconhecem a implementação das suas ideias:

> PESQUISADORA: Espaço Cultural, cidade, convivência, cultura, comida e criança. Que são esses daqui?
> ISABELA: É que tem aquelas bandeiras lá no Espaço Cultural.
> BEATRIZ: Sabe quando você vai entrar? É, têm as bandeiras que são escultura. Eles que colocaram lá.
> PESQUISADORA: E foram vocês que que ajudaram a escolher esses nomes?
> ISABELA: Não, não.
> PESQUISADORA: O que de lá que vocês ajudaram assim, a construir ou a pensar?
> ISABELA: Não lembro.
> BEATRIZ: Também não. Deu branco.
> PESQUISADORA: Quando vocês visitaram lá, o que vocês fizeram? [Em alguns dos encontros do Comitê as crianças visitaram esse espaço no ano anterior e sugeriram mudanças.]
> BEATRIZ: A sala do Relógio.
> PESQUISADORA: A sala do Relógio?
> BEATRIZ: Mas não mudou nada até agora, que eu sabia.
> ISABELA: É.
> BEATRIZ: A gente só deu ideia mesmo.
> PESQUISADORA: O que vocês deram ideia lá? Vocês lembram?
> BEATRIZ: De deixar mais colorido, de ter mais brinquedo. E tinha mais alguma coisa?... Que eu não lembro (HISTÓRIA 62 - Nossa contribuição no Comitê das Crianças, 2023).

Por fim, as crianças trazem a coleção de figurinhas e a apreciação pelo funk como características de suas infâncias.:

> BEATRIZ: Nossa, a gente teve que ir daqui até o hospital escutando o funk do pão de queijo [BEATRIZ relatou em tom de desabafo]
> PESQUISADORA: Sério? Com o funk do? Quem escolheu essa música?
> BEATRIZ: O Marcos.
> PESQUISADORA: O Marcos?
> PESQUISADORA: As crianças da educação infantil que escutam funk pão de queijo.
> BEATRIZ: O Marcos obrigou a gente ouvir. A gente tava implorando pra ele tirar no final.
> PESQUISADORA: Você acha que o estilo, assim... como é que gente pode chamar? as músicas que as crianças do comitê éé, escutam, ou os filmes, tipo, o conteúdo cultural assim...
> BEATRIZ: Vixe, o povo daqui a única coisa que eu sei que todos eles gostam é funk.
> PESQUISADORA: É funk? Que tal a gente colocar um tópico funk?
> BEATRIZ: Ahn? [Aparentemente não escutou]
> PESQUISADORA: Que tal a gente colocar um tópico aqui de funk?
> BEATRIZ [Sorrindo]: Não são muito educativos os que eles gostam não.

> PESQUISADORA: Então, mas é isso. A gente não está preocupado com o educativo ou com que é certinho. A gente está preocupado com o que acontece de verdade.
> BEATRIZ: Vai ter palavrão.
> PESQUISADORA: Aham
> BEATRIZ: Vai ter palavrão.
> PESQUISADORA: Aham. Então vou colocar aqui um de funk. O que mais que poderia vir? [silêncio] Escola, expressa. Se for ver expressa está relacionada à cultura, né?
> BEATRIZ: Uhu. [Silêncio]
> PESQUISADORA: Escola, expressa, hospital e funk. Mais algum? Algum em que você se vê que as crianças conversam, as crianças pensam, só que os adultos não deixam ou os adultos ficam incomodados? [silêncio]
> BEATRIZ: Nossa, da minha parte nenhum aí.
> PESQUISADORA: A é?
> BEATRIZ: Minha mãe não se incomoda com nenhum. Na verdade, o funk que eu mais ouço hoje, ela que me apresentou. [diz essa frase sorrindo]
> PESQUISADORA: Ela quem? Quem que te apresentou?
> BEATRIZ: Minha mãe.
> PESQUISADORA: Aa sua mãe! Que legal. Qual que é o funk?
> BEATRIZ: A queda.
> PESQUISADORA: A queda? Ah! Da Glória?
> BEATRIZ: Aha (HISTÓRIA 51 – O funk na infância, 2023).

Os outros aspectos que não foram tão explícitos nessa temática, aparecerão com mais detalhes na temática intitulada *ser menina na escola*. Essas foram as histórias que contemplaram as concepções infantis na pesquisa. A seguir, será explorado outro mundo, que é bastante intenso e pleno de experiências: a escola.

3.4 MINHA CIDADE: A ESCOLA

E se eu dissesse que apesar das crianças viverem em uma cidade com suas infinitas (ou não) possibilidades, o lugar onde elas mais vivem é na escola? Observando os contextos das histórias contadas por elas, arrisco-me a dizer que a cidade das crianças é a própria escola. Foram 71 histórias contadas que tiveram como principal cenário a escola.

Tabela 10 - Histórias sobre a escola

HISTÓRIA 12 – As aulas da Tatiane e da Sandra - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 18 – Desabafo sobre relação professor x aluno
HISTÓRIA 19 – Diferenças entre professoras legais e chatas
HISTÓRIA 22 – Os *degrais* na minha escola
HISTÓRIA 25 – História “Eu só tô poupando vocês” - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 26 – A professora não liga, finge que a gente não existe – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 27 – Ele é mor machista – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 28 – Ela não acreditou – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 29 – Ele falou que era frescura – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 30 – História da cólica na educação física - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 31 – Meninas jogam vôlei, meninos jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 32 – Histórias de futebol para meninas – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 34 – Quem defende as meninas – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 36 – As causas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 37 – As agressões entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 38 – As fofocas e intrigas com as professoras – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 39 – O menino pedindo ajuda para conquistar a Lúcia
HISTÓRIA 40 – As consequências das brigas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 41 – A prova SARESP
HISTÓRIA 42 – O que meninas podem fazer e o que meninos podem fazer na cidade: preconceito com meninas que jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 43 – Eu sei dar soco na cara – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 46 – Futebol de basquete – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 47 – O recreio e a recreação na escola – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 49 – Eu sou péssima escrevendo
HISTÓRIA 53 – Minha nova escola
HISTÓRIA 54 – As cores da minha escola
HISTÓRIA 55 – O menino que me irrita desde a Educação Infantil – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 56 – Acidente do portão na escola
HISTÓRIA 57 – O Errorex
HISTÓRIA 58 – Você vai gritar com a sua mãe!
HISTÓRIA 59 – A minha sala é a mais barraqueira
HISTÓRIA 60 – O 6º ano é o capeta
HISTÓRIA 63 – Os trabalhos na escola
HISTÓRIA 64 – Os acolhedores
HISTÓRIA 65 – O 6º aninho
HISTÓRIA 66 – Me colocaram pra substituir a professora
HISTÓRIA 67 – Isabela e o Carlos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 68 – Túlio e o Monster – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 69 – O tombo do Túlio – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 70 – Os trabalhos, as sem-vergonhas e os primos
HISTÓRIA 71 – Os professores e professoras da escola

HISTÓRIA 73 – História de quase atropelamento
HISTÓRIA 74 – As brigas e a Renata
HISTÓRIA 75 – O massacre do 6º ano
HISTÓRIA 76 – Eu torci o dedo dele – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 77 – Eu bato nos meninos se eles me defenderem – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 78 – Quem banca o lanche
HISTÓRIA 79 – A loira oxigenada e os nossos cabelos
HISTÓRIA 80 – Com que roupa vou à escola
HISTÓRIA 81 – Os roxos e os membros inchados – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 82 – As boladas na cara durante o futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 83 – Ele me chamou de amor e ela se estressou – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 84 – O que dá para aprender na escola?
HISTÓRIA 85 – Não quero mais ser professora de educação física porque o... – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 86 – Onde meninos treinam e onde as meninas treinam – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 87 – Não me deixam mais jogar futebol
HISTÓRIA 88 – Quem vai ficar comigo no time... ninguém, meu pé está inchado
HISTÓRIA 89 – Os meninos que aterrorizam e como resolver isso no beliscão – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 90 – Quem estudava com a gente no ano passado
HISTÓRIA 91 – Os problemas que as salas dão
HISTÓRIA 92 – O semaralho e o menino que dá azar – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 93 – As mudanças positivas do Errorex
HISTÓRIA 94 – As mudanças de lugares na sala entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 95 – Os meninos que a gente não gosta – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 96 – Espera aí, ssor, deixa eu matar ele, aí eu sento – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 97 – A professora que me defende – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 98 – As chantagens para conseguir as coisas
HISTÓRIA 99 – As meninas que a gente tem ciúmes – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 100 – Chamo de irmão
HISTÓRIA 101 – A Isabela do 8º ano
HISTÓRIA 103 – História das provas e das notas

TOTAL DE HISTÓRIAS: 71

Fonte: Produção da própria autora.

Ao observar essas 71 histórias trazidas pelas crianças à pesquisa, compreendo que devam ser agrupadas em três categorias: desabafos e confissões (relação com os professores); mapa escolar (composição da minha escola); fofocas (relação entre os pares).

Tabela 11 - Histórias sobre desabafos e confissões (relação com os professores)

DESABAFOS E CONFISSÕES
HISTÓRIA 12 – As aulas da Tatiane e da Sandra – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 18 – Desabafo sobre relação professor x aluno
HISTÓRIA 19 – Diferenças entre professoras legais e chatas
HISTÓRIA 25 – História "Eu só tô poupando vocês" - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 26 – A professora não liga, finge que a gente não existe – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 28 – Ela não acreditou – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 29 – Ele falou que era frescura – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 30 – História da cólica na educação física - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 31 – Meninas jogam vôlei, meninos jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 32 – Histórias de futebol para meninas – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 34 – Quem defende as meninas – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 38 – As fofocas e intrigas com as professoras – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 58 – Você vai gritar com a sua mãe!
HISTÓRIA 71 – Os professores e professoras da escola
HISTÓRIA 97 – A professora que me defende – conflitos entre meninas e meninos
TOTAL DE HISTÓRIAS: 15

Fonte: Produção da própria autora.

No contexto da temática denominada *ser menina na sociedade*, apresentarei os detalhes de como as professoras e professores colaboram com a violência de gênero. Muitos dos desabafos das meninas revelam isso; contudo, para além disso, as histórias também contam como são esses professores e professoras que estão presentes em suas escolas.

> PESQUISADORA: Oh, eu pensei assim, se a gente escrevesse meu desabafo sobre esse escola e o que eu gostaria que tivesse na minha escola. O que vocês acham?
> BEATRIZ: É porque tudo o que tem já é entretenimento.
> ISABELA: É.
> PESQUISADORA: E se for só um desabafo? Ou tipo...
> BEATRIZ: Não, já sei! Mais da aula de Geografia.
> ISABELA: Tá reprendida? Minha professora está grávida de Geografia. Nossa, se não pode nem respirar que ela já manda calar a boca. Não basta 3 aulas por dia?
> PESQUISADORA: Na minha escola, a professora de Geografia é incrível.
> ISABELA: A minha é tipo assim...
> BEATRIZ: Eu vou ganhar até prêmio dela, cara, eu passei com 10 em tudo. Eu passei com 10 na média, na prova dela e na prova Paulista.
> PESQUISADORA: Nossa...
> ISABELA: Eu ganhei prêmio...
> BEATRIZ: Ela vai me dar chocolate.
> ISABELA: Eu e o Cearense, mas tipo assim, agora ela descobriu que está grávida, nossa senhora. Não tem quem aguente, também.
> PESQUISADORA: É difícil estar grávida e ter que dar aula.

> ISABELA: Aí a diretora disse que vai afastar ela e vai colocar o professor de orientação de estudos, que é professor de matemática, no sétimo, oitavo e nono pra dar aula de geografia pro sexto ano e de orientação de estudos.
> BEATRIZ: É, eu não gosto do professor de orientação de estudos.
> ISABELA: Eu gosto. Ele me dá Monster.
> PESQUISADORA: Ah, é ele que te dá o Monster?
> ISABELA: Aí eu estou nas eletivas dele também.
> BEATRIZ: Ai, eu tenho medo do professor de tecnologias. Vai, quem vai, deixa eu ver depois sociais de tecnologia.
> ISABELA: Ai, meu professor de tecnologia pé maconheiro, ele fuma, ele usa maconha.
> PESQUISADORA: Como você sabe?
> ISABELA: Porque ele falou. Ele falou e quando eu estava lá no parque, perto da escola, ele passou lá, usando. Eu fiquei até tonta por causa do cheiro.
> BEATRIZ DIZ UMA COISA INÁUDÍVEL E EM SEGUIDA: Eu que sou lerda...
> ISABELA: Misericórdia. Ela mesma se chama de lerda.
> BEATRIZ: Eu sou lerda. Era meio impossível não ser lerda.
> ISABELA: Ai, ai (HISTÓRIA 71 – Os professores e professoras da escola, 2023).

Dentre as reclamações que as crianças fazem sobre suas professoras, Gabriele ressalta a falta de possíveis consequências para aqueles que atrapalham a aula, tais como anotar o nome na lousa, descer para a coordenação ou até mesmo levar advertências e, de modo geral, as crianças ficam indignadas com a falta de espaço para conversar com seus colegas. Porém, num outro momento, Gabriele relata como as professoras utilizam seus armários para dar bronca:

> PESQUISADORA: Então, mas, eu queria saber existe, além da escola....
> BEATRIZ: O problema é quando a gente está tendo aula da Tatiane, com prova. [fala com pausas pontuais nas vírgulas].
> VINÍCIUS: Ela deu consulta pra gente.
> PESQUISADORA: Ela deu consulta? A Tatiane é professora do que?
> VINÍCIUS e BEATRIZ: Geografia, história e ciências.
> VINÍCIUS: Ela é a melhor prô (abreviação de professora) do mundo. Ela é bem melhor que a Sandra.
> PESQUISADORA: E a Sandra é quem?
> GABRIELE: O pior é o armário das professoras, porque toda vez é assim. Você vai levar bronca, elas te levam na frente do armário da professora. Elas te levam você lá. Pra você levar bronca.
> VINÍCIUS: Eu odeio a professora de inglês. Ela é muito chata.
> BEATRIZ: Claro, vocês só aprontam.
> VINÍCIUS: Eu? (HISTÓRIA 12 – As aulas da Tatiane e da Sandra - conflitos entre meninas e meninos, 2022).

Isabela conta sobre como a professora reagiu ao grito que um estudante deu como resposta:

> ISABELA: É porque você não viu o B.O. que deu ontem lá, porque o menino tava sem caneta... O Carlos tava sem caneta, aí a professora falou assim "Carlos, por que você não tá fazendo?", ele falou "Tô sem caneta." E a professora falou assim "Eu não ouvi, fala mais alto." [em tom de grito] "Tô sem caneta!" Aí a professora falou assim "Você vai gritar com a sua mãe!" Aí chamou lá a Laís, né? Que é uma professora do sétimo ano, mas é supervisora também. Aí nossa! Mó treta lá. E também chamou pra assistir a aula de Matemática. A aula de Matemática, nóis

> ficou quieto, pela primeira vez (HISTÓRIA 58 - Você vai gritar com a sua mãe!, 2023).

Dessa forma, é possível evidenciar alguns dos conflitos e percepções que as crianças têm sobre seus professores. Já no tema a seguir, as histórias relatam sobre o mapa da escola, como ela é composta física e funcionalmente.

Tabela 12 - Histórias sobre o mapa escolar (composição da minha escola)

MAPA ESCOLAR
HISTÓRIA 22 – Os *degrais* na minha escola
HISTÓRIA 46 – Futebol de basquete – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 47 – O recreio e a recreação na escola – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 53 – Minha nova escola
HISTÓRIA 54 – As cores da minha escola
HISTÓRIA 56 – Acidente no portão da escola
HISTÓRIA 59 – A minha sala é a mais barraqueira
HISTÓRIA 60 – O 6º ano é o capeta
HISTÓRIA 63 – Os trabalhos na escola
HISTÓRIA 64 – Os acolhedores
HISTÓRIA 65 – O 6º aninho
HISTÓRIA 66 – Me colocaram pra substituir a professora
HISTÓRIA 80 – Com que roupa vou à escola
HISTÓRIA 81 – Os roxos e os membros inchados – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 82 – As boladas na cara durante o futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 84 – O que dá para aprender na escola?
HISTÓRIA 86 – Onde meninos treinam e onde as meninas treinam – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 87 – Não me deixam mais jogar futebol
HISTÓRIA 91 – Os problemas que as salas dão
HISTÓRIA 92 – O semaralho e o menino que dá azar – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 41 – A prova SARESP
HISTÓRIA 103 – História das provas e das notas
TOTAL DE HISTÓRIAS: 22

Fonte: Produção da própria autora.

Nesta categoria, o foco será direcionado às histórias que não possuem a marcação de *conflitos entre meninas e meninos*. Sobre a estrutura física, Beatriz relata, particularmente, sobre as escadarias e as cores de suas escolas: ela já fez as contas de quantos *degrais* uma criança necessita subir e descer ao longo de um dia na escola e questiona as paredes monocromáticas das instalações.

> PESQUISADORA: No parque. Como é que seriam esses lugares se eles fossem pensados e planejados por crianças?
> BEATRIZ: A minha escola tem muita escada pra subir. Eu acho que deveria por elevador ou rampa pra criança subir.
> ISABELA: Na minha escola também tem escada. Esses dias uma criança quase bateu a cabeça porque tropeçou. Aí deveria colocar uma rampa ou colocaria uma rampa do outro lado e entraria por lá. trás.
> BEATRIZ: Na minha escola tem 250 *degrais.* É bem perigoso.
> PESQUISADORA: 250? Como você sabe esse número?
> BEATRIZ: É porque cada escada tem 50, nossa.... Aí é por semana. Na hora de descer e subir.
> PESQUISADORA: Ah... num dia um aluno sobe e desce 250 degraus?
> BEATRIZ: Sim, porque sobe pra aula, desce pro lanche, sobe as escadas pra aula de educação física. Aí quando precisa pedir... muitas vezes as crianças derrubam coisas no chão e aí tem que pedir coisas pra limpar. Aí tem que descer e subir de novo (HISTÓRIA 22 – Os *degrais* na minha escola, 2022).

No encontro em que somente Beatriz participou, ela deu detalhes sobre sua nova escola. Sua história era contada enquanto fazia um desenho representando o prédio da escola, já que na proposta do livro, foi-lhe oferecido de falar sobre escola:

> BEATRIZ: Isso parece uma grade, mas realmente é. Na minha escola tem uma igualzinha.
> PESQUISADORA: Sério? Tem em todas as janelas?
> BEATRIZ: Tem aluno que pulou a janela. Tem aluno terrorista nesse ponto!
> PESQUISADORA: Nossa!
> [Silêncio]
> Qual que foi o mais absurdo que você já viu da escola desde que você entrou nessa escola nova?
> BÁRABARA: É um menino discutindo com a diretora, porque ela tava errada, sendo que ela para uma briga dele.
> PESQUISADORA: Hum
> BEATRIZ: Eu, na mesma hora, tinha ido pedir cartolina. E o pior é que eu conheço esse menino, esse menino é atentado. Ele já me acusou até de roubo.
> PESQUISADORA: Nossa!
> BEATRIZ: Nossa, eu estudei com ele.
> PESQUISADORA: Ele é da mesma turma que você?
> BEATRIZ: Não, é da mesma escola. É do 6º ano A, acho.
> PESQUISADORA: E você está no sexto...?
> BEATRIZ: D.
> PESQUISADORA: Então, é o primeiro ano de..., o primeiro ano dele na escola também?
> BEATRIZ: Eu estudei com ele por 4, 3 anos. Muito.
> PESQUISADORA: Lá no Giuseppe?
> BEATRIZ: E no último ano, ele me acusou de roubo por um brinquedo dele.
> PESQUISADORA: Nossa...
> BEATRIZ: Um *relaxadeira* ele.
> [SILÊNCIO]
> PESQUISADORA: O que que você mais sente falta do Giuseppe?
> BEATRIZ: A comida.
> PESQUISADORA: A comida?
> BEATRIZ: Tem que pagar pela comida de lá. Lá eles até dão comida, mas a comida que tem lá é muito ruim, principalmente de terça-feira, que é macarrão com atum. A primeira vez que eu fui comer e era macarrão com atum, eu juro por tudo. Aquilo caindo da colher dela vômito, de tão ruim que era!
> PESQUISADORA: Ai que desesperador!

BEATRIZ: É muito.
PESQUISADORA: E aí você tem que pagar nessa escola nova?
BEATRIZ: Não. É assim na escola nova, você tem uma cantina e tem o refeitório lá separado.
PESQUISADORA: No Giuseppe tinha cantina?
BEATRIZ: Não, só tinha refeitório. Levava lanche de casa ou comia no refeitório.
PESQUISADORA: Aham.
BEATRIZ: E tinha lanche certinho. Podia levar. Agora, nessa outra escola o bom é que o lanche pode levar qualquer um. Eu já levei refrigerante. Ninguém brigou. Eu tava crente que alguém ia brigar comigo. Eu levei meio escondido até.
PESQUISADORA: E agora vocês têm vários professores? Cada hora é pra uma disciplina.
BEATRIZ: Infelizmente, eu já confundi o nome dos professores. O nome de uma é Luana e o nome da outra é Luciana.
PESQUISADORA: Nossa!! Chama de Lu.
BEATRIZ: E era pra ser da Luana e eu chamei ela de Luciana o passeio inteiro e ela entrava na brincadeira e ela respondia.
PESQUISADORA: Respondia!? Assim fica difícil também, né?
BEATRIZ: Ainda bem que tinha outra professora lá que ela me. Ela chamou Natália. Ela é a única que não confundo, ela não dá aula pra mim, ela dá pra oitavo e pra nono ano, ela dá aula, aí ela, ela. Eu chamei a Luciana, ela me olhou com uma cara. Porque essa professora, ela é muito atentada da cabeça. A menina ia comendo e ela ia enchendo o saco da menina, porque ela tava comendo mais. E a menina só tinha comido salgadinho. Era só pra atentar a menina mesmo. Aí ela me olhou com uma cara... Eu fiquei com medo porque eu achei que eu ia levar uma bronca, na hora. [29'20"]
BEATRIZ [31'18"]: Eu estou fazendo como se fosse a escola, tipo a minha. Aqui do lado tem um lugar para a gente ficar brincando. Eu não lembro nada, mas tem várias quadras agora. Já usaram pra vacinação, éé vacinação, normalmente acontece lá. É muito bom, eu tomei a vacina da covid lá, a primeira dose.
BEATRIZ: [32'24"]: Eu fico me perguntando pra que que colocaram grade na janela? O vão entre a janela e a outro janela é desse tamanho, não dá pra ninguém passar, mas aí tem os magrelos também, né? Que é terrorista. É melhor não. Uai, que será que aconteceu com a ISABELA?
PESQUISADORA: Então, eu mandei mensagem pra ela e ela falou que a mãe dela não vai conseguir trazer ela hoje. Aí eu acho que eu vou passar pra ela as ideias que a gente teve. E vou ver com ela se ela já não quer escolher um assunto com ela, e eu combino com ela e entregar o material, assim, sabe?
BEATRIZ: Caraca, esse ficou retinho mesmo!
PESQUISADORA: Nossa, ficou mesmo. Parece até material Dourado.
BEATRIZ: Pior que parece. Esses são os campos de futebol. Aqui do lado lado tem um campo de futebol, tem academia e tem um parquinho junto. Mas tipo, a academia que tem é academia pública mesmo, aquelas que é feito tudo de ferro? Mas é bem cuidado, é toda bonitinha, porque lá é cheio de, de flor.
BEATRIZ: Só tem 2 vagas lá. Isso daqui é um exagero. Nunca dá para estacionar lá.
PESQUISADORA: Mas este estacionamento é para famílias, ou é para os professores?
BEATRIZ: Qualquer um pode estacionar lá. Não é exclusiva nem da escola. Era pra ser o estacionamento desse lugar, onde eu falei que tem campo, academia, parque, então, era pra ser de lá. Lá tem lugar para andar de skate também e de patins.
PESQUISADORA: Nossa, então é bem grande lá. Eu acho que eu nunca fui nessa escola. Onde é que fica?
BEATRIZ: É, sabe o (supermercado) Boa?
PESQUISADORA: De qual bairro? Sabe o bairro?
BEATRIZ: Vila Hortência.
PESQUISADORA: É lá perto da Avenida? Perto do estádio de futebol? Do terminal ...

> BEATRIZ: Não! É na frente de uma. Na verdade, é atrás, não sei... É na frente de uma academiazinha assim sabe? Daqueles negocinhos de ferro....
> PESQUISADORA: Hmm, crossfit?
> BEATRIZ: Essa é fiquei traumatizado. Uma vez eu bati com a canela. Nossa, aquilo doeu muito.
> PESQUISADORA: Como que chama essa escola nova mesmo?
> BEATRIZ: Américo Subida (HISTÓRIA 53 – Minha nova escola, 2023).

E sobre as cores da escola, Beatriz continua:

> BEATRIZ: Ehhh!! (em tom de comemoração] Eu, eu consegui fazer!
> PESQUISADORA: Ó que bonito.
> [Ela volta a desenhar]
> BEATRIZ: Por que que toda escola é toda azul?
> PESQUISADORA: Ela é azul?
> BEATRIZ: O Giuseppe é assim e o Américo é assim.
> PESQUISADORA: Aha.
> BEATRIZ: Nossa, é tudo de uma cor só, sabe? Eu tive outra escola que, por incrível que pareça, não era azul, era laranja. Agora está inteira laranja, mas, antes era toda verde. Por fora... e por dentro ela é laranja.
> PESQUISADORA: Tipo, eles escolhem uma cor e aí coloca na escola inteira (HISTÓRIA 54 – As cores da minha escola, 2023).

Enquanto eu escutava as histórias, em alguns momentos ficava horrorizada ao perceber que os anos se passam, as discussões se intensificam, mas o cotidiano escolar pouco ou nada muda, como por exemplo, o controle sobre as roupas das crianças:

> ISABELA: Nossa, eu levei uma bronca acho que mês retrasado porque eu fui pra escola com uma calça jeans larga e rasgada. Só que ela era rasgada no joelho, aqui, aqui e era um rasgo aqui. O bom é que a blusa da escola é longa, porque se não a diretora ia mandar eu voltar por conta da calça, porque ela é rasgada bem aqui, né? Por que que a gente compra uma calça dessas? Não sei também, mas eu comprei. Aí ainda bem a blusa da escola eu comprei grande, né? Pra correr atrás daquele povo só pela misericórdia.
> BEATRIZ: Nossa, eu ainda tô revoltada com a minha escola.
> ISABELA: Eu não.
> BEATRIZ: Eles não deixam mostrar o joelho! Tem... o short tem que ficar aqui. O shorts da escola, mas é por causa do negócio da PEI. Ou se não tem que ir de calça.
> PESQUISADORA: Por que? O que tem a ver com esse negócio da PEI?
> BEATRIZ: É porque tem um monte de projeto lá. Tem a ver... Eu não sei se é da PEI mesmo, eu acho que é. Ai, não sei.
> ISABELA: A minha escola só não deixa, tipo assim, aquele short mostrando a bunda, mas tipo assim, se for aqui, tudo bem, pode ir.
> BEATRIZ: Tem uma véia chata na recepção da minha escola, que juro por tudo. Se esses dias eu vim com um short aqui, ela quase me proibiu de entrar. Só que aí eu fui no canto, né? Ela viu um pouco minha perna ee, ela quase não deixou eu entrar. É, é uma velha chata.
> ISABELA: Ah, na minha é quase [trecho inaudível] pra todo mundo. A diretora é mais legalzinha.
> BEATRIZ: Tem o Emerson e a Helena, que é minha tutora. Cara, a Helena é igualzinha uma funcionária antiga... uma funcionária da minha antiga escola. É idêntica. Inclusive eu tinha um amigo que estudava comigo, a gente teve a mesma

> dúvida. Depois eu fui perguntar pra ela. Aí ele falou assim “Eu já perguntei. Não é!”
> PESQUISADORA: Nossa!
> BEATRIZ: De tão parecida que ela é. E o pior é que eu não sei o nome daquela moça. Eu estudei cinco anos lá e eu não sei o nome da moça. Eu conversava com tudo quanto é funcionário, inclusive com ela. Ela tem até a mesma voz.
> [BREVE SILÊNCIO]
> ISABELA: O ano passado foi ano difícil. Esse ano até que está mais tranquilo, porque certas pessoas não está na mesma escola que eu e minha mãe proibiu eu ir de chinelo para a escola. Com medo dele estourar de novo (HISTÓRIA 80 – Com que roupa vou à escola, 2023).

Beatriz e Isabela também relataram as características das suas salas de aula, principalmente em relação ao comportamento das outras turmas, bem como olhar dessas turmas sobre elas.

> BEATRIZ: Não. Esses dias mesmo teve briga e a minha sala é a mais barraqueira, tava todo mundo brigando. Tava o Leandro brigando com o João e com o LORENZO. O LORENZO brigando com o Leandro e com o Matheus. O Celso brigando com o LORENZO, o Gustavo, o Dário e o Caio. E assim (HISTÓRIA 59 – A minha sala é a mais barraqueira, 2023).

> PESQUISADORA: Caraca.
> ISABELA: Ah, não sei se deu uma acalmada de briga, mas nessa semana teve briga. Ow, mó pancadão. Saíram no soco, deixou um roxo, o outro saiu o roxo também. Um saiu com o olho inchado, outro saiu com a boca inchada.
> PESQUISADORA: Aha.
> ISABELA: Aí o nono ano, no começo do ano minha sala, né, brigando. Nono ano no começo do ano falou assim “Ai, o 6º A é a sala mais anjo. Que tem mais anjinho.” Aí chegou no, no terceiro dia de aula ela já falou assim “O 6º ano é o capeta” (HISTÓRIA 60 – O 6º ano é o capeta, 2023).

Há histórias que relatam de que maneira as crianças se responsabilizam pela chegada dos novos estudantes, formando um grupo de acolhedores, além de e como a direção da escola se utiliza desse grupo para substituir professores.

> BEATRIZ: E ainda tem que pensar no negócio dos do acolhedores.
> ISABELA: Ai, é...
> PESQUISADORA: O que que são os acolhedores?
> ISABELA: Nossa agora tá tendo reunião dos acolhedores. Nossa, tô ficando bem de...
> BEATRIZ: Acolhedores são aqueles que vão acolher os alunos no começo do ano. Aqueles que te ajudam a se enturmar ou também é... Esses dias mesmos eu participei de um negócio dos acolhedores que eu acho que a diretora de alguma escola. Ela é a maior chefe do diretor. Ela Foi visitar a escola, não é? E estava todo mundo dizendo que foi por minha causa. A diretora me convidou, aí foi, foi a maior bagunça, eu me perdi inteira.
> ISABELA: AÍ o meu a gente está treinando para a volta às aulas do meio do ano. Aí, ontem eu tive que ficar no nono ano. Depois eu fui pro sétimo, nossa, maior rolo está (HISTÓRIA 64 – Os acolhedores, 2023).

> [...]

> ISABELA: Tipo assim, a única coisa que eu passei stress foi com o Danilo e com o Leandro, porque os dois, nossa senhora, isso ele fica irritando eu e a Lívia. No almoço, e aí eu fui pra sala dele antes do almoço, aí ele estava me imitando desde a sala de aula. Porque, ó, ficou sem professor também. Eu tipo assim, ficou eu e mais uma menina da minha sala para substituir os professores. Aí eu fiquei no nono, no sétimo, no sexto, na minha sala, fiquei no outro sexto e fiquei acho que num oitavo por conta que essa professora que faltou não foi aí, não tinha professor substituto. Aí colocaram a gente. Maior rolo lá.
> BEATRIZ: É escola PEI a sua?
> ISABELA RESPONDE AFIRMANDO COM A CABEÇA.
> BEATRIZ: E não tinha professor fazendo...
> ISABELA: Não, não tinha.
> PESQUISADORA: Fazendo atendimento?
> ISABELA: Porque a professora faltou de última hora, ainda.
> PESQUISADORA: Todas as escolas, éé, do estado estão como PEI?
> BEATRIZ: Não, nem todas.
> ISABELA: Não, nem todas.
> BEATRIZ: Mas, a maioria (HISTÓRIA 66 – Me colocaram pra substituir a professora, 2023).

As provas e trabalhos também fazem parte desse mapa escolar e as meninas demonstram certos sentimentos aversivos em relação a essas composições da escola. Nesse contexto, Isabela explica o desenho que havia feito sobre cultura e, no meio da explicação, desabafa a sobrecarga de trabalho que lhe é imposta:

> PESQUISADORA: E esse "muito além dos trilhos"?
> ISABELA: É uma frase que minha mãe achou não sei aonde. Aí ela falou pra eu colocar. Aí eu coloquei.
> PESQUISADORA: Entendi, ficou bem legal, bem bonito.
> ISABELA: Já era meia-noite, eu estava terminando o desenho. E eu tinha trabalho pra entregar.
> PESQUISADORA: Eita, então eu te dei mais trabalho, né?
> ISABELA: Deu [rindo]. Eu tinha 2 trabalhos de história, 2 de ciências. E 3 de Geografia para terminar.
> PESQUISADORA: Nossa, vocês estão tendo muito trabalho?
> ISABELA: Sim. Principalmente segundo bimestre, porque agora, nossa, eu vou ter um monte de trabalho, já começou.
> BEATRIZ: É verdade, eu tenho um trabalho até de outra eletiva, porque a professora de geografia ela me ama e tudo o que ela precisa de cartaz, dessas coisas, ela vem me procurar e eu agora tenho um cartaz, eu tenho que fazer um esboço de mapa mental e um cartaz para eletiva dela, além do que eu estou terminando um trabalho de eletiva que é da minha letiva. Está tendo que pensar no negócio de clube juvenil. Tenho o trabalho de língua portuguesa, trabalho de história e trabalho de Geografia.
> ISABELA: Eu tenho um trabalho da de português, matemática, história, geografia, ciências, eletiva, clube. Fora os que a professores me pede de outras eletiva pra fazer cartaz, nossa, tem um monte de coisa.
> PESQUISADORA: Que cansativo! Só de escutar... (HISTÓRIA 63 – Os trabalhos na escola, 2023).

Relataram também a experiência de terem feito a avaliação do SARESP:

> BEATRIZ: Eu dormi esses dias na aula de Português.

> PESQUISADORA: Você dormiu na aula de Português?
> BEATRIZ: Então, a Márcia foi aplicar a prova esses dias pra gente né? Aí sobrou 10 minutos antes dela aplicar o SARESP. Ela falou assim: "Gente, reza aí pra prova vir fácil pra vocês." Pois é, o Bira e o Téo tiraram um terço do bolso e começaram a rezar.
> [todas riram]
> ISABELA: A professora que aplicou o SARESP lá na escola ela falou assim "Rezem pra vir fácil." né? Ela falou assim que ia cair mais, menos, vezes, dividir, porcentagem, fração... ia cair não sei o que, não sei o que...
> BEATRIZ: Caiu número decimal com fração! Mano, eu não entendo porcaria nenhuma.
> ISABELA: O meu caiu só mais e menos.
> BEATRIZ: Nossa, que sorte! O meu caiu porcentagem, caiu... divisão, caiu mais, caiu menos, caiu número decimal, caiu número decimal com fração, mano!
> ISABELA: Eu estudei pra isso e o meu só caiu, de matemática, caiu só mais e menos.
> BEATRIZ: O bom é que eu não estudei... pra prova do SARESP (HISTÓRIA 41 – A prova SARESP, 2022).

O último aspecto a ser aqui compartilhado é o das relações entre os pares, de modo que podemos chamar de fofocas, pois são histórias sobre a vida dos outros e, ainda, com uma intensidade que parece haver certa competição entre quem conta a história mais intrigante.

Tabela 13 - Histórias sobre fofocas (relação entre os pares)

FOFOCAS
HISTÓRIA 27 – Ele é mor machista – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 36 – As causas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 37 – As agressões entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 39 – O menino pedindo ajuda para conquistar a Lúcia
HISTÓRIA 40 – As consequências das brigas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 42 – O que meninas podem fazer e o que meninos podem fazer na cidade: preconceito com meninas que jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 43 – Eu sei dar soco na cara – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 49 – Eu sou péssima escrevendo
HISTÓRIA 55 – O menino que me irrita desde a Educação Infantil – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 57 – O Errorex
HISTÓRIA 67 – A Isabela e o Carlos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 68 – Túlio e o Monster – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 69 – O tombo do Túlio – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 70 – Os trabalhos, as sem-vergonhas e os primos
HISTÓRIA 73 – História de quase atropelamento
HISTÓRIA 74 – As brigas e a Renata
HISTÓRIA 75 – O massacre do 6º ano
HISTÓRIA 76 – Eu torci o dedo dele – conflitos entre meninas e meninos

HISTÓRIA 77 – Eu bato nos meninos se eles me defenderem – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 78 – Quem banca o lanche
HISTÓRIA 79 – A loira oxigenada e os nossos cabelos
HISTÓRIA 83 – Ele me chamou de amor e ela se estressou – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 85 – Não quero mais ser professora de educação física porque o... - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 88 – Quem vai ficar comigo no time... ninguém, meu pé está inchado
HISTÓRIA 89 – Os meninos que aterrorizam e como resolver isso no beliscão - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 90 – Quem estudava com a gente no ano passado
HISTÓRIA 93 – As mudanças positivas do Errorex
HISTÓRIA 94 – As mudanças de lugares na sala entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 95 – Os meninos que a gente não gosta – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 96 – Espera aí, ssor, deixa eu matar ele, aí eu sento – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 98 – As chantagens para conseguir as coisas
HISTÓRIA 99 – As meninas que a gente tem ciúmes - conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 100 – Chamo de irmão
HISTÓRIA 101 – A Isabela do 8º ano

TOTAL DE HISTÓRIAS: 34

Fonte: Produção da própria autora.

Isabela, por sua vez, relata que há um grupo de Whatsapp para fofoca e que, nele, recebe notícias dos casais da escola, além de outros assuntos:

> ISABELA: Esses dias a Lúcia, do quinto ano e o Leandro, do quarto ano, eles já namoraram, né? Aí eu não posso chegar em casa que o Leandro me manda mensagem assim: “Me ajuda a conquistar a Lúcia? Isabela não sei o que, não sei o que, não sei o que?...” Aí eu falei “Tá bom. Vou pensar num plano e depois eu te passo.” Só que aí eu não falei o plano, né? Ele foi lá e encheu o meu saco, nem dormi de noite. Aí eu falei: “Amanhã você vai ver o plano.” Aí eu coloquei o plano em ação, aí eles tão namorando, aí eles tiveram uma DR esses dias, né? Aí juntou os dois de novo. Aí tão lá, né? Tudo isso pelo grupo de fofoca que eu fiquei sabendo (HISTÓRIA 39 – O menino pedindo ajuda para conquistar a Lúcia, 2022).

As crianças relatam e fazem seus julgamentos sobre a vida das outras crianças - como, por exemplo, o caso do Errorex (apelido fictício). Este foi o apelido que a turma deu para o garoto que foi tema no início de um dos encontros e este mesmo sujeito foi o tema também no final do encontro.

> BEATRIZ: O Errorex sempre faltava em dia de prova.
> ISABELA: Mentira, ele sempre falta.
> PESQUISADORA: Quem é o Errorex?

ISABELA: É o Túlio.
PESQUISADORA: É o apelido?
BEATRIZ: Ééé. Ele tem o cabelo que parece que ele passou Errorex, que é duro [ênfase nessa palavra] e é branco.
ISABELA: Ééé. Não. Não é duro não.
BEATRIZ: É sim.
ISABELA: Eu vivo passando a mão.
BEATRIZ: É sim!
ISABELA: Não é não. Agora não é não. Eu vivo passando a mão no cabelo dele. É bom passar a mão no cabelo dele. Eu fico passando a mão no cabelo dele. Mas é branco. Aí no começo do primeiro dia de aula a gente falou assim "Olha, um Errorex." Aí ele ... aí ele foi apelidado agora como Errorex.
BEATRIZ: Ele antes era "anão de jardim".
ISABELA: Ainda é.
PESQUISADORA: Porque ele é pequenininho?
ISABELA: É
BEATRIZ: Muito.
PESQUISADORA: Mas ele tem alguma questão fisiológica assim?
BEATRIZ E ISABELA [ao mesmo tempo]: Não.
ISABELA: Ele mesmo se chama de Errorex.
BEATRIZ: Talvez um pouquinho mental.
ISABELA: Isso aí eu não vou negar não. Porque ele se jogou no meio da sala.
BEATRIZ: Ele já fez coisa pior. Ele já tacou bolinha de papel na professora e depois ele colocou a bolinha de papel no outro menino (HISTÓRIA 57 – O Errorex, 2023).

O Errorex volta a ser assunto na história 93:

ISABELA: Aí, o tipo assim, um dos meninos mais que tipo assim, mais estudo que tirou 10 assim, foi o Brasileiro que é o Guilherme L. e o Errorex.
BEATRIZ: Oi?
ISABELA: O Errorex está estudando agora, menina, eu tipo assim ele faz. Ele termina todas as atividades primeiro.
BEATRIZ: Ele nunca entregou um dever.
ISABELA: Ele está fazendo os dever, está fazendo os trabalho, está fazendo trabalho.
BEATRIZ: Trabalho, ele sabe o que é isso?
ISABELA: Sabe.
[As duas riem]
Está fazendo, como fala? Tipo assim, ele termina primeiro, mas se ele termina primeiro e é tudo certo. Tipo assim, ele tá copiando mais rápido. Antes ele demorava duas horas pra copiar o nome, a data. Agora em duas horas ele termina três lousas.
BEATRIZ: Você tem que olhar o caderno dele.
ISABELA: Eu olhei.
BEATRIZ: Do quinto ano. Ele não tinha nada.
ISABELA: Não, do quinto ano eu não olhei.
BEATRIZ: Não tinha nada no caderno dele. O máximo que ele fazia era o cabeçalho e a rotina. No máximo!
ISABELA: Nem o cabeçalho ele faz, porque agora a gente faz só a data, né?
BEATRIZ: O máximo que ele fazia. Depois disso ele não fazia mais nada. Só ficava conversando e bagunçando.
ISABELA: O pior é que quem faz a data do caderno do Errorex sou eu, porque a gente tem umas manias de fazer umas datas decorativas, tipo assim, eu faço com marca-texto, eu faço umas coisas no, tipo assim, eu faço com caneta, aí eu corrigi. Aí toda aula ele vem, "faz a data pra mim?". Tipo assim, tipo assim, quando vai trocar eu já falo: "Errorex, dá o seu caderno para fazer a data." Porque eu já sei que ele vai me pedir mesmo, aí, né? Aí, quando tem título eu faço...

> BEATRIZ: Ele é um chato nessa parte. [Trecho inaudível]
> ISABELA: Ele está estudando agora. Acho que começou a andar com o Brasileiro. Aí tá estudando mais, porque o Brasileiro, tipo assim, o Brasileiro não faz muita coisa também não, mas o Errorex agora tá fazendo mais coisa que o Brasileiro. Antes era o Brasileiro que fazia mais coisa que o Errorex. Aí, tipo assim, a nossa sala, a minha sala é dividida: as menina fica do lado da janela e os menino fica do lado da porta, por que? Não sei. Sendo que no meio da aula todo mundo troca de lugar (HISTÓRIA 93 – As mudanças positivas do Errorex, 2023)**.**

Há também uma categoria de fofocas que nos permite conhecer de que modo ocorre a parceria entre as crianças na hora do lanche, quais as garotas que não há mais graça em tirar sarro, além de pessoas das quais as crianças desejam se tornar parte da família:

> ISABELA: Eu tenho que bancar um monte de gente com um salgado. Eu tenho que bancar eu, o Cearense, o Paulo, o Brasileiro, o Errorex, o Andrey, o irmão do Andrey, o Saulo e o João, às vezes. Mas, eles me banca também.
> PESQUISADORA: Mas, por que que vocês têm que bancar com salgado?
> BEATRIZ: Porque é todo mundo pobre.
> ISABELA: O Errorex mendigando na fila: "Tem 1 real?"
> BEATRIZ: Verdade, eu juro por tudo, é... Nossa, essa menina foi a melhor. Tem uma menina que ela era do quinto ano e o Túlio também. A gente estava na mesma série, aí ele foi mendigar para ela e a menina já estava de saco cheio. Ele foi lá pedir para ela 5 vezes, eu vi e da última vez que ele veio mendigar pra mim eu dei um tapão nele. Aí ele não veio mais mendigar. Ele foi mendigar pra ela. Aí a menina virou e falou assim: "Oh, pega!" e fez isso pra ele [CENA DE LEVANTAR O DINHEIRO PARA CIMA E JOGAR DE LÁ PARA O CHÃO] Aí, ela falou: "Pode entrar na fila e compra seu salgado." Ele ficou bravo e depois não ficou mais mendigando.
> ISABELA: A gente não mendiga lá, mas a gente faz tipo uma troca lá, porque o João e o Caíque me banca com o suco da cantina, né? Porque é 5 reais um suquinho desse tamanho.
> BEATRIZ: Caraca! É um real um suquinho desse tamanho?
> ISABELA: Desse tamanho. Na minha é desse tamanho assim.
> BEATRIZ: Na minha é um real um suquinho desse tamanho.
> ISABELA: Na minha é um real, cinco reais um suquinho desse tamanho. Aí a gente faz assim, a gente faz uma troca, eu dou um pedaço do meu salgado para ele, porque eu sempre compro dois: um no café da manhã e um no almoço. Aí eu dou um pedaço para eles e eles. Eles compram suco para mim. Aí a gente faz isso. O João, às vezes, ele me banca com refrigerante também. Aí o Errorex e o Cearense me banca, às vezes com salgados também, quando o Errorex tem dinheiro, nunca bem dizer e o Brasileiro me banca com como fala?, pegando um salgado também.
> BEATRIZ: Eu comprei um salgado na cantina esses dias, né? E a menina veio me pedir salgado. Eu tinha um monte, aí eu dei. Aí depois a menina criou a amizade comigo e aí eu não sei o nome dela. Ela sabe o meu nome, eu não sei o nome dela, ela criou amizade comigo e eu nem sabia disso. E o pior é que é daquelas meninas que se acha mesmo. Sabe, daquelas loirinhas, bem patricinha?
> ISABELA: Ai, lá tem uma loira oxigenada. [RISOS]
> BEATRIZ: Então, é essa loira que eu tô falando (HISTÓRIA 78 – Quem banca o lanche, 2023).

> ISABELA: Loira oxigenada a gente apelidou ela assim, ela mesmo se chama assim agora também. Nem tem graça zoar mais.
> BEATRIZ: Loira oxigenada, mas o cabelo dela é natural, mas parece que não é, mas o cabelo dela é.

> ISABELA: Não, de lá não é natural, não. Ela descoloriu mesmo.
> BEATRIZ: Ai, não tenho coragem de descolorir meu cabelo.
> ISABELA: Eu não. Depende. Eu só não descolori, nem pintei, porque minha mãe me deixou. Minha mãe tem raiva de mim. Uma vez, eu fiz isso.
> BEATRIZ: Eu pinto o cabelo. Que até agora está vermelho. Eu não tenho coragem de descolorir não. Se ficar careca, como é faz? Cresce de novo, mas...
> [AS DUAS RIEM] Fazer o quê? Eu estou querendo raspar agora o cabelo.
> ISABELA: Do lado?
> BEATRIZ: Aham.
> PESQUISADORA: Eu já raspei o cabelo do lado aqui, e às vezes eu faço nuquinha. Tipo, corto bem curtinho e peço para cabeleireira fazer uns desenhos malucos aqui assim. Eu adoro. Eu já tive cabelo aqui assim [mostrando o quanto era comprido].
> BEATRIZ: Eu quero raspar aqui, eu tive o cabelo aqui já. Era muito grande.
> ISABELA: Eu tive. Eu tive aqui, só que minha mãe não deixou. Minha mãe gosta de cabelo curto, mas eu não gosto muito de cabelo curto. Aí...
> BEATRIZ: Ai, minha mãe, minha mãe já nem se responsabiliza mais pelo meu cabelo. Ela já sabe que eu vou ficar careca. Eu já pintei de tanta cor. Eu já pintei de rosa, azul, verde, já ficou bege, já ficou amarelo, já ficou verde, já ficou verde-água, já ficou de tanta cor. E já foi na frente, já foi atrás, o cabelo inteiro. Na verdade, é o cabelo inteiro agora. Minha mãe nem tenta mais me convencer a não pintar.
> ISABELA: Ai, minha mãe tente me convencer a não usar, tipo assim, roupa larga ou calça rasgada, mas ela sabe que eu uso... Então nem liga mais também.
> BEATRIZ: A minha mãe nem tenta. Ela sabe que eu não vou obedecer ela.
> ISABELA: É... A minha também é assim.
> BEATRIZ: Ela nem tenta. [trecho inaudível]. Eu já levei muita bronca (HISTÓRIA 79 – A loira oxigenada e os nossos cabelos, 2023).

Pessoalmente, penso que é novidade falar sobre ciúmes na infância. Todavia, Beatriz e Isabela apresentam tal relato e compartilham esse sentimento:

> BEATRIZ: Eu tenho amiga que que é? Eu tenho muito ciúmes, igual ela. Aí é, esses dias, veio um amigo meu, pediu o telefone dela. Aí eu não dei, né? Porque eu tenho dó dela, que era pior menino que tinha possível. Aí ele foi no Instagram, aí ele começou a me irritar porque eu vi que ele viu que eu tenho ciúmes dela, aí ele começou a me irritar e agora todo dia ele vem pedir o instagram e o telefone dela.
> ISABELA: Eu tenho um assim, que é do 8º.
> BEATRIZ: Tem hora que não dá, eu perco a paciência.
> ISABELA: Tanto é, tipo assim, a minha irmã, entre aspas, a Samantha, que ela era do nono. Quer dizer, tanto é que quando ela começou a namorar um menino da sala dela, eu tipo assim, eu fiquei com muita raiva. Eu não falava com ela, eu não falava comigo nem nada. Aí depois eu fui pegando intimidade comigo e tudo mais. Aí até foi. Tanto era que eu chamo ele de Cunha. Aí, nossa, mas no começo era um ciúme e tem um menino da do oitavo ano, 8º C, o Eric, que a Michele, da minha sala gosta dele. Só que ele paquera a minha irmã que é namorada do meu Cunha. Aí nossa, dá mor rolo. Aí, quando eu vejo ele, ele já falo, "Samantha, vamos embora para você vai andar comigo e não com meu Cunha. Você vai andar comigo hoje." porque eu vejo eles, quando ele vai para escola, ele já vai direto pra ela. Aí eu falo, nossa, tenho muito ciúme, tanto é que eu briguei com o menino por conta dela. De tanto ciúme. E é, tipo assim, a gente não é nada parecida, é só o cabelo mesmo aí, tipo assim a gente pegou esse apelido de irmã, por conta que o povo começou a falar... Chegava na gente e falava assim "aí vocês são irmãs?". Aí eu e ela olhava assim, e a gente perguntava "por que?" "Aí, porque vocês são muito parecidas". Aí a gente pegou apelido de irmã mesmo. Aí ela foi embora agora, me abandonou, porque o pai dela, o pai dela, a madrasta dela traiu o pai

> dela com o tio dela. O pai dela descobriu, aí tava descontando na Samantha. Aí a Samantha ligou pra mãe dela, a mãe dela falou que era pra ela voltar, porque ela estava entrando em depressão (HISTÓRIA 99 – As meninas que a gente tem ciúmes - conflitos entre meninas e meninos, 2023).

> BEATRIZ: Eu também. Eu também tenho uma pessoa que chamo de irmão, mas não é uma menina, é um menino que a gente tá sempre junto e esse ano a gente separou, mas ele chegou estudar um tempo comigo, que é o... Ele ficou cinco anos me atazanando.
> ISABELA: O irmão.
> BEATRIZ: E, aí, ele esses dias a gente tava parado lá, do nada. Aí veio umas meninas e começou a conversar com a gente. As meninas era do, do ensino médio! Começou a falar que a gente era parecido. Aí começou a shipar a gente. E u nunca tinha visto elas. Eram meninas, assim, aleatórias. E o pior é que tinha uma menina que, essa menina eu já ouvi falar dela. Ela se chama Alice. Ee, ela é é ruiva, e ela tem daqueles olhos, sabe, bem clarinhos. Ruiva do olho verde e ela se acha muito, por causa disso.
> ISABELA: Nossa, tem uma menina na minha sala...
> BEATRIZ: Aí, ela fica atazanando todo mundo depois, fica se achando. Aí eu saio de perto, é isso. Não sei o que aconteceu depois (HISTÓRIA 100 – Chamo de irmão, 2023).

E tem também aquelas histórias permeadas de exageros e comparações que fazem até um paralelo com o absurdo:

> ISABELA: A diretora falou assim "Ai, é perigoso o 6º ano A fazer o massacre do que os outros", porque a nossa sala, tipo assim, só falta cair o teto porque tem goteira, tem a gente, sei lá, de tanto que a gente grita quando fala besteira fez que até quebrou até o teto já porque está pingando toda hora. A gente, o nono ano vem enfrentar a gente, o nono ano acaba apanhando. Nossa diretora falou assim, "Ai, acho melhor dar um tempo no sexto ano A, porque senão eles vão fazer um massacre." Eu não. Eu bem plena no canto da sala.
> PESQUISADORA: Uhum.
> ISABELA: É verdade (HISTÓRIA 75 – O massacre do 6º ano, 2023).

Tendo um panorama de como as crianças se relacionam com e na escola, apresento a seguir, aquilo que considero até o presente momento, a parte mais crítica do trabalho, devido à gravidade das denúncias feitas pelas crianças-meninas em seus relatos.

3.5 SER MENINA NA CIDADE

Pessoalmente, não consigo compreender como é possível a sociedade se naturalizar com tanta violência. Não é de hoje que assistimos tantas crianças sendo violentadas ao longo da história, especialmente a partir do momento em que suas infâncias começam a ser investigadas. Diante disso, questiono: por que a revolução do pensamento ainda não chegou à revolução da prática? Das 103 histórias que as crianças contaram, 38 delas apresentavam algum sinal de violência contra as meninas.

Tabela 14 - Histórias sobre ser menina na cidade

HISTÓRIA 12 – As aulas da Tatiane e da Sandra – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 25 – História "Eu só tô poupando vocês" – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 26 – A professora não liga, finge que a gente não existe – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 28 – Ela não acreditou – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 29 – Ele falou que era frescura – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 30 – História da cólica na educação física – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 31 – Meninas jogam vôlei, meninos jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 32 – Histórias de futebol para meninas – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 34 – Quem defende as meninas – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 36 – As causas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 38 – As fofocas e intrigas com as professoras – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 97 – A professora que me defende – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 7 – Figurinhas da Copa – conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 8 – Lugares preferidos das crianças – conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 9 – Explicações sobre os conflitos – conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 10 – Lugares que as crianças não gostam – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 11 – Sobre aprontar – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 13 – Sequência de *aprontamentos* do Vinícius – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 16 – Meninos têm sentimentos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 24 – História de quando os meninos não vêm – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 27 – Ele é mor machista – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 33 – Quando comecei a jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 35 – Quem estressa são os meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 37 – As agressões entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 40 – As consequências das brigas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 42 – O que meninas podem fazer e o que meninos podem fazer na cidade: preconceito com meninas que jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 43 – Eu sei dar soco na cara – conflitos entre meninas e meninos

HISTÓRIA 44 – Onde aprendi jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 45 – A dança e as crianças – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 46 – Futebol de basquete – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 47 – O recreio e a recreação na escola – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 55 – O menino que me irrita desde a Educação Infantil – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 67 – A Isabela e o Carlos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 68 – Túlio e o Monster – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 69 – O tombo do Túlio – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 76 – Eu torci o dedo dele – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 77 – Eu bato nos meninos se eles me defenderem – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 81 – Os roxos e os membros inchados – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 82 – As boladas na cara durante o futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 83 – Ele me chamou de amor e ela se estressou – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 85 - Não quero mais ser professora de educação física porque o... – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 86 – Onde meninos treinam e onde as meninas treinam – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 89 – Os meninos que aterrorizam e como resolver isso no beliscão – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 92 – O semaralho e o menino que dá azar – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 94 – As mudanças de lugares na sala entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 95 – Os meninos que a gente não gosta – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 96 – Espera aí, ssor, deixa eu matar ele, aí eu sento – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 99 – As meninas que a gente tem ciúmes – conflitos entre meninas e meninos
TOTAL DE HISTÓRIAS: 48

Fonte: Produção da própria autora.

Se me fosse permitido escolher um gênero para caracterizar essas histórias, seria o de terror. As violências ocorrem em todas as esferas: física, psicológica, verbal. Há violência cometida por professores/professoras e entre as próprias crianças. A primeira categoria que reuni na primeira parte são as histórias dos conflitos, nas quais adultos violentam as crianças com seus discursos.

Tabela 15 - Histórias dos gigantes da verdade

HISTÓRIAS DOS GIGANTES DA VERDADE
HISTÓRIA 12 – As aulas da Tatiane e da Sandra – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 25 – História “Eu só tô poupando vocês” – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 26 – A professora não liga, finge que a gente não existe – conflitos entre meninas e meninos

HISTÓRIA 28 – Ela não acreditou – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 29 – Ele falou que era frescura – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 30 – História da cólica na educação física – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 31 – Meninas jogam vôlei, meninos jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 32 – Histórias de futebol para meninas – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 34 – Quem defende as meninas – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 36 – As causas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 38 – As fofocas e intrigas com as professoras – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 97 – A professora que me defende – conflitos entre meninas e meninos

TOTAL DE HISTÓRIAS: 12

Fonte: Produção da própria autora.

No encontro em que estavam presentes somente Beatriz e Isabela, essas histórias foram contadas em sequência:

> BEATRIZ: As professoras, elas sempre chamam os meninos. Só que os meninos da minha sala, é tudo um bando de frango que não consegue carregar uma cadeira. Aí tem menina que gosta de ficar levando as coisas pra cima e pra baixo só pra sair da sala. Aí eu fui reclamar com a professora, aí ela virou e falou assim: "Não, eu só tô poupando vocês." Mas ela só deixa os meninos. A gente até pede pra levar, e ela só chama os meninos (HISTÓRIA 25 - História "Eu só tô poupando vocês" - conflitos entre meninas e meninos, 2022).

> ISABELA: Na minha escola, a professora pede pra alguém fica quieto, aí o menino não fica e a gente fala: Prô, pede pro menino ficar quieto. A professora não liga, finge que a gente não existe. Pra carregar coisas também. É difícil um pouco. Às vezes vai, às vezes não vai (HISTÓRIA 26 – A professora não liga, finge que a gente não existe – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

As aulas de educação física se tornaram uma minissérie de horrores, tanto por limitar o campo dos esportes de acordo com o gênero, quanto por não compreenderem o corpo feminino:

> BEATRIZ: O professor sempre separa menino E menina. Não pode jogar menino com menina.
> PESQUISADORA: Sério?
> BEATRIZ: Sério. Tipo, eu adoro jogar futebol e eu tenho uma amiga que ela joga muito bem também e ela adora jogar futebol, só que as meninas não sabem jogar futebol, elas ficam jogando vôlei e ainda quebram a cara jogando vôlei (HISTÓRIA 31 – Meninas jogam vôlei, meninos jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

> PESQUISADORA: Mas, vocês acham que são poucas as meninas que jogam futebol? Porque o futebol ainda é pouco incentivado pras meninas?
> ISABELA: Sim. Tem a professora de educação física desse ano, no começo do ano, os meninos e as meninas queriam jogar futebol. Os meninos foram todos de chuteira. Aí eu, a gente tem um grupo. Aí os meninos falaram assim: quem vai querer jogar futebol amanhã? Aí quem quiser joga, quem não quiser a gente divide

> a quadra, né? Aí, um monte de menina confirmou, a professora não deixou. Um monte de menina foi de chuteira, meião, blusa de time... a professora não deixou, dividiu a quadra, mandou a gente jogar vôlei, mas a gente não queria jogar aquilo, a gente queria jogar futebol. Aí a gente ficou lá, porque a professora tirou a gente da aula, só porque a gente reclamou porque queria jogar futebol.
> PESQUISADORA: Ela tirou vocês da aula?
> ISABELA: Tirou, porque a gente queria jogar futebol e ela não deixava. Ela só deixou o Yuri de fora, porque ele começou a brigar com os meninos e ela é japonesa também. [O menino que foi referenciado é de família asiática]. Aí a gente queria jogar futebol e ela não deixou, tirou a gente da aula e colocou a gente lá no pátio. Aí a Adriana foi falar com a gente e aí elaaa, a gente contou tudo para a Adriana e a Adriana deu uma bronca nela. Ela disse que menina pode sim jogar futebol, que a gente sempre jogou futebol, né? Desde o G5 a gente jogou futebol, a gente joga futebol com os meninos. Aí a professora falou que não podia e aí a Adriana disse que podia sim.
> PESQUISADORA: Depois a professora de educação física deixou vocês jogarem futebol?
> ISABELA: Depois de uns dois meses a professora deixou a gente começar a jogar futebol (HISTÓRIA 32 - Histórias de futebol para meninas – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

As crianças relataram o quanto os professores de educação física desconsideraram suas situações particulares, além de as submeteram a tomar atitudes consideradas contrárias às suas vontades:

> BEATRIZ: Teve uma vez que eu fui no banheiro porque eu estava menstruada e com o absorvente na mão e eu falei pro professor que eu estava com cólica e que precisava ir ao banheiro. Aí ele olhou pra mim e falou que era frescura (HISTÓRIA 29 – Ele falou que era frescura – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

> PESQUISADORA: Ahhmmm!!
> ISABELA: No ano passado também aconteceu isso, na aula de educação física ainda. Eu disse assim: "Professor, eu posso sentar um pouquinho porque estou com cólica?" e ele "Nãooo, isso é frescura sua. Você vai jogar futebol sim." Eu não queria jogar futebol, porque a quadra estava dividida. Os meninos jogando futebol de um lado e as menina jogando vôlei, basquete do outro. Aí ele falou assim: "Você tá reclamando muito, você vai jogar futebol". Aí eu saí escondida e fui lá na Adriana. [25'12"]
> PESQUISADORA: Aha.
> ISABELA: Pra resolver.
> PESQUISADORA: E aí a Adriana fez alguma coisa?
> ISABELA: Foi lá e conversô.
> PESQUISADORA: Nossa! (HISTÓRIA 30 - História da cólica na educação física - conflitos entre meninas e meninos, 2022).

Aqui, identificamos duas histórias que relatam uma rota de fuga diante de tanta violência: as professoras que defendem as meninas.

> PESQUISADORA: Por exemplo, na sua escola dá pra perceber que a Adriana, que é a diretora, é que defende as meninas, né?
> ISABELA: Ééé, ela defende os meninos e as meninas, depende de quem tá certo.

> PESQUISADORA: Sim. Na sua escola Be, você sente que tem alguém que as meninas podem confiar, pra ir por exemplo, reclamar dessas situações?
> BEATRIZ: A Adriana e a Júlia.
> PESQUISADORA: A Adriana e a Júlia. Quem são elas?
> BEATRIZ: Minha professora de Matemática e a de Ciências, História e Geografia.
> PESQUISADORA: Ahmm, aha.
> BEATRIZ: O bom da Adriana é que ela não é diretora, ela é só professora, então não tem como... Aí sempre que acontece alguma coisa nova, de algum moleque chato, ela vai, ela vai refutando, refutando até calar a boca deles e eles deixarem a gente fazer o que a gente quer.
> PESQUISADORA: Aha, sim. Era isso que eu ia perguntar, tipo, o que elas fazem pra defender vocês?
> ISABELA: A pro Ediléia ela defende as meninas porque ela vê o comportamento dos meninos, já a pro Maria não, a pro Maria ela não defende as meninas, defende os meninos, sendo que os meninos que estão errados.
> PESQUISADORA: Aha e na sua Beatriz?
> BEATRIZ: Na minha a gente tem uma professora que ela não joga futebol, mas ela torce pro nosso time que eu. E esses dias era uma atividade que tava perguntando a probabilidade do nosso time ganhar alguma coisa. Aí ela falou que torcia pro Corinthians e que tinha muita probabilidade de ganhar, que o time era muito bom. Os muleque viraram, começaram a olhar pra ela com uma cara. Aí ela perguntou pra eles "O que é que vocês estão me encarando?". Aí os meninos falaram assim: Mas, nossa você torce pra esse time?" E ela respondeu: "Qual o problema?" Aí eles ficaram quietos.
> ISABELA: Já aconteceu também com a Mariana. A Mariana estava conversando comigo. Eu falei: "Mariana, qual time você torce?" Aí ela falou assim: "Eu torço pro Flamengo." Aí os meninos viraro e ficaram tudo olhando pra ela. Aí eu virei pra eles e falei: "O que vocês tão olhando aqui? Perderam alguma coisa?". Aí eles falaro "Mariana, você torce pra algum time?" O Mário, né, que falou. Aí ela falou: "Torço. Algum problema?". Aí ele falou: "Nada não estressadinha!" Aí ela falou: "Sou estressadinha não! Você vai ver estressadinha na sua casa, daqui a pouco!" (HISTÓRIA 34 – Quem defende as meninas – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

Beatriz reconhece e relata o momento em que uma professora lhe permite se defender das ofensas de um garoto:

> BEATRIZ: Tem uns menino da minha sala..., a professora de inglês, ela é linda, né? Aí, aí ela sempre que vê eu batendo nos meninos, ela sabe que toda vez tem um motivo, porque pra bater neles eu preciso perder a paciência. Eu nunca tive muita, mas...
> ISABELA: Eu não tenho paciência. Eu nem sei o que é isso.
> BEATRIZ: Eu nunca tive muita, mas quando eu perco, eu perco e bato. Aí, né, a professora, ela viu os meninos me provocando, tirando as coisas da minha mesa. Eles chegaram a tirar até a atividade dela. Aí quando eles começaram a tirar a atividade dela, euuu, eu fui lá, eu dei ummm, um chute naaa, na canela deles e eu tava com All Star. No que eu chutei, ficou a marca, porque eu chutei, eu chutei ele, eu chutei assim, ó, pá! Ficou... a etiqueta do All Star, sabe? Que tem ali atrás, na canela dele. A professora só riu e aí quando eles o que a professora ia fazer, ela disse que não ia fazer nada, que eu tava certa.
> ISABELA: Pois é. Ai na minha sala, tipo assim...
> PESQUISADORA: Acho que ela viu o que vocês sofrem.
> BEATRIZ: Muito. Ela já disse que tem vontade de bater nele, às vezes. No Túlio, de tanto que eles irritam (HISTÓRIA 97 – A professora que me defende – conflitos entre meninas e meninos, 2023).

Para além das violências que as meninas sofrem, comumente advindas dos sujeitos adultos, têm também aquelas provocadas por seus pares:

Tabela 16 - Histórias de bate e rebate

BATE E REBATE
HISTÓRIA 7 – Figurinhas da Copa – conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 8 – Lugares preferidos das crianças – conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 09 – Explicações sobre os conflitos – conflitos entre meninos e meninas
HISTÓRIA 10 – Lugares que as crianças não gostam – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 11 – Sobre aprontar – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 13 – Sequência de *aprontamentos* do Vinícius – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 16 – Meninos têm sentimentos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 24 – História de quando os meninos não vêm – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 27 – Ele é mor machista – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 33 – Quando comecei a jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 35 – Quem estressa são os meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 37 – As agressões entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 40 – As consequências das brigas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 42 – O que meninas podem fazer e o que meninos podem fazer na cidade: preconceito com meninas que jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos)
HISTÓRIA 43 – Eu sei dar soco na cara – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 44 – Onde aprendi jogar futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 45 – A dança e as crianças – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 46 – Futebol de basquete – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 47 – O recreio e a recreação na escola – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 55 – O menino que me irrita desde a Educação Infantil – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 67 – A Isabela e o Carlos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 68 – Túlio e o Monster – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 69 – O tombo do Túlio – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 76 – Eu torci o dedo dele – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 77 – Eu bato nos meninos se eles me defenderem – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 81 – Os roxos e os membros inchados – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 82 – As boladas na cara durante o futebol – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 83 – Ele me chamou de amor e ela se estressou – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 85 – Não quero mais ser professora de educação física porque o... – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 86 – Onde meninos treinam e onde as meninas treinam – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 89 – Os meninos que aterrorizam e como resolver isso no beliscão – conflitos entre meninas e meninos

HISTÓRIA 92 – O semaralho e o menino que dá azar – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 94 – As mudanças de lugares na sala entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 95 – Os meninos que a gente não gosta – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 96 – Espera aí, ssor, deixa eu matar ele, aí eu sento – conflitos entre meninas e meninos
HISTÓRIA 99 – As meninas que a gente tem ciúmes – conflitos entre meninas e meninos
TOTAL DE HISTÓRIAS: 36

Fonte: Produção da própria autora.

No tocante a essa temática, assim se iniciaram os relatos:

> GABRIELE: Eu gastei 80 reais comprando 100 figurinhas de um álbum.
> VINÍCIUS: Como você comprou 100 figurinhas?
> GABRIELE: Que álbum?
> ISABELA: Com dinheiro?
> VINÍCIUS: Não pô, 100 figurinhas... 100 pacoti... 100 envelopes?
> GABRIELE: Não, 100 figurinhas dentro dos pacotinhos, sabe?
> Acho que eram 40 pacotes, 20 *pacote*...
> VINÍCIUS: Não, 20 pacotes, 20 pacotes.
> GABRIELE: É e depois comprei mais *20 pacote* de figurinha da copa.
> ISABELA: Mas pacote do que?
> GABRIELE: Da figurinha da copa.
> ISABELA: Nossaaaa... Tem figurinha online.
> GABRIELE: Ah, mas é legal de papel, né?
> VINÍCIUS: Não é de papel, é adesivo colante.
> BEATRIZ: Ah, mas dá na mesma. É feito de papel aquilo.
> GABRIELE: E depois você pode vender o álbum
> BEATRIZ: E você é esperto desde quando?
> VINÍCIUS: Ué? Desde que euuu....
> GABRIELE: Mentira...
> PESQUISADORA: Enquanto vocês desenham, eu vou conversar com a Ellen.
> BEATRIZ: Jumento ainda é um elogio para você (se referindo ao VINÍCIUS).
> [ALGUMAS FALAS INCOMPREENSÍVEIS]
> VINÍCIUS: Eu não sou tão burro. Eu sou inteligente.
> GABRIELE: Não VINÍCIUS.
> BEATRIZ: Não é não! (HISTÓRIA 7 – Figurinhas da Copa – conflitos entre meninos e meninas, 2022).

Em seguida, as crianças contaram a história de número 08, na qual expressam a cama como seu lugar preferido na casa. Nessa história, Vinícius diz para Beatriz que a cama não é um lugar; contudo, é defendida por Gabriele, que afirma que a cama é sim um lugar. Assim, as crianças me contextualizaram:

> GABRIELE: É assim o dia inteiro.
> VINÍCIUS: Não é não...
> BEATRIZ: Ele que me provoca.
> VINÍCIUS: Ele que provoca...
> BEATRIZ: Aha...
> GABRIELE: Ele provoca e bota provoca.

> VINÍCIUS: Tá bom, tá bom, tá bom...
> BEATRIZ: Ainda bem que aceitou.
> VINÍCIUS: Quem disse que eu aceitei?
> BEATRIZ: Você mesmo!
> PESQUISADORA: Por que vocês ficam brigando assim?
> BEATRIZ: Porque ele provoca.
> GABRIELE: É ridículo!
> PESQUISADORA: Ah, não gente, pára!
> GABRIELE: É muito chato (HISTÓRIA 9 - Explicações sobre os conflitos – conflitos entre meninos e meninas, 2022).

Tamanho era o relato, apesar de ser apenas o primeiro encontro. Depois de escutar tantas provocações, eu aguardava o momento oportuno para tratar desse assunto, até que, no terceiro encontro, a oportunidade surgiu. Somente Beatriz e Isabela estavam presentes nesse dia e suas respostas às perguntas que lhe foram propostas se assemelhavam a respostas roteirizadas, ou seja, parecia que elas respondiam apenas porque precisavam responder e, dessa forma, não acontecia um diálogo fluído. Após vários pequenos silêncios, Beatriz fez o comentário: "fica sem graça quando os meninos não vem, né?". Acompanhe:

> PESQUISADORA: Acho que vamos mudar um pouco a pergunta. Tipo vocês com a idade que vocês têm, são um tipo de criança. Se a gente pensar numa cidade para crianças de três anos de idade, como teria que ser essa cidade?
> ISABELA: Ter coisas mais baixas.
> PESQUISADORA: Ter coisas mais baixas? [SILÊNCIO]
> BEATRIZ: Precisava ter um lugar especial pra essas crianças, porque elas não conseguem fazer as coisas sozinhas. Lavar a mão sozinha... [SILÊNCIO]
> PESQUISADORA: Acho que a gente podia, porque eu volto dia 17, no encerramento de vocês, tentar em desenhos ou construções, sei lá... fazer alguma coisa, né? De planejar essa cidade. Tipo, o que que você gostaria de pensar ou de ficar responsável na cidade, sei lá, pela parte de educação? Aí você pensaria em escolas, como seriam as escolas ideais para as crianças. Aí, sei lá, você poderia fazer responsável pelo... o que você teria vontade de pensar para uma cidade?... Do brincar... Então, o que você faria para deixar a cidade mais brincante? Sabe, dividir assim...? O que você gostaria de pensar assim?
> BEATRIZ: Nas escolas...
> PESQUISADORA: Nas escolas?
> [Silêncio] Acho que eu tenho folha aqui, acho que a gente podia... [Silêncio]
> Acho que a gente já podia fazer agora. O que vocês acham? Vocês estão afim ou não? [Silêncio] (HISTÓRIA 23 – Uma cidade construída por crianças e silêncios, 2022).

> BEATRIZ: Fica sem graça quando os meninos não estão, né?
> PESQUISADORA: Fica meio silenciosa, né?
> A gente pode ver também se a gente sente que a gente já conversou sobre o que a gente queria conversar, a gente pode terminar antes.
> A olha só que interessante, com isso dá pra gente pensar que "gente é lugar e que lugar é gente" do tipo a pesquisa fica muito mais legal quando tem outras pessoas aqui também, né? O lugar fica mais legal, mais interessante. É eles fazem um tipo de provocação que dá vontade de rebater, não é?
> ISABELA: Dá!
> BEATRIZ: Dá vontade de rebater e acabar com eles.
> PESQUISADORA: Acabar com eles? É isso, acabar com eles?
> BEATRIZ: Aha.

> PESQUISADORA: Vocês sentem, enquanto meninas, que, tipo, a opinião de vocês não é muito levada a sério? Ou as coisas que vocês falam éé é meio que menosprezada pelos meninos ou alguma coisa assim?
> BEATRIZ: Às vezes.
> ISABELA: Às vezes (HISTÓRIA 24 - História de quando os meninos não vêm - conflitos entre meninas e meninos, 2022).

Até o momento, eu não imaginava o quanto esse comentário ampliaria a discussão. Por isso, fiquei chocada com os relatos que vieram a seguir: sem que eu tenha oferecido qualquer referência, Isabela trouxe a palavra *machista*, para caracterizar os comportamentos de um garoto e, em seguida, Beatriz reforça que ela também observa isso na sua escola:

> ISABELA: Um menino na minha sala é pior, falam que ele é maior machistas. Toda vez que uma menina vai reclamar ele fica rebatendo, rebatendo, aí o menino vai falar, ele está quieto, é?
> BEATRIZ: E tem muito mais situação que a gente vê que é machismo. Mas agora eu não tô lembrando de nenhuma. [trecho inaudível devido aos barulhos ambientes] (HISTÓRIA 27 – Ele é mor machista – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

Na sequência do relato, as duas explicitam como a escola comumente busca finalizar a situação:

> BEATRIZ: Os moleques da minha sala até que são bem de boa. O problema mesmo é o moleque que é bem machista. Só um. Porque o resto chama as meninas pra brincar e tudo. O moleque com certeza tem um TDAH e talvez um autismo leve. Mas a mãe não liga, a mãe não liga. [31'02"]
> PESQUISADORA: E vocês sabem se a escola faz algum tipo de intervenção pra melhorar isso? Pra tentar resolver isso?
> BEATRIZ: Na minha escola, muitas vezes, ameaça chamar conselho tutelar. Tem um menino na minha sala que ele vai uma vez no mês. Eu vejo elas ameaçando chamar o conselho tutelar, que se ele não for ele vai começar a se dar mal, repetir de ano e chamar o conselho tutelar.
> ISABELA: O Yuri, a Adriana mesmo chama mãe, chama pai, chama polícia, conselho tutelar... Teve uma vez que ela ligou pro conselho tutelar pra chamar pra ir lá na escola. Aí ele falou: "Não, não, eu vou". Ele mentiu o ano inteiro, mentiu o ano inteiro. Até a hora que a Adriana ligou e falou assim "Pode vir aqui na escola, por favor?" Aí ele assumiu, mas mesmo que chamou mãe, pai... pai não, porque o pai dele morreu [ISABELA falou em volume menor essa parte da frase]. Chamou a mãe, o irmão e o conselho tutelar. Ano que vem ele vai pra mesma escola que eu... (HISTÓRIA 36 – As causas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

Diante das provocações que os garotos fazem às meninas, nas quais são chamadas de *estressadinhas*, elas afirmam que não concordam com tal afirmação, pois quem realmente as estressa são os meninos:

> PESQUISADORA: Aha. Mas vocês acham que as meninas são estressadas?
> ISABELA: Não.
> BEATRIZ: Não. Quem estressa são os meninos.

> ISABELA: É. Os meninos que provocam. Depois não quer apanhar (HISTÓRIA 35 – Quem estressa são os meninos - conflitos entre meninas e meninos, 2022).

E revelaram os preconceitos de gênero quanto aos esportes:

> PESQUISADORA: Então, aí eu queria, eu queria saber o que que vocês percebem de diferente entre o que meninas podem fazer na cidade e o que meninos podem fazer na cidade. Ou o contrário: o que meninas não podem fazer na cidade, e o que meninos não podem fazer na cidade.
> CRIANÇAS FALAM: Depende da semana, do mês, do ano.
> [Ao mesmo tempo outra criança fica gritando]: Eu sei, eu sei, eu sei!
> PESQUISADORA: Como eu estou, como eu estou gravando, eu preciso que uma pessoa fale de cada vez. Aí, quando você for falar, você pega o celular, conta o que você quer contar e depois põe celular de novo no meio.
> PESQUISADORA: Não podem andar nus na rua. Tchau, João. Que você estava falando que depende do mês?
> BEATRIZ: Depende da semana, do mês as meninas não podem brincar de muitas coisas. Os meninos podem.
> PESQUISADORA: Ahm, tipo?
> VINÍCIUS: Futebol, futebol americano, basquete...
> BEATRIZ: Mas, até coisa simples tipo, pega-pega, esconde-esconde.
> BEATRIZ: É só que tem um preconceito muito grande da parte de certas pessoas.
> VINÍCIUS: Só que tem preconceito das que jogam futebol. Vão querer tipo... lá ela joga futebol, ela não é, não é, não é mulher, não é menina, eu vi que ela quer ser homem? Tipo isso.
> PESQUISADORA: Você já escutou alguém falando isso?
> VINÍCIUS: Já.
> PESQUISADORA: Já? Que comentário que você escutou alguém falando?
> VINÍCIUS: Ah, tipo assim, eu tava jogando lá, daí um cara tava conversando com outro, o cara tava um cara falando com outro carinha lá, né? Eu tava perto dele, ele falou, nossa que eu achei ela bonita, né? Que pena que ela jogava futebol, né? Que quer se achar garoto...
> VINÍCIUS: Às vezes, tipo, só porque ela é menina e gosta de futebol, muita gente acha que ela não sabe jogar... Igual menino quando joga bola e eles acham que não sabe jogar e tal... Ou algum menino, menina que gosta de jogar basquete, mas acha que é ruim, que não tem habilidade, e no final consegue impressionar muita gente (HISTÓRIA 42 – O que meninas podem fazer e o que meninos podem fazer na cidade: preconceito com meninas que jogam futebol – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

Ou ainda, relatam as consequências que as meninas sofrem diante de um conflito:

> PESQUISADORA: Vocês querem contar mais alguma coisa? Disso que a gente está conversando?
> BEATRIZ: Acho que eu queria. Deixa eu lembrar.... Acho que é do anão.
> PESQUISADORA: Anão? Que anão?
> BEATRIZ: Não é o VINÍCIUS!
> PESQUISADORA: Tem uma criança que vocês apelidaram de anão?
> ISABELA: O Yuri.
> BEATRIZ: Anão de jardim, mais especificamente.
> ISABELA: Não, lá é o Gnomo do Diabo.
> PESQUISADORA: Gnomo do diabo?
> BEATRIZ: Juro! Dá uma olhada no meu celular. É esse ser feio aqui.
> ISABELA: Ih, literalmente.
> BEATRIZ: Olha isso! Não, não é esse anão aqui... É esse aqui. (mostrando outro contato)

> PESQUISADORA: Como vocês chamam? Gnomo do Diabo?
> ISABELA: É. Porque esses dias ele foi irritar o Pedro. O Pedro é bem mais estressado que o Matheus. Aí ele foi incomodar o Pedro. O Pedro só virou e deu um soco no olho dele. Começou a sangrar. Aí o Yuri foi e deu nele. O Pedro fez não sei o que lá. Socou a cara inteira, socou a barriga, socou tudo e... conclusão: Pedro saiu culpado. Aí a Adriana falou assim: "ISABELA você viu." o Pedro falou que eu vi, né? Aí ela falou assim "Me conte tudo." Aí, eu fiz assim, contei tudo, fiquei lá umas duas horas. Perdi quase a metade da aula.
> BEATRIZ: Foi sorte.
> ISABELA: Não foi sorte, porque foi aula de Matemática, Português (HISTÓRIA 40 - As consequências das brigas dos meninos – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

Muitos são os conflitos e as meninas os denunciam de diversas formas – como, por exemplo, quando Isabela foi pedida em namoro (com 11 anos de idade):

> PESQUISADORA: Olha, então eu vou aproveitar todo esse sentimento de vocês sobre escola, e aí vocês podem escrever o que vocês quiserem sobre escola pra a gente colocar nesse livro.
> BEATRIZ: Que que eu vou escrever?
> PESQUISADORA: Oi?
> BEATRIZ: Que que eu vou escrever?
> PESQUISADORA: O que você quiser escrever sobre a escola. Assim, tipo que você sente ou que você fica brava, ou que você está... Se existe alguma coisa que você está curtindo. Para gente deixar registrado, porque isso essa opinião de vocês, ela é bem importante tanto para pesquisadores que queiram avaliar assim, tipo, aí teve a mudança das escolas estaduais, como é que as PEIS estão funcionando, que que os estudantes, as estudantes estão achando?
> BEATRIZ: Estão quase surtando.
> PESQUISADORA: Uhum.
> ISABELA: Eu não, na escola é onde eu passo os melhores momentos. Só tem doido naquela escola.
> BEATRIZ: Por isso mesmo. Só tem doido naquela escola. Nenhum deles bate bem, fica me irritando. Aí você está com raiva... [ISABELA RESPONDE POR CIMA]
> ISABELA: Lá não... Lá só... O Carlos, depois que aconteceu uma coisa na minha sala, aí ficam me shipando com ele por conta que ele me pediu em namoro duas vezes no meio da sala.
> PESQUISADORA: Nossa!
> ISABELA [RINDO]: Aí eu bem na frente, duas vezes lá na frente, ele pediu em namoro, as duas vezes. Aí teve uma vez que foi, é, sem anel e outra foi com aliança.
> PESQUISADORA: Ele levou uma aliança?
> ISABELA: Duas, uma para mim, uma pra ele, aí, tipo assim, eu não falei nada pra ele na hora dizia.
> PESQUISADORA: Mas vocês já estavam ficando?
> ISABELA: Não.
> PESQUISADORA: Não.
> ISABELA: Não, literalmente a gente se conheceu nesse ano.
> PESQUISADORA: Aham.
> [RISOS ENTRE ISABELA E PESQUISADORA]
> ISABELA: Aí nossa, está o inferno aquela sala, porque "a ISABELA não sei o que com o Carlos. Ai não sei o que...". Aí entrou o irmão do Carlos no meio. Aí que eu tô fudida. Porque tipo assim, eu fico brincando com Danilo.
> PESQUISADORA: Mas eles são gêmeos?
> ISABELA: São. Um é do 7ºB e o outro é do 6ºA. Carlos é da minha sala.
> PESQUISADORA: Aham.

BEATRIZ: Então como é que são gêmeos?
ISABELA: São gêmeos idênticos, mas é idêntico: o jeito de correr, é o rosto é...
PESQUISADORA: Mas um repetiu de ano?
ISABELA: Repetiu.
PESQUISADORA E BEATRIZ: Ah...
ISABELA: Carlos repetiu de ano. No quarto ano porque ele brigou com a professora. Aí o irmão dele ia falar assim, porque eu brinco com o Danilo. E o Danilo é da sala do irmão dele, é aí, tipo assim, tem hora, tipo assim, que eu me estresse. Eu vou perguntar assim pro Danilo. Aí, o irmão do Carlos, vai lá e me provocar. Aí eu começo a correr atrás de irmã do Carlos. Aí o Carlos começa a me provocar, aí eu corro atrás do Carlos, aí eu volto, corro atrás do Danilo, depois eu corro atrás do Luan e assim vai o recreio inteiro.
PESQUISADORA: Nossa.
ISABELA: Mas tem hora que eu me irrito, que nossa...
BEATRIZ: Eu dou algum tapão mesmo. Resolve tudo (HISTÓRIA 67 – A ISABELA e o Carlos - conflitos entre meninas e meninos, 2023).

E de quando os meninos trocam de lugar na sala para ficar próximos delas:

PESQUISADORA: Mas foi alguém que colocou essa posição?
ISABELA: Não. Não, a gente que escolheu mesmo. A gente que escolhe onde a gente senta. Aí, os meninos no meio da aula pega as bolsa vai pro lado das menina. Aí, as menina pega a bolsa, vai pro outro lado, aí fica misturado. Aí no final fica tudo misturado.
PESQUISADORA: Mas, as meninas mudam, mudam de lugar para ir atrás dos meninos ou fugir, de fugir dos meninos?
ISABELA: Não, os meninos vão atrás da gente, é o contrário.
BEATRIZ: Na minha sala também.
ISABELA: Aí às vezes, tipo assim, tipo eu fico lá. Eu e a Malu a gente fica no mesmo lugar, porque tipo assim, éé, tem o Paulo, tem o Carlos, tem o Paulista, tem o Brasileiro, tem o Errorex, tem ooo Damião, tipo assim, isso aí a gente... Eu e a Malu já é parça. Então eles vão mais pra provocar a gente. Aí, tipo assim, eu nem ligo mais, porque a gente vai conversando.
BEATRIZ: Eu taquei um estojo na cabeça do menino esse ano porque ele tava me irritando. Ele mudou de lugar para me irritar. Tem mapa de sala, ele perdeu ponto pra me irritar. Aí eu taquei o estojo na cabeça dele.
ISABELA: Na minha não tem mapa de sala, graças a Deus. A minha não tem mapa de sala, porque...
BEATRIZ: Na minha tem e vai mudar todo mundo.
ISABELA: O primeiro dia, o terceiro dia, a minha escola já... A minha sala já tava tacando o terror na sala. Aí deixou uma semana em mapa de sala. Funcionou? Não. Só que aí falou que se voltar a ter mapa de sala vai ser os mesmos lugares. Só que aí eu vou me lascar, porque éé... eu fiquei num.... ficou um menino, uma menina, um menino. Só que aí, eu não sei porque, mas o Carlos ficou na minha... O Paulista ficou na minha frente, e o Carlos ficou atrás de mim. Aí, o Brasileiro sentou do meu lado, o Damião sentou atrás do Brasileiro e o Túlio sentou lá na frente, na primeira carteira. O grupinho ficou reunido do mesmo jeito. Aí não adiantou nada porque ficou reunido do mesmo jeito.
BEATRIZ: As professora colocaram mapa de sala, mas vira e mexe eu tô lá no fundão conversando ou bagunçando.
ISABELA: Eu sou. Eu sou do fundão, eu sou do fundão eu sou.
BEATRIZ: Eu não sou do fundão, eu tenho que ficar lá na frente estudando.
ISABELA: Eu sou. Eu e a Malu. A gente é do fundão.
PESQUISADORA: A Malu você conheceu esse ano?
ISABELA: Esse ano. É, a Malu.
BEATRIZ: Sabe o ruim, é porque tem uns meninos que eles mudam de lugar pra ficar perto das meninas.
ISABELA: É!

> BEATRIZ: E as meninas, elas saem pra não ficar perto deles e eles não entendem essa parte.
> ISABELA: É! O pior que é mesmo.
> BEATRIZ: Aí teve uma amiga minha que bateu no menino, porque o menino não parava de encher o saco dela, ela trocou de lugar. O menino foi atrás. Ela trouxe mais de uma vez. O menino foi atrás, o menino estava dando em cima dela o tempo todo, aí, aí ela bateu nele e ele parou de ir atrás dela. Só que ela deu um tapão que era para ficar doído. Menino daqueles bem branquelos sabe?
> ISABELA: Nossa!!
> BEATRIZ: Ele, ele, ele ficou um dia com a marca da mão no braço.
> ISABELA: Ai, eu já deixei marca da minha mão... no menino. Nossaa!
> BEATRIZ: Eu já fiz isso. O que o menino nem era tão branquinho, era o Téo. Ele é meio moreno, ele é tipo minha cor de pele. Aí, né? Eu deixei a marca da minha mão. Deixei bem dada.
> ISABELA: Eu deixei no menino do ano passado, no Yuri, tipo assim, ele não é tão branquinho, também. Aí nossa, minha mão ficou bem assim ó, nas costas, porque eu peguei de jeito assim, oh.
> BEATRIZ: Eu também deixei no Breno e no Edilson (HISTÓRIA 94 – As mudanças de lugares na sala entre meninas e meninos – conflitos entre meninas e meninos, 2023).

E durante o esporte:

> ISABELA: Aí, na minha escola agora a gente está treinando, hum, menina contra as meninas. Aí, tipo assim, é juntando as meninas.
> PESQUISADORA: Do futebol?
> ISABELA: É. Futebol e vôlei. Aí, tipo assim, juntou todas as salas, tipo 9º A, 9º C, 9º B, 8º, 7º, 6º, juntou, tipo assim, ó todas as meninas e colocou para treinar no clube. E os meninos treinam na quadra da escola e a gente treina num clubinho que tem lá do lado. Aí, nossa senhora, aí ontem a gente já, assim, foi treinar na quadra da escola e os meninos foram no clubinho, porque não vai ser nem no clubinho nem na quadra, vai ser num... ah, não sei lá onde jogam os profissional. Aí, nossa mano, ontem...
> BEATRIZ: Num campo, né?
> ISABELA: É... ontem, misericórdia. Eu só escutei a bola de vôlei e a gente estava treinando futebol na quadra, né, da escola. Só escutei a bola de vôlei vindo assim, ó, caiu do lado da menina, literalmente do lado. E eles estavam no clubinho. Como que essa bola foi para, parar lá? Não sei, porque tem um muro dividindo. Não sei, só sei que foi parar lá. Nossa senhora, mas eu fiquei com uma raiva que eu peguei aquela bola e fui levar lá, mas eu acertei o menino de uma forma que, óia, ficou vermelho (HISTÓRIA 86 – Onde meninos treinam e onde as meninas treinam – conflitos entre meninas e meninos, 2023).

Beatriz reconheceu um garoto do 6º ano que a agredira quando estudava na Educação Infantil, e relata o quanto essa violência não resolvida se perpetuara até o momento da entrevista:

> BEATRIZ: Eu mordi um *muleque*, eu... O *muleque* me mordeu na verdade e eu fui descobri quem era depois de um tempão, quando eu tava já no terceiro ano. Isso quando... E o moleque me mordeu quando eu estava no primário. Ele entrou na mesma sala que eu depois.
> PESQUISADORA: Ele te mordeu na educação infantil?
> BEATRIZ: Na entrada. Quando eu era bem pequena, quando eu estava começando a ir pra escola. Aí ele me mordeu. Só que aí depois eu fui encontrar esse mesmo

> moleque na mesma sala que eu. Ele era muito chato, terrorista, eu não gostava dele.
> PESQUISADORA: Vai ver que é porque você já tinha memórias afetivas da mordida...
> BEATRIZ: Só que eu não gostava desde a primeira vez que eu vi ele. Não era nem por lembrar que era ele, eu não gostava mesmo. Só me irritava aquele menino. Eu finalmente aprendi a lidar com a minha raiva sem bater nos meninos.
> PESQUISADORA: Como?
> BEATRIZ: Eu taquei o estojo na cabeça deles.
> PESQUISADORA: [risos] continua batendo, Beh. Mas é que é muito difícil lidar com a raiva, né?
> BEATRIZ: É, poh. Eu tento. To me segurando. Esses dias eu taquei o estojo na cabeça de um menino que ele me irritava porque ele ficava imitando o Cristiano Ronaldo e ficava aqui na minha orelha, aí ele parava e repetia tudo de novo.
> PESQUISADORA: Nossa!
> BEATRIZ: Aí, eu só virei uma estojada na cabeça dele. Ele ficou com a marca do zíper do estojo, que era o formato da cabeça da Barbie ficou aqui [mostrando a região do rosto], na testa dele. Eu ri tanto. Foi assim, "eu avisei que você ia apanhar de estojo. Não diga que eu não avisei. E você não pode falar que eu te bati. Eu não te bati." Eu joguei o estojo na cabeça, é diferente.
> PESQUISADORA: E ele irrita como?
> BEATRIZ: Ele? Ele irrita imitando o Cristiano Ronaldo, ou senão, ele fica imitando... cantando a musiquinha do "Se o senhor for correndo pela sala", senão roubando minha garrafinha. Nossa... moleque chato! Eu não posso falar muito porque ele é o menino menos irritante da minha sala.
> PESQUISADORA: Menos? Aí complica.
> BEATRIZ: Muito. O menino mais irritante da minha sala não me deixa em paz. Ele conseguiu meu whatsapp. Agora ele me manda mensagem todos os dias para me irritar.
> PESQUISADORA: Bloqueia.
> BEATRIZ: Eu já tentei. Aí ele conseguiu o instagram. Ai que vontade de bater nele! Isso tudo por causa de um menino que eu conheci no primeiro ano, que ele tinha meu whatsapp, meu instagram e ele passou. Eu quase matei ele depois. Mas ele passou, mas logo depois ele saiu da escola, pra ficar pior. E ele saiu e fez vídeochamada com o ... na cara, que eu não ia pegar ele. Nossa, bateu uma raiva dele. [Silêncio novamente] (HISTÓRIA 55 – O menino que me irrita desde a Educação Infantil – conflitos entre meninas e meninos, 2023).

Beatriz chega até considerar a possibilidade de desistir de suas vontades por causa dos garotos:

> PESQUISADORA: Sabia que eu sou professora também?
> BEATRIZ: Hum, Hum.
> PESQUISADORA: Só que eu já fui até professora da ISABELA.
> BEATRIZ: Hum, eu. Eu quero ser professora de é educação física ou dança. Mas esses dias eu fiquei com raiva. Não sei se eu quero mais ser de educação física, não. Não, tinha a escola inteira sabe e tem um menino que eu não gosto, ele já me acusou de roubo. De um monte de coisa. E esse menino, ele corre, ele parece um pinguim mancando. E ele, ele não sabe éé brigar e o jogo que ele escolheu para se inscrever é jogo de corpo. Ele pode levar beliscão, arranhão, que não tem falta, não tem nada. Aí, eu fiquei revoltada, porque eu sou eu sou uma das melhores da minha sala e o Edilson conseguindo ganhar neste jogo, cara, não é nem ganhar é tipo, eu acho que ele se inscreveu, tinha alguma coisa para esse inscrever. Ele deve ter faltado esse dia e, acho que o jogo é handebol. E aí ele, ele, ele foi escolhido, cara, aí agora eu sei que minha escola vai perder.
> PESQUISADORA: Por quê?

> BEATRIZ: Porque juro por tudo, o Edilson, ele não sabe, é, brigar nem discutir. Primeira coisa que você falar para ele, se eu xingar ele, se eu fizer qualquer coisa, ameaçar bater, ele vai chorando pro colo da mãe do pai dele. Ele, ele uma vez levou um murro meu, assim, porque ele estava me irritando e e ele estava, ele estava na escola, é, me beliscando. Aí eu meti, que logo em seguida eu virei um o tapa aqui, porque do que eu meti soco aqui ele veio pra esse lado e eu meti o tapa. Ficou, ficou a marca do meu cotovelo e da minha mão nele. E aí depois ele foi chorando pro pai dele. Mas, aí os pais deles não acreditou nele dessa vez (HISTÓRIA 85 - Não quero mais ser professora de educação física porque o... - conflitos entre meninas e meninos, 2023).

Diante de tanta violência sofrida, dá-se a impressão de que a única forma com que as meninas conseguem se defender é *no tapa, soco* e *beliscão*:

> BEATRIZ: Tô me sentindo um pouquinho humilhada, parando pra pensar.
> PESQUISADORA: Oi?
> BEATRIZ: Porque eu não sei jogar futebol. Eu não sei jogar vôlei. Eu não sei jogar basquete.
> VINÍCIUS: Normal, mas sabe bater.
> PESQUISADORA: Sabe bater? Mas bater bola no gol ou bater de soco?
> VINÍCIUS: Acho que na maioria de soco.
> BEATRIZ: Bater bola na cara dos outros também! Eu sou muito boa em acertar a cara dos outros.
> BEATRIZ: A última vez que moleque. OOOO, VINÍCIUS, sabe dessa história, não sabe?
> VINÍCIUS: Infelizmente sim.
> BEATRIZ: O moleque tacou a bola na minha cara e meu óculos entortou. Olha...
> PESQUISADORA: Nossa, nossa...
> BEATRIZ: Só que eu não sou besta nem nada é, a gente não podia dar um chute na canela deles, quando a gente chutava, era de leve, era sem querer. Eles sabiam porque eles gritavam, faziam o maior escândalo. Aí eu bem delicada, eles tacaram a bola na minha cara. Eu mudei de posição do jogo. Eu taquei a bola na cara do garoto e ainda fiz gol (HISTÓRIA 43 – Eu sei dar soco na cara – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

> BEATRIZ: Eu já quase apanhei do menino do 9º ano, só que aí ele começou a ficar com medo de mim, porque eu falava cada vez que ele tem ele, ele apontou o dedo para mim, aí eu peguei o dedo dele, eu torci, eu dei um estalo bonito no dedo dele. Aí, né, ele levantou a voz para mim, eu comecei a gritar igual louca, e aí ele foi me bater, eu não deixei, eu chutei ele e depois eu, eu fiz que ele ficou com a marca da minha mão aqui, assim, oh, marca da minha mão e eu saí assim: "Da próxima vez vai apanhar mais!".
> PESQUISADORA: Aham.
> BEATRIZ: E o moleque ficou com medo de mim e nunca mais olhou na minha cara.
> ISABELA: Eu não. O povo do 9º ano é tudo um poste lá. Quase o dobro do meu tamanho (HISTÓRIA 76 – Eu torci o dedo dele – conflitos entre meninas e meninos, 2023).

> BEATRIZ: O pior é que tem uns meninos, né, que eles, éé. Esses dias mesmo. Uma amiga, né..., o menino queria bater na minha amiga. E minha amiga ela tem ficado com o povo do nono ano. Tem uns meninos que sempre sabem que quando sabe que algum menino vai bater em alguma menina eles vão lá, né, pra proibir, porque é menino batendo em menina. Aí, né, isso foi acontecer comigo. Ela queria chamar os meninos, aí eu virei e falei assim: "Deixa quieto, porque se eles entrarem no meio, eu vou bater neles. Eu tô te avisando." Aí o menino saiu e esses

meninos que normalmente batem nos outros pra não bater nas meninas ficaram com medo de mim também.
ISABELA: Lá também. Lá eu tenho que bancar um monte de gente.
BEATRIZ: Eu quase fui parar na direção, mas aí, mas aí o menino ficou com medo de mim, porque a diretora me ama e ela finge que eu não faço nada. Aí ele ficou com medo dela achar que ele estava errado. E ele estava. Ele tava me ameaçando bater por nada (HISTÓRIA 77 – Eu bato nos meninos se eles me defenderem – conflitos entre meninas e meninos, 2023).

BEATRIZ: Esses dias eu estava tão feliz. Eu aprendi a jogar sem fazer falta. Porque eu me estresso... Tipo, da última vez acertaram uma bolada na minha cara, e olha o meu óculos como ficou.
ISABELA: Nossa.
BEATRIZ: Aí, depois disso eu fiquei um pouquinho traumatizada, demorou pra mim voltar a jogar futebol.
PESQUISADORA: Aha.
BEATRIZ: É eee detalhe, neste mesmo jogo, eu, eu. O menino estava de goleiro, né? Aí eu falei para Gisele trocar comigo, só que eu, eu falei com a Gisele assim, sem querer nada [mas com segundas intenções], né? Aí eu acertei a bola na cara dele de novo, só que eu acertei com mais força, para ele parar de ser besta, né? Ele fez isso de propósito e depois ele disse que era falta só nele, que em mim não era. Aí eu acertei mais de duas vezes na cara dele depois disso. Fiquei revoltada (HISTÓRIA 82 – As boladas na cara durante o futebol – conflitos entre meninas e meninos, 2023).

BEATRIZ: Os meus amigos ficam... Eu fico com tanta raiva, porque meus amigos, sempre quando tem atividade em grupo, eles ficam disputando. Eu e meu irmão... eu. Eu tenho 3 grupos de amigo: o do Fundão, o povo do meio, mas aí o povo do meio eu não gosto tanto não porque tem José, tem...
ISABELA: Ai, João, sempre...
BEATRIZ: Aí sempre é um pentelho chato.
ISABELA: João é sempre doido lá, o da, da minha escola. Nossa, ele é doido. Ele é do nono ano, mas parece que ele é do G5. Ele estoura chinelo correndo, ele estoura chinelo na árvore. Esses dias ele bateu com a cabeça na árvore.
BEATRIZ: Esses dias eu briguei com o João da minha sala. Eles estavam se empurrando, eles estavam se empurrando, né? Aí ele veio, me empurrou, ee ele veio. Ele começou a ficar na ponta do pé achando que ele ia me intimidar. Aí, aí eu peguei o ombro dele, eu, eu fiz de um jeito que eu apertei aqui que ele começou a se curvar inteiro. Aí. Aí depois ele veio, ele veio me peitar de novo, aí depois ele ficou com medo de mim.
ISABELA: Aí, os meninos da minha sala eles não têm coragem de vir me enfrentar, um porque eu sou maior que eles, e ganhei de todo mundo no braço de ferro e outra, quando eles vêm, eles tem medo porque fico apertando a cintura deles pra eles saírem ou então eu já parto direto pra briga.
BEATRIZ: Eu já vou no beliscão mesmo. No beliscão eu resolvo tudo, na unha... deixo marca.
ISABELA: Aí, tipo assim, porque a professora, ela tipo assim, tá me encarando por conta do que eu fiz ano passado, né? Então, tem que me segurar.
BEATRIZ: O que você fez ano passado?
ISABELA: Estourei um chinelo, quase perdi um tênis, briguei na porrada, tudo isso com a mesma pessoa.
BEATRIZ: Eu já taquei um tênis na cara do meu amigo, aí eu, aí eu...
ISABELA: Com o Yuri. Aí, esse ano, tipo assim, eu tô com a mania de apertar...
BEATRIZ: Eu já perdi um tênis tacando na cabeça de um amigo.
ISABELA: Eu perdi 2 chinelo, eu acho. Foi 2? Foi 2 chinelo que eu perdi estourando no Yuri. Aí, tipo assim, a Micaela tem esse costume de ficar apertando a cintura também. Aí eu acho que eu comecei a andar muito com ela, só que eu já tinha esse costume de ficar apertando a cintura dos meninos e das meninas também, às vezes, quando me irrita demais também. Aí eu, eu fui apertar a cintura do Carlos. O Carlos fez assim. Aí ele parou de me provocar também porque teve

> antes de eu apertar a cintura dele, eu, tipo assim, já meti um tapa nele, porque ele veio me irritar. Aí, nossa mano, os meninos nem mexe comigo mais, ele tem, eles têm medo de vir me pedir um lápis com medo de eu virar um tapa nele. O Errorex não tem medo não, porque o Errorex já chega assim, Oh.
> BEATRIZ: Ele, ele apanhou muito na antiga escola, tanto brigando com todo mundo...
> PESQUISADORA: O Errorex estudava na sua escola antes?
> ISABELA: É.
> BEATRIZ: Na minha sala! É, ele me aterrorizou por 5 anos. Ele me aterrorizou por cinco anos.
> PESQUISADORA: Ele era da sua sala e agora ele está na sua sala?
> BEATRIZ: Ele me aterrorizou por cinco anos (HISTÓRIA 89 – Os meninos que aterrorizam e como resolver isso no beliscão - conflitos entre meninas e meninos, 2023).

> ISABELA: Nossa, ontem, ontem as 2 primeiras aulas foi de orientação de estudo. Aí, aí o professor estava fazendo, sei o que lá, estava corrigindo a prova do 7º C, não, 7º B. Aí tinha um povo lá, né? Aí ele liberou para desenhar na lousa. Aí o Cauê e o Carioca foi fazer palhaçada. Aí, o Carlos virou professor To Nine. Que a gente chama ele de To Nine. Aí, o Cauê virou o professor Carioca. Aí, ele estava dando aula lá, aí veio gnomo.
> BEATRIZ: O Túlio?
> ISABELA: Não, o Túlio não está indo pra escola. Ele tá viajando.
> BEATRIZ: Ah, tá normal.
> ISABELA: Aí vem um gnomo me irritar, aí eu comecei a correr atrás dele. E ontem eu fui de chinelo, eu fui de meia branca. E. Eu sempre deixo. Eu deixei o chinelo de canto e fui lá assistir a aula do professor To nine. Aí ele começou a me irritar, mas teve uma hora que eu me estressei, comecei a correr atrás dele, a sala inteira. Aí o professor "senta aqui, ISABELA!", aí eu "espera aí, professor, deixa eu matar ele, aí eu sento aí, tá?" Aí o ssor falou "Tá bom, então. Vai!" Aí, nossa, mor briga lá, mas tipo assim foi na brincadeira mesmo que eu comecei a correr atrás dele e ele começou a imitar na brincadeira também, aí... (HISTÓRIA 96 – Espera aí, ssor, deixa eu matar ele, aí eu sento – conflitos entre meninas e meninos, 2023).

Apesar de tantas denúncias já feitas por outras pesquisas e também por essas crianças em seus relatos e desabafos, constatamos que pouco ou nada muda nessa realidade. Diante disso, questiono-me: até quando será visível esse abismo entre as denúncias e a real e urgente mudança? A seguir, o momento em que Vinícius faz um desabafo no segundo encontro:

> Uma coisa que ficou bem explícita é a divisa que tem entre meninos e meninas, éééé o quanto um persegue o outro, porque nessa o VINÍCIUS e a BEATRIZ ficaram discutindo, tipo falando, que uma, que um faz bullying pro outro que... A BEATRIZ disse que o VINÍCIUS é muito baixinho e que ele tem que ser zuado por isso. E o VINÍCIUS fica muito incomodado, tanto é que uma hora ele falou assim: "É, as meninas precisam entender que a gente tem sentimentos. Que a gente tem sentimentos" (HISTÓRIA 16 – Meninos têm sentimentos – conflitos entre meninas e meninos, 2022).

As histórias contadas pelas crianças no transcorrer da pesquisa apresentam vários níveis de complexidade, os quais cabe a mim discutir, de modo a garantir que esta seja realmente uma pesquisa-ação, sem deixar de assumir o compromisso social frente ao problema da marginalização das crianças. Para tal, o próximo capítulo analisa a

complexidade das histórias contadas e traça diálogos com os autores da Filosofia e da Sociologia anteriormente apontados.

4 POR UMA CIDADE DAS CRIANÇAS

Pensar numa Cidade das Crianças é muito mais que criar propostas que as atendam. Trata-se de escutar suas denúncias, compadecer-se das violências a que estão submetidas e, juntos, elaborar um encaminhamento. A proposta inicial da pesquisa era a de construir um livro escrito, no qual as crianças pudessem registrar suas concepções sobre *ser criança na cidade*. Todavia, ao longo da pesquisa, notou-se que as crianças têm uma relação escolar com a escrita. De acordo com as histórias contadas pelas crianças, o ato de escrever apresenta apenas a função de responder a provas e trabalhos escolares. Há relatos delas dizendo que não são boas em escrever, que não sabem escrever ou que não querem escrever. Escrever virou um fardo para entregar trabalhos ou para se fazer prova.

> BEATRIZ: Eu não, sou péssima escrevendo.
> ISABELA: Eu também. Eu tive que fazer uma redação ontem. [...]
> BEATRIZ: Eu sou péssima em redação (HISTÓRIA 103 - HISTÓRIA DAS PROVAS E DAS NOTAS, 2023).

Foram diversas as tentativas para tentar dar início ao livro. Contudo, o que rendia debates nos encontros era o que podemos nomear de histórias orais. Nesta última seção, abordaremos as linhas de denúncias feitas pelas crianças e discutiremos teoricamente suas implicações na sociedade.

4.1. A CIDADE É A ESCOLA?

As histórias apresentadas pelas crianças tinham o principal cenário: a escola. Se pudéssemos fazer uma comparação, seria a seguinte: a pesquisa foi pensada com a intencionalidade de se descobrir a concepção que as próprias crianças tinham sobre o existir na cidade, mas parece que a cidade delas é a escola. A pesquisa tentou sair da escola, mas a escola não conseguiu sair da pesquisa.

A escola moderna, sob a perspectiva histórica de Philippe Ariès, constituiu-se enquanto o próprio conceito de infância começava a ser reconhecido, o que tornava necessário preparar a criança para a vida adulta. Ainda na Idade Média, não havia distinção entre crianças e adultos, o que tornava a escola um espaço onde pessoas de diferentes idades frequentavam a mesma sala de aula, de acordo com as demandas de conhecimento que compreendiam. Com o advento do

Estado e da Igreja, a educação passava a ser centralizada em instituições destinadas a moralizar e sistematizar a formação para a vida adulta (Ariès, 2006).

Foucault (2013), posteriormente, revela-nos a constituição das escolas a partir da disciplinarização e do controle que a sociedade começava a exercer para se organizar. As escolas aparecem nos mesmos moldes de hospitais, prisões, fábricas e outras instituições disciplinares. Os corpos das crianças são docilizados e punidos quando não se atende à autoridade.

Enquanto a proposta do livro era apresentada para as crianças, decidiu-se, conjuntamente que, cada uma delas escolheria um tema para falar; e a escola foi um deles. Beatriz se propôs a fazer um desenho e escrever sobre a escola, mas como já foi dito, o único registro que ela fez no papel não foi o escrito, mas sim um desenho.

Figura 2 - Desenho produzido por Beatriz sobre escola

Fonte: Produção própria autora.

Quando Beatriz produziu esse desenho, chamou-me a atenção o fato de que as janelas são todas protegidas por grades. Num primeiro momento, imaginei que seria por segurança contra roubos, mas, logo em seguida, ela quebra a minha hipótese com a seguinte informação:

“Tem aluno que pulou a janela. Tem aluno terrorista nesse ponto!” (HISTÓRIA 53). O que faz um aluno querer pular a janela? O que acontece nesse espaço que torna o aluno um *terrorista*? Sociedade disciplinar e de controle, punindo o corpo da criança. Na escola não cabe o corpo das crianças.

O desenho também revela o quanto o prédio escolar ainda segue os mesmos padrões arquitetônicos dos hospitais e prisões. Se tirássemos a palavra *escola*, saberíamos dizer qual a instituição que estava sendo desenhada? Onde está a referência de aprendizagem? Nas histórias sobre a escola, as crianças relataram características do espaço físico (cor das paredes da escola, quantas salas, quantos degraus uma escada tinha), da relação com as professoras (que era chata, quem defendia as meninas, quem dava boas notas, quem era violenta), das responsabilidades (provas, trabalhos, grupos de acolhimento e substituição de aula) e, dentre as histórias, as mais contadas foram as de conflitos entre as próprias crianças. Em alguns momentos, pareciam até competir quem tinha a história mais impactante. Em nenhum momento, na descrição sobre as escolas, as crianças fazem referência ao aprender. Apenas às normas disciplinares, aos conflitos e violências.

Tais relatos tornam evidente a eficiência dessa instituição sobre a vida das crianças.

> Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as "disciplinas". Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação (Foucault, 2013, p.133).

Não vemos um corpo que brinca, mas um corpo que faz tarefas, que deve se manter em silêncio na aula; um corpo que estuda para as provas, um corpo de que necessita usar tal roupa para se frequentar a escola. A escola ultrapassou seus muros e foi habitar os outros lugares da criança, tomando o controle da vida delas. A sociedade de controle, apresentada por Deleuze (1992), está aí: informal, fluída e onipresente. Será que só é possível ser criança na escola? Será que é possível ser criança na escola? Será que é possível ser criança? Quando não estão na escola formal, estão na escolinha de esportes, de ballet ou estão em casa e, em raras ocasiões, vão ao parque, ao cinema ou ao teatro. Onde estão crescendo essas crianças?

4.2 O CABO DE GUERRA ENTRE MENINAS E MENINOS

Outro dado importante é a construção de gênero na infância, que se dá, principalmente, na escola. O grupo de participantes da pesquisa era formado por três meninas e dois meninos. Duas subcategorias apareceram nessa categoria: os conflitos entre meninos e meninas; construção do ser menina na escola. Desde o primeiro dia de pesquisa, ficou explícita a intensidade e a quantidade de conflitos entre meninas e meninos. Foram diversos xingamentos, e, em determinados momentos, através das histórias que as meninas contavam, percebia-se inclusive a violência de gênero produzida pelos garotos, bem como a forma agressiva como as meninas se defendiam.

> ISABELA: Nossaaaa... Tem figurinha online.
> GABRIELE: Ah, mas é legal de papel, né?
> VINÍCIUS: Não é de papel, é adesivo colante.
> BEATRIZ: Ah, mas dá na mesma. É feito de papel aquilo.
> GABRIELE: E depois você pode vender o álbum
> BEATRIZ: E você é esperto desde quando?
> VINÍCIUS: Ué? Desde que euuu....
> GABRIELE: Mentira...
> PESQUISADORA: Enquanto vocês desenham, eu vou conversar com a Patrícia (nome fictício da responsável pelo Comitê).
> BEATRIZ: Jumento ainda é um elogio para você (se referindo ao VINÍCIUS).
> [ALGUMAS FALAS INCOMPREENSÍVEIS]
> VINÍCIUS: Eu não sou tão burro. Eu sou inteligente.
> GABRIELE: Não VINÍCIUS.
> BEATRIZ: Não é não! (HISTÓRIA 7 - Figurinhas da Copa, 2022).

Interessante observar que a formação dos gêneros por meio das suas brincadeiras é descrita desde Florestan Fernandes, em “As trocinhas do Bom Retiro”. Nas trocinhas dos meninos, as crianças se dedicam ao futebol, à natação e a brincadeiras tais como pula-mula, barra-manteiga, pegador. Já nas trocinhas das meninas, dedicavam-se às brincadeiras de mamãe-filhinha e de casinha. Fernandes observava que a segregação e o fechamento dos grupos por gênero aconteciam na puberdade e era marcado por punições para aqueles que não seguiam essa regra.

> O lema da segregação foi consubstanciado na seguinte fórmula:
> *Home com home*
> *Muié com muié*
> *Faca sem ponta*
> *Galinha sem pé.*
> Os que desobedecem, já sabem: podem ser segregados, recebendo durante muito tempo designações pejorativas. Entre nós, os meninos ficam sendo conhecidos por “mariquinhas”, “maricas”, “fresquinhos”, “fresco de merda”, “veado”, etc; e as meninas - geralmente só no seu próprio grupo - por “muleconas”. Pareceu-nos, do que observamos, que a situação da menina desajustada é ainda pior do que a do menino, contendo a expressão um significado de desaprovação real, dificilmente contornável (Fernandes, p. 206).

Além disso, em algumas de nossas reuniões, apenas as meninas conseguiram participar e notaram a diferença nas discussões advindas da ausência dos meninos. Diante de tantos conflitos e tantas histórias que as meninas traziam sobre a forma como eram tratadas, a pesquisadora aguardava um ambiente seguro para questionar e aprofundar esse aspecto do gênero feminino, estando somente com as meninas. Esse momento chegou:

> PESQUISADORA: Nas escolas?
> [Silêncio] Acho que eu tenho folha aqui, acho que a gente podia... [Silêncio]
> Acho que a gente já podia fazer agora. O que vocês acham? Vocês estão a fim ou não? [Silêncio]
> BEATRIZ: Fica sem graça quando os meninos não estão, né?
> PESQUISADORA: Fica meio silencioso, né?
> A gente pode ver também se a gente sente que a gente já conversou sobre o que a gente queria conversar, a gente pode terminar antes.
> Ah, olha só que interessante, com isso dá pra gente pensar que "gente é lugar e que lugar é gente" do tipo a pesquisa fica muito mais legal quando tem outras pessoas aqui também, né? O lugar fica mais legal, mais interessante. É, eles fazem um tipo de provocação que dá vontade de rebater, não é?
> ISABELA: Dá!
> BEATRIZ: Dá vontade de rebater e acabar com eles.
> PESQUISADORA: Acabar com eles? É isso, acabar com eles?
> BEATRIZ: Aha.
> PESQUISADORA: Vocês sentem, enquanto meninas, que, tipo, a opinião de vocês não é muito levada a sério? Ou as coisas que vocês falam éé é meio que menosprezada pelos meninos ou alguma coisa assim?
> BEATRIZ: Às vezes.
> ISABELA: Às vezes (HISTÓRIA 24 - História De Quando Os Meninos Não Vêm, 2022).

A dinâmica que a pesquisadora observou entre as meninas e meninos era a seguinte: as meninas percebiam a violência naturalizada com que eram tratadas e respondiam com outra violência. Isabela também relatou o dia em que o professor de educação física não a deixou descansar quando estava com cólica menstrual. Pelo contrário, mandou a aluna jogar futebol:

> ISABELA: No ano passado também aconteceu isso, na aula de educação física ainda. Eu disse assim: "Professor, eu posso sentar um pouquinho porque estou com cólica?" e ele "Nãooo, isso é frescura sua. Você vai jogar futebol sim." Eu não queria jogar futebol, porque a quadra estava dividida. Os meninos jogando futebol de um lado e as menina jogando vôlei, basquete do outro. Aí ele falou assim: "Você tá reclamando muito, você vai jogar futebol". Aí eu saí escondida e fui lá na Cláudia (nome fictício da diretora da escola) (HISTÓRIA 30 - História Da Cólica Na Educação Física, 2022).

A reunião do dia 03 de dezembro de 2022, após a questão proposta pela pesquisadora, ganhou outro ritmo assustador. As meninas também trouxeram vários outros relatos sobre as diferenças que as professoras fazem entre meninas e meninos, de modo que os pensamentos, falas e ações dos meninos, em sua maioria, são bem mais valorizados que os das meninas.

Assim como nos esportes: aquele velho discurso que futebol é para os meninos e vôlei é para as meninas, permanece e pune aquelas que querem quebrar as regras:

> PESQUISADORA: Mas vocês acham que são poucas as meninas que jogam futebol, porque o futebol ainda é pouco incentivado pras meninas?
> ISABELA: Sim. Tem a professora de educação física desse ano, no começo do ano, os meninos e as meninas queriam jogar futebol. Os meninos foram todos de chuteira. Aí eu, a gente tem um grupo. Aí os meninos falaram assim: quem vai querer jogar futebol amanhã? Aí quem quiser joga, quem não quiser a gente divide a quadra, né? Aí um monte de menina confirmou, a professora não deixou. Um monte de menina foi de chuteira, meião, blusa de time... a professora não deixou, dividiu a quadra, mandou a gente jogar vôlei, mas a gente não queria jogar aquilo, a gente queria jogar futebol. Aí a gente ficou lá, porque a professora tirou a gente da aula, só porque a gente reclamou porque queria jogar futebol.
> PESQUISADORA: Ela tirou vocês da aula?
> ISABELA: Tirou, porque a gente queria jogar futebol e ela não deixava. Ela só deixou o Yuri de fora, porque ele começou a brigar com os meninos e ela é japonesa também. [O menino que foi referenciado é de família asiática]. Aí a gente queria jogar futebol e ela não deixou, tirou a gente da aula e colocou a gente lá no pátio. Aí a Cláudia foi falar com a gente e aí elaaa, a gente contou tudo para a Cláudia e a Cláudia deu uma bronca nela. Ela disse que menina pode sim jogar futebol, que a gente sempre jogou futebol, né? Desde o G5 a gente jogou futebol, a gente joga futebol com os meninos. Aí a professora falou que não podia e aí a Cláudia disse que podia sim.
> PESQUISADORA: Depois a professora de educação física deixou vocês jogarem futebol?
> ISABELA: Depois de uns dois meses a professora deixou a gente começar a jogar futebol (HISTÓRIA 32 - Histórias Do Futebol Para Meninas, 2022).

Em alguns casos, até identificam certas manifestações de machismo na infância, nas quais sentem que seus pensamentos e opiniões são menosprezados por meninos e por pessoas adultas, de ambos os gêneros. Quando se escuta as histórias com a intensidade que as meninas contam e a sequência rápida de fatos que lhes vêm à memória, é impossível não querer intervir com políticas para proteger as meninas - crianças. A violência de gênero chega na infância de maneira cruel, sutil e naturalizada.

Ao escutar os relatos das meninas, causa estranhamento perceber que, embora a temática de gênero seja amplamente debatida nas pesquisas acadêmicas e a equidade entre os gêneros ocupe espaço nas políticas públicas, essa realidade ainda não se reflete plenamente no contexto escolar. Mesmo em 2023, os relatos dessas meninas evidenciam que a escola ainda continua sendo um espaço onde a desigualdade de gênero persiste. Diante disso, torna-se essencial compreender de que maneira se constrói socialmente o corpo da menina e de como as instituições contribuem para esse processo de normatização. Nesse sentido, é pertinente recorrer ao conceito proposto por Moruzzi (2017) acerca da pedagogização do sexo das crianças e, de maneira mais específica, da pedagogização do corpo da menina.

A reflexão sobre os corpos infantis, em especial o corpo das meninas, remete inevitavelmente às análises de Michel Foucault (1926-1984). Andrea Braga Moruzzi estabelece uma interlocução entre o pensamento foucaultiano e a construção da sexualidade infantil, destacando a maneira pela qual o controle e a educação impõem uma normatividade ao corpo da criança (Foucault, 1977). Segundo Moruzzi (2017), a história da sexualidade infantil está profundamente vinculada aos processos de disciplina aplicados ao corpo, especialmente por meio da educação, que opera uma intensa docilização dos corpos. Nesse contexto, a disciplina não se limita ao aprimoramento das habilidades ou à sujeição dos indivíduos, mas configura uma relação em que a obediência e a utilidade são simultaneamente potencializadas (Foucault, 2013). Tal sujeição não se restringe às crianças, porém é nelas que se manifesta com maior intensidade, sobretudo no ambiente escolar. Assim, a história da sexualidade se entrelaça à história do corpo infantil e, de maneira ainda mais incisiva, ao corpo da menina.

> Revisitando o conceito de sexualidade, observa-se que para Foucault (1977) existe uma pedagogização do sexo das crianças, consolidada a partir do século XVIII, cuja análise permite compreendê-la como um dos resultados de um processo de investimento no corpo. As reformas morais e religiosas dos séculos XVI e XVII produziram sobre a criança, seu corpo e qualquer gesto afetivo ou sexual sobre o corpo, uma espécie de vergonha e de pudor. Houve um investimento na moralização e o início de um processo de normalização das crianças que ocorreu, entre outras formas, por meio da educação (Moruzzi, 2017, p.282).

A sociedade disciplinar impõe ao corpo três aspectos fundamentais que o tornam minuciosamente regulado: a subordinação ao tempo, às relações e ao moralismo disseminado pelas reformas religiosas e instituições educacionais.

> O corpo sempre foi ao longo dos séculos, objeto de diferentes mecanismos, ora de suplício e ostentação, ora de punição, ora de disciplina e de vigilância. O que de fato é novidade a partir do século XVIII é o modo pormenorizado pelo qual ocorrem os investimentos no corpo. Há, segundo Foucault (1987), em primeiro lugar, uma mudança na escala desse controle, pois não se trata de cuidar do "corpo em massa", ou como afirma o autor (1987, p. 118) de pensá-lo como uma "unidade indissociável". Ao contrário, o século XVIII é o século do "detalhe", e a escala desse detalhe atinge os mínimos movimentos, os mínimos gestos e atitudes, exercendo sobre o corpo uma coerção sem folga. Em segundo lugar, há uma inflexão em relação ao objeto, pois o controle não se dá exclusivamente sobre os elementos significativos do comportamento ou da linguagem do corpo, mas sobre a dinâmica destes elementos, sobre a eficácia e a organização interna deles. Por isso Foucault (1987) compreende que há um investimento maior sobre as forças que estruturam essa dinâmica. Um terceiro e último aspecto inovador em relação ao investimento do corpo no século XVIII é o da modalidade: há um investimento contínuo, ininterrupto, que controla constantemente os processos de cada atividade, mais do que aos resultados, esquadrinhando de forma minuciosa o tempo, o espaço e o movimento dos corpos. Esses novos elementos do século XVIII permitem compreender que este período

> inaugura o que Foucault (1987), chama de sociedade disciplinar (Moruzzi, 2019, p. 445).

De acordo com Moruzzi (2019), tanto Ariès quanto Foucault consideram os séculos XVII e XVIII fundamentais para a construção social do corpo infantil. A influência das reformas religiosas e morais, aliada à crescente medicalização da infância, resultou no deslocamento das crianças das ruas para instituições que impuseram restrições e normatizações ao seu corpo. A moralização da infância instaurou uma arquitetura de vigilância e silenciamento da sexualidade infantil, promovendo a ideia de uma criança pura e inocente, moldada à imagem do menino Jesus. No século XVIII, a crescente curiosidade sobre o corpo e a sexualidade infantil culminou na adoção de práticas de paparicação e na formulação de normas específicas para cada fase do desenvolvimento. A hegemonia do ideal infantil passou a ser associada à imagem da criança branca, saudável e educada, enquanto a infância livre e espontânea foi, progressivamente, substituída por um modelo disciplinado e higienizado, regido pela medicina e pela educação.

> Para simplificar o modo pelo qual as práticas médicas vão agir nesse momento, poderíamos compreender que, a primeira ação foi a retirada das crianças das ruas. Um segundo momento consistiu em colocar tais crianças em algum lugar fechado para que elas fossem vigiadas e controladas mais facilmente. Um terceiro momento correspondeu em educá-las a partir, sobretudo, dos preceitos higienistas e eugenistas que configuravam as práticas médicas nesse período. O que está em jogo, nesse momento, é um novo esquadrinhamento da criança e de seu corpo, que se deu por meio da disciplina, mas, sobretudo, por meio de nova atmosfera produzida sobre a criança, de novo regime de verdade e de novas práticas que objetivavam tornar visível certo modo de ser criança, certo modo de viver a infância e colocar a população (dentro dela, as crianças) em certo padrão de normalidade (Moruzzi, 2017, p. 284).

A disciplina sobre o corpo infantil continua presente nas práticas educacionais e nas interações cotidianas. Ela se manifesta, por exemplo, na conduta da professora que poupa as meninas de carregar carteiras, na ausência de incentivos para sua participação no futebol e na exigência de que estejam sempre bem arrumadas, com laços no cabelo e unhas pintadas. Expressões adultocêntricas reforçam essa normatividade, ao elogiar o uso de cosméticos e maquiagem entre meninas: "Olha que linda! Pintou a unha!". Nessas práticas, a feminilidade é moldada a partir da aproximação com a vida adulta, ampliando a lista de exigências sobre a aparência e o comportamento das meninas.

Não se pode discutir a construção da infância sem considerar a influência das famílias, especialmente no que Foucault denomina de "família canguru", caracterizada pela centralização dos cuidados e da vigilância sobre a criança.

> Há uma correspondência intrínseca entre alguns fatores: primeiro é que, ao regimentar a sexualidade dos casais, produz-se todo um regime de verdade que coloca como imperativo uma sexualidade que é privada, que deve ser tratada como fator reprodutivo e que deve se realizar exclusivamente entre pessoas do sexo oposto. Dessa maneira, impõem-se o imperativo da heterossexualidade, ou como tem sido definida por alguns autores, da heteronormatividade (Butler, 2007; Butler, 2008; Louro, 2007a; Louro, 2007b; entre outros). Foucault irá dizer que esse imperativo, enuncia e visibiliza um tipo de família, que ele chama de "canguru". É, segundo o autor, uma mobilização em torno da criança e, mais especificamente em torno de seu corpo e de sua sexualidade que irá mover e constituir esse tipo de família, que centraliza seu olhar, seus cuidados e sua vigilância em torno da criança. O fato é que, se o dispositivo da sexualidade aciona todos estes esquadrinhamentos, há um conjunto de forças e elementos acionados que produzem nos indivíduos certos tipos de sujeitos. É a partir desses elementos que compreende-se que existe uma produção do sujeito menina, do sujeito menino, do sujeito menino negro, do sujeito homossexual, isto é, que se divide os sujeitos em tantas categorias que são identitárias e que formulam percepções de um "eu" e de um "outro" a partir de uma categorização de seu corpo (Moruzzi, 2019, p.448).

As famílias, de modo geral, reforçam a construção social do corpo da menina, refletindo uma sociedade que regula e normatiza o gênero e a sexualidade infantil. Essa categorização, contudo, não se limita ao espaço familiar e escolar. Ela se manifesta em diversos âmbitos da vida cotidiana, tais como em banheiros públicos, nas seções de vestuário, brinquedos e materiais escolares, nas carteiras de vacinação, lembranças de aniversário, ovos de Páscoa e outros elementos que reforçam a dicotomização entre meninas e meninos.

> O disciplinamento do corpo e do espaço é sustentado e produzido por meio da composição de diferentes forças. Essas estão presentes, por exemplo, nos instrumentos externos à escola, nos pressupostos teóricos presentes nos documentos pedagógicos governamentais ou nos instrumentos produzidos no interior das escolas, como os livros de ocorrência, listas de chamada, ou ainda, nos diferentes artefatos utilizados e produzidos nos espaços escolares, como: brinquedos, imagens decorativas e ornamentais utilizadas nas instituições, livros destinados às crianças e toda literatura produzida sobre ou para crianças. Foucault (1995) compreende que as práticas divisórias e as que operam pelo dispositivo da sexualidade se inscrevem nos corpos dos indivíduos funcionando como modos de objetivação; e são, no caso, pelos modos de objetivação que os indivíduos são subjetivados e se transformam em sujeitos. O dispositivo da sexualidade produziu certos tipos de normalidade, dividindo os indivíduos em categorias que são identitárias, como sujeitos meninos, sujeitos meninas, sujeitos homossexuais, sujeitos negros, entre outros. Tal como afirma Butler (2007, p. 156), "a formação do sujeito exige uma identificação com o fantasma normativo do sexo", o que torna possível compreender que as linhas de subjetivação estão presentes nas práticas que dividem as crianças meninas e as crianças meninos nas instituições escolares ou no modo pelo qual a homossexualidade é tomada nesses lócus como referência de uma sexualidade bizarra, perversa e anormal, e estão presentes, também, no modo pelo qual os sujeitos meninos negros são representados, por meio de uma sexualidade mais exaltada e mais latente em relação à sexualidade dos meninos brancos, por exemplo. Essas práticas produzem efeitos sobre os indivíduos, subjetivando-os de maneira específica e identitária (Moruzzi, 2017, p. 294-295).

Diante disso, cabe questionar: qual é a concepção de ser menina subjacente ao discurso da professora que afirma “eu estou poupando vocês”? Como ocorre a reprodução da invisibilidade das percepções e experiências das meninas na sociedade, particularmente quando essas crianças fazem uma denúncia? De que forma a equidade de gênero é assegurada no esporte escolar quando lhes é negada a oportunidade de jogar futebol? O discurso dirigido às meninas influencia diretamente a forma como elas se percebem e se posicionam no meio social, reforçando estereótipos e limitando possibilidades de existência.

4.3 OS RISCOS DE UM PROJETO POLÍTICO ENGOLIDO PELO TUBARÃO PARTIDÁRIO

Nesta seção, tendo Deleuze e Guattari como pressupostos teóricos, apresento a análise do Comitê das Crianças em seus planos molares e moleculares. Eles nos explicam: “Chamamos de **segmentaridade molecular** as dimensões flutuantes, os traços de subjetivação, as dimensões de desterritorialização, os devires, enquanto chamamos de **segmentaridade molar** as linhas duras, os grandes binarismos, as segmentações de classe, de sexo e de idade" (Deleuze; Guattari, 2011, p. 100). Diferentemente do binarismo, vamos compreendendo que o plano molecular coexiste no plano molar:

> Não basta pois opor o centralizado e o segmentário. Mas tampouco basta opor duas segmentaridades, uma flexível e primitiva, a outro moderna e endurecida, pois as duas efetivamente se distinguem mas são inseparáveis, embaralhadas uma com a outra, uma na outra. [...] Toda sociedade, mas também todo o individuo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular. Se elas se distinguem, é porque não têm os mesmos termos, nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade. Mas, se são inseparáveis, é porque coexistem, passam uma para a outra, segundo diferentes figuras como nos primitivos ou em nós - mas sempre uma pressupondo a outra. Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica (Deleuze; Guattari, p.98-99, 2011).

Desse modo, colocamos o Projeto Cidade das Crianças no plano molar como um projeto revolucionário no que diz respeito a convidar governantes a escutarem as crianças, a pensarem em políticas públicas voltadas para as infâncias, articularem lideranças de gestão urbana, da saúde, educação, finanças a fim de organizar a cidade envolta dos marginalizados.

> A temática da participação social e comunitária ganha um impulso particular na década de 60 do século XX, onde cresce a importância da implicação dos utilizadores na construção do espaço público e das comunidades que habitam. Esta crescente

> participação dos atores sociais nas políticas de desenvolvimento tem também origem numa conceção distinta de esfera pública que apela à sua abertura e ao reconhecimento desses contributos para a construção de processos de mudança social (Guerra, 2005). A ação comunitária, ou a ação coletiva (idem), supõe a participação ativa dos seus atores, mesmo quando os seus interesses e necessidades sejam conflituantes ou divergentes. Assim, é um trabalho cooperativo onde deverão coexistir todos os que habitam um dado território, e que visa um aumento da reflexividade dos atores sobre a sua própria ação e interesses e os dos outros. No entanto, como salientam Hill, David, Prout e Tisdall (2004), apesar de serem um dos grandes utilizadores de serviços públicos - por exemplo, saúde, educação e assistência social, segurança -, as crianças raramente são ouvidas nestes processos (Trevisan *et al.,* 2022, p.37).

O Projeto Cidade das Crianças se propõe a escutar as crianças. Todavia, será mesmo que elas são escutadas? Sobre o que, de fato, as crianças querem conversar? Quais as necessidades que enxergam a partir de suas perspectivas? No começo de algumas conversas pareciam vir molares, já prontas e instituídas, talvez oriundas das discussões propostas pelos adultos durante as reuniões do Comitê. Em outras, linhas moleculares pareciam surgir nas quais as crianças queriam falar - por exemplo - sobre sexualidade, escutar funk, criar apelidos pejorativo. Até onde são realmente propostas das crianças? Ou, até onde são propostas dos adultos que norteando seus desejos?

> Ao desenhar então processos de participação das crianças, por exemplo, em territórios específicos, é importante levar em linha de conta um conjunto de premissas que assegurem, por um lado, o respeito pela multiplicidade de "vozes" das crianças, e por outro, as relações complexas de interpretação dessa voz e agência que, como sustenta Christensen (2009, apud Trevisan et al., 2022, p.39)), implica perceber de que modo é que essa agência acontece e de que forma se estabelecem as diferentes condições para que as crianças a possam exercer (Trevisan *et al.,* 2022, p.39).

Participando das reuniões como voluntária, percebi alguns movimentos que me estranharam, ao escutar – como, por exemplo - uma das mães reclamar que sua criança passou fome durante um evento internacional sobre as Cidades das Crianças, no qual a criança foi apresentadora. Ou então, quando nas escolas são feitas as propagandas motivando a visita aos parques naturalizados, mas que, na realidade, as professoras não conseguem levar as crianças, principalmente as do ensino fundamental, porque tem tabelas de alfabetização para serem preenchidas. São pequenos fatos que não devem diminuir a importância de movimentos, como o Projeto apresentado, mas sim que devem alertar sobre a necessidade de um olhar mais crítico sobre o quanto as crianças também podem ceder à prática de propaganda partidária, embora em todos os discursos feitos pelo prefeito daquela cidade havia o comprometimento com as crianças, assumindo-as como bandeira. Será, então, que o projeto político não é engolido pelo tubarão partidário?

4.4 COMO SE FOSSE BRINCADEIRA DE RODA: CRIANÇAS, FILOSOFIA E SOCIOLOGIA

Assim como Kohan, compreendemos a Filosofia com Crianças como acontecimento que emerge no encontro, na experiência, na abertura ao inesperado e na criação de pensamento. Essa concepção dialoga com ideias de Gilles Deleuze, que entende o acontecimento como algo que escapa às estruturas fixas, sendo marcado pela invenção, pela experimentação e pela transformação do pensamento. Kohan incorpora essa visão e argumenta que a Filosofia com Crianças é uma prática que não se limita a ensinar filosofia, mas que cria novos modos de pensar e existir (Kohan, 2007).

Desse modo, podemos pensar como o acontecimento se dá no encontro entre a Filosofia com Crianças e a Sociologia da Infância para criar uma nova existência para as crianças, com as crianças.

No início da pesquisa, as falas e respostas que as crianças traziam para os encontros filosóficos eram um tanto quanto roteirizadas e pareciam buscar a lógica de pensamento que as reuniões do Comitê das Crianças propunham para elas. Vinícius nos dá esse exemplo, quando solta “lugares para bebês”, numa das respostas sobre os lugares que as crianças frequentam:

> PESQUISADORA: Quais os lugares que as crianças vão na cidade?
> [...]
> GABRIELA: É, eu vou para escola e eu vou para casa. Eu vou ao mercado. Mas às vezes [rindo] eu vou no shopping, nas lojas de roupa...
> PESQUISADORA: Quem lembra, assim, de outros lugares que vocês vão e que crianças vão.
> ISABELA: No parque!
> PESQUISADORA: No parque?
> VINÍCIUS: Na casa dos outros, comer. [riso geral]
> [alguém lembra que ele precisa falar no microfone]
> É, é ...espaço para bebê e parque...
> PESQUISADORA: Pra onde que a gente vai?
> VINICIUS: Ai, eu vou para a escola, eu vou para a minha casa, eu vou para a casa dos outros. Nos outros pra comer é, vou ver. Tem um amigo que a comida da vó dele é muito boa! [Palavras incompreensíveis] (Histórias Sobre Lugares Que As Crianças Vão, 2022).

O espaço investigativo com as crianças exige uma disposição inicial que garanta as condições de escuta, silêncio, respeito ao pensar do outro e diálogo (Gomes, 2012). Todas são consideradas condições contrárias àquilo as crianças realmente vivenciam na escola. Fazer Filosofia com crianças fora do espaço escolar é possibilitar um outro modo de se manifestar como criança. Assim, percebe-se que a Filosofia com Crianças tem oferecido um olhar aos pesquisadores que permite uma aproximação diferenciada, pois cria intimidade e é esse lugar

que abre o espaço para o exercício de espontaneidade e de autoria às histórias que as crianças contam. A Filosofia com Crianças tece lugar para a infância existir em toda a sua potência e responsabilidade. As crianças, principalmente as meninas, trouxeram dados sobre as infâncias que lhe cabem, considerados como sendo muito sérios e que só foram colocados ali nas histórias, porque criou-se um ambiente de confiança e escuta responsável e que acredita nas palavras apresentadas.

A Filosofia com Crianças se torna, então, uma grande aliada às pesquisas, uma vez que permite que às vozes das infâncias se apresentem como literatura, bem como compreende a infância pela experiência; esta, por sua vez, dá-se unicamente pela linguagem e, por meio da linguagem, é que se faz história.

> Se não há possibilidade de que o ser humano seja a-histórico, é precisamente porque não fala desde "sempre", porque tem que aprender a falar (a falar-se, a ser falado) numa infância que não pode ser naturalizada, universalizada nem antecipada. No humano, a infância é a condição da história (Kohan, 2005, p. 243).

Diante dessa tríade entre experiência, linguagem e infância que compõem a história, questiono: na pesquisa, quais histórias as crianças estão nos contando? Que experiências são essas que as constituem como sujeitos históricos nas infâncias que lhes cabem?

Através dos encontros, as crianças nos contaram histórias de uma infância vivenciada na escola, onde muitas vezes é constatado como sendo o lugar mais conflituoso e violento e que as crianças passam o maior tempo de suas vidas. Violência entre pares, violência entre gêneros, violência entre gerações. Em alguns momentos, é possível perceber que esse grupo vive tanto na escola que o único assunto que lhes cabe é este, bem como suas responsabilidades a ele ligadas. Não é a única infância, mas uma infância. Mesmo as crianças fazendo parte de um grupo que se propõe a circular pela cidade, quando o assunto lhes é espontâneo, os relatos vêm apenas deste ambiente. Uma história ou outra conta algo que eles vivenciaram, como por exemplo, junto ao Comitê ou aos seus familiares.

Dessa forma, podemos concluir questionando: o que a filosofia pode oferecer às infâncias? A pesquisa nos deu indícios que ela oferece voz, vez, tempo e respeito ao que elas nos trazem através de suas histórias. Essa pesquisa se propôs a dialogar com sujeitos que permanecem em vulnerabilidade, um problema social e que percebeu a importância e a necessidade de explicitar tais dados, pois uma mudança social não se faz de forma solitária e individual. A Filosofia com Crianças, aliada à Sociologia das Infâncias, mobiliza-se para retratar o novo que as crianças carregam em si, bem como as suas concepções sobre existir-criança na cidade. Como pensar tal revolução após os dados apresentados? O projeto Cidade das Crianças pode ser um passo? Sim,

porém há níveis de cuidado que precisam ser alertados, de forma que o convite de tornar a cidade acessível também às crianças não seja só uma transformação física ou uma mera propaganda partidária. Desse modo, permanece a provocação: quando e como uma cidade será boa para as crianças?

REFERÊNCIAS

ALDERSON, Priscilla. A crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educ. Soc.,** Campinas, vol. 26, n. 91, p. 419-442, 2005.

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. **Educação UFSM**, v. 35, n. 01, p. 39-52, 2010.

ABRAMOWICZ, Anete. (org.) **Estudos da Infância no Brasil:** encontros e memórias. São Carlos: EdUFSCAR, 2015.

ARAUJO, Débora Cristina de; DIAS, Lucimar Rosa. Voices of Black Children in Research and Literature: hoping is the verb. **Educação & Realidade**, v. 44, p. e88368, 2019.

ARIÈS, Philippe. **História social de criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2 ed. - Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARBOSA, Silvia Néli Falcão. "Deixa eu escrever meu nome aí?": o assentimento como estratégia ética e metodológica na pesquisa com crianças. In: KRAMER, Sonia et al. (orgs). **Ética:** pesquisa e práticas com crianças na educação infantil. Campinas, SP: Papirus, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Reto, L. A. e Pinheiro, A. Lisboa: Edições 70, 1979.

BASTIDE, Roger. Prefácio. In: FERNANDES, Florestan**. Folclore e mudança social na Cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista; revisão: António Branco Vasco. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

COUTINHO, Luciana Gageiro; CARNEIRO, Cristiana; SALGUEIRO, Larissa Magalhães. Vozes de crianças e adolescentes: o que dizem da escola?. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 1, p. 185-193, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum sobre as sociedades de controle**. DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora, v. 24, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, Tradução de Ana Lucia de oliveira, Aurélio Guerra Neto; Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed, v. 34, p. 128, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Kafka: **Por uma literatura menor**. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na Cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FERNANDES, Natália; MARCHI, Rita de Cássia. A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. e250024, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete, 41.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOMES, Vanise Dutra. Filosofia com Crianças: caminho para o pensar transformador na escola? In: KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Fabiana (orgs). **A escola pública aposta no pensamento.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

HARTMANN, Luciana. Vozes em diáspora: como crianças imigrantes contam suas histórias. **Revista del Museo de Antropología**, v. 11, p. 83-90, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Estimativas da população para os municípios brasileiros em 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: 9 mar. 2025.

JANER, Jader. **O menino que colecionava lugares**. 2. ed. Ilustração de Rodi Núñez. Porto Alegre: Mediação, 2016.

KOHAN, Walter. **Infância.** Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KOHAN, Walter. **Infância, Educação e Filosofia:** Paideia e sua Potência. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de pesquisa**, n. 116, p. 41-59, 2002.

KRAMER, Sonia et al. **Ética:** pesquisa e práticas com crianças na educação infantil. Campinas, SP: Papirus, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1999.

MORENO-ROLDÁN, Margarita Rosa; AGUDELO-BEDOYA, María Eugenia; ALZATE-PULGARÍN, Valentina. Voices to listen to about child care: What do children say?. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 16, n. 1, p. 227-237, 2018.

MORUZZI, Andrea Braga. A infância como" dispositivo": uma abordagem Foucaultiana para pensar a educação. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 22, n. 2, p. 279-299, 2017.

MORUZZI, Andrea Braga. A pedagogização do sexo da criança: do corpo ao dispositivo da infância. **Rev. Elet. Educ**., São Carlos , v. 13, n. 2, p. 438-458, maio 2019 . Disponível em acessos em 09 mar. 2025. Epub 01-Jan2020. https://doi.org/10.14244/198271993355.

OLIVEIRA, Paula Ramos de. **Filosofia para a formação da criança**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

OLIVEIRA, Paula Ramos et al. Encontrar filosofia (s) e infância (s). **Revista Digital de Ensino de Filosofia-REFilo**, v. 2, n. 2, 2016.

PRANDO, Lígia. Filosofia libertária e educação-infantil: corpos-pensamentos aos 'aos cuidados de si'!. In: KOHAN, Walter O.; LOPES, Sammy W.; MARTINS, Fabiana F. R. (org.). **O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita**. Rio de Janeiro: NEFI, 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educ. Soc.,** Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

SILVA, Jaeliton Francisco. **Filosofia "para"/"com" crianças:** diálogos com Matthew Lipman e Walter Kohan. 2022. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. Cortez, 18ª ed. 2018.

TONUCCI, Francesco. **La Ciudad de los Niños**: un nuevo modo de pensar la ciudad. Espanha: Fundación Germán Sánchez Rupérez, 1996.

TONUCCI, Francesco. O direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. **Práxis Educacional**, v. 16, n. 40, p. 234-257, 2020.

TREVISAN, Gabriela de Pina et al. Infância, espaço público e participação: a abordagem do território de aprendizagem. In: GOBBI, Marcia Aparecida; ANJOS, Cleriston Izidro dos; SEIXAS, Eunice Castro; TOMÁS, Catarina (orgs.). **O direito das crianças à cidade:** perspectivas desde o Brasil e Portugal. São Paulo: FEUSP, 2022.